



Nilton Milanez

AS AVENTURAS DO CORPO

dos modos de subjetivação às memórias de si em revista impressa

Tese apresentada ao Departamento de Pós-graduação em Lingüística e Língua Portuguesa, da Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Lingüística, sob orientação da Profa. Dra. Maria do Rosário Valencise Gregolin.

Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara
Universidade Estadual Paulista
Dezembro 2006

Banca Examinadora

Profa. Dra. Maria do Rosário Valencise Gregolin
(UNESP – Universidade Estadual Paulista)

Prof. Dr. Cleudemar Alves Fernandes
(UFU – Universidade Federal de Uberlândia)

Profa. Dra. Marisa Khalil
(UFU – Universidade Federal de Uberlândia)

Prof. Dr. Pedro Navarro
(UEM – Universidade Estadual de Maringá)

Profa. Dra. Vanice Sargentini
(UFSCAR- Universidade Federal de São Carlos)

Para o Tutu, por tudo que está a vir.

Para minha professora,

Eu não falava nem quando era requisitado. Parecia-me que tinha que ouvir e pensar. E era o que acontecia, ao ouvir minha professora viajava e vivia as aventuras de minha tese. Da minha tese para minha professora na frente do quadro negro.

Minha professora preparava os textos a serem discutidos cuidadosamente. Cada texto sugerido para leitura tinha a sua discussão desenvolvida por escrito e entregue à classe. Ela segurava o texto com as duas mãos. À esquerda mais ao alto, à direita no canto de baixo da folha. Às vezes, ela soltava o lado direito da folha e gesticulava com a mão direita que dava piruetas no ar. Suas mãozinhas eram lindas. As unhas pintadas, de leve. Ela sempre usava uma blusa colorida e calça jeans. Dava pra ver a pontinha dos seus pés que saiam de uma sandalhinha baixa. Seus olhos castanhos se arregalavam, não ouvia mais o que ela dizia, mas sua boca sorria e ela olhava para mim. Antes de retomar o texto, ela passava a ponta dos dedos no cabelo vermelho e ajeitava-o atrás da orelha. Deixava o papel na mesa e molhava a mão no giz, escrevendo na lousa. Ainda bem que no recreio eu ficava sempre do lado dela, enquanto ela tomava café preto com algumas gotinhas de adoçante. Mas ali já era diferente, ela não era só minha. Gostava mesmo quando ela estava lá de pé, ensinando as palavras que eu ouvia no meu sonhar acordado. Um discurso inaudível que gritava dentro de mim. Era o eco da minha professora.

Ah a minha professora é a mais inteligente e a mais bonita de todas.

Eu a amo.

EU AGRADEÇO

Ao GEADA, é claro. O que seria de mim se não estivéssemos todos nós reunidos como naquele dia do I CIAD, todo mundo sentado na beirada do palco, um fio sem fim?

À minha Porps e a todos os gnomos que nos atrapalham e que nos levantam dos tropeços de nossos próprios pés.

À Isadora, da época em que éramos Thelma e Louise e dos momentos de hoje, evangelizados.

Ao Paulinho, que me encanta.

À Mônica, Vida, pintada de índia para pular o carnaval.

Aos meninos da Novíssima Geração: Renan, Diogo, Israel.

Às meninas da Novíssima Geração: Maíra Nunes, Amandinha e Claudiana.

À Nilde, que veio de mansinho.

À Regina Baracuhy, a porrta está sempre aberta, né, amorrr?

À Xuxu, que me conhece no avesso.

Ao Cleudemar, meu moreko.

Ao Pekenu, que eu amo de paixão.

Ao Henrique, perdidos no tempo à espera de um reencontro.

À Marisa, que diz Niltinho de um jeito diferente.

À Regina Momesso, que inaugurou as saídas para outras ordens do discurso.

Ao Baronas, pelo abraço apertado em todos os tempos e por ter me levado até o Courtine.

Ao Courtine, que do lado da Rosário acolheram minhas idéias.

À Vanice, porque de tão doce, ficou brava duas vezes e me pôs pra cima.

Ao César, que é admirável.

Ao Adrián, que tem um ar de surpresa no rosto.

Ao Pedro, do sítio de Torrinha, *you make feel like a natural womannnnnnnnnnnnnn!*

À Flávia, tantos msns, sempre muito juntos, sempre distantes.

Ao beibe do Pedro e da Flávia, felicidade e paz.

À Ismara, a primeira pessoa que falou comigo na primeira reunião do Geada que eu fui.

Ao Zé, que é um amor. Da onde sai tanto trocadilho?

À Doris, como tudo muda tão rápido?

À Lurdinha, nossos dias em Paris.

À Cláudia, quando o longe nos fez tão próximos.

À Maíra Gregolin, conversas ao pé de ouvido.

Ao Dino, que dizia: Não confunda Nilton à milaneza com Nilton ali na mesa.

Ao Manuel Perigosão, em frente aos livros na biblioteca da Unesp.

Ao Samuel, que até já usou minha calça de couro.

Ao Marcos Lúcio, que nem me conhecia e me deu uma aspirina quando voltávamos de um GEL em Marília.

Ao Fábio, pelos dias de tradução do “Análise do Discurso”, como foi bom estar com você.

À Ucy, que sorri quando fala.

Ao João, que é o nosso João Bakhtin.

Ao Carlos, dos dias nos quais ficávamos arrumando o cabelo na frente do espelho.

À Luzmara, porque começamos juntos, no começo de tudo.

À Nádea, de hoje e da cozinha do apartamento no Solimões durante as reuniões.

À Cidoka, que esteve comigo no dia-a-dia de Goiás e no GEADA GOGO.

À Mara Rúbia, porque eu sinto algo que não sei dizer.

Ao Queiróz, que eu gosto porque fala o que acha, gosto muito.

À Panda, que eu gosto de por no colo.

Ao Braz, que me mostrou, de manhã, um monte de frutas que eu não conhecia.

À Socorro, pelos poucos dias em Campinas.

À Fátima Cruvinel, porque eu nunca esqueço sua discussão de « As palavras e as coisas ».

À Kátia, rindo e falando comigo do outro lado da mesa depois do congresso.

À Fernandinha, porque podemos viver um monte de coisas juntos.

À Ivone, que vejo sempre indo e vindo, discurso inapreensível.

À Astrid, que me pegou pela mão.

Ao Heiwa, que ainda fica deitado ao meu lado, enquanto escrevo no computador.

Ao Tutu, que eu amo.

À Rosário, hors concours. Je t'aime.

À CAPES, que ajudou muito, mas que poderia ter ajudado muito mais.

Uma mesa de lata
as patas amarradas
o ventre aberto
ao léu
as vísceras expostas
na mão da médica.
Uivos lancinantes.
- Calma, Kawai,
Tudo vai acabar logo.

(No dia em que eu morri dentro de mim).

SUMÁRIO

Que estória de corpo é essa?	13
A leitura no corpo estilhaçado	
1. Sentidos em corpos impressos	23
2. Mas, como se formam os objetos na página?	27
2.1. Qual o corpo dessa formação discursiva?	29
2.2. Flagrando a revista como prática	32
2.3. Metodologia e formação de estratégias: a rede que une Yoga, Animais e Aids	35
3. Um estranho <i>sujeito</i>	39
A inquietude dos corpos	
1. O sujeito e a disciplinaridade	43
2. Corpos moventes	51
3. Corpo e atualidade	56
3.1. O corpo e o cogito	59
4. Com vocês, o yoga	64
4.1. As Luzes da escrita e da história	67
4.2. Diagnosticando disciplinas	70
4.3. Educar e Punir: a disciplina da norma	74
4.4. Disciplinarização do corpo e memória discursiva	76
4.4.1. A memória de uma sanção normalizadora	78
4.5. A crise da disciplina: técnicas editoriais e corporais	81
4.6. O corpo é um arquipélago	87
5. Intericonicidade: da imagem do corpo ao corpo do discurso	90
6. Intericonicidade: memórias e identidades do nosso tempo	97
7. Corpo fechado?	106
As cores da carne: visibilidades, intervenções, singularidades	
1. Meu corpo me pertence?	109
2. O corpo dilacerado	113
3. O embate: ciência X direito	
3.1. Ciência Sádica	121
3.2. Direito de ser cruel?	125
3.3. “Touche pas mon pote”	128
4. A clínica hoje	
4.1. A singularidade em carne viva	132
4.2. Corpos abertos: espetáculos e leitores	135
4.3. Vidas secas	138
5. A historia bio-política de Rebeyrolle	142
6. Bio-reconstrução	144

A embriaguez das verdades	
1. Ciência e saber	149
2. O show da vida: verdade, poder e disciplina	
2.1. O <i>barulho</i> da ‘verdade’	156
2.2. A singularidade na morte	158
2.3. A morbidez dos olhos do saber	161
3. A singularidade na vida	
3.1. Aids e sujeito clínico	166
3.2. Aids e sujeito moral	169
3.3. Aids e sujeito estético	171
3.4. Doença: um lugar de estratégias e resistências	175
3.5. Medicina, controle social e drogas	181
3.6. O sujeito e o uso dos prazeres	186
4. Verdade da ciência, verdade do nada	191
Corpos não se concluem	196
Referências bibliográficas	200

Resumo

Esta tese investiga o corpo nos lugares que ele se dá a ver como exercício de poder, resistências e liberdades, tomados como acontecimento e memória, numa rede discursiva que faz emergir a nossa história do presente. Para tanto, a partir dos postulados de Michel Foucault, sob a ótica da Análise do Discurso, tratarei da exposição do corpo e seus prolongamentos na mídia, discutindo os jogos enunciativos que envolvem técnicas corporais, práticas médicas e sua legitimação por meio da materialidade lingüística e imagética, veiculados, especificamente, na revista *Superinteressante*. Nesse sentido, esse estudo questiona o pertencimento do corpo diante do Yoga como prática discursiva, as experimentações laboratoriais com animais e seu regime de verdade, o sujeito face à Aids entre doença e história. Portanto, as regularidades, lógicas e estratégias que a mídia traz à tona exprimem “regimes de práticas”, programações de conduta e prescrições em relação aos efeitos de codificação dos sentidos e dos efeitos de verdade, isto é, a constituição da arte da existência como identidade do sujeito contemporâneo.

Palavras-chave: Discurso, corpo, história, memória, identidade, revista.

Résumé

Cette thèse investigate le corps dans les endroits où il se donne à voir comme exercice de pouvoir, résistances et libertés, pris comme événements et mémoire liés à un réseau discursif que met en évidence notre histoire du présent. Donc, à partir des postulats de Michel Foucault, sous l'égide de l'Analyse du Discours, je traiterai de l'exposition du corps et ses prolongements sur les médias, en discutant les jeux énonciatifs que nous renvoient aux techniques corporelles, pratiques médicales et sa légitimation à travers la matérialité linguistique et imagétique, présentes, spécifiquement, sur le magazine *Superinteressante*. Dans ce sens, cette étude questionne l'appartenance du corps devant le Yoga comme pratique discursive, les expérimentations en laboratoire vers les animaux et ses régime de vérité, le sujet face au Sida entre maladie et histoire. Ainsi, les régularités logiques et les stratégies que les médias mettent en évidence expriment « régimes des pratiques », programmes de conduite et des prescriptions en rapport aux effets de codifications des sens et des effets de vérité, c'est-à-dire, la constitution de l'art de l'existence comme identité du sujet contemporain.

Mots-clé : Discours, corps, histoire, mémoire, identité, magazine.

QUE ESTÓRIA DE CORPO É ESSA?

O corpo está centro das relações que envolvem o sujeito, o discurso e as instituições, fazendo a história do cotidiano por meio das posições que ocupa, dos desejos que suscita, do imaginário que dá os contornos do homem de hoje em dia, seja na rua, seja na escola, seja em casa, seja na mídia. Os corpos marcados como *ferro em brasa*, como dizia De Certeau, avançam em direção a espaços antes a eles não designados, espaços que sempre dividiram o normal do patológico, evidenciando a normatividade e o controle no que se refere à produção de saberes e exercícios de poderes no interior da mídia.

Gostaria, assim, de esboçar reveberações que o corpo tem na constituição das singularidades e preocupar-me com a emergência do surgimento de diversos posicionamentos na mídia, isto é, quero refletir sobre quais termos se fizeram essas mudanças e porque elas puderam proliferar nesse momento histórico dado. Esses questionamentos tocam certamente os regimes de verdade de cada época e as leis que regem essas culturas em seu momento determinado. Discussões que imbricam, portanto, corpo, sujeito e verdade no que se refere à exclusão, à mídia e a sua produção de verdades enquanto processo de constituição das identidades no interior, especificamente, da revista impressa, suporte que investigo a partir das publicações da revista *Superinteressante*, sobretudo, o exemplar intitulado “Yoga”, de junho de 2001, fio condutor que tece a rede discursiva da qual se encadeiam minhas reflexões acerca do corpo como se dá a ver contemporaneamente. Para tanto, acredito que precisamos, antes de mais nada, pensar quais são os efeitos de sentido produzidos por esse acontecimento discursivo entendido como corpo, invólucro identitário, vestimenta de nossa história individual, coletiva e cotidiana, vivificado nos traçados de uma revista impressa.

A história do cotidiano no recreio do nosso dia-a-dia revelará sua efemeridade, mostrando o sujeito de um rosto que se transforma a cada instante, evidenciando um sujeito

histórico que, de tão disperso, desfoca-se. Estamos sempre buscando nos visualizar como sujeitos historicamente orientados, o que não é, portanto, o retorno ao segredo da origem, mas uma descrição sistemática de um discurso-objeto, definindo os discursos sobre aquilo que não foi dito, especificando-os e determinando tipos e regras de práticas discursivas que atravessam obras individuais, inteira ou parcialmente.

Dessa maneira, é a partir do corpo, e especialmente do corpo humano que penso ao mesmo tempo sua imortalidade e perenidade. Cada corpo individual tem sua história com suas crenças, seus enfraquecimentos e sua morte. Mas, será também por meio do corpo que se falará das marcas e semelhanças que permitem a constituição de uma identidade. Com isso, defrontamo-nos com um governo ativo de si, visando a uma produção mais que a uma restrição de energia, graças a estratégias preventivas cotidianas, que regram as atividades corporais. Vivemos, portanto, num mundo em que tudo poder ser feito, longe de restrições, incitando muito mais que impedindo, estimulando muito mais que inibindo. Essa exaltação da ilimitabilidade do homem de hoje em dia, lutando pelo espaço do que eram antes inadequações sociais, espalha suas singularidades em novas formas de se vestir, falar, dançar e mesmo encarar o que já se chamou de ‘doença’: um lugar para os corpos ilimitados.

A incitação por uma busca de nossas origens – e falo não sobre uma volta ao passado para se entender o presente, mas do questionamento dos mecanismos de poder e saber que marcaram determinadas irrupções históricas que inauguraram novos paradigmas em nossas vidas – levou-me a enredar-me pelos caminhos que uma chamada da revista *Superintessante* propunha como trajeto de leitura: o entrelaçamento dos temas yoga, animais em laboratório e Aids. Nessa linha, procurei-me estabelecer linhas mestras que me guiassem a reconstruir as estratégias que firmavam esses três campos enunciativos ao qual me lançara, atentando-me à emergência de tais acontecimentos no que se referia à posição dos sujeitos que ali habitavam, às estruturas sobre as quais se sustentavam para, no final, considerar as vias pelas quais

passariam tais instâncias metafísicas de liberdade. Preciso explicitar que esse desvelamento da subjetivação do homem contemporâneo na revista *Superinteressante*, muitas vezes, produziu discursos outros e tantos, revirando corpos inatingíveis. Fica claro, portanto, que a eleição desse *corpora* seguirá as discussões propostas por Michel Foucault para colocar em relevo certos processos de subjetivação por meio da constelação discursiva que abre vias para discursos díspares.

Daí, parti com algumas ferramentas da Análise do Discurso (refiro-me à AD que estuda as relações de Pêcheux e Foucault em seus imbricamentos com a história) e muita vontade de saber para desvendar essa aventura do corpo que tenho, particularmente, vivido tão intensamente. Olhei, portanto, para o meu objeto, inicialmente, com cara de quem se coloca perguntas que “estão além dos deuses”, colocando-me como meta o envolvimento com o questionamento kantiano tão presente e caro para Foucault: “Quem somos nós?”. Com o tempo, dispersei-me e já não sei mais se sou eu que persigo essa pergunta ou se é ela que me persegue.

De qualquer forma, essa inquietação impulsionou-me a pensar vários aspectos referentes à mídia e à produção de identidades, vasculhando de perto certos interditos, sentindo-me, às vezes, correndo na contramão, na impossibilidade de apreender a linguagem da vida e de seus bio-corpos políticos. Por isso, faz parte de meu estudo andar nos trilhos da estetização do sujeito, sob a perspectiva daquele sujeito que vive em torno com as tecnológicas de saber, de poder e de si. Tais geometrias farão eclodir tipos de individualidades de nossa época, à medida que tenho como alvo a investigação de estratégias discursivas que constituem a presença desse “nós” por meio da mídia.

Nesse imbricamento do sujeito com a mídia, pelo viés da revista *Superinteressante*, brotam os intercambiamentos do homem com a ciência, postulados que me indicam olhar para o poder médico e seus longos braços fortes. Cabe-me, portanto, evidenciar também alguns

mecanismos e efeitos de controle social no que tange o sujeito e a saúde pública. Ao discutir sujeito e ciência, insiro-me na ordem daqueles para quem ver é enunciar, colocando em destaque imagens da própria revista impressa ou de margens povoadas por outros discursos para esboçar um processo de subjetivação, que não é algo que pode ser definido ou formatado, mas construído, no caso desta pesquisa, por meio das imagens, que marcam a espetacularização do corpo.

Tais mecanismos que oscilam entre coerções e liberdades são marcados historicamente pela irrupção de memórias discursivas, lingüística ou iconograficamente, determinadas por materialidades que se repetem e se recitam na constituição dos enunciados, modificando-se, transformando-se, atualizando-se em outros espaços que trazem os traços e indícios, algumas vezes, na estrutura de discursos reportados, outras mesmo de lembranças da nossa memória, isto é, uma história da memória das imagens vistas ou mesmo sonhadas, noção de J-Jacques Courtine que se denomina intericonicidade. Esse tipo de procedimento diante da constituição das imagens abriu-me a oportunidade de abarcar um arquivo iconográfico que se estendesse às artes plásticas e, ainda que por poucas vezes, às imagens evocadas pela literatura.

Os contornos de minhas discussões estabeleceram-se por fronteiras movediças compondo quatro partes. Primeiro, em **A leitura do corpo estilhaçado**, estabeleço considerações acerca de meu objeto, a capa de Yoga da revista *Superinteressante*, colocando em relevo a formação dos objetos aos quais me dedico na página da revista, configurando, assim, o corpo que reveste essa formação discursiva. Busco deixar claro as superfícies de emergência, as instâncias de delimitação e as grades de especificação dos métodos que acessei para discutir a formação das estratégias que unem os discursos sobre o Yoga, animais e Aids. Dessa maneira, proponho um estudo da revista impressa flagrada como prática discursiva, apontando o sujeito nas suas relações com o saber, a verdade, a ciência, o poder e o corpo.

Segundo, em **A inquietude dos corpos**, considerei a prática do yoga em nossa sociedade hoje como prática discursiva e debrucei-me sobre um regime que Foucault denominou de *materialidade-repetível*, compreendendo um *domínio de atualidade*, isto é, um conjunto de representação discursiva e icônica, em relação com alguma coisa que atravesse a imagem, ou seja, uma conjuntura histórica dada, um *domínio de memória*. Vali-me de J.-J. Courtine em sua noção de *intericonicidade* para sublinhar os caracteres discursivos da iconicidade. Dessa perspectiva, por um lado, observei e destaquei algumas técnicas disciplinares de coerção, cujo exercício se dá por meio de investimentos corporais pedagógico-lingüístico-discursivos, descrevendo estruturas de assujeitamento, que têm como base o desenvolvimento de técnicas de si. Por outro, essa disciplina do corpo, ao incluir uma imposição de técnicas corporais presentes na vestimenta, maneira de caminhar ou rigidez disciplinar como conduta de vida, evidencia as potencialidades do sujeito em exercer sua liberdade para a recriação de novos acontecimentos, à medida que ao praticar a si mesmo, se revitaliza na atualização de uma memória revisitada.

Terceiro, em **As Cores da Carne: visibilidades, intervenções, singularidades**, meu questionamento perpassará o pertencimento do corpo diante de experimentações laboratoriais com animais, visando o desenvolvimento de pesquisas científicas. Destaco, então, as relações paradoxais entre ciência, direito e vida, visando à discussão dos procedimentos da clínica médica contemporânea à medida que sua visibilidade se torna enunciável com base nas questões de regime de verdade do sujeito e seus imbricamentos biopolíticos. Investiguei o corpo nos lugares que se dá a ver como exercício de poder, resistências e liberdades na rede discursiva que o envia à ciência e à produção de saber por meio dos jogos enunciativos que envolvem práticas médicas e sua legitimação por meio da materialidade lingüística e imagética. Assim, acredito colocar em relevo técnicas de si, evidenciando a possibilidade do sujeito não somente de fazer resistência à suposta malha de micro-poderes que o envolve na

história do cotidiano, mas também de se reinventar, uma vez que atualiza e recria o seu comportamento e modo de vida.

Quarto, em **A embriaguez das verdades**, busco demonstrar os mecanismos pelos quais o poder se espalha, atingindo tanto o indivíduo quanto toda a sociedade, promovendo processos de subjetivação mediante à medicalização e seus conceitos de vida e morte. Essas idéias se darão a ver por meio de recortes a partir da problematização da Aids no que elas se referem a sujeitos clínicos, morais e estéticos, a fim de delinear o que seria uma crise clínica ou da anti-medicina pela qual passamos, sem perder de vista os imbricamentos dos poderes ao saber e sua conseqüente produção de verdades. Destaco, portanto, a relação entre o corpo finito na sua singularidade individual, correspondendo a um saber que é aquele do clínico que não pode ver tudo, mas se dedica à tarefa insistente de ver tudo o que ele pode: diferentes posições seja por parte da saúde, da política e da moral, isto é, sempre o mesmo uma instauração de olhares múltiplos sobre a estética de si.

Nesse entrecruzamento de discursos emergem processos de subjetivação caracterizados constitutivamente pela memória que os sujeitos têm de si na inter-relação das memórias construídas pelos outros historicamente. Dessa maneira, trato de discursos sobre uma história do corpo que se busca perfeito e imortal, porém defronta-se com a finitude e a produção de saberes de uma ciência que por vezes o assujeita, por outras possibilita-lhe liberdades, constituindo identidades de sujeitos para os quais a história é o soro e a tinta do governo de si.

A LEITURA NO CORPO ESTILHAÇADO



A LEITURA NO CORPO ESTILHAÇADO

« *Nous sommes voués historiquement à l'histoire, la patiente construction de discours sur le discours, à la tâche d'entendre ce qui a été déjà dit.*»

Michel FOUCAULT, *Naissance de la Clinique*

Como analista/arqueólogo do discurso, e leitor que sou, procuro os ares que possam ventilar meus an(seios) de vida, encontrando na *descontinuidade* a inapreensível resposta para esta latejante pergunta sobre o como portar-se diante de um suporte portador de texto, exercendo um papel na mídia, na produção e circulação de sentidos. Acredito nas posições arqueológicas de Foucault, explicitadas em sua *Arqueologia do Saber*, que nos falam dos fenômenos de semelhança ou de repetição ligados à distância, que mesmo vencendo a barreira do tempo, intermediam e fazem propagar unidades definidas como indivíduos, obras, noções e teorias.

Obsoleto dizer, a revista impressa como suporte não somente de texto, mas de uma língua vibrante e oscilante, seduz materiais outros, fazendo irromper o Discurso e a História do nosso cotidiano. Nesse caso, nós, arqueólogos, trabalharíamos com a unidade material do livro - ou da revista impressa, especificamente aqui - além da sua configuração interna e da frase. As materialidades às quais me dedicarei estão presas em sistema de remissões a outros livros, outros textos, outras frases, ressaltando, segundo Gregolin (2003, p. 12), *as transformações nas práticas discursivas determinadas pelos meios de comunicação de massa*.

Devemos olhar essas materialidades como *um nó em uma rede*, que faz da leitura um campo complexo de discursos, de vidas passadas e contos que ainda estão por vir, num entrecruzamento de tempo presente, passado e futuro. Mas para que assim o seja, a obra não pode ser considerada como uma unidade imediata nem como unidade certa ou homogênea.

Aqui está o ponto de interrogação! Como num segredo de criança, todo discurso uma vez manifesto estaria impregnado de um *já-dito*, e este *já-dito* não é somente uma frase que já tenha sido pronunciada ou um texto já escrito, mas sim aquele amor que se tem pela professora quando criança e jamais se esquece, aquele “it” que causou um jamais-dito, nascido de um dito em um não-lugar, o vazio da nossa própria estória de amor com a professora, que não se quer que ninguém saiba, para ser só sua: *a minha professora*. Assim, podemos dizer que tudo que o discurso formula já está articulado no tecido da linguagem, um meio silêncio que lhe é prévio, que é recoberto, mas que não deixa de existir nos sapatos, nos pés, nos olhares da professora, encarnado no silêncio de um mundo dentro de nós, que se engancha a outros como nas festas com caça-peixinho...

É preciso perguntar porque determinado enunciado apareceu aqui e não outro em seu lugar. Por que professoras e caça-peixes, e não militares e tanques de guerra? Dessa maneira, acolhemos cada discurso na sua irrupção de acontecimentos, numa pontualidade e dispersões temporais que permitem que o discurso se repita, seja sabido, esquecido, transformado ou até mesmo apagado de nossos olhares. Falo aqui do *acontecimento enunciativo*, e dou voz às letras de Foucault (2000a), que em sua *Arqueologia do saber* o considera nas suas

relações entre os enunciados (mesmo que escapem a consciência do autor; mesmo que se trate de enunciados que não têm o mesmo autor; mesmo que os autores não se conheçam); relações entre grupos de enunciados assim estabelecidos (mesmo que esses grupos não remetam aos mesmos domínios nem a domínios vizinhos; mesmo que não tenham o mesmo nível formal; mesmo que não constituam o lugar de trocas que podem ser determinadas); relações entre enunciados ou grupos de enunciados e acontecimentos de uma ordem inteiramente diferente (técnica, econômica, social, política). Fazer aparecer, em sua pureza, o espaço em que se desenvolvem os acontecimentos discursivos não é tentar restabelecê-lo em um isolamento que nada poderia superar; não é fechá-lo em si mesmo; é tornar-se livre parara descrever, nele e fora dele, jogos de relações.

Nesse contexto, é imprescindível ressaltar que o recorte do próprio domínio não pode ser considerado definitivo, nem como válido de forma absoluta; trata-se, então, de uma

primeira aproximação que deve permitir o aparecimento de relações que correm o risco de suprimir os limites desse primeiro esboço.

E é dentro da rede dos fios que tecem nossos corpos discursivos que devemos observar, ler, construir, encontrar o invisível na/da revista impressa estudada, que mesmo tendo sido já dita, trará um dito novo, lugar esse de onde saltará a nossa contribuição para o estudo da leitura e alargamento de conhecimentos sobre esses nossos corpos limitados temporalmente. Ressalto, portanto, a afirmação de Gregolin (2003), ao dizer que a materialização textualizada dos discursos estão em constante redimensionamento e reconfiguração, apontando que a interpretação de um texto deve ser feita dentro do *amplo domínio dos campos discursivos que o circundam, pois nenhum texto esgota-se em si mesmo.*



Vislumbrar sempre o futuro talvez inapreensível, mas presente e previsível, possa ser verossímil dentro desse quadro de leitura proposta, seguindo as eleições de descontinuidade e desencantamento do mito de uma origem do discurso, que o colocaria no âmbito de uma opção na qual a continuidade seria o rei da história, sem lugar para a irrupção de acontecimentos discursivos que mantém vivo o fio que conduz o discurso da obra dos homens que se costuram com linhas e agulhas, letras e sonhos em nossos corpos revistos-revistas¹.

Posto isto, podemos refletir sobre a materialidade das imagens que constituem o corpo de uma revista que fala por fotos, contando seus acontecimentos com cores e desenhos

¹ Foto *Encapuzação de dedos*, de Laura Lima, um registro em vídeo, de 1997, extraído do livro *Sexta feira: antropologia artes humanidades*, Editora Hedra, São Paulo, 1999.

geométricos, emoldurando os nossos corpos estilhaçados², pedaços rasgados de papel que revelam a memória dos aspectos culturais da nossa história do cotidiano.

1. Sentidos em corpos impressos

Diante de uma *ordem do discurso e ordem dos livros*³, procurei estabelecer um sistema para separar agrupamentos e elementos que serão tratados como uma unidade para a construção de significações a partir dos corpos impressos em folha de revista. Assim, tomarei como objeto de estudo a revista *Superinteressante*, na sua condição de papel impresso, percorrendo um *trajeto de leitura*⁴ do sentido atravessado pela história. Selecionei como *corpus* a revista *Superinteressante* de junho de 2001, lugar de memória cujas frestas discursivas me lançaram a inúmeros enunciados outros, às vezes dentro do conjunto da série da mesma revista em outras edições, às vezes estabelecendo regularidades com enunciados em outros campos de saber, como na pintura e na literatura.

O diversificado arquivo que constitui esse trabalho, portanto, serviu-me como base de pesquisa e impulso para minhas reflexões, mas não necessariamente como objeto de análise direta de uma genealogia de suas identidades e diferenças. Da mesma maneira, não me proponho ao estudo da história de sua produção editorial, não objetivo compará-la com outra revista do mesmo ou diferentes gêneros, nem com outros tipos de suporte como, por exemplo, o virtual, pois não desejo fazer um estudo intrínseco à revista *Superinteressante*. Pretendo, entretanto, observá-la discursivamente em enunciado e arquivo, e revolver o discurso na

² Refiro-me, aqui, de acordo com Bauman em seu “Em busca da Política” (2000), aos problemas que concernem o homem moderno no tocante a sua busca contínua e incessante, muitas vezes frustrada, de uma imagem identitária, encenada num espaço público e privado permeado por deslocamentos e exclusões.

³ Refiro-me à reflexão de Chartier (2000) em seu artigo *As revoluções da leitura no Ocidente* in: *Leitura, História e História da Leitura*, no qual destaca a ordem que seleciona, organiza e redireciona o discurso, ampliando-o quanto ao suporte no que diz respeito ao seu trabalho em a “Ordem dos livros”, relacionando-o com os postulados de Foucault em a “Ordem do Discurso”. Em resumo, nenhuma ‘ordem do discurso’ é separável da ‘ordem dos livros’ à qual está ligada”.

⁴ Para Gregolin (2000), a interpretação do sentido tem um *trajeto de leitura*, determinado pela *articulação de discursos dentro de um mesmo campo discursivo: diálogos polêmicas, deslocamentos – são esses relacionamentos fundamentais que erigem uma direção de leitura*.

prática de uma leitura que constitui a história de lutas atuais que rondam em torno de uma questão fustigante: *quem somos nós?* (Foucault, 1995). Portanto, meu objetivo é investigar as estratégias discursivas que constitui esse “nós” que nos aparece de forma tão evidente nos discursos da mídia.

A dispersão do meu objeto, inicialmente um agrupamento de revistas, lentamente e sem alvo claramente definido, me fez sonhar com modos de sistematização e a manifestação histórica do sujeito. Centrei-me na intensidade que algumas delas me suscitavam, renunciei ao estranhamento que algumas deles me causavam. Encantei-me, então, com um exemplar, o de número 6, no seu quinquagésimo ano, de 2001, cuja reportagem de capa é o *Yoga*, que me levou às discussões centradas no tema do corpo, ora me apontando atalhos, ora me desapontando vertentes.

Precisava olhar essa revista bem de perto, e com os dedos, para começar a investigação dos traços e pistas que envolvem o corpo. Um objeto tomado como único em sua representação regular de exemplar produzido mensalmente. Parece-me que, em alguns momentos, é preciso cortar-se a própria orelha, como fez Van Gogh, ou a de outro alguém, como fazia Lampião (ou seria ainda necessário as duas atitudes ao mesmo tempo?) para poder se reconhecer e reconhecer no outro, olhando com as mãos, o que trazemos em nós das forças históricas e de nossas individualidades comuns, agonizando? Busquei uma síntese para me dispersar historicamente com os pés no chão, depois. Pecado? ...“Synthèse eliminatrice,/décanner,/ tirer le particulier du général après avoir généralisé les particuliers./Je fais ce péché en général, un le fait dans son fort intérieur, l’autre en cabinet particulier» (ARTAUD, 1974, p. 186).

Mas, antes que qualquer outra coisa, pergunto-me, novamente, “Porque esta enumeração e não outra?”, à maneira de Foucault (2000a, p. 49). Os rabujos de uma resposta sempre incerta e fugaz se formatam ao longo da configuração de minha tese, nas

regularidades das dispersões da qual o nó na rede vai nos dando dicas do processo constante, e não da cisão, entre o eu e a alteridade que ali se pinta. A história que evidencia o discurso a partir da capa da qual parto o meu trabalho mostra, antes de mais nada, meu próprio processo de subjetivação, que, evidentemente, também não será aqui objeto de meus apontamentos, mas que não podem ser desconsiderados mesmo ao tomar contorno de poucos *pixels* diante da fotografia digitalizada de nossa realidade, porque somos subjetivados pela história que se cria nos entrecruzamentos dos discursos que nós, leitores, damos vida.

Procurei mostrar histórias minúsculas, de realidades estranhas e até mesmo patéticas por meio de regras que podem parecer arbitrárias, porque tratam de efeitos de atordoamento, beleza e desfiguração. Explico-me mais: quis tratar de existências às quais podíamos dar-lhes um lugar e uma data, por meio da vociferação de textos ancorados na história e na memória da língua, algumas vezes, das imagens, outras. Não tentei buscar um texto melhor que outro ou aqueles que se poderia considerar de valor representativo para compor meu estudo, mas textos que falassem do real da história no seu cotidiano. Não me importava se eram textos inexatos, aparentemente inconclusos, o que busquei foram fragmentos de discursos que levavam, também, a outros fragmentos, partes retidas da história de nossa realidade presente.

Eis ao lado a capa que inspirou a minha tese.

Fica claro, portanto, que a página sobre a qual se debruça minha discussão demarca, primeiramente, *superfícies primeiras de emergência*, oferecendo-nos um



estatuto de objetos que se tornam nomeáveis e descritíveis. Segundo, nesse movimento, descreve-se, por sua vez, uma *instância de delimitação*, que para nós é a revista impressa, na qual se adquire o direito de falar sobre os objetos abordados. Finalmente, terceiro, a partir da

página eleita são descritas *grades de especificação*, nas quais os objetos descritos são submetidos a sistemas de especificação, como por exemplo os diferentes objetos classificados como uma prática cotidiana dos corpos⁵. Na realidade, o que nos interessa é saber o que torna possível uma escolha e não outra, é determinar porque foi possível empregar um conjunto de relações no lugar de outro. Foucault (2000a) nos explica:

Essa formação é assegurada por um conjunto de relações estabelecidas entre instâncias de emergência, de delimitação e de especificação. Diremos, pois, que uma formação discursiva se define (pelo menos quanto a seus objetos) se se puder estabelecer um conjunto semelhante; se se puder mostrar como qualquer objeto do discurso em questão aí encontra seu lugar e sua lei de aparecimento; se se puder mostrar que ele pode dar origem, simultânea ou sucessivamente, a objetos que se excluem, sem que ele próprio tenha que se modificar.

É preciso, então, que tenhamos em vista as condições em que aparecem os objetos do discurso, prestando atenção às condições históricas que puderam legitimar aquela fala, naquele lugar, podendo-se dizer coisas diferentes das quais já haviam ali sido ditas, estabelecendo-se assim, relações num *domínio de parentesco*, significando que não se possa falar de qualquer coisa em qualquer lugar.

2. Mas, como se formam os objetos na página?

Em um primeiro vôo de meus olhos sobre a página da qual se origina trabalho, posso notar que as relações ali estabelecidas incluem instituições, processos econômicos e sociais, formas de comportamento, usando sistemas de normas e técnicas, classificando e caracterizando essas relações no estudo deste objeto. Aqui precisamos nos assentar um minuto. Veja, não são as relações que se desenvolvem quando se faz a análise, mas sim o que

⁵ Foucault discute as superfícies primeiras de emergência, instância de delimitação e grades de especificação no capítulo “A formação dos objetos” em sua “Arqueologia do Saber”.

lhe permite dizer, aparecendo e sendo colocado num *campo de exterioridade* que apresenta, faz e transforma o nosso momento histórico.

No processo discursivo dos traçados na capa em questão, procurei a unidade do discurso junto aos próprios objetos que esta página me trazia, recorrendo a sua distribuição, afastamento ou proximidades. No entanto, esses próprios objetos, unidades de análise, nos reenviam a um relacionamento que caracteriza a própria prática discursiva, isto é, o que é dado ao sujeito falante resulta numa prática que constrói o discurso. E é nessas *movências discursivas*⁶ que se descobre que as relações no discurso não são internas a ele, pois essas relações caracterizam a língua que o discurso utiliza, mas não as circunstâncias em que ele se desenvolve, fazendo do discurso uma prática. Cito Foucault (2000a):

[...] não são os objetos que permanecem constantes, nem os domínios que formam, nem mesmo seu ponto de emergência ou seu modo de caracterização, mas o estabelecimento de relação entre as superfícies em que podem aparecer, em que podem ser delimitados, analisados e especificados.

Portanto, na descrição da formação dos objetos de um discurso, tenta-se identificar os relacionamentos que caracterizam uma prática discursiva, dispondo de objetos trazidos por sujeitos falantes, numa dada época, que trazem as estruturas semânticas para a superfície de discursos já pronunciados. Assim, na análise dos próprios discursos, vemos se desfazerem os laços aparentemente tão fortes entre as palavras e as coisas e destacar-se um conjunto de regras, próprias da prática discursiva. Disso depreende-se o fato de o discurso não ser um puro entrecruzamento entre as palavras e as coisas ou uma trama obscura das coisas em palavras, estreitando a superfície de contato entre realidade e a língua, mas sim uma regularidade entre as instâncias que a constituem, tentado buscar nas regras das práticas

⁶ Cf. GREGOLIN, M. R. V. Análise do Discurso: os sentidos e suas movências de. In: Gregolin, M.; Baronas, R. e Cruvinel, M.F. (org.). **Análise do Discurso: diálogos, fronteiras, limites do sentido**. Araraquara: FCL-Unesp, 2001

discursivas, o regime dos objetos. Dito de outra forma, é na prática discursiva que se formam os objetos de que se falam.

Acostumamo-nos a raciocinar levando em consideração um alvo ou partindo de uma matéria, quando então os objetos seriam os elementos que determinassem nossa conduta. Inversamente, nossa prática é que determina esses objetos. Estariam, então, as revistas guiando nossos comportamentos? Nesse sentido, não, pois é a nossa cotidianidade que se imprime em tintas a cada página na revista que pegamos na banca ou apenas na leitura apressada de suas capas ao passarmos por elas nas ruas. A revista, portanto, não está guiando comportamentos, idéias, condutas, está simplesmente espelhando o homem contemporâneo, mostrando-se lhe seus contornos e deixando-se entrever nossos corpos e ouvir nossas vozes débeis⁷ (MILANEZ, 2001, 2002). Nesse desenrolar-se, a relação a partir da prática é que determina o objeto, passando, depois, a existir o que é determinado, dando a falsa impressão de que esta estaria à frente da própria prática. *O objeto não é senão correlato da prática* (VEYNE, 1998, p. 250).

E assim se faz o objeto-revista, que se configura da história dos nossos gritos e sussurros diurnos e noturnos de cada dia. É preciso, antes de mais nada, que nos esforcemos para ver a prática tal qual realmente é, buscando-a no desatar dos nós, descosturando a *veste drapeada* que recobre as irrupções históricas nos seus momentos singulares, tornando-a visível e concreta, eclodindo, em seguida, a história que só pode ser entendida enquanto prática de nós mesmos e não como uma continuidade de fatos. Da mesma maneira, a cada exemplar, a cada nova edição, levantamos cada prega da saia da história para olharmos o que

⁷ Discuti essas relações sobre a revista como um reflexo do leitor e não como mera monitoração de idéias em minha dissertação “Corpos escritos: discurso, revistas e sujeitos contemporâneos”, apoiando-me em Foucault a partir de suas reflexões em “As palavras e as coisas”, quando analisa a pintura “Las meninas” de Velázquez: “(...) ler uma revista significa que eu-leitor vejo como ela me vê, e o eu-leitor na revista se percebe visto e, então, vê o olhar da revista se voltar para si mesma, à medida que ela está sendo vista/lida, por isso recriada pelo leitor. Se a revista pudesse falar talvez dissesse: 1- Eu-leitor vejo a revista me vendo; 2- Eu-leitor na revista me vejo visto; 3-Eu-leitor vejo a revista se vendo ser vista”.

fizemos e como fizemos, como um diário de adolescente, que realmente é compreendido anos mais tarde quando somos já adultos.

Entre observações, olhadelas e leituras damos-nos conta de que o que é dito na revista nos lança a preconceitos, reticências, saliências e reentrâncias inesperadas das quais não estávamos conscientes. A revista se presta ao serviço de nos remeter à contemporaneidade, ao homem que somos e que se esconde atrás do DISCURSO, constituído de práticas de gramáticas cotidianas que retiram os drapeados amplos de nossas ciências humanas.

2.1. Qual o corpo dessa formação discursiva?

Primeiramente, selecionei a capa apresentada acima como ponto inicial para minhas discussões. Mas como considerá-la em relação aos seus possíveis agrupamentos e remissões? Centrava-me nas questões que envolvem a recepção da revista levando em consideração a participação dos leitores em sua constituição. A seção *Superleitor*, na edição posterior do exemplar acima, isto é, número expedido no mês de julho de 2001, suscitava a retomada dos enredos apresentados e uma organização mais limitada a respeito dos temas lançados na capa de junho. A chamada em *Superleitor* oferecida pela revista fez com que se drenassem, assim, movimentos e contornos discursivos mais específicos. Nessa linha, as seqüências nominais das chamadas em questão já delimitam uma *formação discursiva* constituída pela escolha dos leitores, reiterando práticas cotidianas nos temas que se colocam por meio da coordenação dos subtítulos: “O crescimento do Yoga, o uso de animais em laboratório, a Aids na África”, o que produz o encadeamento de um tema ao outro, sobrepondo-os, às vezes substituindo ou repartindo-os. Observe:



Dessa forma, participando de uma formação discursiva que se constrói a partir do agrupamento de temas suscitados pela recepção e seleção dos leitores das reportagens do exemplar de junho de 2001, que antecedeu essa eleição, esses temas serão retomados, *a posteriori*, compondo uma leitura que se pode deprender de seus textos escritos e imagens para a moldura das práticas de cuidados e desafetos de nós mesmos. São três domínios muito diferentes entre os quais parece não haver uma comunicação direta, porém o vínculo entre as formações discursivas e formações sociais e econômicas constituirá esses objetos em relação à posição de sujeitos, de maneira que formem conceitos: uma análise arqueológica.

Antes de continuar, é preciso, no entanto, firmar-se o conceito de *formação discursiva*, que venho tomando como um conhecimento teórico partilhado. Foucault (2000a, p. 43) assim problematiza o conceito de formação discursiva:

No caso em que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações), diremos, por convenção que se trata de uma formação discursiva.

Portanto, como definiu Foucault (2000a) e, mais tarde Courtine (1981), retomando-o e aplicando-o, chamaremos de discurso um conjunto de enunciados que se relacionam com a mesma formação discursiva (FD), que estudaria formas de repartição e descreveria sistemas de dispersão dos enunciados, nos quais se poderia definir uma regularidade. Discute-se, então, a definição de FD como forma de repartição ou um sistema de dispersão que coloca

em causa a contradição de uma unidade e de uma diversidade, a *mesma lei de existência* entre a coerência e a heterogeneidade. Nessa ligação contraditória de dois níveis distintos, constituem-se dois modos de existência do discurso como objeto: a) no plano das regularidades, para o qual o nível de um sistema de formação dos enunciados se refere a um funcionamento, relevando "o que pode e o que deve ser dito" por um sujeito falante, a partir de um lugar determinado e de uma conjuntura dada, no interior de uma FD; b) e no nível de uma seqüência discursiva concreta – o nó na rede.

Por isso, numa releitura da *Arqueologia do Saber*, encontram-se os elementos que permitem pensar a relação entre a história e o lingüístico na análise do discurso (Courtine, 1989), tomando-se o discurso como uma prática na qual se relaciona a língua com "outras práticas" no campo social, pensando-se o discurso, portanto, como *prática discursiva* (Greoglin, 2001). Nesse sentido, uma formação discursiva agrupará um conjunto de acontecimentos enunciativos, para articular os sistemas de dispersão e as formas de repartição dos enunciados.

Compreendamos, então, o conceito de *enunciado*. Segundo Gregolin (2004b), será outro conceito fundamental a partir do qual Foucault estabelece seu método arqueológico para a análise dos discursos. A sua definição se faz por oposições a outros conceitos (frase, proposição, *speech acts*) e pela análise da relação entre *enunciado e língua*. O enunciado não é em si mesmo uma unidade, mas uma função que cruzará domínio de estruturas e de unidades possíveis, fazendo aparecer conteúdos concretos, no tempo e no espaço. Por isso, um enunciado tem sempre um sujeito, uma existência material, e está sempre povoado de outros enunciados, isto é, há uma relação do enunciado com a série de formulações com as quais ele coexiste. Isso atesta sua historicidade: o enunciado tem que ser correlacionado a um campo subjacente e a um campo associativo que forma uma trama complexa. Nesse conjunto de materialidades discursivas o mesmo e o outro do discurso bouleversarão as formações

discursivas, devido a seu caráter instável, que se inscreve entre diversas FDs, entendidas como efeito do interdiscurso enquanto exteriores específicos de uma FD no seu próprio interior. Courtine e Marandin (1980), em *Quel est l'objet de l'analyse du discours ?*, explicam: « Consideraremos, assim, uma FD a ela mesma : o fechamento de uma FD é fundamentalmente instável, ela não consiste em um limite traçado de um vez por todas, separando um interior e um exterior, mas se inscreve entre diversas FDs *como uma fronteira que se desloca em função dos jogos da luta ideológica.*»⁸

2.2. Flagrando a revista como prática

Interessante sublinhar que esses temas (yoga, animais e aids) são considerados práticas, tornando as pessoas em sujeitos, pedaços do conjunto de nossos comportamentos e da história universal. Nesse sentido, é preciso compreender que *as coisas não passam das objetivações de práticas determinadas, cujas determinações devem ser expostas à luz, já que a consciência não as concebe* (VEYNE, 1998). Os temas justapostos trazidos como resposta dos leitores se tornam objetos na revista, pois foram constituídos historicamente a partir de suas práticas fora da revista.

Ainda, esse objeto se mostra como texto impresso, marca de tudo aquilo que pode ser estampado sobre o nosso corpo, em forma de nome e de lei, alternando-se em dor (animais e Aids) e ou prazer/êxtase (yoga) - sado-masoquismos e poderes internalizados, configurando um símbolo do outro, um dito, um chamado, um nomeado, sensações que nascem com suas práticas. O texto escrito, ou escritura como denomina de Certeau, leva à instauração de uma lei que objetiva relacionar o corpo social e/ou individual. Portanto, os textos na página, ou qualquer material lingüístico tratado nessa página, produzem uma ordem que compõe um

⁸ Tradução minha. Cf. Original. « Nous considérons ainsi une FD comme hétérogène à elle même : la clôture d'une FD est fondamentalement instable, elle ne consiste pas en une limite tracée une fois pour toutes séparant un intérieur et un extérieur, mais s'inscrit entre diverses FD comme *une frontière qui se déplace en fonction des enjeux de la lutte idéologique* ».

“outro mundo”, distinto na recepção, porque fabricado. Esse jogo escriturístico pode ser entendido como *produção de um sistema, espaço de formalização, que tem como ‘sentido’ remeter à realidade de que se distinguiu em vista de mudá-la. Tem como alvo uma eficácia social. Atua sobre sua exterioridade* (CERTEAU, 2000, p. 226), participando-nos de nosso presente e atualidade históricos. Nesse caminho, precisamos, no entanto, ser capazes de ver que a história se torna história do que consideramos como verdades, explicada por meio dos dispositivos que dispomos, no caso, a revista.

Penso, portanto, essa leitura, como uma busca que tem um campo de regularidades dando a oportunidade de se manifestar diversas posições de subjetividade. O discurso, dessa forma, deixa de ser o desenvolvimento e expressão de sujeito que pensa, que conhece e que o diz. Faz-se entrever aqui a dispersão e descontinuidade do sujeito em relação a si mesmo, dentro do recorte estabelecido. E, aqui, ligando-se à de Certeau, cedo lugar à Foucault (2000): *É um espaço de exterioridade em que se desenvolve uma rede de lugares distintos*, entendido por Gregolin (2000) como:

As redes de memória, sob diferentes regimes de materialidade, possibilitam o retorno de temas e figuras do passado, os colocam insistentemente na atualidade, provocando sua emergência na memória do presente. Por estarem inseridos em diálogos interdiscursivos, os enunciados não são transparentemente legíveis, são atravessados por falas que vêm de seu exterior – a sua emergência no discurso vem clivada de pegadas de outros discursos.

Essa rede está entrecruzada por diversas *modalidades de enunciação*, compreendendo práticas discursivas, como meu estudo sobre o Yoga e seus laços descontínuos com a história do homem, o uso de animais em institucionalizações com sua rede de relação de saberes-poderes e do comportamento, e das soberanias que envolvem a Aids. Essas enunciações tomam um lugar-objeto que é a revista para manifestar seus diversos *status*, irrompendo em lugares diversos, em posições diversas que ora ocupa ora recebe no exercício do discurso,

que tem em si uma leitura descontínua de suas unidades, isto é, dos lugares de onde fala, para explicitar práticas discursivas, que são absorvidas pela revista a fim de serem dadas a ler ao seu leitor, que foi o sujeito primeiro a constituí-la – como uma prática não-discursiva⁹, antes de sua legitimação no papel da revista.

Assim, a ciência do homem ocidental se escreve no espaço que é oferecido pelo corpo do outro, a ciência se escreve no espaço que a revista lhes oferece, firmando um lugar de onde se fala e se vê/revê o homem contemporâneo. E esse será o nosso objeto de estudo, de agora em diante, situando o homem nas suas relações com seus laços trazidos por pré-construídos dentro de uma *memória discursiva*¹⁰ perpassada pelos tempos presente, passado e futuro, no qual criador e criaturas se amalgamam (como também acontece no diálogo que se estabelece entre a revista e o leitor). Vale, por isso, a pena reproduzir as palavras de Paul Veyne (1998, p. 273):

Apostaria que Foucault subscreveria a frase sobre a humanidade que só se propõe tarefas que pode cumprir, a cada momento, as práticas da humanidade são o que o todo da história as faz ser, de tal modo que, a qualquer instante, a humanidade é adequada a ela própria, o que não lhe é nada lisonjeiro.

E, bastaria agora somente retomar Nietzsche, dizendo que a humanidade só se coloca os problemas que pode resolver, ampliando assim a cadeia discursiva de leituras, as quais atravessam, pelo menos até aqui, Nietzsche em Foucault, que pode ser lido em Paul Veyne e partir de onde, particularmente na citação acima, também lemos a nós mesmos.

⁹ Foucault em entrevista por Sérgio Rouanet e José Guilherme Merquior no livro *O homem e o Discurso* (A arqueologia de Michel Foucault) fala do nascimento das formações pré-discursivas e suas determinações pelos objetos e os sujeitos na formação de conceitos, ou seja, incluindo práticas não-discursivas ao lado das práticas discursivas para a análise arqueológica.

¹⁰ Conceito desenvolvido por J. J. Courtine a partir dos conceitos de enunciado e arquivo de Foucault em sua tese na Lagages 81, *Le discours communiste adressé aus chrétiens*, iniciado pelo prefácio “L’étrange miroir du discours”, por Michel Pécheux.

3.3. Metodologia e formação de estratégias: a rede que une Yoga, Animais e Aids

Trataremos, assim, de estratégias que se referem a três campos enunciativos distintos, porém ligados discursivamente na sua regularidade. Essas estratégias são discursos, nos quais encontraremos organizações de conceitos, re-agrupamentos de objetos e tipos de enunciação que formam temas ou teorias. Entretanto, mais importante que nomeá-los é saber como se distribuirão essas estratégias na história, escutando as regularidades que possam definir um sistema comum entre elas. Por isso, vou procurar demonstrar como puderam ser ligados os nós dessa rede. Primeiro, determinando os *pontos de difração possíveis do discurso*, ou seja, seus pontos de incompatibilidade, equivalência – os pontos de ligação de uma sistematização; segundo, *descrever instâncias específicas de decisão*, que se entende no papel desempenhado pelo discurso em questão, relacionando-se aos discursos que lhe são contemporâneos e vizinhos. Compreendemos, ainda, antes de tudo, que as relações que um discurso estabelece com seus vizinhos é um princípio de admissão ou exclusão de um certo número de enunciados no interior de um discurso dado. Assim, quando um discurso se insere numa nova *constelação discursiva* traz consigo novas possibilidades para esse discurso. Terceiro, será primordial refletir ainda sobre a) função que exerce o discurso estudado quando num campo de práticas não discursivas; b) os regimes de apropriação dos discursos, que atribui a alguém ou um grupo o direito de falar; c) posições possíveis do desejo em relação ao discurso, referindo-se ao discurso como elemento simbólico ou de proibição, satisfação, outros. Teremos, se assim o fizermos metodologicamente, uma formação discursiva que compreenderá um sistema articulado, porém no qual objetos, enunciações, conceitos e escolhas teóricas são indissociáveis.

Dessa forma, ao tomar a seção *Superleitor*, objetivo descrever a organização do campo de enunciados em que “*O crescimento da Yoga, o uso de animais em laboratório, a Aids na África*” aparecem e circulam nas suas formas de sucessão de um enunciado a outro,

como também as *séries enunciativas* que suscita e os tipos de correlações dos enunciados. Cada tema em destaque poderá ainda se combinar a diversos grupos outros de enunciados, definindo “*um conjunto de regras para dispor em série enunciados, um conjunto obrigatório de esquemas de dependências, de ordem e de sucessões em que se distribuem os elementos recorrentes que podem valer como conceitos*” (FOUCAULT, 2000).

Yoga, animais e Aids, nesse sentido, configurarão um corpo enunciativo que compreende *formas de coexistência*. Essas formações se manifestam num *campo de presença e de concomitância*. O primeiro, abrange todos os enunciados uma vez já formulados em alguma parte, passíveis de serem retomados em discursos pressupostamente necessários, instaurando relações de repetição, de comentário ou de busca de significações ocultas. Ao mesmo tempo, o segundo, pode fazer emergir enunciados que se referem a domínios de objetos inteiramente diferentes e que pertença, a tipos de discursos totalmente diversos, porém atuando entre os enunciados, ora porque ratificam uma confirmação analógica, ora porque são aceitas como princípio e premissas para um raciocínio.

Concluindo, segundo Foucault, estabelece-se um *campo enunciativo* que pode ser chamado de ‘domínio da memória’¹¹. Ali, situam-se os enunciados que parecem excluídos desse campo, tratando-se daqueles que não são nem admitidos nem discutidos, que não se definem mais nem por um corpo de verdade nem domínio de validade, *mas em relação aos quais se estabelecem laços de filiação, gênese, transformação, continuidade e descontinuidade histórica*. Estende-se, então, o raio dos corpos que serão atingidos e foram selecionados para este trabalho, proporcionando-me uma brecha para interferir na

¹¹ Gregolin (2001) discute as idéias de J.-J. Courtine, para quem *o enunciável é exterior ao sujeito enunciado* e que desenvolve a noção de interdiscurso ao relacionar suas idéias à propostas de Foucault sobre o enunciado. Nas palavras da autora, o interdiscurso, nesse domínio de memória, “*ressoa uma voz sem nome*. Nele cruzam-se formulações-origem de um domínio de memória (‘a religião é o ópio do povo’) e formulações que retomam essas fontes como *uma camada espessa de citações e de retornos ao interior de estratos discursivos que se interpõem entre a irregularidade do texto primeiro e o texto que o cita*”.

composição e associação dos enunciados aceitos, *a priori*, nesse campo enunciativo; porém eleitos e articulados por mim no exercício de minha suposta interferência individual.

Dessa forma, retomo, aqui, neste momento, além da discussão teórica, uma inquietação metodológica que me persegue. Obsessivamente ouço Foucault perguntado “porque este e não aquele”, e me questiono: “O que teria motivado minhas escolhas dessas reportagens? Teriam elas surgidos de livres associações, nas quais uma foto me levou a um texto, uma cor me levou a uma chamada, um substantivo me desorientou no encontro de uma obra? Enfim, uma orientação *inconsciente*¹² dos meus desejos no processo de leitura? Seria o *consciente* responsável pela verbalização da materialidade lingüística, dando-nos subsídios para interpretar os elementos que aí estavam reprimidos, recalçados? Sendo assim ou não, ainda não seria capaz de negar que as motivações nos recortes da minha leitura foram gerenciadas por subjetivações que vivi e vivo cotidianamente, construídas socialmente desde o primeiro tapa na bunda. Seríamos, então, parte de uma grande construção histórica desde o nascimento, restando-nos apenas miseráveis e débeis pernas, que permitem conduzirmo-nos por entre esses pré-construídos? Uma *Matrix*¹³, talvez? Viveríamos, assim, num espaço que me controla, fazendo uso de uma língua que nunca foi a fonte de mim mesmo. Por outro lado, espaço e língua constroem uma história na qual sou tomado como sujeito, porque participo das relações de micropoderes que me enquadram, classificam, geram caos e mesmo organização. Poderia-se verdadeiramente dizer que temos uma brecha para agirmos, se a própria brecha já chega clivada por uma alteridade? Mais que teorizá-la talvez seja preciso acreditar nela, na brecha, para que não entrelacemos as mãos com o Pêcheux de 1983.

¹² Freud (1969) discute em sua “Cinco lições de psicanálise” os postulados básicos para a afirmação de sua obra: a) coloca a psicanálise como um processo semiológico e terapêutico; b) o consciente e o inconsciente; c) associação de idéias; d) a vida erótica do homem; e) libido.

¹³ Trilogia americana – *The Matrix*, *Matrix Reloaded*, *Matrix Revolutions* -, dirigida por Andy e Larry Wachowski, com Keane Reeves, respectivamente em 1999 e 2003, filmes em que um hacker (Keanu Reeves) se engaja na luta contra o controle da vida dos homens, questionando o real e o virtual, o controle e o poder da disciplina de uma realidade fabricada e de um corpo a procura de si. Ver site “oficial” <http://whatisthematrix.warnerbros.com>, acesso em 07/10/2005.

Nesse sentido, seria possível que outro leitor fizesse leituras da mesma revista, diferentes da minha. Mas tomando uma amplitude que não se possa alcançar, será que mesmo tomando caminhos diferentes, se o vôo fosse realmente pleno e abarcasse o mesmo material de análise, chegaria-se as mesmas regularidades? Hipóteses... De qualquer forma, não estaríamos nas análises e interpretações de nossos objetos, marcas de nossas vivências mariotenizadas, agarrando-nos numa ilusória individualidade para nos sentirmos únicos e diferentes? Que fique claro que não nego nossa mobilidade na tessitura dos textos, da vida, nas suas resistências, mas não estariam elas todas já predeterminadas pelos discursos que nos constituem? Não somos jamais nem pelo menos uma fonte com algum fio de água de um discurso reitor pessoal, que não controlado, instado, que não fosse uma torta na cara da nossa constituição histórica? Resta-nos somente a possibilidade de reagir à verdade histórica quando nos convenha por necessidades que poderíamos acreditar nossas. Uma obscura individualidade comum de seres que pertencem às verdades e irrupções históricas de suas epistemes referenciadas por um já-dito.

Seguindo como que o curso de um rio, querendo afastar-me da sua correria que sempre dá ao mar, no qual posso me afogar nessas tantas constelações excepcionalmente incontroláveis, gostaria de continuar no regaço do rio e aceitar, ao lado de Lídia¹⁴, que a vida foge ao nosso controle, e quer estejamos bucolicamente de mãos dadas uns às histórias diárias dos outros. A vida cotidiana incorpora novas práticas que têm em si a nostalgia de uma memória que, mesmo de mãos desenlaçadas, de tão longínqua, nos apaga na mesma medida que nos constitui. Mas esse é o momento da recuperação de um fôlego, com gozo ou sem, e mesmo temendo os grandes desassossegos que o discurso nos impõe, precisamos é

¹⁴ Gostaria de explicitar esse poema de Ricardo Reis: Vem sentar-te comigo, Lídia, à beira do rio/Sossegadamente fitemos o seu curso e aprendamos/Que a vida passa, e não estamos de mão enlaçadas./(Enlacemos as mãos)./Depois pensemos, crianças adultas, que a vida/Passa e não fica, nada deixa e nunca regressa,/Vai para um mar muito longe para ao pé do Fado,/Mais longe que os deuses./Desenlacemos as mãos, porque não vale a pena cansarmo-nos./Quer gozemos, quer não gozemos, passamos como o rio./Mais vale saber passar silenciosamente/E sem desassossegos grandes.

ouvir com Virgínia, todas as vozes que falam descontrolavelmente em nossas cabeças e caminhar lado a lado com ela, pedras nos bolsos, e sentir o que há no fundo do rio desse discurso que nos atravessa.

4. Um estranho *sujeito*...

No balanço de uma rede que sofre a força dos ventos de todos os lados, gostaria de pontilhar algumas notas descontínuas sobre a produção dos saberes e a constituição das identidades a partir do corpo modelar projetado pela mídia. Busco substituir o contínuo por um lance de interrupções quer sejam profundas ou rasas, porém emergentes, com suas rupturas específicas e cortes determinados.

A história da vida cotidiana em cores fortes, cores fracas, nuances ou ausência de cores são refutadas em suas sucessões lineares: o desejo é de se evidenciar *fenômenos de ruptura, procura-se agora detectar a incidência das interrupções* (FOUCAULT, 2000a, p. 4), para uma análise histórica que questiona as séries que pode instaurar, os critérios de periodização adotados para cada uma delas, os sistemas de relações descritos entre uma e outra, as séries que podem ser estabelecidas e o quadro em que podem ser determinadas seqüências distintas de acontecimentos. É a hora do recorte e do limite, o momento da irrupção dos acontecimentos.

Procurarei manter meus olhos bem abertos, prestando muita atenção aos jogos da diferença que emolduram a análise do saber e da verdade. Esses encontram-se no *documento*, permitindo-nos definir em seu próprio tecido, unidades, séries, relações, não de uma história milenar e coletiva, mas de uma história que se constitui no dia-a-dia, lançada pelas mãos dos sujeitos que trabalham e utilizam a materialidade documental de livros, textos, instituições, técnicas, entre outras, elaborando a massa documental com que fazemos o bolo da nossa história. A história dos nossos dias, hoje, transforma os *documentos* em *monumentos*, que se

tornam objetos de nossa descrição. Essa descrição se caracteriza por justaposições, sucessões, sobreposições, entrecruzamentos, que ao invés de propor um esquema linear, indica vias para uma abertura fundadora. A história na qual nos situamos, portanto, não é uma busca à origem, ela se opõe a ela e ensina a rir das solenidades da origem, um começo que se moldaria pela perfeição da mão do criador (FOUCAULT, 1985a). Foucault nos falará da proliferação dos acontecimentos por meio dos quais eles se formaram, demarcando acidentes, pontuando desvios, descobrindo *que na raiz daquilo que nós conhecemos e daquilo que nós somos – não existem a verdade e o ser, mas a exterioridade do acidente* (FOUCAULT, 1985a, p.21).

Em meio a esses erros, falhas, maus cálculos, quero destacar ao longo desse estudo, três vertentes trazidas por Foucault (1985b) em seu texto *Nietzsche, a Genealogia e a História*. Primeiro, pretendo esboçar as minúcias que invadem **o saber** historicamente construído, na medida em que o descontínuo se reintroduz na formação de séries e corpos dispersos em épocas e espaços díspares. A própria inquietude perante a vida, um saber que não é feito para compreender, mas que é feito para cortar, característica singular do sentido histórico para Nietzsche. Por isso, o sentido histórico reconhece nossa ausência de referências originárias e se coloca como um saber perspectivo, isto é, não apaga o que pode revelar o lugar de onde se olha e o momento em que se está. É a história que se reconhece de onde olha e o que olha, um sentimento histórico que dá ao saber a possibilidade de mergulhar no lugar em que se encontra. Segundo, uma vez que a origem seria o lugar da verdade e não trabalhamos com essa categoria, **a verdade** do si e do outro se liga a uma verdade do discurso, que historicamente pode ser refutada, invertida, considerada um erro ou apenas, como gostaria, compreendida na emergência da necessidade da proliferação dos discursos para a construção de identidades ancoradas nas regras e regulamentos, nos códigos morais da época a que pertencem. Pretendo, portanto, salientar os agrupamentos de séries, os conjuntos de saberes

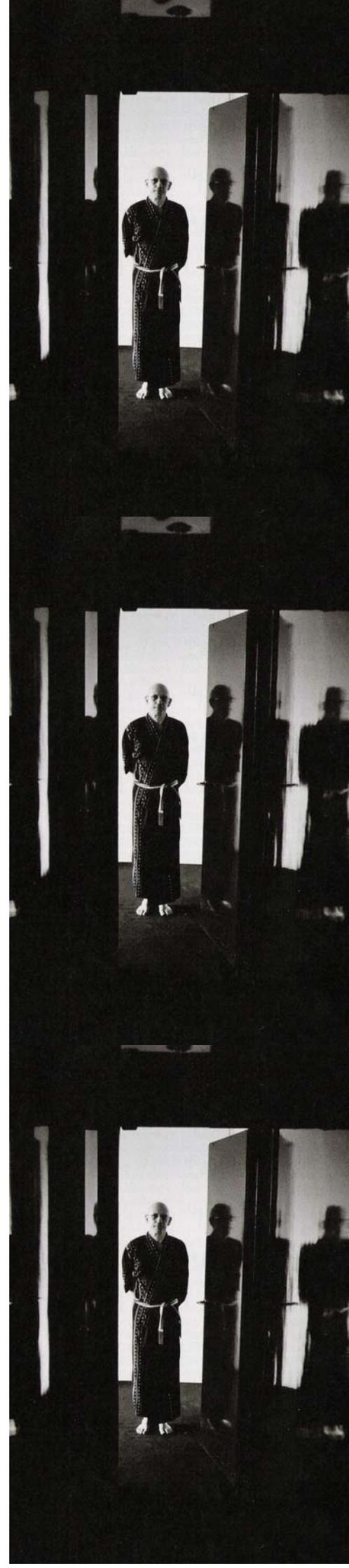
que tornam possíveis certos modos de vida com verdades datadas. Terceiro, olhar mais de perto as fissuras do que se pensava impenetrável, a mobilidade do que se tinha como imóvel, a fragmentação do que se acreditava uno, a busca da heterogeneidade que constitui uma **ciência** voltada à objetivação que, intrinsecamente, diz respeito ao **corpo**, inscrevendo-o no sistema nervoso, no humor, no aparelho digestivo. Ademais, é do corpo que nascem os desejos, é nele que encontramos o estigma dos acontecimentos, marcados pela linguagem e pelas idéias, absolutamente corpos vazados. E, por último, o **poder** pulverizado que se dá a ver no ponto de articulação entre corpos metafórico e físico com a história, mostrando-se microfacetados tanto nas relações insituicionais quanto interindividuais, exercendo força sobre um determinado grupo, sujeito ou objeto, que respondera com o próprio corpo, gritando em alto e bom tom suas resistências: um lugar de coerções e individualidades.

*A genealogia é cinza*¹⁵. *A liberdade é azul*¹⁶. E o saber, a verdade, o corpo e o poder explodiriam como nas cores de um arco-íris? ... quatro pilares midiáticos constantemente refletidos em feixes de cores em páginas de revistas, que se nos mostrarão intercambiadamente, como num caleidoscópio que de sua unidade opera dispersões em espanto, revelando o **sujeito** histórico.

¹⁵ Cf. Foucault, Michel. Nietzsche, a genealogia e história in *Microfísica do poder*. Organização, introdução e revisão técnica de Roberto Machado, 5ª edição, Graal, 1985, p. 15.

¹⁶ Filme francês cujo título original é *Trois couleurs: bleu* produzido em 1993, dirigido por Krzysztof Kielowski, com a atuação de Juliette Binoche. A sinopse do site do filme (<http://adorocinema.cidadeinternet.com.br/filmes/liberdade-e-azul/liberdade-e-azul.htm>, acesso em 07/10/2005) nos diz: Após um trágico acidente em que morrem o marido e a filha de uma famosa modelo (Juliette Binoche), ela decide por renunciar à sua própria vida. Após uma tentativa fracassada de suicídio, ela volta a se interessar pela vida ao se envolver com uma obra inacabada de seu marido, que era um músico de fama internacional.

A INQUIETUDE DOS CORPOS



A INQUIETUDE DOS CORPOS

1. O sujeito e a disciplinaridade

Inicialmente, a estética da existência, como nos é dada a entender por Foucault (1984), guiará a perspectiva de meu estudo engendrado na estetização do sujeito, encarado como forma a ser elaborada, trabalhada e constituída segundo critérios de estilo, por meio de tecnologias de saber, de poder e de si. Como nos mostrou o filósofo, cada um de nós, enquanto sujeito, é o resultado de uma fabricação que se dá no interior do espaço delimitado pelos três eixos da ontologia do presente: os eixos do ser-saber, do ser-poder e do ser-si. São os dispositivos e suas técnicas de fabricação – entre as quais a disciplinaridade é um forte exemplo - que instituem o que chamamos de sujeito. Nesse sentido, à primeira vista, cada um faria não o que quer, mas aquilo que pode, aquilo que lhe cabe na posição de sujeito que ele ocupa numa determinada sociedade. Entretanto, essas posições, evidentemente, não são estáticas: a rede de lugares que o sujeito pode ocupar está sempre se rompendo, aqui e ali, por meio de resistências cotidianas, de modo que o ponto que cada um ocupa está sempre sujeito a variações, porque dependente do momento dado e da relação firmada entre os sujeitos.

Para Foucault, o sujeito é uma fabricação histórica. Ele é constituído por meio de tecnologias e dispositivos elaborados pela sociedade. Para ele, o mecanismo principal dessa fabricação é a disciplinaridade. O corpo é o objeto das disciplinas, não apenas enquanto alvo das ações disciplinares, mas também enquanto sede capaz de pensar de uma maneira ordenada e representacional e, por aí, capaz de dar um sentido particular àquilo que pensa. A disciplinaridade passa a funcionar como uma matriz de fundo que, por si só, impõe ao corpo determinados códigos de permissão e de interdição e maneiras muito peculiares de pensar o mundo.

Foram as disciplinas que permitiram a substituição da individualidade rara dos memoráveis pela individualidade comum. Mas, para que tudo isso não precise ser imposto - o que exigiria consideráveis custos sociais, econômicos e pessoais -, é preciso que cada um aprenda a calcular a si mesmo, ou seja, que cada um se posicione, a si mesmo, nos muitos e muitos retículos disciplinares que cada vez proliferam mais. É aí que se estabelece, então, todo um conjunto de dispositivos e respectivas tecnologias para ensinar cada um de nós a se calcular como um objeto-de-si-mesmo. Assim, partindo das propostas de Foucault, analisarei os tipos de individualidade e coletividade permitidas em nossa época e lugar, que supõem relações com tipos particulares de governo e autocontrole, além de processos de conhecimento e de auto-conhecimento.

O sujeito, é, portanto, o lugar para onde Foucault olhará na construção de sua obra. Ele é o seu objeto, seja enquanto objeto de saber, seja enquanto objeto do poder, seja enquanto objeto de construção identitária. Assim Foucault se expressará sobre o seu trabalho, em 1982:

Gostaria de inicialmente dizer qual foi o objetivo do meu trabalho nos últimos vinte anos. Não foi o de analisar os fenômenos do poder, nem de lançar as bases para uma tal análise. Procurei acima de tudo produzir uma história dos diferentes modos de subjetivação do ser humano na nossa cultura; tratei, nessa ótica, dos três modos de objetivação que transformam os seres humanos em sujeitos. Existem em primeiro lugar os diferentes modos de investigação que procuram aceder ao estatuto de ciência; penso, por exemplo, na objetivação do sujeito falante na gramática geral, na filologia e na lingüística. Ou também, sempre neste primeiro modo, na objetivação do sujeito produtivo, do sujeito que produz, em economia e na análise das riquezas. Ou ainda, para tomar um terceiro exemplo, na objetivação devida ao simples fato de existir na vida, na história natural ou na biologia. Na segunda parte do meu trabalho, estudei a objetivação do sujeito naquilo que designarei de 'práticas divergentes'. O sujeito é quer dividido no interior dele mesmo, quer dividido dos outros. Este processo faz dele um objeto. As partilhas entre o louco e o homem são de espírito, o doente e o indivíduo com boa saúde, o criminoso e o "bem comportado", ilustra esta tendência. Enfim, tenho procurado estudar - é esse o meu trabalho em curso - a maneira como um ser humano se transforma em sujeito; tenho orientado minhas pesquisas na direção da sexualidade, por exemplo - a maneira como o ser humano tem aprendido a reconhecer-se como sujeito de uma "sexualidade". Não é, portanto, o poder, mas o sujeito, que constitui o tema geral das minhas investigações. (DREYFUS & RABINOW, 1995).

Pensando o “sujeito” como uma fabricação, uma construção realizada, historicamente, pelas práticas discursivas, é no entrecruzamento entre discurso, sociedade e história que poderemos observar as mudanças nos saberes e a conseqüente articulação com os poderes. Para Foucault, o sujeito é o resultado de uma fabricação que se dá no interior do espaço delimitado pelos três eixos da ontologia do presente (os eixos do ser-saber, do ser-poder e do ser-si). Dispositivos e suas técnicas de fabricação - de que a disciplinaridade é um forte exemplo - constituem o que se entende como *sujeito*. Portanto, se o objetivo fundamental de Foucault é *produzir uma história dos diferentes modos de subjetivação do ser humano na nossa cultura* e, se essa história é constituída pelo discurso, a relação entre linguagem, história e sociedade está na base de suas reflexões. A obra de Foucault propõe determinar e descrever os acontecimentos discursivos por meio dos quais, graças aos quais e contra os quais se formaram as noções, os conceitos, os lugares-comuns que atravessam e constituem os objetos e engendram os discursos que falam sobre eles. Será nesse encontro das regularidades com as dispersões que se tecerá o discurso entre enunciados, a formação dos objetos, suas modalidades enunciativas, levando à formação de conceitos e estratégias (as escolhas temáticas), isto é, suas “regras de formação”.

Esse jogo proporcionado entre o dito e o não-dito dentro de uma formação discursiva, esse *toujours là*, marca a subjetivação de nossa constituição enquanto leitores e homens contemporâneos. É, então, possível, destacar três balizas no processo de subjetivação: a) um ser-saber, determinado pelas duas formas que assumem o visível e o enunciado num momento marcado; b) o ser-poder, determinado nas relações de força, variáveis de acordo com a época; c) o ser-si, determinado pelo processo de subjetivação.

Aplicando esses três conceitos à investigação do processo de leitura, depararemos-nos com um jogo enunciativo, cujas articulações visam veicular um discurso senso comum e

cristalizado, ou seja, a mídia parece se valer, muitas vezes, de instrumentos de controle do discurso, produzindo o que Foucault denomina de

“saber assujeitado”: uma gama de conteúdos históricos sepultados, uma série de saberes desqualificados como saberes conceituais, mascarados em sistematizações formais, permitindo a descoberta da clivagem dessas sistematizações funcionais maquiada pela história, de onde surgem também reviravoltas do saber (FOUCAULT, 2000b, p.11).

Assim, na sociedade contemporânea, a mídia pode ser entendida como um poderoso dispositivo de produção de identidades. Aceitando essa afirmativa, venho investigando estruturas e acontecimentos propiciados pela revista impressa, tomando-a como suporte de leitura que tem como efeito a produção de subjetividades à medida que apresenta estilos de existência díspares. Entendo a revista, portanto, como um dispositivo de constituição de identidades porque ela serve à recriação de uma nova erótica que caracteriza uma experiência da alteridade para os leitores na medida em que se inscrevem num campo de saberes e códigos preestabelecidos que o atravessam e constituem sua percepção da “realidade”.

Partindo de tais pressupostos, pretendo refletir ainda sobre os efeitos de sentido de *identidade e individualidade* constituídos por meio do confronto do leitor com a revista. Sobe ao palco, então, a mídia, com seus instrumentos de controle do discurso, tão mais materiais quanto a necessidade de arquitetar um corpo em ruínas, à beira da desintegração, talvez necessária. Ocupando lugares, muitas vezes, previamente definidos, mas reservando ainda um lugar dentro das formações discursivas onde possa viver o saber do seu controle, a revista nos deixaria de mãos atadas olhando-nos na solidão, apesar de novas vidas ilimitadas produzirem vias incomensuráveis e descontínuas. Penso na incompletude fundadora de nossa condição humana, marcada por um sujeito e uma subjetividade na leitura, acorrentada à disciplinaridade e, conseqüentemente, subjetivação dos corpos ao longo de nossas vidas em busca de aceitação e diferenciação, tentando ilusoriamente parecermos únicos num mundo que nos torna homens em série.

Sob essa perspectiva, a leitura se toma, e é preciso frisá-lo, numa constituição de linhas cujas origens se perdem, mas que se refletem num discurso alheio de um cotidiano que se constitui de nossas viagens históricas, sejam para frente, para trás, enviesadas, entrecortadas, imbricadas em relações que dizem sobre a nossa identidade assujeitada, cultural/social, de produção, de consumo, subjetivada na escolha das tintas que pintam as cores da leitura de cada um. Leituras sempre incompletas, porque parte de nós, seres inconclusos, cindidos, necessita cada vez mais de material novo para o auxílio de nossa individualidade, espiando e desejando objetos de formas que possam ser incorporadas numa tentativa de se superar a imperfeição de dizer e não ser capaz de tudo expressar, de ser um corpo sempre em falta com o corpo-modelo-inatingível, de apreender a origem do ‘quem sou eu’. Consideramo-nos, portanto, imperfeitos. Por outro lado, é nesta incompletude que se movimenta a energia que gera a busca eterna da completude (MILANEZ, 2004).

Dessa maneira, na realização da experiência do homem contemporâneo com o seu corpo, somos levados a nos reconhecermos como sujeitos de uma sexualidade que compreende campos vastos e diversos, articulando-se num sistema de regras e coerções. Ao referir-me à *experiência* nos remeto a Foucault (2000a), que a toma como *correlação, numa cultura, entre campos de saber, tipos de normatividade e formas de subjetividade*. Dessa maneira, inclui-se o homem contemporâneo num campo histórico constituído por três eixos: o da formação dos saberes a que eles se referem, o dos sistemas de poder que regulam sua prática e o das formas pelas quais os indivíduos podem e devem se reconhecer como sujeitos.

Desse ínterim, brota, portanto, uma disciplina com discursos próprios para a prática do exercício do poder, criando aparelhos de saber, de saberes e de campos diversos do conhecimento. O discurso disciplinar é alheio ao da lei, pois as disciplinas desembocam nos caminhos para o curso da regra, definindo-se no código da normalização, atualmente vinculado ao saber científico. Foucault diz:

quero dizer combinar-se, mas reduzir-se, ou intercambiar-se, ou enfrentar-se perpetuamente a mecânica da disciplina e o princípio do direito. O desenvolvimento da medicina, a medicalização geral do comportamento, das condutas, dos discursos, dos desejos, etc., se dão na frente onde vêm encontrar-se os dois lençóis heterogêneos da disciplina e da soberania (FOUCAULT, 2000b, p.46).

Pretendo, nesse sentido, dar continuidade a meu trabalho analisando algumas práticas, veiculadas em revista impressa, por meio das quais os indivíduos são levados a prestar atenção a eles próprios, procurando desde sempre decifram-se, reconhecendo-se como *sujeito de desejo* ao estabelecer de si para si uma relação que propicia descobrir, no desejo, o que seria a verdade de seu ser, mesmo que natural ou decaído. Para isso, é preciso pensar como vivenciamos nossos desejos a partir de nossos corpos, interrogando-nos sobre as múltiplas relações, estratégias e técnicas que articulam os exercícios dos poderes que fluem do correr dos olhos quando voltados à revista ou do movimentar-se dos corpos quando percorrendo espaços pisáveis pelos pés, que delineiam as formas e modalidades das relações estabelecidas consigo mesmo, constituindo e se reconhecendo como sujeito nesse flamar pelo mundo impresso de letras, utensílios, móveis, muros, pedras. Assim, estudarei os jogos de verdade, entendidos como jogos entre o verdadeiro e o falso, por meio do qual o homem se constitui historicamente na realização de sua experiência, no tocante à relação de si para si – um exercício de si - como também na constituição do sujeito, que se organizará em torno de uma *hermenêutica de si*.

Para tanto, a revista impressa, tomada como campo de análise, constitui-se de textos que buscam o estabelecimento de regras, dando ora opiniões, ora conselhos de um comportamento conveniente aos modelos presentes. Nessa ordem do discurso, tomarei textos “práticos”, pois eles próprios são objetos de uma prática, na medida em que foram feitos para serem lidos, meditados, tocados com os olhos, sentidos pelos dedos, postos à prova do tempo para, no final, constituírem a *armadura da conduta cotidiana*. Parece-me, assim, que os textos

na revista impressa nos permitem interrogar sobre nossa conduta, velando por ela, formando-a e conformando-se com ela. Em suma, o papel desempenhado por esses textos releva os entrecruzamentos de discursos da rede que constituiu o enunciado.

A leitura por meio do trajeto pelo qual proponho se tornará, ao mesmo tempo, espaço de controle e lugar de possibilidade de criação de novos sentidos. É movimento que pode constituir um lugar para a subjetividade do leitor. Ainda,

A leitura não está inscrita no texto, pois ele só existe se houver um leitor para lhe dar sentido. A leitura é, assim, ‘um encontro entre duas expectativas – uma que organiza um espaço legível (literalidade) e uma que organiza uma diligência, necessária à efetuação da obra (uma leitura). Os textos são objetos e formas, cujas estruturas governam a leitura. As formas produzem sentido’ (de Certeau, 1990, p. 251, apud. Gregolin 2000, pp.31-2)

...um lugar para a subjetividade do leitor, olhando pelo buraco da fechadura? É preciso acreditar que sempre haverá uma brecha pela qual poderemos tocar a nós mesmos. Um intrigante coquetel de inquietude, insatisfação e controle que nos subjetivam e marcam em nossos corpos como *ferro em brasa*¹⁷ as letras da nossa contemporaneidade.

Ler, portanto, é dar um sentido global às seqüências produtoras de sentido, cuja construção não é necessariamente o desejado pelo seu autor, mas constituído pelo nosso corpo que lê, seja pelos nossos olhos ou psiquismo. Assim, a interpretação não é limitada pela codificação dos signos, nem restrita ao desvendamento de sentidos exteriores ao texto. “Ela é”, para Gregolin¹⁸

¹⁷ Michel de Certeau falará em seu livro *As invenções do cotidiano*, dois tomos, de suas artes de fazer, ou seja, ler falar, cozinhar, andar, se organizar no trabalho, etc., considerando a cultura comum como uma ciência prática do cotidiano e seus efeitos em nossos corpos. Dessa forma, nos anos 80, o autor retorna ao sujeito, reintroduzindo a lógica do dom, do desejo e da imaginação.

¹⁸ Gregolin (2000) em seu texto *Sentido, sujeito e memória: com o que sonha nossa vã autoria* discute o efeito-autoria a partir de uma rede de sentidos com base nas reflexões de Pêcheux e Foucault, para quem o sujeito está submetido às múltiplas determinações que organizam o espaço social da produção do sentidos.

as duas coisas ao mesmo tempo: leitura dos vestígios que exibem a rede de discursos que envolvem sentidos, que leva a outros textos, que estão sempre à procura de suas fontes, em suas citações, em suas glosas, em seus comentários. Por isso, os sentidos nunca se dão em definitivo; existem sempre aberturas por onde é possível o movimento da contradição, do deslocamento e da polêmica (GREGOLIN, 2003a).

Nesse instante o público passa a reconhecer a si próprio no objeto lido, a partir dos sentidos recitados que reiteram o cultural como ordem naquilo em que reconhecíamos uma singularidade. O corpo do leitor simultaneamente postula, de um lado, uma livre escolha, pois cada leitor é único, apresentando diferentes competências e instrumentos diferentes que levam à apropriação do objeto, de outro, uma imposição, pelo fato de revelar atitudes-modelos, sendo biológicas ou concernentes ao gênero de leitura, que caracteriza, segundo Gregolin, a movência do campo social da produção dos sentidos. Dessa forma, podemos incluir a leitura na história cultural, que trabalha aquilo que lemos do ponto-de-vista político e social, orientando nossas leituras, cujo modo de apropriação é imposto pelo proprietário do livro, traduzindo-o em ‘consumo cultural’ e expandindo o poder que detêm por meio da leitura, uma prática cultural. Para De Certeau:

a ilha da página é um local de passagem onde se opera uma inversão industrial: o que entra nela é um ‘recebido’, e o que sai dela é um ‘produto’. As coisas que entram na página são sinais de uma ‘passividade’ do sujeito em face de uma tradição; aquelas que saem são as marcas do seu poder de fabricar objetos. No final das contas, a empresa escriturística transforma ou conserva dentro de si aquilo que recebe de seu meio circunstancial e cria dentro de si os instrumentos de uma apropriação do espaço exterior (DE CERTEAU 2000, p.226).

Tais considerações me levam a apreender o cotidiano esboçado pela revista impressa, tomando distanciamento em relação a ela, a fim de analisar teórica e praticamente a rede de enunciados ao qual ela está associada. Estudos de história, sob a ótica de um analista que se sustenta na estrutura e no acontecimento de seu objeto, isto é, no encontro de uma atualidade com uma memória, como nos colocou Pêcheux (1997), ou seja, não como significante e

significado, mas como aparição histórica, tida por Foucault (2001a) como acontecimentos e segmentos funcionais, que formam o sistema de pouco em pouco, nos desvelando o sentido de um enunciado, definido pela diferença que articula sobre os outros enunciados reais e possíveis que lhe são contemporâneos ou aos quais ele se ocupa numa série linear do tempo¹⁹. Dessa forma, explicita-se a história de um cotidiano cujo conjunto de regras e normas podem se apoiar em instituições religiosas, judiciárias, pedagógicas e médicas, despindo corpos e condutas ao mostrar as mudanças nos hábitos e comportamentos por meio dos quais os indivíduos revestem os sentidos e valores de seus deveres, prazeres, sentimentos, sensações e sonhos.

2. Corpos moventes

O sujeito de hoje mantém o desejo de construção de seu corpo. Um corpo que enfrenta empreitadas imaginárias ou reais, buscando refazê-lo seja para mudar sua identidade seja para encontrá-la. A questão de um lugar do corpo nos reenvia, portanto, à problematização das identidades pessoais ou sociais, pontos que surpreendem os estatutos que visam a marcar nossa corporalidade pessoal, social, cultural e, por isso, histórica. Em nossa sociedade pós-industrial e pós-disciplinar, o desejo de refazer o corpo situa-se, para Zarka (2005, p.4), na « linha de separação entre o imaginário e o real que parece, hoje, se atenuar, e os projetos mais loucos entram no campo dos possíveis”. Isso faz com que nossa vontade de normalização se mostre sob a forma de um poder sobre si e transforme o corpo em objeto de escolha para destacar suas necessidades e fatalidades. Como devemos, então, interpretar o imbricamento dessas relações sociais e individuais? Uma extensão no campo da liberdade humana ou a pedagogia de uma servidão voluntária? De qualquer forma, o início de minha

¹⁹ Trago neste momento as referências de Michel Pêcheux em *Estrutura e Acontecimento* e de Michel Foucault em *O Nascimento da Clínica*, que anterior ao texto de Pêcheux, esboça idéias sobre o acontecimento e o seu laço histórico, além de antecipar o conceito de enunciado sistematizado em *A arqueologia do saber*.

questão firma-se por meio da identidade a si, permitindo que o corpo seja pensável como “nosso” corpo num momento determinado.

Essa dimensão do corpo acentua a evidência do prolongamento da história no presente. Refiro-me à questão filosófica kantiana sobre a atualidade, entendida por Foucault como uma interrogação sobre o acontecimento, por meio do qual se pode falar de sentido e de singularidade, na medida em que coloca a questão do pertencimento a “nós” e sua relação com a atualidade da comunidade na qual nos movemos. Para Judith Revel (2005, pp.5-6), hoje, a idéia kantiana de uma ontologia crítica do presente não diz respeito somente à maneira de compreender o que funda o espaço do nosso discurso, mas, sobretudo, compreender o que desenha seus limites. Devemos, portanto, tomar as contingências históricas como possibilidades de ruptura e de mudanças.

Por isso, desejo olhar para as sombras do corpo como um jornalista²⁰, que investiga o familiar, a difusão do que está acontecendo e do que acontece. Por fim, esse olhar coloca a preocupação de se dizer não como as coisas podem acontecer, mas o que se esconde por trás da palavra “Hoje”, com seus mistérios, flutuações e simplicidade na busca de respostas como “O que acaba de nos acontecer?” ou “Quem somos nós nesse momento?” (FOUCAULT, 2001b). Perguntas que constituirão um fundo comum, ao mesmo tempo em que produzirá orientações profundas no pensamento filosófico. Essa atitude própria das “Luzes”, baseada na audácia da razão, emancipa-se de toda submissão e rejeita pensamentos e ações cristalizados, fazendo com que tomemos as rédeas da vida em nossas próprias mãos, num entrelaçamento arqueológico e criativo entre a articulação do passado e seu efeito sobre o presente. Portanto,

²⁰ A gazeta de Berlin, no fim da época das Luzes, em 1874, traz a discussão sobre “O que são as luzes”, que tem como respostas os textos de Mendelssohn e de Kant. Daí, pensar que essa maneira de olhar o cotidiano seja de um jornalista, interrogação que remete Foucault a uma alternativa: “Cette singulière enquête, faut-il s’inscrire dans l’histoire du journalisme ou de la philosophie?”. Cf. »Pour une morale de l’inconfort «, le Nouvel Observateur, n° 754, 23-29 avril 1979, pp.82-83. (Sur J. Daniel, L’Ère des ruptures, Paris, Grasset, 1979), retomado em Dits et Ecrits II, 1976-1988, Paris : Quarto-Gallimard, 2001, p. 783

análogo ao questionamento “Qual é o mundo em que vivemos?”, acrescento: qual é o nosso corpo nesse mundo?

Constantemente servindo à produção de um sentido, nem puro nem original, o corpo pode se amparar em instâncias reais e simbólicas para a representação de uma imagem de si, “como a peça fundamental de uma identidade pessoal que se escolhe, se troca, se constrói²¹” (MARZANO, 2005, p.9). Nesse sentido, dá-se a relação que o sujeito estabelece com sua própria materialidade e, conseqüentemente, com sua maneira de estar no mundo corporal, colocando em evidência o meio pelo qual podemos demonstrar os tipos de sujeitos morais que exercemos. Além disso, falar da constituição do corpo significa, também, dizer as verdades que permeiam sua pele e enterram seus ossos, características bio-políticas no controle histórico da vida, que nos surpreende e nos atordoa em liberdade ou servidão, tornando-se temas centrais para a sociedade contemporânea.

A reestruturação do corpo ou sua transformação, portanto, concretiza-se por meio de técnicas modelares do comportamento, tanto físicas quanto espirituais (ou o mascaramento de uma sobre a outra). Essas técnicas de domesticação do corpo estendem seu poder sobre o homem, que passam pelo interior de seu corpo, frágil, instável, efêmero. A fugacidade que marca o tempo dos corpos é repetidamente reiterada em linhas impressas e pensamentos volatizados para a consolidação de momentos de verdade que constituem a moralidade do corpo em nosso tempo na mídia e nas relações humanas. Entra em cena a marca registrada da nossa atualidade: a finitude. Para essa discussão, gostaria de pontuar um escrito em particular. Leiamos o testemunho de Foucault sobre a morte de seu amigo Maurice Clavel²²:

²¹ Tradução minha.

²² Maurice Clavel, filósofo, escritor, jornalista nascido em Frontignan, em 1920. Torna-se chefe das FFI do Eure e Loire (« Sinclair ») e participa da liberação de Chartres. Acolhe o General de Gaulle e se torna um gaullista, militante do RPF. Em 1944, é nomeado professor de filosofia no liceu Buffon. Em 1959, ele se engaja na União democrática do trabalho. Colaborara como o *Nouvel Observateur* de 1964 até sua morte em abril de 1979. Em 1968, escreve: “Antes de maio eu era quase um contemplador” e faz sua própria revolução deixando o corpo professoral e se tornando um profeta da contestação. Em 1971, funda com Jean-Paul Sartre a agência do jornal *Libération*, em dezembro de 1971. Em 23 de abril de 1979, sofrerá uma crise cardíaca, aos 59 anos. Em entrevista ao lhe perguntarem « Qui êtes-vous, Monsieur Clavel? », respondeu: “Si je le savais! J'ai longtemps

Domingo, quase na mesma hora, o telefone tinha tocado, e era ela. Sobre o que tínhamos falado? De um livro sobre Freud que ele tinha gostado; e depois de coisas diferentes; e depois da penitência cristã: porque, dizia ele, a obrigação de dizer a verdade leva consigo a cinza, a poeira e a morte do velho homem, mas também o renascimento e o novo dia? Porque o momento de verdade esta nesse limite? Sua última frase foi para dizer que me esperava com impaciência. O que era? Eu nunca saberei. (FOUCAULT 2001, p.788)²³

Com impaciência também penso sobre essa *analítica da finitude*²⁴, que anuncia imperiosamente a positividade de um saber sobre a vida. Foucault fala do homem que se foi, do tempo que se decorreu, do fim de um corpo e seu saber. Parece-me que Foucault, ao falar de Clavel, faz emergir em seu cotidiano uma discussão já presente em *As palavras e as coisas*:

A finitude do homem se anuncia – e de uma maneira imperiosa – na positividade do saber; sabe-se que o homem acabou, da mesma maneira que se conhece a anatomia do cérebro, o mecanismo dos custos de produção, ou o sistema de conjugação indo-europeu ; ou ainda, em filigrana de todas essas figuras sólidas, positivas e cheia, percebe-se a finitude e os limites que se impõem, adivinha-se tudo o que elas tornam impossível²⁵ (FOUCAULT, 1966, pp.324-325).

Um dia não seria suficiente para que a descoberta dessa instável finitude cessasse. Ela supõe e instala em cada momento um sistema da atualidade, permitindo que a vida prescreva suas formas nos modos de vivê-la por meio de nossos corpos, nossos desejos e pela maneira de ser da linguagem. Vida, prescrição, produção e linguagem mapeiam a história dos instantes que se acorrentam à fina cadeia dos pensamentos meio a nossa existência. No entanto, o que nos assemelha a um corte abrupto da vida pode ser, para Zarka (2005, p.6), *a figura de um*

cherché qui j'étais, finalement je n'attache au problème plus aucune importance. » <http://www.guywagner.net/clavel.htm>, acesso em 04 de maio de 2005.

²³ Tradução minha.

²⁴ Discussão de Foucault em *As palavras e as coisas*, no capítulo X, O homem e seus duplos, ítem que se intitula *Analítica da finitude*, 1966, p.324 : En un sens, l'homme est dominé par le travail, la vie et le langage : son existence concrète trouve en eux ses déterminations ; on ne peut avoir accès à lui qu'au travers de ses mots, de son organisme, des objets qu'il fabrique, - comme si eux d'abord (eux seuls peut-être) détenaient la vérité ; et lui-même, dès qu'il pense, ne se dévoile à ses propres yeux que sous la forme d'un être qui est déjà, en une épaisseur nécessairement sous-jacente, en une irréductible antériorité, un vivant, un instrument de production, un véhicule pour des mots qui lui préexistaient. »

²⁵ Tradução minha.

*homem prometeano que sequer tem essa consciência, preso entre uma liberdade que ele acredita sem limite e um desejo individual puramente subjetivo*²⁶. Com isso, quero dizer que a finitude é uma marca central da liberdade humana e querer dela emancipar-se talvez seja realmente colocar-se em situação de servitude. Nesse caso, a “revolução” kantiana apresenta uma válvula de escape no pensamento de uma época e nos movimentos que fazem com que pensemos e vivamos o tempo de outra maneira.

Com impaciência Maurice Clavel “esperava”, *sem complemento para esse objeto [...] que o fazia vibrar com todo acontecimento da história, fosse ele próximo, longínquo, imenso ou minúsculo*. É preciso viver o tempo de outra maneira (FOUCAULT, 2001d, p.788). Para Foucault, aquilo que escapa à história não é o universal, o imóvel ou aquilo que se pode pensar, dizer ou querer; ao contrário, o que escapa à história é o instante, a fratura, o rasgo, a interrupção²⁷. Certamente, um trabalho que consiste em diagnosticar o presente, colocando a questão tanto de nossa identidade quanto de nosso tempo.

Posto isso, gostaria de retomar, particularmente, o objeto que me levou a partilhar de tais reflexões, ou seja, a reportagem sobre “Yoga” - um dos três enunciados iniciais que deixaram brechas para a ação pensante da disparidade de um sujeito falante – texto pelo qual pretendo percorrer a fim de analisar e descrever os trajetos pelos quais passam a construção social de nossos corpos, determinando-nos como sujeitos. Corpos-sujeitos que vivem suas disciplinas, que são sutilmente controlados, que escondem sob o nome de uma saúde perfeita a finitude que os aterroriza, corpos vagando pelas frestas de liberdade que os identificam nos segredos dos usos de seus prazeres e de suas técnicas de si na arte de viver o hoje.

²⁶ Tradução minha.

²⁷ A respeito de M. Clavel, Foucault escreve : « Ainsi pensait-il que ce qui, dans l'histoire, échappe à l'histoire, ce n'est pas l'universel, l'immobile, ce que tout le monde, tout le temps, peut penser, dire ou vouloir. Ce qui échappe à l'histoire ; c'est l'instant, la fracture, le déchirement, l'interruption. » in Dits et Ecrits II, 1976-1988, Paris : Quarto-Gallimard, 2001, p 790.

3. Corpo e atualidade

O que é a história do presente? Quais são suas exigências e intenções? Em que ela difere daquela dos historiadores? pergunta Robert Castel (1997, p.161) ao se apoiar nos textos de Michel Foucault²⁸. Para Castel, o objetivo de Foucault é mostrar uma realidade contraditória, afim de desmascarar essa “exorbitante singularité” do presente, que se desvelará em seus processos históricos, feitos de descontinuidades e de rupturas, cujo presente traz as marcas e as feridas²⁹. Mas, como fazer essa história do presente? De minha parte, proponho que observemos o *corpus* sobre o qual trabalho. Por isso, gostaria de evidenciar uma reportagem sobre o yoga, na qual me apoiarei para minhas reflexões.



*Entenda de uma vez por todas por que tem tanta gente hoje descobrindo o yoga, doutrina que existe há 5.500 anos*³⁰, anuncia a chamada da revista, no sumário de suas reportagens. Poucas palavras, que, primeiramente, visam a destacar o imperativo da compreensão de nossa atualidade, sugerindo uma discussão historicamente situada no “hoje”, imbricada ao seu passado, datável em 5.500 anos, e calcada numa tradição disciplinar, aquela do yoga como “doutrina”. Discursivamente, a chamada sobre “Yoga” não procura compreender o presente a partir de uma totalidade ou de um acabamento futuro. Ela coloca

²⁸ Esse texto de Robert Castel pertence ao conjunto de comunicações que deram origem ao livro “Au risque de Foucault” a partir de inúmeros encontros, a saber, o Colóquio “Ecrire, diffuser, traduire: Foucault, dix ans après”, organizado pelo Centro Michel Foucault, em dezembro de 1994; “L’histoire au risque de Foucault”, organizado em 1995 pelo Centre Georges Pompidou, em colaboração com a Associação pour le Centre Michel Foucault; “Penser l’histoire: de l’archive à l’ontologie du présent et Michel Foucault. Entre théorie du pouvoir et pratique de la résistance, journées organisées en octobre 1995 pelo Serviço cultural da Embaixada Da França na Itália, em colaboração com as Universidades de Milão e Bologna; “Foucault, une pensée déconcertante”, organizado em abril de 1995 pelo departamento de Sociologia da Universidade de São Paulo.

²⁹ Segundo Robert Castel (1997, p. 163) « l’histoire selon Michel Foucault est faite de discontinuité et de ruptures, mais dont le présent porte la trace et la blessure. »

³⁰ Revista *Superinteressante*, Reportagens, julho, 2011, edição 165, página de apresentação das reportagens-tema discutidos ao longo desse exemplar.

em xeque a diferença que o hoje introduz em relação ao ontem, ao explicitar a relação hoje *versus* tradição.

Essa anatomia-lingüístico-histórica entre hoje e ontem nos fala discursivamente de uma questão que concerne, vivamente, à atualidade. No entanto, a revista parece cumprir, de um lado, o papel daqueles jornais que colocam a seus leitores uma questão sobre a qual eles podem prever seu conteúdo, já tendo uma opinião a respeito do assunto, *não se corre o risco de aprender grande coisa*³¹, de outro, ao olharmos para esse texto com olhos de cientista, defrontamo-nos com um acontecimento que determina o que fazemos de nós ‘hoje’, apontando para uma “saída”, um caminho. Pensar o presente é, portanto, tentar compreender a viagem do nosso corpo pelo no espaço num tempo determinado.

A atualidade da qual nos fala a reportagem de “Yoga” nasce a partir de um certo acontecimento. E esse acontecimento é ainda anterior, cuja característica é o fato de colocar em prática o presente como repetição. Sob essa perspectiva, François Ewald (1997, pp.203-4) destaca que « O presente é marcado pela repetição de um acontecimento anterior, e a atualidade, nossa atualidade, é marcada pela recorrência desse acontecimento que às vezes é passado e que, embora passado, mantêm-se presente, em todo caso nos guia sempre»³². Dessa maneira, o acontecimento que a revista evidencia inaugura um presente, que constitui uma atualidade, aquela que está dentro do homem e que pode ser investigada pelos anatomistas da linguagem, fixando-se, como pretendo, nas formas de relação de saber e poder, cuja estrutura de acontecimento se funda na cisão, no dividido, em partes de um presente, que ocasiona um

³¹ « De nos jours, quand un journal pose une question à ses lecteurs, c'est pour leur demander leur avis sur un sujet où chacun a déjà son opinion : on ne risque pas d'apprendre grand-chose. Au XVIII siècle, on préférerait interroger le public sur des problèmes auxquels justement on n'avait pas encore de réponse. Je ne sais si c'était plus efficace ; c'était plus amusant. » Cf. What is Enlightenment? > « Qu'est-ce que les lumières? », in Rabinow (P.), éd., The Foucault Reader, New York, Pantheon Books, 1984, p 1381, texto incorporado aos Dits et Ecrits II, 1976-1988, Paris : Quarto-Gallimard, 2001

³² Tradução minha.

passado e um por vir. Esse vir a ser, o futuro, será a maneira, para Foucault, por meio da qual diagnosticaremos³³ em verdade nossos movimentos, nossas dúvidas.

Nesses movimentos históricos característicos dessa reportagem proposta pela revista, começam a se configurar as questões em torno da interrogação desse conceito do “hoje”, fundo comum da época das Luzes e de seu retorno ao fim do século XX. Foucault nos fala dos inúmeros processos que marcaram a segunda metade do século XX e nos levaram ao interior das preocupações contemporâneas e seus entrelaçamentos com as Luzes, significativamente fazendo-nos pensar sobre a maneira como o Ocidente interroga seus limites e os poderes dos quais usou abusadamente³⁴. Esse processo é inerente à reportagem e a sua chamada, que se engendra ao campo enunciativo de outras chamadas na própria página. Limito-me aos efeitos de sentido evocados por um dos pontos de intervenção discursiva que se imbrica à imagem da professora de yoga, fazendo-nos refletir sobre a espacialidade do corpo e o tempo da linguagem. Esse descolamento, no entanto, virá somente a confirmar a questão do corpo como acontecimento e sentido, vivos e intactos, nesse episódio histórico que releva a autonomia e a autoridade do saber, inscrita em nosso pensamento e revelada por meios das técnicas editoriais da revista. Portanto, essa enunciação trata de preservar ainda hoje em dia a *Aufklärung*, que, para Foucault (2001, p.1505), “é a própria questão desse acontecimento e de seu sentido (a questão da historicidade do pensamento do universal) que é preciso manter presente e manter no espírito como o que deve ser pensado”³⁵.

³³ « Le diagnostic, précisément, c’est ce qui consiste à savoir qu’est-ce qui se passe, quel est l’événement, cet événement qui se répète, et qu’il faut transformer en passé, ce présent qu’il faut interrompre à travers des *actes*, qui sont intéressants et importants dans la mesure où elle est capable de produire des événements qui ont une valeur d’actes concernant l’être », explica François Ewald no texto « Foucault et l’actualité » in *Au risque de Foucault* (org.) FRANCHE, Dominique, ROTTMANN, Roger (et alii). Supplémentaires. Editions du Centre Centre Pompidou, Paris, 1997, p 205.

³⁴ « Deux siècle après, l’Aufklärung fait retour : non point comme une manière pour l’occident de prendre conscience de ses possibilités actuelles et des libertés auxquelles il peut avoir accès, mais comme manière de l’interroger sur ses limites et sur les pouvoirs dont il a abusé. La raison, comme lumière despotique. » Cf. Foucault, Introduction à l’édition anglaise de G ; Canguilhem, « Le normal et le pathologique » (1978), incorporado aos Dits et Ecrits, Paris, Quarto-Gallimard, 2001 , t. II, p. 433

³⁵ Tradução minha.

Iniciemos um olhar sobre o corpo da professora de Yoga que se agrupa com a



aeronave abaixo dela por similaridade e forma. Ambas estão inscritas na cor branca, o contorno das nádegas da mulher nos reenvia à parte superior, arredondada do *airbus* e as linhas retas dos braços e pernas da moça configuram a parte inferior da nave. Nessa relação paradoxal, onde o corpo humano e o corpo mecânico se fundem, brota o sentimento de transcendência do espaço que nos constrange. Essas percepções compõem o quadro das limitações que indicam a existência do homem no que ele se pretende de infinito,

tanto na imagem da máquina quanto no desprendimento espiritual com as técnicas de controle corporais do yoga, levando, ambos, ao interior do cosmos seja espacial ou etéreo. Por outro lado, desse imbricamento descobre-se o seu oposto, os fundamentos de uma finitude, de um corpo datado, que não é infinito, isto é, o desvelamento de uma identidade e de uma diferença, que, para Foucault (1966, p.326), está na figura do mesmo, onde a diferença é a mesma coisa que a identidade³⁶.

3.1. O corpo e o cogito

O transcendental repetirá, portanto, o empírico, uma dupla fundação que marca o que se chamou, segundo Foucault, de “o homem”. Da mesma forma que podemos observar na análise da imagem acima e os discursos que ela aloja, o corpo ocupa um espaço que se faz sentir pelo estudo de uma percepção, de mecanismos sensoriais. A discursividade daquela imagem nos remete a esquemas neuro-motores, uma articulação entre coisa – o *airbus* – e

³⁶ “Du bout à l’autre de l’expérience, la finitude se répond à elle-même ; elle est dans la figure du *Même* – où la Différence est la même chose que l’Identité – l’étalement de la représentation, avec son épanouissement en tableau, tel que l’ordonnait le savoir classique. C’est dans cet espace mince et immense ouvert par la répétition du positif dans le fondamental que toute cette analytique de la finitude, - si liée au destin de la pensée moderne – va se déployer : c’est là qu’on va voir successivement le transcendental répéter l’empirique, le cogito répéter l’impensé, le retour de l’origine répéter son recul ; c’est là que va s’affirmer à partir d’elle-même une pensée du *Même* irréductible à la philosophie classique. » In M. Foucault, *Les Mots et les Choses*.

organismo – o corpo, um tipo de estética transcendental, relevando formas e nervos corporais que não podem se dissociar das singularidades do funcionamento que lhe dá a vida. O entrelaçamento anatomo-fisiológico do corpo com a máquina determina um presente histórico, social e econômico³⁷, prescrevendo formas e maneiras de se viver o nosso corpo, a partir da manifestação desses conteúdos empíricos que essas imagens na revista *Superinteressante* nos evocam.

Sob essa perspectiva, o cogito repetirá o impensado. Para Foucault, essa reduplicação empírico transcendental que define o homem no mundo é uma figura paradoxal em que os conteúdos empíricos do conhecimento possibilitam as condições que as tornaram possíveis, momento em que a partir de si o homem não se revela por meio de uma transparência imediata e soberana de um cogito. “Como pode se dar o fato de que o homem pense o que não pensa, habite o que lhe escapa como forma de uma ocupação muda, anime, à maneira de um movimento cristalizado, essa figura dele mesmo que a ele se apresenta sob a forma de uma exterioridade teimosa?”³⁸, questiona Foucault (1966, p.333).

O corpo humano, nesse sentido, parece se estender em suas próteses e acoplarem-se tecnologias que prolonguem e assegurem sua vitalidade, diversidades que se ligam pela denominação dada em *Capa* para a imagem da yoga e *Tecnologia* para a foto do *airbus*, fonte em vermelho para ambas, fontes para uma representação do corpo como máquina. A chamada para a reportagem do *airbus* tem como título *Meu dia de piloto*, seguida do seguinte texto:

“Comandar um Airbus A320, aeronave capaz de atingir uma velocidade de 900km/h, é moleza. (A bordo do simulador mais moderno do planeta, claro)”

³⁷ “Il y a eu aussi les analyses qui par l’étude des illusions, plus ou moins anciennes, plus ou moins difficiles à vaincre de l’humanité, ont fonctionné comme une sorte de dialectique transcendante ; on montrait ainsi que la connaissance avait des conditions historiques, sociales, ou économiques, qu’elle se formait à l’intérieur des rapports qui se tissent entre les hommes et qu’elle n’était pas indépendante de la figure particulière qu’ils pouvaient prendre ici ou là, bref qu’il y avait une *histoire* de la connaissance humaine, qui pouvait à la fois être donnée au savoir empirique et lui prescrire ses formes. » Cf. Michel Foucault, *Les mots et les choses*, 1966, p. 330.

³⁸ Tradução minha.

A interferência clara da posição do autor no texto, misturando os dados que deseja apresentar a sua *bouffonerie* lingüística, marcando sua singularidade numa inscrição determinada pela lógica cartesiana das informações midiáticas, abre a capa de uma filosofia mecanicista. Aponta, dessa maneira, um universo de precisões calcado na numeração do *airbus* – um A320 – ou na especificidade de sua velocidade – 900km/h, firmando noções de medida, de rigor e exatidão que se fixaram durante a revolução galileana, como nos explicou Breton (1998: 64), momento em que a natureza se situa no nível “a altura do homem”, visando a racionalização do homem e rejeitando as percepções sensoriais no domínio da ilusão. Ilusão que é encorajada pelo imbricamento discursivo dos dois enunciados em questão. Por isso, a visão matemática de se ler o mundo é, no entanto, na minha percepção das imagens, a de orientar nossa leitura e entrelaçá-las. A distância evidenciada pelo corpo e pela máquina parece separá-las, porém, essa dimensão faz nada mais que religar uma a outra dentro da perspectiva de um pensamento sobre si mesmo, isto é, um pensamento que se funda no não-pensamento. Repetindo Foucault (1966, p.335), é preciso « percorrer, redobrar e reativar sob uma forma explícita a articulação do pensamento sobre o que nela, em torno dela, abaixo dela não é pensado, mas não lhe é, no entanto, estranho, segundo uma irreduzível, uma intransponível exterioridade”», elementos que me fazem pensar que a discursividade iconográfica para qual olhamos não caracteriza uma dualidade, mas parece constituir nossos corpos em carne e aço : um *cogito moderno*³⁹.

³⁹ « C’est qu’il s’agissait pour Descartes de mettre au jour la pensée comme forme la plus générale de toutes ces pensées que sont l’erreur ou l’illusion, de manière à en conjurer le péril, quitte à les retrouver, à la fin de sa démarche, à les expliquer, et a donner alors la méthode pour s’en prévenir. Dans le cogito moderne, il s’agit au contraire de laisser valoir selon sa plus grande dimension la distance qui à la fois sépare et relie la pensée présente à soi, et ce qui, de la pensée, s’enracine dans le non-pensé ». Michel Foucault, Les mots et les choses, 1966, p. 335

O corpo da filosofia cartesiana, portanto, se desfaz na epistême da interpretação. E passamos a entender de uma outra posição a filosofia de Descartes. Numa carta sobre seu postulado sobre o corpo, M. Morus⁴⁰ escreve a Descartes:

Eu passo silenciosamente para várias outras qualidades mais remarcáveis da compreensão divina, que não são necessárias explicar aqui. Já temos o suficiente para demonstrar que teria sido melhor definir o corpo como uma substância tátil, ou como disse acima, uma substância impenetrável, como uma coisa estedda,, pois o tocar ou a impenetrabilidade convêm totalmente ao corpo, lugar no qual sua definição peca contra as regras e não diz respeito a uma única definição. (DESCARTES, 1953, p.101)

Descartes responderá⁴¹:

Sua primeira dificuldade é sobre a definição do corpo, a qual chama de substância estendida, e que o senhor preferira nomear de uma substância sensível, tátil ou impenetrável; mas preste atenção, por favor, pois ao dizer um substância sensível o senhor somente a define na relação que ela tem com nossos sentidos, explicando somente uma propriedade, em vez de compreender a essência total dos corpos, que, podendo existir mesmo quando não houvesse o homem, não depende, conseqüentemente, de nossos sentidos. Não vejo, portanto, porque o senhor diz que é absolutamente necessário que toda matéria seja sensível; ao contrário, não há nada também que não seja inteiramente sensível, se estiver dividida em partes muito menores do que aquelas que os nossos nervos, além de cada uma ter em particular um movimento bastante rápido. (DESCARTES, 1953, p.111)

Nas palavras de Descartes, o corpo desejável se torna a evocação desesperadora no âmbito de suas especulações, que visam a tomar o corpo na esfera de frágeis mecânicas previsíveis, explicando o corpo, sobretudo seu mecanismo, como um resultado autônomo do fenômeno corporal, ao entendê-lo a partir dele e somente por meio dele. Nesse ínterim, a alma real - *vetor de movimentos*⁴² - e o corpo do homem – *matéria, máquina, onde se repetem os*

⁴⁰ Carta de M. Morus a M. Descartes escrita em Cambridge, em 11 décembre 1648, no Collège de Christ. Tradução minha.

⁴¹ Descartes responde a Morus em Egmont, perto de almarc, em 5 de fevereiro de 1649. Tradução minha.

⁴² « Le mécanisme repose en effet sur un dualisme entre le mouvement et la matière. Le temps, la durée n'apparaissent dans ce système que de façon spatialisée (l'horloge). L'homme est l'objet de la même scission, entre l'âme, vecteur de mouvements, et le corps, matière, machine, où se répercutent les mouvements de l'âme. » Cf. LE BRETON, David. Aux sources d'une représentation moderne du corps : le corps machine. In : *Anthropologie du corps et modernité*. Paris/ PUF, 1998, p. 75.

*movimentos da alma*⁴³ - são domínios autônomos, distinção que firma a presença de uma vida breve e a imortalidade da alma, isto é, de um homem-máquina associando naturalmente a medicina e a mecânica.

Dessa maneira, Descartes opõe a realidade das coisas, de uma lado, sob a perspectiva de uma condução da vida cotidiana e, de outra, sob a luz da razão, apagando o simbólico que nos caracteriza como corpos nas suas relações de saber e poder. Para Ramond (2005: 117-8), a partir do momento que o corpo humano é concebido como uma máquina, a identidade do indivíduo se coloca como um problema. O autor prossegue:

A identidade de um indivíduo, dito de outra maneira, por meio do que ele assim se torna, apesar das modificações que podem afetá-lo, não pode, portanto, por definição, ser determinada em referência a seu corpo sem cessar uma mudança. O mecanismo é, assim, obrigado a supor uma alma se ele quiser poder continuar a falar de identidade ou de individualidade. [...] O laço entre princípio de identidade e finalidade aparece aqui claramente: pois uma máquina, inanimada não tem identidade e não procura nela se manter, isto é, preservar esta identidade. (RAMOND, 2005, pp.117-8)

Esse duplo movimento, portanto, do cogito, nos esclarece porque a máxima « eu penso » não nos leva diretamente ao “eu sou”. Efetivamente, para Foucault (1966, p.335), o “‘Eu penso’ se mostrou engajado a toda uma espessura na qual ele está quase presente, animando-o, mas sobre a forma ambígua de uma vigília sonolenta, não sendo mais possível poder manter a afirmação ‘eu sou’”. Fica claro, então, que o cogito não conduz a uma afirmação do ser. Entretanto, abre vias para uma gama de interrogações que terá o ser no centro da questão, levando em conta o corpo, suas metáforas e seus mitos, uma anatomia política do corpo marcada pela sua cultura de si, este último anunciando o ponto de chegada para o trajeto que tenho percorrido.

⁴³ Ibid.

4. Com vocês, o Yoga.

Tendo estabelecido as linhas que considero mestras, arqueológicas, para meu estudo, posso avançar na discussão, primeiramente, seguindo a enumeração coordenada da revista que traz o tema do Yoga, expressão de uma cotidianidade tanto fortemente corporal quanto sua proposta anímica, nas quais podemos descrever *procedimentos de intervenção*⁴⁴ que podem ser legitimamente aplicados a esses enunciados. Assim, encontraremos um Yoga reescrito historicamente por meio de enunciados moventes, organizando modos de relação e interferência entre textos diferentes, às vezes de épocas determinadas, outros de origem longínqua, mas dentro de uma formação discursiva e um sistema de formação conceitual, mobilizando a maneira pela quais diferentes elementos se relacionam uns aos outros, estendendo-se ainda a outras formações e sistemas. Incluem-se diferentes campos de memória, modos de aproximação, de crítica e comentários, nessa corrida maluca alucinante da busca interpretativa de homens contemporâneos no desejo do encontro de si próprios: uma dispersão anônima por meio de textos, livros, revistas, filmes, obras, ruas, bancas, cidades e céus sem mar.

O Yoga na reportagem da *Superinteressante* produzirá, certamente, discursos que lhe são contemporâneos e vizinhos, dos quais explicitarei seus pontos de incompatibilidade ou equivalência, seja por meio de um discurso de elemento simbólico, seja de proibição ou satisfação, ou mesmo a função que exerce um discurso estudado quando interage num campo de práticas não-discursivas.

Para tanto, é preciso, antes, fixar que meu objeto de estudo compreende um período que concerne a nossa contemporaneidade nos primeiros anos do século XXI. A maneira como esse Yoga se dá a ver torna-se, portanto, o desenvolvimento de um trabalho que ocupa um

⁴⁴ Foucault na “Formação dos conceitos” na *Arqueologia do Saber*, refere-se à descrição da organização do campo de enunciados, falando de seu aparecimento e organização, ao citar a disposição das séries enunciativas, a configuração do campo enunciativo (ambos já discutidos anteriormente) e os procedimentos de intervenção como elementos constitutivos das relações dentro de um sistema de formação conceitual.

lugar específico, a revista. Assim, a veiculação do Yoga na revista *Superinteressante*, nesse momento específico, pode ultrapassar a mera informação como meio de melhorar a nossa saúde fazendo uso de sua prática. Doutrina milenar, porém ressignificada, porque um fato histórico ligado a operações e definida por funcionamentos, ambos atualizados pela História, que se constitui como ciência e constitui aqui o objeto proposto. Resulta, assim, na prática de um discurso que se produz, se constrói, na interação revista/leitor pela proximidade entre a operação científica do discurso na revista e a realidade que ela analisa. Aceitemos, ainda, o real como sentido conferido no discurso.

Esse processo é inerente à reportagem que inicia o texto sobre o yoga e assim se apresenta a nos leitores:



Virando páginas, nos deparamos com a reportagem “Com você, o Yoga”, e na busca da constituição do discurso, olhemos os recortes apresentados, analisando o entrecruzamento da materialidade lingüística e a opacidade imagética da foto como a mobilização de um acontecimento, que nos traz o ponto de encontro de uma atualidade e uma memória, entrecruzando os caminhos da análise na tensão entre descrição e interpretação desse enunciado (PÊCHEUX, 1997).

Inicialmente, gostaria de apontar que antes mesmo de lermos o texto, somos abduzidos pelas duas páginas iniciais, que no seu contorcionismo nos são, espantosamente, dadas a

entender como prática de relaxamento possível e incorporável como hábito cotidiano saudável, desconsiderando, no mínimo, individualidades físicas, pois parecem tomar como determinante corpos tão flexíveis e autonomamente treinados como o da professora de yoga. Tal fato se daria pela imposição da revista em incluir essa atividade no âmbito de um imaginário de corpo brasileiro, calcado numa verdade histórica americanóide que escreve a história do corpo do outro/leitor, do nosso corpo, produzindo formações imaginárias de corpos historiados, que gesticulam a colonização do corpo que transpira um discurso de poder que se quer soberano. Nesse raciocínio, pensar em aderir à idéia central do yoga, que “é despertar consciência do corpo todo⁴⁵” para transcender a existência, parece-nos absolutamente irônico, quando os *flashes* filtram o esbelto, o alongado, a magreza, o controle disciplinar da própria carne e ossos.

O ensinar a formatar o corpo de acordo com as regras e leis desse olhar virtual vem de forma popularmente explícita, buscando um *show* da educação corporal, semelhantes aos programas de auditórios ao se apresentar, por exemplo, uma dupla sertaneja, como em “Com vocês, Luciano e Zezé de Camargo”, diria o Gugu; nas salas de encontros televisivas introduzindo a *top model* mais famosa do Brasil, “Com vocês, Gisele Bündchen”, diria Hebe; ou mesmo a mulher de maiô, no circo, que vai ficar colada a uma roda de madeira, rosto sensual e pintado, braços e mãos um pouco afastados do corpo, pernas abertas sobre os pés de sapatilha: “Com vocês, o atirador de facas”, anunciaria o apresentador circense. “Com vocês”, evoca sobretudo no seu significante, a memória da introdução de um espetáculo, esperado e aplaudido pelo espectador/leitor, pois já faz parte do agendamento do seu mundo, reforçando o desejo de ali encontrar-se e, conseqüentemente, catarticamente, participar do *show da vida* ao qual somos instados/castigados a participar.

⁴⁵ Essa frase se dá a ver como « lead » no centro da página que trazem a reportagem, repetindo-se com a finalidade de enumerar as idéias centrais entorno das quais gravitam os postulados dessa doutrina meditativa.

Ao enunciar o “Com você, o yoga”, a revista *Superinteressante* marca um momento que sobrevêm sob forma de acontecimento. É a evidência de um instante cuja utilidade está atrelada ao nome que se lhe dá, sendo que, para Farge (1997, p.19), sua chegada é imediatamente compartilhada entre aqueles que o recebem, o vêem, o ouvem falar, o anunciam, para depois guardá-lo na memória⁴⁶”. Fica claro, portanto, que entrar em contato com um texto significa que se fabrica e é fabricado ao mesmo tempo um acontecimento que vem em pedaços de tempo e de ação, compartilhados, mostrando os sinais de existência para o leitor-analista. O Yoga, então, relaxa na sua função de doutrina e assume o espetáculo do corpo, do qual queremos ser platéia e atração.

A enunciação desse acontecimento gera, então, segundo Farge, *a ordem da desordem* (FARGE, 1997, p.19), dada a se expressar na sua dispersão de sentidos, formando-se a partir dele próprio, porém não homogeneamente, pois o heterogêneo se encarregará do enriquecimento das relações que fluem dessa maneira de se ser visto pela revista, simultaneamente, projetando, falando, comunicando, imaginando uma infinidade de sentidos históricos sobre o homem e seu invólucro corporal identitário. A seqüência de letras que formam o sintagma nominal representado em contornos corporais determina um momento dado da palavra no nível discursivo, formando momentos precisos e estruturando esse acontecimento na medida em que a enunciação escrita faz ecoar os sons de corpos em movimento numa relação complexa com uma alteridade que, por vezes, inclui e afirma posições, por outras, exclui.

4.1. As Luzes da escrita e da história

A revista *Superinteressante*, assim, escreve letras e inscreve corpos pela lei do outro, misturando fontes e fotos. Importante salientar que essa escritura nasce originariamente de

⁴⁶ Tradução minha.

práticas da vida cotidiana que, depois, se corporificam nas páginas da revista e podem, então, tornar-se objeto de análise. Daí a importância do objeto, a revista, tomado primeiramente como uma prática não-discursiva e historiográfica. De Certeau nos esclarece:

Efetivamente, a escrita substitui as representações tradicionais que autorizam o presente por um trabalho representativo que articula num mesmo espaço a ausência e a produção. Na sua forma mais elementar, escrever é construir uma frase percorrendo um lugar supostamente em branco, a página. Mas a atividade que re-começa a partir de um tempo novo separado dos antigos, e que se encarrega da construção de uma razão neste presente, não é ela a historiografia? Há quatro séculos, no Ocidente, me parece que “fazer a história” remete à escrita. Pouco a pouco ela substitui todos os mitos da antiguidade por uma prática significativa. Como prática e não como os discursos que são seu resultado), ela simboliza uma sociedade capaz de gerir o espaço que ela se dá, de substituir a obscuridade do corpo vivido pelo enunciado de um “querer saber” ou de um “querer dominar” o corpo, de transformar a tradição recebida em texto produzido, finalmente de constituir-se página em branco que ela mesma possa escrever (DE CERTEAU, 2000, p.17)

Como analista do discurso, penso a construção socio-histórica do corpo, sob dois aspectos imbricados. O primeiro, num procedimento paradoxal, no qual o *headline* se simboliza e se efetua num gesto que simultaneamente desvela um valor de mito e rito, que é a **escrita**. Ao propor a ensinar o beabá da “disciplina indiana”, constrói-se grafemas (y-o-g-a), para mostrar o desenvolvimento do processo de aquisição de posturas de um corpo impresso pela força de nossas mãos, para a construção do grupo de letras que resultam na imagem escrita, “yoga”. O segundo, nas posturas escolhidas que servem de representações para essas imagens escritas que formam o vocábulo “yoga”, o **corpo**. E produzem nessas posturas corpos que se mesclam à *escrita da história*. O acontecimento aqui se constitui como uma narrativa, um encadeamento de fônemas, tilitando os sons do corpo, e dando sentido ao entrelaçamento entre forma de seqüência lingüística e contorcionismo corporais. Para Farge (1997, pp.20-1), essa maneira do historiador olhar para o acontecimento não impede que se torne objeto de uma seleção que raramente é colocada em causa, “como se a história, a ‘razão da história’,

como disse Foucault, torna-se inalterável e evidente para sempre seu lugar e sua forma⁴⁷”.

Nesse sentido, esses corpos em forma de escultura moldadas de tecido vivo veiculam uma corporeidade do espaço – na estrutura composicional da página -, da linguagem – expressão verbal e iconográfica -, e da morte – o esboço de um corpo freado pelo tempo, desesperado pela transcendência como meio de afastamento da efemeridade que o ameaça. Em contrapartida, essa fisiologia e metafísica investem seus dedos na manipulação do corpo social, um corpo humano calcado geograficamente num atlas anatômico, dando-nos a ordem de um corpo sólido ao espacializá-lo na região de uma revista que alicia a taxionomia da forma e uso dos corpos, exercendo um duplo controle naquilo que concerne a uma consciência política do corpo que dá destaque não verdadeiramente à prática do yoga, mas releva um momento de tempo e lugar de espaço que privilegia as silhuetas da perfeição histórica dessa roupa de festa de fantasia que queremos casual e cotidiana.

Noto, portanto, que o aspecto social, primeiramente mais evidente, não é contraditório com uma escolha do *microacontecimento*⁴⁸ do individual, que permite que se reestabeçam os laços do homem a partir de um fio particular com uma comunidade, uma obra, um conjunto complexo de relações, caracterizando uma multiplicidade de espaços e tempos no qual se inscreve. Dessa forma, corpo e escrita inscrevem o singular no coletivo. Mas de que inscrição se trata? Quais deduções fundem ou rompem com outros acontecimentos? Qual é sua autonomia? Como se dá a inscrição nesses acontecimentos? E como nos lembra Farge (1977, p.22) à propósito de Foucault: : «Qual é essa existência irregular que nasce a partir do que se diz, do que sobrevém?»⁴⁹. Será preciso, portanto, explicitar a tensão de cada momento dessa narrativa, entrevedo-se o acidental e a ruptura, o conflito, o disparate desse

⁴⁷ Tradução minha.

⁴⁸ Arlette Farge refere-se aqui ao prefácio de Jacques Revel na tradução francesa do livro intitulado *Le Pouvoir au village*, e de Giovanni Levi, cuja visão destaca destinos singulares e sua renovação por meio de “choix du possible”. Cf. Ibid. p 22.

⁴⁹ Tradução minha.

acontecimento singular, ou seja, reflexões em torno do presente, da história, de sua memória, leitura e enunciação do por vir.

Para tanto, é preciso colocar em prática uma dimensão histórica que permita compreender o futuro não como oposição à história, mas como um prolongamento de sua atualização. A história e o atual para Foucault, segundo Sauvagnargues (2004, p.54), “se engaja no exame minucioso e empírico de um arquivo textual”⁵⁰, ocasionando na formulação de sua analítica - apoiada no vocabulário kantiano -, na medida em que formula problemas filosóficos, relevando o arquivo e renovando, assim, a história da racionalidade enquanto filosofia não linear da história. Um dispositivo ao mesmo tempo histórico e “atual”, entendido por Deleuze na sua equivalência com “inatural”, como também o fez Nietzsche, ao entrelaçar história, atualidade e futuro⁵¹.

4.2. Diagnosticando disciplinas

Problematizar a ‘atualidade’ é, portanto, acentuar o prolongamento da história no presente. Para Judith Revel (2005, p.20) é um acontecimento que diz respeito ao sentido e à singularidade, colocando a questão do pertencimento de um “nós”, que corresponderá a essa atualidade, formulando o problema da comunidade da qual fazemos parte. A racionalização dessa atualidade se expressa no que parece ser uma provocação no subtítulo da reportagem sobre a qual ainda me detenho: “*Mera ginástica, religião mística ou remédio milagroso?*”. Incitando uma interrogação cuja resposta se dissipa diante da multiplicidade de posições que se pode ter a respeito dela. Antes mesmo de qualquer julgamento, acredito que devemos olhar para essa pergunta como uma atualização histórica não somente no que concerne à maneira de

⁵⁰ Tradução minha.

⁵¹ [...] Il faut distinguer ce que nous sommes (ce que nous ne sommes déjà plus) et ce que nous sommes en train de devenir : la part de l’histoire, et la part de l’actuel ». Assim, Anne Sauvagnargues cita Deleuze e estabelece as relações entre história e atualidade, em seu texto *Devenir et histoire, la lecture de Foucault par Deleuze* in Gilles Deleuze-Michel Foucault, *continuité et disparité. Concepts n°8, revue semestrielle de philosophie. Les Editions Sils Maria Asbl, Belgique, mars 2004, p. 60.*

se olhar para o presente, mas como fomenta Philippe Artières (2002, p.29), isto é, “uma relação singular do diagnosticador com seu próprio corpo e um trabalho de despojamento”⁵², ou seja, para mim, uma atualidade de si. A seguir, continuarei ainda a evidenciar alguns aspectos dessa atualidade, para depois, pouco a pouco, ir reconstruindo, ao meu ver, a maneira pela qual essa reportagem lança mão para a construção de sujeitos e seus sis.

O corpo serve, assim, como denúncia de uma forma de vida, mostrada por meio de seus gestos e comportamentos daqueles que os adotam. A *Superinteressante*⁵³ nos informa:

Acredita-se que 15 milhões de pessoas incluem alguma forma de yoga em seus exercícios físicos, só nos Estados Unidos. No Brasil, onde ainda não está claro para a maioria das pessoas se yoga é ginástica, remédio ou religião, é mais prudente não arriscar números. É que não há a mais pálida estatística a respeito.

Esse acontecimento que se chama *Aufklärung* determinou e nos faz pensar, pelo menos por um lado, o que fazemos nós hoje, procurando a diferença que o hoje introduz em relação a ontem. Por isso, vale firmar a doutrina pelo próprio ponto de vista de um budista, que nos explica que:

[...] o budismo se singulariza sobre dois pontos importantes. Primeiro, ele não faz apelo a um deus criador (é também o caso do taoísmo) e não depende, portanto, da metodologia correspondente. Buda declara esse problema insolúvel uma vez que o ser se torna tributário de conceitos dualistas, da linguagem ordinária e das físicas que o encadeiam. A solução reenvia para depois do nirvana. Espera-se compreender e praticar as quatro Nobres Verdades. Essencialmente, Buda se limita em descrever o estado doloroso do homem imperfeito (primeira verdade), analisando as suas causas (segunda verdade), mostrando a liberação possível chamada de nirvana (terceira verdade) e descrevendo minuciosamente seus meios: moralidade, meditação, sabedoria (quarta verdade). (SHNETZLER, 2002. pp.6-7)

⁵² Tradução minha.

⁵³ Cf. pg. 52 do exemplar nº 6, junho de 2001, *Super Interessante*.

Fica claro, portanto, que a doutrina criada por Buda, cujos princípios se baseiam sobre *Nobres Verdades*, dissipou-se e possibilitou o aparecimento de novas práticas, ou seja, as relações que lhe eram estabelecidas no seu passado originário transformaram-se e apontam para novas condutas nos dias de hoje. Sob essa perspectiva, noto claramente a presença de um sujeito interferindo nas posições que lhe são oferecidas, usando a “saída” da qual a *Aufklärung* discute, deixando vazar as singularidades do presente em contrapartida com seu pretérito. Essa reportagem, então acende as Luzes que promovem a saída do homem de sua minoridade, da qual ele próprio é o responsável. Entendamos minoridade no sentido Kantiano, isto é, uma incapacidade de servir de seu entendimento no que se refere ao poder de pensar sem o direcionamento de outra pessoa, pelo fato de uma falta de decisão e coragem de guiar-se sem a direção do entendimento do outro⁵⁴. Segundo Foucault (2001b), por minoridade entende-se « um certo estado de nossa vontade que nos faz aceitar a autoridade de outra pessoa para nos conduzir aos domínios nos quais se convém fazer uso da razão⁵⁵ ». Essa autoridade, portanto, pode vir por parte de um livro, diretor espiritual, um médico, definindo as relações pré-existentes entre vontade, autoridade e uso da razão. Assim, desde o primeiro parágrafo do « Que são as luzes? », de Kant, cabe ao próprio homem deixar esse estado por meio de uma mudança que ele mesmo operará.

Temos, dessa forma, algumas posições que podem ser analisadas de lugares diferentes. Por exemplo, a revista impressa poderia nos servir como um tipo de mentor, exercendo sua autoridade no que se refere à tentativa de controle de nossos papéis, mantendo-nos em nossa minoridade. Da mesma maneira, ela também é exemplar no tocante à visualização, isto é, nos dar a ver, de uma posição, à primeira vista, oposta, que é a de fazer face às imposições do

⁵⁴ «Qu'est-ce que les Lumières ? La sortie de l'homme de sa minorité dont il est lui-même responsable. Minorité, c'est-à-dire incapacité de se servir de son entendement (pouvoir de penser) sans la direction d'autrui, minorité dont il est lui-même responsable (faute) puisque la cause en réside non dans un défaut de l'entendement mais dans un manque de décision et de courage de s'en servir sans la direction d'autrui. » In : Kant. *Qu'est-ce que les lumières*, <http://www.ac-grenoble.fr/PhiloSophie/download.php?lng=fr>, acesso em 28/04/05.

⁵⁵ Tradução minha.

passado que se quer estável. Nós, leitores, por sua vez, podemos estar presos ao que nos impõe à revista, e estamos, em seus mecanismos de controles e ditaduras do corpo, de maneira geral. Porém, à medida que a ela nos submetemos, dela nos liberamos ao nos construirmos como sujeitos. Afinal, o que quero dizer é que não vejo a revista somente como um aparelho institucional de controle, mas sim como um instrumento que interage, muitas vezes, diretamente com seu público, refletindo-o em suas páginas.

Para ser ainda mais claro, o papel dessa mídia, portanto, não é somente o de controlar, monitorar nossas opiniões e condutas, mas também de nos colar a ela de maneira tal que se torne uma extensão de nós mesmos. Do outro lado da corda, nós leitores, somos o material vivo para essa revista, o que nos possibilita tomarmos consciência de nós mesmos, fato que não seria, potencialmente, garantido por outras vias cotidianas, caindo, obviamente, por vezes, nas garras midiáticas, pois como numa moeda, em um momento nos reflete, no outro nos submete, daí fazermos face a ela como sujeitos. Revista e leitores exercem seus papéis alternados entre autoridade e uso da razão. Ambos vivem o *Sapere audere* (saber ousar) das Luzes, no que concerne a coragem que ele tem de se servir de seu próprio entendimento ora para acolher, ora para corromper, ora para resistir, ora para incutir.

Nesse sentido, acredito que hoje, como assinala Foucault, não temos que guardar os restos da *Aufklärung*, mas preservar o seu acontecimento e sentidos para que possamos pensar o nosso presente:

“Depois de tudo, parece-me que a *Aufklärung*, tanto como acontecimento singular que inaugura a modernidade européia quanto processo permanente que se manifesta na história da razão, no desenvolvimento e na instauração das formas de racionalidade e de técnica, na autonomia e na autoridade do saber, não é para nós simplesmente um episódio na história das idéias. Ela é uma questão filosófica, inscrita, desde o século XVIII, em nosso pensamento. Deixemos a sua piedade àqueles que querem que guardemos viva e intacta a herança da *Aufklärung*. Essa piedade é, obviamente, a mais tocante das traições. Não são os restos da *Aufklärung* que se trata de

preservar; é a própria questão desse acontecimento e de seu sentido (a questão da historicidade do pensamento do universal) que é preciso manter presente e guardar no espírito como o que deve ser pensado”⁵⁶ (FOUCAULT, 2001e, p.1505)

4.3. Educar e Punir: a disciplina da norma

Do lado dos mecanismos de controle empreendidos pela revista *Superinteressante*, gostaria de ressaltar algumas técnicas de coerção cujo exercício se dá por meio de um esquadramento do tempo, do espaço e dos movimentos dos corpos, a partir de seus investimentos, particularmente, quanto a suas atitudes corporais pedagógico-lingüístico-discursivas. Utilizando modelos de aplicação do poder ao mesmo tempo que estimula o exercício de si por meio de técnicas de controle do indivíduo, a revista descreve normas e estruturas de assujeitamento, tendo como base as *tecnologias de si*. Esse processo se dará na passagem de uma visão disciplinar histórica a uma leitura contemporânea do controle social, evidenciando uma “ontologia do presente”, cuja discussão entrevi anteriormente.

O controle se constituirá, portanto, em duas vias. De um lado, ocupa-se com a constituição das populações e a maneira como nela os indivíduos se inserem. Dessa maneira, o controle se mostra como uma economia do poder firmada sobre modelos normativos integrados a um aparelho de Estado centralizado. De outro, busca igualmente tornar o *poder capilar*, criando espaço para o exercício de um sistema de individualização que se preocupa com a modelização dos indivíduos, administrando a existência de suas vidas. Essa dupla fundação se refere ao governo das populações e dos indivíduos, corroborando a orientação da discussão sobre o presente.

Sob essa perspectiva, o meu ponto de ataque na análise não é sobre as instituições, mas sobre as práticas, pelo fato de objetivar e apreender as condições de um momento que se

⁵⁶ Tradução minha.

torna aceitável. Pretendo, então, analisar as regularidades, lógicas e estratégias que a revista *Superinteressante* traz à tona em relação ao retrato instantâneo que se tem do corpo. Procuro encarar as práticas corporais no meu objeto de estudo, vinculando minha análise a um *regime de práticas*, entendido por Michelle Perrot (2001, P.840) como “práticas consideradas como o lugar de encadeamento do que se diz e do que se faz das regras que se impõe e das razões que se dá, dos projetos e das evidências”⁵⁷. Ou seja, analisar “regimes de práticas” no que elas se assemelham às programações de conduta e prescrições em relação aos efeitos de codificação dos sentidos e dos efeitos de verdade. Verdadeiros fatos de atualidade.

A inquietante história que veicula a revista *Superinteressante* sobre o Yoga nos falará da arqueologia da constituição de um sujeito que busca conhecer a si próprio, olhando-se retratado em capas de retratos da vida comum, muitas vezes, olhadas com desdém ou seguida de um riso sarcástico, como se àquelas palavras não estivessem a nós sendo dirigidas. No entanto, são elas o resultado da exposição e da efusão dos limites que demarcam nosso presente, incertezas que irrigam o campo das nossas condutas e emitem o diagnóstico de nossa modernidade. Pedagogizar, portanto, nosso momento não será surpresa para nós: definições que se nos impõem, modismos que se cristalizam, olhares que se petrificam.

Nesse percurso, cabe dizer que o homem é, segundo Kant (1854, p.331), a única criatura que pede para ser educada. Devemos entender, portanto, por educação os cuidados físicos que exige a primeira infância, a educação ou a disciplina e instrução que convêm ao jovem adulto. Seríamos, então, leitores adolescentes, num pula-pula gigante testando os limites da linguagem? ... De qualquer forma, Kant deixa claro que o homem tem necessidade de ser cuidado e formado, aspectos cuja formação compreende a educação e a cultura. Nesse ínterim, é possível compreender o papel didático e ‘educativo’ que a reportagem assume em relação a seus leitores, discursivamente, tanto no nível lingüístico quanto icônico. Para tanto,

⁵⁷ Tradução minha.

reiniciando, a reportagem apresenta uma definição taxionômica, inclusive semântico-gramatical e prosódica, sobre o que é o yoga: “O yoga – trata-se de um substantivo masculino, e o mais correto é pronunciá-lo com ‘o’ fechado, como em ‘ovo’, e escrevê-lo sem acento circunflexo – significa jugo, canga, união”⁵⁸.

Instaura-se, assim, uma norma para se pronunciar a palavra e uma ortografia para se escrevê-la, delimita-se o seu campo semântico, classifica-a, colocando o vocábulo dentro de uma sociedade em que o poder se faz tanto pela sua escritura quanto pela voz da sua fala. Essa sociedade articulada sobre a norma, um sistema de vigia e de controle que da língua se estende, obviamente, aos sujeitos. Para Foucault (1975, p.189) uma visibilidade incessante, uma classificação permanente dos indivíduos, tomados em hierarquia, qualificando-os, estabelecendo limites e a estruturação de um diagnóstico, em que a norma se torna o critério de divisão dos indivíduos. Assim, estabelece-se o que é o normal para língua, o poder de uma ciência da linguagem que considerara a pronúncia de yoga com “o” aberto, como em “avó” um desvio da norma. O patológico lingüístico? A força desse imperativo lingüístico assim se constitui, porque ela se inscreve numa instituição que se chama Escola, que não se contenta em designar efeitos disciplinares ou funcionamentos de mecanismos de controle social, mas também põe-se, historicamente, a punir com a exclusão.

4.4. Disciplinarização do corpo e memória discursiva

Esses encadeamentos entre a disciplinarização do corpo e criação de modelos e normas para o uso da língua são possíveis na medida em que consideramos a memória constitutiva do discurso de uma domesticação lingüística, pela qual passa a nossa língua ao longo de irrupções históricas em momentos dados diferenciados no interior de um aparelho

⁵⁸ Cf. *Superinteressante*, junho 2001, p. 53

disciplinar. Esse tipo de relação pode ser metodologicamente pensado a partir do conceito de “memória discursiva”, estabelecido por Courtine. Assim, ele a define:

Primeiramente, convém distingui-la. O que entendemos pelo termo “memória discursiva” é distinto de toda memorização psicológica do tipo daquela aos quais os psicolinguistas se dedicam enquanto produção de medida cronométrica (assim, para tomar um exemplo recente, o trabalho de Kintsch e Van Dijk sobre os processos cognitivos implicados na memória dos textos). A noção de memória discursiva concerne à existência histórica do enunciado no interior de práticas discursivas regradas por aparelhos ideológicos, ela visa o que Foucault (71, p. 24)⁵⁹ destaca a propósito dos textos religiosos, jurídicos, literários, científicos, discursos que estão na origem de um certo número de atos novos, e falas que as retomam, as transformam, são ditas, permanecem ditas e restam ainda a dizer⁶⁰ (COURTINE, 1981, p.52).

Gregolin (2000, p. 23), reforça essa idéia ao explicar a constituição dessa existência histórica do enunciado, destacando o interdiscurso, mecanismo central da noção de Courtine, como o “responsável pelo domínio comum de figuras, de estereótipos, de maneiras de imaginar, é ao mesmo tempo, uma região de confronto de sentidos em que idéias contrárias se digladiam”. A autora continua, ao afirmar que a interpretação, como construção de uma representação coletiva, é alimentada exatamente por essa contradição, destacando que ao mesmo tempo em que os discursos se confraternizam, eles também se confrontam no campo social. Isso faz com que os discursos retomem, transformem, enfim, falem dos próprios discursos indefinidamente. Essa repetição possibilitará atualizações por meio da história, firmando posições e abrindo vertentes para que novos acontecimentos se dêem a ver. Para Courtine (1986, p. 104), é crucial, portanto, a relação entre língua e história na ordem do discurso, que ao mesmo tempo dissocia e articula o nível da formulação do intradiscurso de uma seqüência discursiva - na qual um sujeito se torna enunciadador num momento dado – e o

⁵⁹ Courtine faz referência aqui a FOUCAULT, Michel. *L'Ordre du discours*. Paris: Gallimard, 1971.

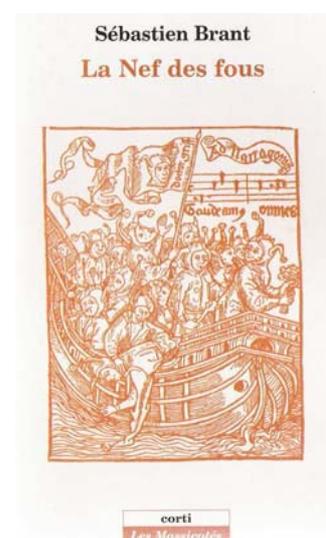
⁶⁰ Tradução minha.

nível do enunciado – no qual se constitui o interdiscurso, levando em consideração os elementos de saber ou enunciados que organizam o processo discursivo.

Dessa maneira, tanto o discurso sobre a língua quanto sobre o corpo remetem à existência de uma memória discursiva que nos envia a questões familiares que dizem respeito àquilo de que nos lembramos, à maneira de como nos lembramos das coisas, considerando-se o que se convém dizer ou não, a partir de uma posição determinada, no ato de uma escritura ou de uma tomada de posição. Isso faz com que estabeleçamos o modo material com que uma memória discursiva exista. Sabemos, é claro, por Courtine (1986, p.107-8), que esse tipo de memória pode se mostrar no interior de práticas verbais, como vimos e também não verbais, como veremos a seguir, permitindo a circulação e tornando possível a articulação tanto entre um já-dito e um dizer quanto entre um enunciado e sua formulação. Por isso, o estudo dessas noções e dos “efeitos de memória”, por meio dos exemplos analisados, baseia-se em caminhos distintos e indissociáveis, colocando em evidência: a) o estudo entre memória e discurso, por meio de interdiscursos, atravessados pelas contradições de discursos dos processos históricos nos quais se formam os enunciados, b) o desvelamento de uma memória discursiva que se reveste por meio da figura de uma repetição, c) formas pedagógicas de saber, cujo exercício se dá por meio de um esquadrinhamento do tempo, do espaço, da língua e do movimento dos corpos.

4.4.1. A memória de uma sanção normalizadora

Histórias da loucura, certamente, como *La Neuf des fous* de Sébastien Brant (2004) - a *Stultifera Navis* de Foucault, descrita em a História da Loucura -, desenhada por Albrecht Dürer, que nos mostra a carnavalização em tomada satírica e didática, com argumentos cômicos e mensagens educativas ao povo, ou seja, uma pintura do



inexorável destino do mundo, um pequeno manual de endireitamento moral em gravura e versos, alimentada pelas condutas da Idade Média⁶¹. Os traços de Dürer pontilham a história de um ensinamento disciplinar e punitivo, como em *De bien éduquer les enfants* (BRANT, 2004, p.33), cuja ilustração se encontra ao lado direito, nesta página.. O homem à direita na gravura, de olhos vendados, é a imagem daquele que não é capaz de gerir o ensinamento de seus filhos, isto é, cego pela sua loucura, permitindo que ‘assassinos’, como na imagem do homem com a faca na mão à esquerda, ameace o poder estabelecido. Ao mesmo tempo, faz referência a um erro que precisa ser corrigido e traz à tona a ausência da necessidade de um mentor para dirigir o curso da aprendizagem do rapaz, representada na terceira figura sentada, com sua espada sem reação, ao lado de um livro, numa figurativização para o pedagógico.



O texto de Brant que segue essa gravura explica:

Est aveuglé par sa folie
 Qui ne prend soin que son enfant
 Reçoive un droit enseignement
 Et n’observe en particulier
 Qu’erreur doit être rectifiée –
 Car tout troupeau a son berger

⁶¹ *La Neuf des fous* de Sébastien Brant foi o livro mais lido na Europa no Século XVI e tornou-se um fenômeno de massa. Seu lançamento foi em Bâle, difundindo-se rapidamente em língua alemã, cuja versão em latim data de aproximadamente 1630. Essa obra precede a pintura de Bosch, *La Neuf des fous*, no ano de 1460. Ambas criações foram revisitadas por Foucault em a *Historia da Loucura*, momento em que a realização do Das Narrenschiff (título original) discute o grande confinamento, segundo Gregolin (2004), “movimento de encarceramento dos outros, dos vagabundos, dos doentes, por serem considerados ociosos, mostra o nascimento da ideologia da produtividade”. No que diz respeito à *La Nef de Brant*, temos um catálogo das loucuras do mundo, elencando pecados e erros em que se lança a humanidade por meio de um cortejo de bobos e loucos, como nos carnavais. Sobre o autor, de acordo com Nicole Taubes, que escreveu a apresentação para edição, Brant era « Un homme résolument inscrit dans une interpretation pessimiste des événements qui bouleversent son époque, chantre du bon vieux temps, méfiant à l’égard des idées d’émancipations de la vie intellectuelle, soutien actif du système impérial et ecclésial ; un nostalgique du médiéval, il semble bien que tel ait été, par ses positions, l’auteurs de la Nef des Fous. »

Como em todos os sistemas disciplinares, notamos nos versos de Brant a enunciação do funcionamento de um pequeno mecanismo penal que, a fim de empreender o *droit enseignement* (o ensino correto), apresenta um certo tipo de justiça com suas leis próprias e instâncias de julgamento. Com isso, coloca como prática a correção do erro, pois *erreur doit être rectifiée* (o erro deve ser retificado), trazendo consigo uma maneira específica de punir, relevando a penalidade disciplinar a partir da “inobservância, tudo que está inadequado à regra, tudo que os distancia e os separa. O domínio do indefinido é penalizável⁶² (FOUCAULT, 1975, p. 183). Brant nos fala, portanto, do que Foucault denominou de “a sanção normalizadora” com seu conjunto de dispositivos, para concluir que *tout troupeau a son berger* (todo rebanho tem seu pastor), fazendo aparecer uma tecnologia disciplinar que é a própria educação, efetivamente, um poder disciplinar que tem como função primordial ensinar impondo regras, domesticando. Nesse sentido, a disciplina fabrica indivíduos ao fazer uso de técnicas específicas que toma os indivíduos como objetos e instrumentos, cujo exercício não é um poder triunfante, mas aquele que funciona sobre a base do cálculo permanente⁶³.

A norma, portanto, aparecerá por meio das disciplinas e parece vir se juntar a outros poderes que nos obrigam a outras novas funções, compreendendo, segundo Foucault (2001f, p.1013), a Lei, a Palavra, o Texto, a Tradição. O normal se estabelecerá, assim, como princípio de coerção no ensino, multiplicando-se meio a essas memórias discursivas em máquinas de controlar e domesticar os corpos, encaradas a partir do século XVIII como um objeto de poder. Isso me leva a refletir sobre como um grupo, uma classe ou sua sociedade fazem funcionar o poder, isto é, como ele se exerce, se conserva e repercute na sua relação intrínseca ao corpo. Certamente, esse adestramento do corpo nos seus imbricamentos com a prisão, a fábrica, a escola, responde a uma escala de controle que não trata o corpo

⁶² Tradução minha.

⁶³ “Le succès du pouvoir disciplinaire tient sans doute à l'usage d'instruments simples : le regard hiérarchique, la sanction normalisatrice et leur combinaison dans une procédure qui lui est spécifique, l'exam.» Cf. FOUCAULT, Michel. *Surveiller et Punir : Naissance de la prison*. Paris : Gallimard, 1975, p172-173

globalmente como uma unidade indissociável, mas como exercício de uma coerção sobre ele no nível dos movimentos e das atitudes, que nos arrasta do controle à vigilância. Sob a perspectiva de Lefranc (2005, p.32-3), “com o século das Luzes, no curso do qual não se cessa de celebrar razão e liberdade, coloca-se em evidência um esquema de humanização das penas”⁶⁴, fazendo com que percebamos que é muito mais eficaz vigiar do que punir, à medida que emerge o bio-político.

4.5. A crise da disciplina: técnicas editoriais e corporais

E caminhando nas páginas da reportagem sobre o yogq vemos alternada e desordenadamente espalhadas, ao mesmo tempo que compõe a simetria da disposição do texto escrito, imagens que continuam nos contando da organização e funcionamento dessa técnica que, segundo o texto, para aqueles que o lêem e estão protegidos contra o poderoso feitiço da imagem, trata da transcendentalidade da matéria para um nível espiritual. Antes de tudo isso, revela, ainda, a estrutura organizacional da impressão do texto na página.

A reportagem parece seguir um modelo tradicional de construção textual, coerente e coeso, com introdução, meio e fim. Mas, de acordo com Gregolin (2003) aos discutir os postulados de Foucault na *Ordem do Discurso* :

“a coerência visível em cada texto particular é efeito da construção discursiva: o sujeito pode interpretar apenas alguns dos fios que se destacam das teias de sentidos que invadem o campo do real social. O efeito de coerência e unidade do sentido é construído por agenciamentos discursivos dos enunciadores que controlam, delimitam, classificam, ordenam e distribuem os acontecimentos discursivos em dispersão e permitem que um texto possa ‘estar em relação com um domínio de objetos, prescrever uma posição definida a qualquer sujeito possível, estar situado entre outras performances verbais, estar dotado, enfim, de uma materialidade repetível’ (Foucault, 1986)”

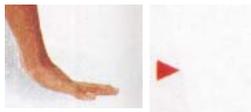
⁶⁴ Tradução minha.

Assim, as margens que limitam a construção discursiva na formatação da página indicam o espaço no qual se constrói o texto como também direciona o olhar que guia esse modelo, dado pelas fotos do corpo da professora de yoga em seus movimentos característicos dessa prática. Logo após as páginas iniciais, analisadas anteriormente, o texto é guiado, em seguida, pela foto da posição em roda, que se dá pela projeção do corpo para trás, sobre a planta dos pés e das mãos, formando um arco e provocando-nos a sensação de ser lançados para dentro do texto junto com o impulso intrínseco ao corpo da modelo, colocando-nos em contato com a leitura proposta e reforçada por estes dispositivos iconográficos corporais. Para ficar mais claro, vejamos a seqüência de páginas a que me refiro:



Nessas páginas, os corpos se alongam, se apuram, erotizando a harmonia das linhas retas. Dessa forma, a revista parece nos olhar, combinando técnicas de vigilância e de sanção, numa tentativa de normalizar nossos contornos corporais. Refiro-me ao exame que a reportagem instaura, numa atitude inquisitorial, cujo monitoramento permite qualificar e classificar nosso corpo tomando aquelas imagens como parâmetro. Estamos diante, portanto, de um dispositivo de disciplina, no qual o exame é altamente ritualizado. Para Foucault, no centro dos procedimentos disciplinares encontramos a manifestação tanto do assujeitamento daqueles que se percebem como objetos como a objetivação daqueles que estão assujeitados.

Ao meu ver, a relação que estabelecemos com a revista segue essa mesma ordem discursiva: a mídia se coloca com um tipo de exame do sujeito, da mesma maneira que o hospital e a escola se colocam como aparelho de examinar. As técnicas de composição e edição das imagens usadas nessa reportagem nos quer guiados por uma ordem pré-estabelecida, por isso, insiste na repetição do mesmo modelo composicional, fazendo com que ao sairmos de uma página, caíamos em outra com a mesma estrutura. Basta observar o exemplo acima, no qual a seqüência da imagem ao canto direito da página à direita continua na página da direita da folha dupla seguinte. Certamente, o poder disciplinar se exerce de maneira invisível, porém ele impõe a quem a ele se submete um princípio de visibilidade obrigatória, pois na disciplina, para Foucault (1975, p.186) são os sujeitos é que devem ser vistos⁶⁵.

Também, no canto direito da parte de baixo da página à esquerda, o movimento denominado torção, delimita o final do texto (ver imagem pagina anterior), quando corpo e imagem interagem com o texto escrito, determinando as linhas imaginárias que limitam o espaço do texto na página. A perna direita estendida e o dorso nos colocam o ponto final daquela coluna do texto, mas não sem antes, o braço que desce alongado apoiando o corpo, indicar pela mão espalmada no chão que o texto continua  ainda na outra página (ver recorte da imagem ao lado). Interessante destacar que esse chamar para a continuidade do texto é comumente marcado por um triângulo deitado, simulando uma flechinha; porém, nessa página, é substituída por uma mão que indica o caminho do texto. Note-se que o tipo de marcação para o formato do texto se estende às páginas que se seguem,

⁶⁵ « Leur éclairage assure l'emprise du pouvoir qui s'exerce sur eux. C'est le fait d'être vu sans cesse de pouvoir toujours être vu, qui maintient dans son assujettissement l'individu disciplinaire. Et l'examen, c'est la technique par laquelle le pouvoir au lieu d'émettre les signes de sa puissance, au lieu d'imposer sa marque à ses sujets, capte ceux-ci dans un mécanisme d'objectivation.

como podemos ver pela dobra da página da direita, que nos oferece uma vista da página seguinte, que trará ainda nas próximas páginas o mesmo esquema, até o fim da reportagem.

Nesse sentido, a revista parece atualizar o lugar social e o aparelho institucional, tornando possível o real histórico explicitado na relação com um corpo social e com uma instituição de saber. Dessa maneira, o texto passa a ser um relato histórico reportando a um corpo social - com suas políticas do corpo, dentro do caráter científico que nela se opera e que encontra seu lugar na revista - e produzindo um espaço cuja configuração deve ser composta, na medida em que toma o corpo como ponto de partida. Constrói-se, portanto, uma página que torna o texto em história. Além disso, dá-se na atualização desse modelo textual a prioridade a uma *tática de desvio*, pois é a própria *distorção* que permite a introdução da ‘experiência’ numa outra prática, simultaneamente social e simbólica⁶⁶. Isso pode impor à pesquisa suscitada pela reportagem o dever de terminar, pois os limites de estrutura do texto chegam até sua introdução, na impressão dos corpos transmutados em letras, organizando o seu término sobre o discurso que o atravessa: um corpo físico e maleável, que se encaixa nas normas e leis corporais segundo os procedimentos de verdade históricos nesse momento de revitalização do corpo ‘para sempre’ em detrimento de sua finitude. O conjunto dos elementos que constitui a página apresenta, assim, regras e conceitos históricos, tornando *presente* aquilo que a prática tem como seu limite, exceção ou diferença.

Dessa forma, a composição nos alerta para a *construção de uma escrita* permeada por textos em letras, cores e corpos virtualmente traçados na escritura que impõe um discurso que preserva “como início aquilo que na realidade é um ponto de chegada, ou mesmo um ponto de fuga da pesquisa”, segundo de Certeau (2000), que, transportado para este objeto de estudo, tange a materialidade corporal em sua dimensão física, carnal, e os aspectos sociais que o sobredeterminam.

⁶⁶ Para Gregolin (2003b) a mídia, como construtora de imagens simbólica, *participa ativamente, na sociedade, da construção do imaginário social, no interior do qual os indivíduos percebem-se em relação a si mesmos e em relação aos outros. Dessa percepção vem a visualização do sujeito como parte de uma coletividade.*

Nessa via, a escritura que pontuei esconde práticas que não são somente históricas, mas também políticas e comerciais. No entanto, servem-se de um passado para negar o presente que repetem, dizem outra coisa revertendo o código das práticas (quer impor os códigos de uma doutrina indiana milenar, mas produz um discurso contemporâneo sobre o corpo fabricado); por isso, a revista cria, aqui, ilusões sobre as práticas das quais resulta, ao mesmo tempo que é ela própria uma prática social, conferindo ao leitor um lugar determinado, redistribuindo o espaço em que se movem as referências simbólicas, que nos remete ao didatismo. Tem-se, então, uma *escrita histórica* que se dá a ver nessa reportagem da revista, que se constitui nas suas relações internas e de retroalimentação com o leitor. Cria-se, portanto, segundo Gregolin, uma percepção de “identidade”, aglutinando os indivíduos em aspirações e sonhos, que se constrói por meio desses símbolos que circulam no espaço social.

Dessa maneira:

Os trajetos simbólicos, construtores do imaginário social, dependem de um diálogo entre sujeitos: entre enunciadores (que fazem circular concepções de mundo) e enunciatários (que as interpretam, reconhecendo-as ou não). Nesses trajetos, através dos múltiplos imaginários, traduzem-se visões de mundo que coexistem, superpõem-se ou excluem-se enquanto forças reguladoras do cotidiano. O real é pois, sobredeterminado pelo imaginário; nele, os sujeitos vivem relações e representações reguladas por sistemas que controlam e vigiam a aparição dos sentidos (GREGOLIN, 2003a).

O controle dos sentidos, assim, propicia um tipo de exame do indivíduo que o situa numa rede de escritura, engajando num arquivo minucioso os documentos que captam e fixam os corpos e nossos dias num campo de vigilância. A reportagem visa à homogeneização dos traços individuais instaurando códigos físicos, escolares ou militares nas suas condutas e performances. Esse exame, como nos ensinou Foucault (1975, p.195), abre para as possibilidades de análise da constituição do indivíduo, para que de um lado, certamente, mantenham-se os seus traços singulares e, de outro, imponha-se a medida de fenômenos globais como a descrição de grupos e a caracterização de fatos coletivos, colocando-nos

dentro de uma repartição que se denomina ‘população’. Quando isso acontece, a individualização, quanto mais serrado, anônimo e funcional é o exercício do poder, tende a se fortalecer cada vez mais, gerando uma crise interna da disciplina.

Ao mudar o ponto de vista e seu objeto, há um estremecimento na maneira pela qual o poder domina e se faz obedecer, uma vez que o objeto de análise é sempre determinado pelo tempo e pelo espaço, fazendo com que a eficácia da disciplina perca uma parte da manutenção de seu poder. Notemos que retomo o pensamento de Foucault (2001g, p.533), para quem o importante é como o sujeito obedece ao poder dentro de nossa sociedade onde os indivíduos são cada vez mais diferentes e independentes, evidenciando mais e mais categorias de pessoas que não estão atreladas à disciplina, mesmo que sejamos obrigados a pensar uma sociedade de disciplina. Devemos nos separar no futuro da sociedade de disciplina de hoje, diz Foucault. No entanto, desse “hoje” do qual fala Foucault em 18 de abril de 1978, já decorreram quase trinta anos e gostaria de evidenciar adiante que seu pronunciamento encontra lugar e materialidade em nossa sociedade que, desde então, quer se homogeneizar cada vez mais e, no entanto, aguça mais acirradamente o exercício das singularidades. A disciplina é o contrário da democracia (FOUCAULT, 2001g, p.1590), por isso nossa relação com as formas de controle é o de um instrumento de trabalho, mas não como arma na luta contra a normatização, como cuidado de si para si e exercício pessoal na busca das identidades, seja de seu grupo, das forças que animam cada comunidade, seja no interior de cada quarto, no corpo de cada um que se estira sobre sua cama.

4.6. O corpo é um arquipélago⁶⁷

A disciplina percorre todos os membros do corpo social ou individual no seu duplo exercício anátomo- biopolítico, gerenciando os menores detalhes corporais, elaborando um indivíduo moral e fisicamente “correto”. Essa disciplina do corpo é uma política do detalhe, para Vigarello (2004a), uma ergonomia pedagógica, referindo-se ao adestramento do corpo que é, segundo Detrez (2002, p.116), uma preocupação polimorfa da correção da linguagem e das atitudes. Essa retidão corporal aparecerá em nossa sociedade vinda de memórias discursivas que podemos resgatar de todos os lados. Como exemplificação desse tipo de memória gostaria de trazer duas imagens que se superpõem: uma delas exhibe os movimentos que fazem parte da seqüência de uma série conhecida em yoga que se chama “Saudação ao sol”, veiculadas na reportagem em questão da revista *Superinteressante*⁶⁸; a outra, é a foto de um militar em pleno ato de um exercício bastante característico do desenvolvimento físico no interior das práticas do exército.



Atentemos para o movimento e postura dos corpos. Segundo Vigarello (2004, p.48), as práticas do exército no que dizem respeito às posturas anteciparam processos gestuais que merecem, por isso, toda nossa atenção. Observo uma disciplina cotidiana ao corpo prescrita

⁶⁷ Foucault dirá que a sociedade é um arquipélago de poderes diferentes. Ele explica que uma sociedade não tem um corpo unitário a partir do qual exerceria um poder e apenas um, mas evidencia que na realidade vivemos uma justaposição, uma ligação, uma coordenação, uma hierarquia, também, de poderes diferentes, estabelecendo a existência de regiões de poder. Ao meu ver, esses poderes giram todos em torno do corpo. Cf. FOUCAULT, Michel. *Les mailles du pouvoir. Dits et Ecrits II* (1976-1988). Paris, Gallimard, 2001, p. 1006.

⁶⁸ Cf. *Superinteressante*, n° 6 junho, 2001, p. 54-5..

por um tipo de doutrinação, reforçando, assim, uma retidão da postura, pois a organização geométrica das duas imagens nos dão modelos de atitude baseados na tradição de uma postura militar, cujas raízes remontam ao século XVII. Estamos, portanto, diante de fotos cujas relações se estendem à educação das retitudes, marcadamente por uma preocupação com o endireitamento do corpo, sobrepondo características militares ao uso dos nossos comportamentos posturais.

Esses caracteres modelares do corpo expressos nessas imagens corroboram a denúncia de uma confusão que se difunde entre « *fazer yoga* », *como se fosse aula de musculação*⁶⁹, ao considerarmos a memória militar que se inscreve na foto representativa desse exercício do yoga que “tem como objetivo aquietar mente e corpo”⁷⁰. Mas, então, o que é que está em jogo? Parece-me que é a tentativa de se manter uma técnica milenar como ela era praticada na sua origem. Ao contrário, o que proponho é compreender em que se baseiam as técnicas que são hoje utilizadas sob o nome de “yoga”, isto é, suas formas de subjetivação, evidenciando quais foram as atualizações a que se submeteu, propiciando a emergência de uma moral “politicamente correta” em relação ao corpo cotidiano, que se entrecruza com a memória dos discursos da ciência, da saúde, do esporte e da religião, marcados prioritariamente, ao meu ver, pelas discursividades pedagógico e militar.

O exemplo de uma disciplina militar é importante, uma vez que foi a partir dela que a disciplina se fez e se desenvolveu, espalhando suas técnicas de endireitamento do corpo. Ressalto, então, as técnicas de individualização da qual a reportagem sobre o Yoga lança mão como um discurso reportado sobre o corpo social e suas partículas mais moleculares, expressas nos indivíduos. Mesmo dentro do contexto a que as imagens se dão a ver, seja como “capacidade de transformar emoções” no trabalho, seja “aproveitando os recursos de

⁶⁹ Cf. Superinteressante, Yoga, junho de 2001, p.58.

⁷⁰ Cf. *op. cit.* p. 54.

concentração”⁷¹, na escola, identificaremos uma discursividade que nos envia a um modo de vigilância, que controla as condutas e comportamento, atitudes e multiplica as capacidades de se preservar um indivíduo mais útil. Essas são as próprias bases da disciplina militar, cujos gestos retílineos, duros, cronometrados e harmoniosamente traçados nos remetem às relações do corpo como dispositivo mecânico e, ao mesmo tempo, orgânico.

O poder pedagógico e militar se faz presente na vida e no corpo do indivíduo que participa de uma população. Esses poderes tornam o corpo do indivíduo visível e domesticável, segundo Foucault (2001h). Trata-se de uma tecnologia individualizante do poder, visando aos indivíduos até o fundo de seus próprios corpos, ou seja, uma espécie de anatomia política que tem por objetivo anatomizá-los. As novas técnicas disciplinares estão, evidentemente, como demonstrou Foucault, de um lado, nos colégios e escolas primárias, acionando métodos em que os indivíduos são individualizados na sua multiplicidade, de outro, na *performance* militar, indubitavelmente, mecanismos e procedimentos de poder, acentuando suas técnicas, a invenção de seus procedimentos, aperfeiçoando-os sem cessar. Dessa maneira, vê-se emergir uma tecnologia dos poderes, que tem sua história própria.

Essa história escreve a vida dos corpos, relevando o papel que representam enquanto energia e movimento mecânico do corpo. Denota-se, então, a metáfora do corpo como motor humano a partir de 1860, por meio de estudos que concebiam os movimentos corporais pela determinação rigorosa da intensidade e da duração de certos atos por um período determinado de tempo. Nesse contexto, evidencia-se a transformação da energia como fato central da vida fisiológica, dando lugar à ciência em termos arqueológicos e lingüísticos quanto à medida no conhecimento das séries de posições que o corpo ocupa no espaço e no tempo. Portanto, o *leitmotif* do corpo como máquina servirá, segundo o trajeto proposto por Rabinbach (2004, p. 155-162), em seu livro *Le moteur humain: l'énergie, la fatigue et les origines de la*

⁷¹ Cf. Superinteressante, Yoga, junho 2001, p. 58

modernité, para marcar implicitamente a idéia de um tempo heterogêneo em que cada tipo de ritmo de corpo segue o próprio tempo particular. Finalmente, concluo que, de um lado, temos as sujeições do corpo a técnicas memoriais que determinam nossas coerções posturais e, de outro, recriamos a utilização desses movimentos herdados, adequando-os ao nosso corpo, modo e atitude de vida: erotismos entre domesticações e singularidades.

5. Intericonicade: da imagem do corpo ao corpo do discurso

Vejo que é necessário agora explicitar o tratamento metodológico que utilizei para ressaltar o funcionamento discursivo adotado para as imagens precedentes, isto é, quero evidenciar quais foram os fundamentos para o estabelecimento da *intericonicidade*, que traz à tona o discurso de um corpo clivado pelas motivações pedagógico-militares e suas reestruturações diante das possibilidades nas quais a história do cotidiano inscreve cada um de maneira singular. Traçarei, portanto, uma linha breve e sinuosa dos laços que ligam a imagem a uma constituição de identidades na história cotidiana, um esboço nada exaustivo e ainda por se completar a respeito do estudo concernente à imagem e à memória para que, depois de estabelecidos esses pressupostos, possa firmar a noção de intericonicidade e aplicá-la a novos objetos para a concretização desse estudo.

É preciso ressaltar que, inicialmente, os estudos iconológicos dedicavam-se somente a observações dos caracteres estilísticos e seus aspectos formais, isto é, os elementos intrínsecos e estruturais da composição de uma obra de arte, muitas vezes como mera percepção objetiva. Didaticamente, tínhamos o desenvolvimento de métodos considerados formalistas, sociológicos e estruturalistas. Porém, evidencio as idéias de Aby Warburg, que datam da última década do século XIX, cuja linha de pensamento parte da máxima “Deus está no particular”, pois mudam gravemente o paradigma da história das imagens, à medida que investigam seus traços, indícios e sinais em uma análise iconográfica, a fim de torná-la um

instrumento de reconstrução histórica geral (GINZBURG, 1999a). O método warbugariano se caracteriza por uma postura interdisciplinar, que rompe com as posições acadêmicas ditadas pela tradição. Para Warburg, uma pesquisa puramente iconográfica não tinha sentido, visto que tanto o estilo de uma obra quanto a escolha de determinados temas são bastante relevantes para a reconstrução das mentalidades. Dessa maneira, Warburg se aproxima de um problema histórico por meio dos instrumentos oferecidos pela história da arte, imprimindo às imagens o caráter de espelho das atitudes de uma época. Cabe ainda ressaltar, como nos explica Ginzburg (1999b) que Warburg trabalhara com o estudo da continuidade, rupturas e sobrevivências da tradição clássica, utilizando testemunhos figurativos como fontes históricas. Nesse sentido, Warburg alia a história da imagem a uma teoria da cultura, indo além dos estreitos limites de uma “leitura” que se colocava de maneira formal, considerando a obra de arte na sua singularidade diante dos acontecimentos da história que a circundava.

Seguindo as trilhas de Warburg, Panofsky fará uma distinção entre iconografia e iconologia. Seus estudos, portanto, dizem respeito à própria questão da problematização e do significado das obras de arte, momento em que uma análise iconográfica lida com a maneira pela qual, sobre várias condições históricas, se expressam conceitos de temas específicos por meio de objetos e eventos. Enquanto na análise iconológica, o equipamento para interpretação baseia-se em uma “intuição sintética”, familiaridade com tendências essenciais da mente humana, condicionada por uma determinada visão de mundo. No entanto, para Panofsky, esse não deve ser o único elemento a ser levado em consideração, aceitando uma faculdade mental comparável ao do diagnóstico desde que diante dos programas racionais e conscientes da atividade artística. Assim, segundo Ginzburg (*op. cit.*), o estudioso delineará os seguintes aspectos metodológicos para a análise de uma obra de arte: a) uma camada pré-iconográfica, que remete às meras experiências sensíveis; b) uma camada iconográfica, que remete a determinados conhecimentos literários; c) uma região do sentido da “essência” da camada

iconológica; d) uma descrição em cada um desses níveis que pressupõe a interpretação; e) as características formais e de conteúdo da obra de arte podem encontrar não tanto uma unificação conceitual, mas uma explicação na ordem da história do sentido. Notamos, assim, que Panofsky, ao se referir a uma camada iconográfica, nos lança às redes do significado para, depois, colocar em relevância o sentido essencial da camada iconológica, buscando, ao meu ver, o ancoramento nos aspectos discursivos concernentes à interpretação, fazendo emergir a própria questão da problematização e do significado das obras de arte.

Nesse fluxo, encontraremos ainda não muito distante da interpretação iconológica de Panofsky os estudos do sistema semiológico de Roland Barthes. Notadamente, gostaria de aludir não somente a seus termos básicos de signo, significante e significado, mas também à maneira como o autor o compreendeu em seu trabalho “O terceiro sentido” (BARTHES, 1970) como fonte de esclarecimento e exemplificação dessa linha de pensamento discursiva que começava a se pressentir. Barthes analisará um filme de Eisentein, *Ivan le terrible*, abordando três níveis de significação: a) um nível informativo, que é o nível da comunicação no que concerne à decoração, ao vestuário, aos personagens, suas relações, sua inserção em um enredo; b) um nível simbólico, marcado por uma estratificação ao nível de um simbolismo referencial, isto é, explícito na narrativa, e um nível diegético, ou seja, o estabelecimento de um tema; c) um simbolismo histórico.

Esse último aspecto, o simbolismo histórico, atrelado aos anteriores, abre uma brecha para o universo discursivo, mesmo que Barthes não o explicita, tornando o jogo teatral do filme analisado um acontecimento que se produz por meio da cenografia marcada e referenciada a um diálogo, na medida em que destaca semiologicamente uma abertura às ciências do símbolo e da significação no campo da psicanálise, da economia e da dramaturgia. Assim, estabelece-se “o terceiro sentido”, que é a escuta, o primeiro em importância na Idade Média, que nos alerta sobre essa orquestração textual dos sentidos na metodologia

estabelecida por Barthes. Firmam-se, assim, o que Barthes chamou, de um lado, o “sentido óbvio”, ao se referir a uma evidência fechada, que se apresenta bastante naturalmente ao espírito; de outro, o “sentido obtuso”, que faz referência ao significado, que vem a mais como um suplemento que nossa inteligência não chega a absorver, pois não está no nível da língua, mas no dos símbolos. O sentido obtuso fará emergir hoje, posso assim afirmar, a memória discursiva que está alhures em outros textos, outras histórias, enfatizando o jogo entre ausência e presença, como citou Barthes. A memória e o discurso são, sem dúvida, os fatores mais relevantes que podemos depreender dos resultados da metodologia e análises de Barthes, mesmo que o autor não tenha se referido a elas dessa maneira.

Avançando na teoria e no tempo, chegaremos aos trabalhos de W.J. T. Mitchell (1986). Esse estudioso da iconologia discutirá a imagem e falará sobre imagens, classificando-as não somente em seus aspectos gráficos, ópticos, perceptuais, respectivamente pinturas, estátuas, desejos ou imagens geradas pelo espelhamento ou projeção, mas também quanto a sua compreensão por meio de nossos sentidos e reconhecimento de aparência. Mitchell relevará tanto as imagens mentais - e aí traz as realizações experimentadas nos sonhos, colocando em evidência a memória, que em estudos anteriores não aparecia claramente, e as idéias – quanto as imagens verbais, isto é, as imagens que nascem da percepção descrita por palavras e pela sugestão de metáforas. Fica evidente, portanto, a gama de lugares que a imagem ocupa em nossos corpos, ampliada por seu trabalho como uma imagem verbal geradora de uma imagem outra, a mental, a partir de uma idéia ou pensamento. Essas reflexões suportam idéias que ao entrar via a discussão das ideologias, ampliam a abertura para a circulação e produção de discursos como entendemos na análise do discurso.

Considerando o trabalho de Mitchell sobre iconologia em “Imagem, texto e ideologia”, incluo as discussões de Hans Belting no interior dessa perspectiva, alternando-a

para os termos imagem, mídia e corpo. Belting (2006) também leva em consideração determinantes não-icônicos atribuídos à mídia como agente por meio do qual se transmitem imagens, e corpo como *performance* e percepção, fazendo com que as imagens dependam do corpo na mesma medida em que dependem de suas respectivas mídias. Tais posicionamentos tocam muito de perto o homem, naturalmente, como um lugar de imagens. “Naturalmente, porque ele é um lugar das imagens, um tipo de órgão vivo para as imagens” (BELTING, 2004, p. 77). E essa relação entre o homem que é o lugar das imagens, meio pelo qual percebemos e interpretamos esses elementos viventes, dá a ver a estocagem de imagens em nossa memória e a forma pela qual ativamos essas reminiscências. Para Belting, vemos as imagens por meio de nossos órgãos corporais, isso não quer dizer que as relegamos somente à compreensão do tratamento da informação pelo cérebro ou por uma operação analítica pela qual recebemos dados visuais. A experiência da imagem como *medium* é uma prática cultural e não se baseia, portanto, somente sobre um saber técnico, mas sobre o consenso e a autoridade. Refiro-me a imagens que permanecem estocadas em nós durante toda uma vida, dependendo ainda de todo aparato tecnológico para conservação da memória coletiva de uma cultura, pois esse arquivo e dispositivo moderno de estocagem e de gestão de informação estariam mortos, se não se mantivessem vivos, segundo Belting (2004, p. 92), pela imaginação coletiva.

A partir do esboço dos estudos dos autores citados, posso passar agora aos contornos discursivos que a imagem assume dentro de meu trabalho, dando lugar a J.-Jacques Courtine, ao discutir as questões que envolvem imagem e memória, definindo a noção de *intericonicidade*⁷², cujas formulações se baseiam ao mesmo tempo na tradição das formulações de Roland Barthes e de Hans Belting:

⁷² Entrevistei Jean-Jacques Courtine em 27/10/2005 na Sorbonne, em Paris. Este projeto fez parte dos trabalhos que desenvolvi e seminários dos quais participei como estagiário de pesquisas na Sorbonne Nouvelle dentro do quadro das discussões sobre a Análise do Discurso no Brasil e na França.

O que eu quis fazer ao introduzir a noção de intericonicidade foi sublinhar ao mesmo tempo os caracteres discursivos da iconicidade, isto quer dizer que eu pensei que mais que um modelo de língua, era um modelo do discurso que precisava fazer referência à imagem. Pareceu-me, nas pesquisas que eu conduzi antes sobre o discurso com, em colaboração e depois de Michel Pêcheux, que a noção de memória discursiva que eu introduzi tinha por natureza o poder de dar conta ao mesmo tempo da teoria e da metodologia. Eu me explico. Parece-me que a idéia de memória discursiva, aquela em que não há texto, não há discurso que não sejam interpretáveis, compreensíveis sem referências a uma tal memória, diria a mesma coisa de uma imagem. Toda imagem se inscreve em uma cultura visual e essa cultura visual supõe a existência para o indivíduo de uma memória visual, de uma memória das imagens. Toda imagem tem um eco. Essa memória das imagens se chama a história das imagens vistas, mas isso poderia ser também a memória das imagens sugeridas pela percepção exterior de uma imagem. Portanto, a noção de intericonicidade é uma noção complexa, porque ela supõe a relação de uma imagem externa, mas também interna. As imagens de lembranças, as imagens de memória, as imagens de impressão visual armazenadas pelo indivíduo. Imagens que nos façam ressurgir outras imagens, mesmo que essas imagens sejam apenas vistas ou simplesmente imaginadas. O que me parece importante, é que isso coloca a questão do corpo bem no centro da análise. (COURTINE, 2005)

Para Courtine, a produção das imagens depende, então, de duas condições que se sustentam reciprocamente: uma que diz respeito a nossa faculdade em animar imagens inanimadas, tornando-as suscetíveis de diálogo e, outra, que nos fala diretamente da capacidade das imagens de tomar corpo no suporte que as recebe. Assim, a imagem é tomada como um fenômeno antropológico, movimentando no discurso a tríade imagem-dispositivo-corpo, como assim denominou Belting (2004, p.8), implicando o corpo humano na produção de imagens. Quanto à noção de intericonicidade e suas relações com a análise do discurso em nosso país, Courtine conclui:

Portanto, a intericonicidade supõe as relações das imagens exteriores ao sujeito como quando uma imagem pode ser inscrita em uma série de imagens, uma genealogia como o enunciado em uma rede de formulação, segundo Foucault. Mas isso supõe também levar em consideração todos os catálogos de memória da imagem do indivíduo. De todas as memórias. Podem até ser os sonhos, as imagens vistas, esquecidas, ressurgidas e também aquelas imaginadas que encontramos no indivíduo. Eu tenho a tendência a dar a essa noção de intericonicidade no momento uma extensão maior do que dei nos cursos dos quais você participou, quando me servia mais de colocar as imagens umas com as outras, da mesma maneira que o discurso é atravessado pelo interdiscurso. Acrescentaria ainda uma dimensão

suplementar, indo de um lado mais antropológico, para situar o indivíduo, o sujeito, não só como produtor, mas também como intérprete, e de certa maneira como suporte das imagens dessa cultura. (COURTINE, 2005).

As relações que Courtine rega fazem brotar uma série de questionamentos que nos fazem refletir sobre a posição do sujeito, levando-nos a rever a posição-sujeito a qual nos ancoramos teoricamente e aceitamos como modo de vida até o presente momento. Parece-me que Foucault abriu uma via de possibilidade para a liberdade do sujeito, que se intensifica e pulula no discurso de Courtine, dando luz a uma epiderme *vestida de raios solares*, imagens que transbordam do poema de Túlio Henrique Pereira, na epígrafe, fazendo refletir um sujeito recriador de suas referências e, ao mesmo tempo, intérprete delas, ocasionado o espelhamento de inúmeras individuações. Mas me pergunto, como poderíamos ao certo designar essas identidades tão fluídas e dispersas em pensamentos, idéias, raios e sonhos?

6. Intericonicidade: memórias e identidades do nosso tempo

E, nessa via, gostaria de continuar falando dos poderes e tentar localizá-los no corpo, não somente em suas considerações como acúmulo e desgaste de energia, mas também em suas especificidades histórica, geográfica e imagética. Acredito, dessa maneira, que ao olhar o sujeito na sua dispersão em seus diversos *status*, lugares e posições que ocupa ao engendrar um discurso, podemos destacar indivíduos singularizados em suas buscas eternas, na corrida maluca pela compreensão e apreensão de si. Para tanto, quero discutir não a representação do poder, mas as condições de possibilidade do funcionamento real do poder em suas formas heterogêneas. Retomo, portanto, a reprodução estilizada de uma foto da professora de yoga, no exercício de seu trabalho corporal, ao lado de três outras atualizações, que, por meio da intericonicidade, revitalizam o discurso primeiro do corpo em yoga, reproduzidas a partir da foto de um soldado durante desfile militar, de um dos movimentos de Daniele Hypólito, ginasta de destaque em nosso país, seguida do retrato desenhado de uma imagem de Gisele

Bündchen, *top model* brasileira de renome internacional, na passarela⁷³. Pensemos metodológica e teoricamente como analisá-las.



imagem 1

imagem 2

imagem 3

imagem 4

Segundo Courtine⁷⁴, ao nos depararmos com uma imagem, cabe-nos destacar os elementos semiológicos que constituem a memória longínqua de uma imagem dada, seja recuperando imagens semelhantes em uma atualidade mais recente, seja interrogando as condições nas quais tais cenas se reproduzem e são colocadas em circulação. Para o historiador do corpo, as perguntas que devemos nos colocar mediante um *corpora* desse tipo é: quais *mise en scène* elas realizam? Qual estrutura elas mostram? Quais são os signos que se podem recuperar numa imagem dada? Courtine nos remete, portanto, a um *domínio de atualidade*, isto é, um conjunto de representação discursiva e icônica, em relação com alguma coisa que atravesse a imagem, ou seja, uma conjuntura histórica dada, um *domínio de memória*.

⁷³ A imagem 1 está disponível no site <http://militaryphoto.com/searchresults1.asp?keyword=editorial&offset=330>, acesso em 27/04/2005; b) a foto veiculada pela revista *Superinteressante*, nº 6 junho, 2001, p. 58 (“postura de mão elevada que segura o dedo do pé”); c) a foto de Daniele Hypólito, disponível no site http://www.aol.com.br/client/galeriadefotos/atenas2004/00003493_ginastica_f6.adp, acesso em 27/04/2005; d) a foto de Gisele Bündchen, disponível no site <http://www.km02.com/gbundchen/galleries.htm>, acesso em 27/04/2005.

⁷⁴ Notas a partir da orientação e do seminário “Antropologia do corpo”, ministrado pelo Prof. Jean-Jacques Courtine, no período de outubro de 2004 a junho de 2005, na Sorbonne Nouvelle, Paris III.

Essas reflexões inserem toda formulação em “domínio associado” de outras formulações, que são repetidas, refutadas ou mesmo negadas, produzindo efeitos de memória específicos. Ainda vale ressaltar que toda formulação, como diria Foucault (2000a), se amalgama a outras formulação sob a forma das quais ela coexiste - inserindo-se em um “campo de concomitância” – ou que a ela sucedem – no interior de um campo de antecipação”, como nos reafirmará Courtine (1986). Diante desse quadro de tantos souvenirs dispersos e da busca de suas regularidades, faço meu o questionamento de Courtine (2006): “O que é fidelidade a si mesmo senão uma repetição?”

Dessa forma, o corpo vive uma recitação discursiva por meio da memória que é retomada, refazendo-se em outra materialidade, como se seguisse a ordem de um discurso reportado indo além dos limites entre os imbricamentos de texto citante e texto citado, como nos explica Courtine (1978). A constituição do enredo ao qual a materialidade está a serviço remonta as suas relações entre memória e repetição, possíveis no interior do regime que Foucault denominou de *materialidade repetível*. “Para ele, há enunciação toda vez que um conjunto de signos for emitido, estabelecendo a identidade do enunciado por meio de suas ocorrências múltiplas e de suas repetições e transcrições pois cada uma dessas articulações tem sua individualidade espaço-temporal [...] Destaca-se, portanto, uma forma que se repete indefinidamente e que dá lugar as enunciações mais dispersas possíveis” (MILANEZ, 2006: p.156). Essa materialidade repetível faz ao mesmo tempo do enunciado um objeto possível, mas também passível de produção, manipulação, utilização, transformação, troca, combinação, decomposição, chegando até mesmo a ser destruído.

As imagens que apresentei acima estão suscetíveis a assumir lugares tão distintos devido ao arcabouço memorail ao qual fazem referência em dispersão de temas e atitudes. No entanto, dessa dispersão buscarei a partir de agora, estabelecer certas regularidades produzidas na intericonicidade. Sigo, metodologicamente, as vias traçadas por Foucault:

nele [no discurso] buscaremos antes um campo de regularidade para diversas posições de subjetividade. O discurso assim concebido, não é a manifestação, majestosamente desenvolvida, de um sujeito que pensa, que conhece, e que o diz: é, ao contrário, um conjunto em que podem ser determinadas a dispersão do sujeito e sua descontinuidade em relação a si mesmo. É um espaço em que se desenvolve uma rede de lugares distintos (FOUCAULT, 2000a, p. 61-2)

Assim, o nosso objeto de estudo que é o corpo tem um lugar no mundo e, ao mesmo tempo, é um lugar no contato com o qual as imagens são, para Belting (2004, p.93), produzidas e (re)conhecidas. Da mesma maneira e por essa maneira de nos vermos, somos lançados para espaços outros desde que nossa época se torna visível como a época do espaço: “Nós estamos na época da simultaneidade”, afirmou Foucault (2001i), que é nada mais que a era da justaposição, estreitando os laços entre o próximo e o distante, colocando-nos lado a lado com as dispersões que nos cercam. Então, quais postulados estariam investidos nas imagens que ocupam lugares tão dispares e, ao mesmo tempo, tão singulares? Em que medida pode se estabelecer uma unidade do corpo e seus entrelaçamentos com a história nos dias de hoje? Como se define, portanto, uma imagem corporal a partir do estabelecimento da modernidade? Três grandes estudiosos voltam esforços para pensar essas questões nos anos 30: Paul Schilder, em seu livro *A imagem do corpo*, Marcel Mauss, que evidenciou modelos sociais de técnicas corporais, em seu texto *As técnicas corporais*, e Norbert Elias, que discutiu a racionalização como auto-controle, em *O processo civilizador*. Vejamos como seus postulados nos auxiliam a refletir sobre a intericonicidade do corpo nas imagens sobre as quais me debruço neste momento.

Para Schilder (2004), em seus estudos sobre as forças que regiam o psiquismo na construção da imagem do corpo, há observações muito finas sobre o que concerne às sensações e às impressões corporais. A imagem do corpo humano é a construção da imagem de nosso próprio corpo, que formamos em nosso espírito, ou seja, a maneira como nosso

corpo aparece a nós mesmos e que pode ser por nós experienciada à medida que nos posicionamos e nos identificamos com determinadas imagens. Sentimos o corpo, portanto, como uma unidade, pois o focalizamos ao mesmo tempo por meio de suas sensações, percepções, delineamento e consciência de um “esquema corporal”, que deve ser entendido por todas as mudanças de postura pelas quais passamos constantemente. Essa perpétua mudança faz com que estejamos sempre construindo um modelo postural de nós mesmos, acarretando um conhecimento imediato de novas posturas. Desse ponto de vista, Schilder (2004, p.35) destaca a importância do conhecimento da posição do corpo e seu modelo postural, que se forma a partir do esquema corporal de uma imagem tridimensional que cada um de nós tem de si mesmo: a “imagem do corpo”.

Essa teoria parece ser intrínseca às experimentações que fazemos com nossos corpos e está vulgarmente atrelada à imagem da professora em posição de yoga⁷⁵, cuja reprodução coloca em relevo o que se pretende definir como “consciência corporal”, ou seja, a partir de práticas posturais baseadas na disciplina corporal, atingir um estado de percepção e sentimento de “endireitamento” da alma, que vem com correções e vigilâncias de postura das próprias posições posturais. Parece-me que a equivalência entre retidão corporal/virtualidade da alma, entendida como sentimento de emoções, é o mote principal. Evidentemente, aí se explicita uma moralidade por meio dos movimentos e posições do corpo, no que tange à relação entre a anatomia e o modelo postural como conhecimento que temos de nosso corpo, força das emoções que o perpassam, tomado como amor por nós mesmos. Enfim, para Schilder (2004, p.37) um modelo postural do corpo que se baseia em atitudes afetivas do indivíduo e seu corpo.

⁷⁵ Da mesma maneira, a reportagem “Com você o Yoga” corrobora tais idéias no interior de sua reportagem: “Quer um exemplo de consciência corporal? Ao longo das páginas dessa reportagem você vê a professora de yoga Renata Fadul (que usa o cabelo com rabo de cavalo) e a praticante Ana Paula Brasaglia (de coque) em diversas posturas. São os chamados ásana, posições corporais cujo objetivo é desviar a atenção da mente para uma percepção sensorial mais ampla. De acordo com o que se acredita no sistema de yoga, durante os estados normais de consciência, os pensamentos manifestam-se em fluxos contínuos e têm efeitos concretos no corpo. A sensação do medo, por exemplo, pode se traduzir em tensão muscular. A ansiedade torna a respiração sôfrega. Sustos desestabilizam a pressão arterial” Cf. *Superinteressante*, junho 2001, pp. 54-5.

Essa percepção do corpo incluiria, para mim, também posições psicológicas como se pode observar nos temas gerenciados pela emoção (medo, ansiedade, sustos) com objetivo de tratar, na cultura indiana, “o homem como um todo, no qual se expressam simultaneamente a consciência, o intelecto, o ego, a mente, o sistema sensorial e corpo físico”⁷⁶. O modelo postural do corpo, dessa forma, liga-se ao modelo postural do corpo dos outros, pois essas relações estão estreitamente intrincadas com a experiência que temos da imagem de nosso próprio corpo. Dessa maneira, parafraseando Belting (2004, p.102), é sob a forma de imagens que os lugares ocupam nossa memória corporal, estabelecendo a troca entre experiência e lembrança, entre mundo e imagem. Nossa memória se constrói, portanto, a partir do entrelaçamento de lugares nos quais procuramos as imagens que formam a substância de nossas lembranças. Isso faz com que as culturas se renovem pelo esquecimento na mesma medida que pela lembrança que as transforma. Conseqüentemente, o autor nos remete à noção de imaginário, pela qual se opõe ao real uma entidade que não é somente conotada subjetivamente, consideradas as atividades dos sujeitos envolvidos, isto é, o imaginário é, de várias maneiras, o fundo comum visual e o reservatório de imagens de uma tradição cultural.

As posições de Schilder e Belting estão, indubitavelmente, fundamentadas na noção de técnicas do corpo proposta por Mauss (1968), uma vez que coloca em relevo as técnicas corporais no interior da história, exprimindo a universalidade que as determina. A dimensão antropológica de sua pesquisa faz com que consideremos a historicidade que proporciona as mudanças em nossa cultura, ao mesmo tempo em que explicita as técnicas do corpo que nos são transmitidas e adquiridas culturalmente, variando em cada momento histórico. Como podemos verificar na intericonicidade das imagens de 1-4, estamos diante de variabilidades culturais, marcadas por uma complexidade de gestos simples construídos culturalmente, baseados sobre uma mesma técnica. É bastante perceptível que a forma de se posicionar as

⁷⁶ Cf. *Superinteressante*, junho 2001, pp. 54

pernas nas quatro imagens apresentam a mesma configuração. Temos nessa intericonicidade o discurso de uma domesticação de si que nos reenvia a um dos grandes reservatórios de técnicas do corpo, como já vimos anteriormente, o exército. Observamos, então, que os gestos do andar e a postura dos personagens, nas reproduções, fazem referência clara à imagem do soldado, obedecendo a essa ordem semiológica do corpo que fala. O corpo é tomado em suas vertentes mecânicas, cuja origem, nesse caso, é a técnica, contrastando os dispositivos da máquina com os dispositivos orgânicos. Entretanto, essa fundamentação na tecnicidade nos levará à transposição do saber que enquanto procura estabelecer as domesticações às quais o corpo se sujeita historicamente, destaca, também, paradoxalmente, as singularidades das quais o corpo se nutre para resistir à permanência dos traços corporais técnicos.

Tais elementos proporcionam aos sujeitos a possibilidade de se dar a ver, por meio de seus dispositivos orgânicos, a individualidade de suas atitudes e comportamentos. Por isso, as memórias militares expressas intericonicamente a partir da reprodução da imagem do soldado formam uma rede discursiva às vezes antagônicas, na qual a marcha militar empresta seus gestos ao exercício de yoga, à posição final da realização em um exercício de caráter olímpico ou à forma de desfilarm em um *fashion show*. Assim, o discurso técnico se modifica, inventa práticas, decompõe a pragmática dos gestos mecânicos: mesmo mantendo a anatomia de um movimento como o andar, os diferentes lugares que esses andares ocupam não fazem dele um ato cristalizado, mas a revitalização de um movimento singular, dada a posição de quem o executa e para quem se executa em uma dada circunstância do tempo.

Fica claro, então, que a aquisição de técnicas corporais funda-se na imitação dos atos dos adultos, como nos ensinou Mauss, que buscava a identificação do homem total, abarcando a compreensão de seus aspectos sociais, psicológicos e biológicos. Vimos também que a subjetivação das técnicas corporais ilumina corpos recriados e atualizados às idéias e comportamentos de sua época. Quero destacar, portanto, essas duas linhas, entre coerções e

liberdades, que se voltam à intericonicidade produzida pela reprodução da foto de Daniele Hypólito. O corpo da esportista é normalmente considerado em relação aos exercícios e às manobras, cujas repetições remontam à cultura dos gestos na história dos esportes olímpicos. Essas artes atléticas às quais fazem referência incorporam movimentos numerotizados na constituição de um corpo produtivo, momento em que se leva em consideração o corpo na comparação entre o trabalho que ele pode desenvolver, assimilando seus órgãos a um motor no interior de uma mecânica de movimentos. Contudo, podemos facilmente visualizar que a ginasta não sugere somente resultados, ela inventa gestos, recompondo exercícios e seus encadeamentos. Para Vigarello (2005, p.326), a ginasta “cria em particular hierarquias novas de movimentos: do mais simples ao mais complexo, do mais mecânico ao mais construído, reinventando de parte em parte progressões e séries. Ela multiplica os gestos quase abstratos reduzidos a sua mais simples expressão dinâmica [...]”

Inventa-se, assim, uma nova mecânica corporal, da mesma maneira que se inventa uma pedagogia do movimento, não a mesma pedagogia disciplinar do discurso militar, mas uma com tradições renovadas, dando primordial atenção aos meios, instrumentos e materiais que se transformaram no espaço próximo. Essas transformações se constituem de modalidades de mudanças que dizem respeito a conquistas fisiológicas, a funções do corpo que experimentamos hoje, à fascinação do espectador diante desse corpo domesticado à maneira da própria ginasta, dando-nos a liberdade de pensar e fazer de nosso corpo sujeitado a nossa própria história cultural, um corpo pessoal e individualizado.

A ginástica pertence, portanto, de um lado, a um modo técnico corporal totalizante, nada singular mediante outras práticas de esporte, cujo objetivo principal seria formar um indivíduo completo, como pensou Mauss, colocando a ginástica, sob essa via, numa cultura regular do corpo, ligado a extensões higiênicas e educativas, materializando uma ordem determinada do que deve ser praticado e ensinado; de outro lado, discurso no qual me insiro, à

ginástica é constitutiva de um caráter de reinvenção dos movimentos, simplesmente deslocando-se do campo da mecanicidade para o campo artístico. Como arte, a ginástica libera o corpo dos meros dispositivos mecânicos e lhe admite uma arte da existência no sentido foucaultiano, ou seja, a busca de si por meio do governo de seu próprio corpo.

Nesse redemoinho de gestos culturais que se repetem, mas que a cada momento se tornam gestos inaugurais, os comportamentos transformam suas relações interindividuais e sociais, ocasionando desconstruções culturais. Essas diferenças efetivas da linguagem corporal não dizem respeito somente a seus gestos, elas também estão presentes na vestimenta e expressividade de nossas personagens. As vestimentas nas imagens de 1-4 são, sobretudo, práticas de *mise en scène* físicas que, à primeira vista, visam a produzir um perfil alongado, marcando de maneiras diferentes a silhueta do corpo. Como podemos notar, o uniforme do soldado, que serve como invólucro disciplinar de conduta moral e política do corpo militar, em intericonicidade com as demais imagens, também deixa entrever os tecidos usados para o alongamento dos corpos. Assim, a roupa de *fitness* da professora de yoga, o maiô da ginasta e o paletó-vestido da modelo trazem em si a memória militar de postura disciplinar e mecânica do corpo - tão bem apreendida pelo cartunista que reproduziu a foto do soldado, caricaturizando-a sob o efeito da memória de um soldadinho de chumbo -, porém elas exalam flexibilidade, exibem modulações corporais em contraposição à retidão, inauguram, portanto, movimentos remodelados, que servem à produção de movimentos corporais em situações de discurso transversos, contraditórios e até mesmo complementares, deslocando a silhueta militar para outros lugares discursivos, constituindo identidades outras.

A singularidade do marchar no desenho de Gisele Bündchen se constitui da imagem corporal construída pela roupa que ela veste, efeito de um colete modelar, que acentua os ombros, faz sobressair o peito, evidencia a cintura, imprimindo um signo de força e altivez, marcado por uma prescrição dietética que pressupõe toda essa teatralização da magreza

corporal da moda. Acrescentam-se a precisão da maquiagem e de suas cores, a celebração do corpo bronzeado, a liberdade dos cabelos soltos - por isso loiros, pensados sem proteção nem chapéu, relevando uma verdadeira mudança que se iniciou, segundo Vigarello (2004b, p.209), ainda nos anos 30. Esse espetáculo do corpo investe, primeiramente, no culto de si, deixando o indivíduo viver as manifestações e as exigências de sua afirmação pessoal, mostradas nas qualidades que se expressam e são atribuídas por meio da aparência e do corpo que se exhibe. Ao mesmo tempo cria um modelo inacessível de beleza da *star* cujas referências estão fora da norma, cuja perfeição a irrealiza, como nos diz Vigarello (*op. cit.* p. 213), fazendo triunfar a estética e a vontade, criando um mundo de afrontamento entre competição e igualdade, que deflagra o nosso modelo acessível e prescreve linhas para nossa auto-confiança.

As imagens que nascem nas passarelas, na verdade, são reflexos e desejos de nossos próprios modos de vida, por isso iconicamente elas atravessam o nosso cotidiano e incorporam nossos hábitos e atitudes. Em nossa sociedade, como nos mostrou Norbert Elias (1994) ao discorrer sobre o processo civilizador, participamos de várias atividades que têm como objetivo o enfrentamento e a compensação de nossas emoções. Efetivamente, Elias discorria sobre as questões de auto-controle de nossas pulsões, que se torna o verdadeiro cerne da sociedade, visto que se identifica com um processo de que lhe dita regras de comportamento à mesa, assegurando a contenção das funções naturais, como arrotar por exemplo, ou seja, firma-se a constituição de um processo que responde às necessidades sociais de um indivíduo diante de sua sociedade. Essa identificação que nos impele à aceitação para viver em nossa sociedade civilizadora parece intensificar os laços que se espalham das imagens evocadas pelas próprias imagens em intericonicidade.

Essa busca incessante parece-me marcar todo o século XX, como nos assegura Martuccelli (1999, p.233) ao dizer que as mudanças sobrevêm nas dinâmicas sociais, que acabam acarretando conseqüências sobre as dinâmicas psíquicas, restando-nos nada mais que

a obrigação de auto-controlar. Implicitamente, mesmo certos hábitos passam a ser rejeitados, como atividades que causam incômodo, angústia ou o resultado de pudores que influenciam nosso comportamento, mesmo quando estamos sozinhos. Passamos, então, a viver em uma sociedade de controle, em que somos constantemente vigiados e seguramente punidos, nos diversos estratos sociais, políticos, psíquicos, quando resistimos ao estabelecimento da ordem de um determinado discurso. Os trabalhos de Foucault (1975), em especial aqui em *Vigiar e Punir*, discutem esses efeitos de poder e a maneira como as regras de um determinado saber se modificam ao longo do tempo. Refiro-me à produção dos discursos de verdade que regulamentam e funcionam como voz de autoridade na constituição dos sujeitos de cada época. Assim, entramos nas discussões que tomavam o sujeito em suas relações disciplinares e de controle, para num vôo livre acessarmos a subjetividade que nos dá a oportunidade de exercermos nossos poderes e liberdades.

7. Corpo fechado?

Problematizar a ‘atualidade’ é, portanto, acentuar o prolongamento da história no presente por meio de um acontecimento que diz respeito ao sentido e à singularidade, colocando a questão do pertencimento de um “nós”, que corresponderá a essa atualidade, formulando o problema da comunidade da qual fazemos parte. Nesse sentido, atualidade e imagem andam de mãos dadas, imagem capturada pelos olhos oblíquos de Rosário Gregolin (2000, p. 22), para quem “O poder da imagem é o de possibilitar o retorno de temas e figuras do passado, coloca-los insistentemente na atualidade, provocar sua emergência na memória do presente”. Gregolin, dessa maneira, enuncia a importância de observarmos os deslocamentos de sentidos subjacentes ao discurso da História na mídia, acolhendo o estatuto icônico e heterogêneo da noção de intericonicidade que ainda estava por vir na voz de Courtine, que “trouxe Foucault para a análise do discurso” (GREGOLIN, 2004a) e nos democratizou corpos

profundos por meio de uma intensa personalização da escrita do corpo na escrita da história. A pluralidade da presença de múltiplos espaços e lugares múltiplos para a escrita de si apresenta um sujeito que se reconstrói e constitui identidades outras a partir da introdução da diferença do seu hoje em relação ao passado. Acredito, assim, que, ao olhar o sujeito na sua dispersão em seus diversos *status*, lugares e posições que ocupa, engendrando um discurso, coloca-se em evidência indivíduos singularizados em suas eternas buscas heterotópicas. Para Foucault, uma nova erótica. Para Cecília Meireles, “porque a vida, a vida, a vida, a vida só é possível reinventada”.

AS CORES DA CARNE
visibilidades, intervenções, singularidades



AS CORES DA CARNE

visibilidades, intervenções, singularidades

1. Meu corpo me pertence ?

No início dos anos 60, as questões de linguagem e estrutura que envolvem os problemas do corpo e do poder começam a mudar seu caráter teórico, cujo despertar, no mês de maio de 68, desafia as estruturas tradicionais do autoritarismo - que quer encarcerar os corpos -, soltando as amarras para a expressão das individualidades sob o *slogan changer la vie*, desejos e lutas pelos direitos das minorias. Com a mudança, vem o grito “*Our bodies belong to us!*” tanto das mulheres protestando contra as leis anti-aborto na França, quanto dos ativistas dos Gay Rights. Courtine⁷⁷ assim explica:

Isso indica o que era naquele tempo o lado político do problema do corpo como tópico acadêmico: discurso e estruturas tinham estabelecido aliança com o poder, enquanto o corpo estava lado a lado com as categorias oprimidas e marginalizadas da sociedade. A linguagem era um instrumento de dominação sobre os corpos sem discurso: mulheres, loucos, crianças, colonizados, minorias de raça, classe, gênero não tinham nada exceto seus corpos para opor ao discurso do poder (COURTINE, 2003).

Diante dessas lutas pela busca de direito e afirmação de individualidades, a pesquisa deslanchou a história individual, racial, sexual, do corpo como gênero, tomando os gestos, modos, sensibilidades e intimidades como objetos históricos, marcando os anos 80. Os trabalhos de Foucault (1975, 1993) influenciaram consideravelmente a conceitualização do corpo contemporâneo, entendido como a forma de os indivíduos se colocarem diante do

⁷⁷ Em “The body” texto assimilado à *Columbia University Press Encyclopedia of XXth C. French Thought*, New York, Columbia UP, 2003, Jean-Jacques Courtine discutirá as posições históricas em torno do corpo e os autores que provocaram as mudanças nesse campo passando por Descartes, Darwin, Merleau Ponty, Freud, Husserl, Marcel Mauss, Nietzsche, Deleuze e Guatarri, Foucault, Norbert Elias, Bourdieu, afim de evidenciar as formas de uma genealogia do indivíduo moderno como sujeito.

exercício do poder sobre seus corpos, no uso de seus prazeres e no controle de suas paixões⁷⁸.

As visões que temos, entretanto, de nosso corpo, hoje, estão submersas também nas imagens e memórias que a medicina nos propõe como corpo. Uma cartografia invisível que tende a tornar-se cada vez mais invisível quanto maior é o poder que se atribui à medicina em relação ao corpo. Vemos, assim, nosso corpo por meio do distanciamento vivido como paciente, em suas biotecnologias internas para o corpo – ecografias, scanners, imagens por ressonância magnética -, uma forma de desposseção corporal, visto de todos os lados, camadas e interiores: um controle dos órgãos mais íntimos até a constituição de nossos genes. Uma visão do corpo humano, certamente cartesiana⁷⁹, que orienta o pesquisador na ciência médica e sua prática (DE OLIVEIRA & NIKODIMOV, 2004, p.85). Antes conhecer o discurso que produz tal prática, discutindo-o. Buscar compreender, portanto, neste capítulo, a produção desse tipo de saber é minha ambição embriagada: esboçar de que maneira pode-se intervir sobre os olhares que uma comunidade política se lança sobre o corpo, manipulando-o e utilizando-o.

Que essa visão do corpo proponha uma legitimidade e faça valer uma reivindicação sobre o corpo, seja o seu próprio ou o dos outros. Certamente, estamos vivendo a partir de

⁷⁸ Jean-Jacques Courtine comentará, assim, o trabalho de Foucault: “These themes were given their just due and most fruitful expression in Michel Foucault’s work. In *Discipline and Punish*, the book that ennobled the body as an academic topic, Foucault showed how, through the generalization of imprisonment and the invention of disciplines, the body had become the main target of a political technology, a ‘micro-physics of power’. “But the body is also directly involved in a political field; power relations have an immediate hold upon it; they invest it, mark it, train it, torture it, force it to carry out tasks, to perform ceremonies, to emit signs” (*Discipline and Punish*, New York, Vintage Books, 1979 [1975], p. 25).” In “The body”.

⁷⁹ Gostaria de pontuar aqui o fato da incriminação do dualismo alma e corpo e a redução cartesina do corpo a uma máquina. Tal fato explicaria « les dérives de la médecine, l’instrumentalisation du corps humain, la tendance à ne voir en lui qu’un réservoir de pièces détachables ? perguntam De Oliveira e Nikodimov, os autores de *A qui appartient le corps humain ?*, prosseguindo, dessa maneira : « Imputer au cartésianisme la responsabilité de la réduction du corps humain à une machine, c’est oublier le souci qu’a Descartes de tenir compte de la spécificité du corps humain. Si dans le *Traité de l’homme*, Descartes suppose que ‘le corps n’est autre chose qu’une statue ou une machine de terre que Dieu forme tout exprès’, il prend soin de préciser dans une Lettre à Mesland datée du 9 février 1645 que « contrairement à une statue, le corps humain ne se réduit ni à une « partie déterminée de matière » car ses composantes se renouvellent, ni à une ‘grandeur déterminée’, car sa taille et son poids varient selon l’âge et les circonstances ». Autrement dit, Descartes prend acte de la spécificité du corps humain et de l’impossibilité de le réduire à l’étendue matérielle. » p. 85.

posições como sujeitos medicalmente orientados, fisicamente afinados, esvaziados de gordura, enchidos de músculos, de uma vida tida como saudável e dedicada à força do controle bio-social e do poder do bisturi: verdades culturais. Resistências, de todos os lados. Mas, agora, que formas adotariamos para “resistir”? Procuro somente pontuar exemplos em momentos dados e viver os tempos seguindo pessoalmente *o rio das coisas*.

I am What I am. Afirmação que nos faz examinar, atualmente, os sentido e implicações nas decisões relativas ao corpo, à vida, à saúde, à morte, e também a difusão das informações sobre o corpo. Portanto, quando discursivamente lemos por todos os lados os enunciados que dizem “esse é o meu corpo”, ouvimos estabelecer-se entre nós e o outro ao mesmo tempo uma livre disposição e defesa do corpo. “‘E o meu corpo’, isto é, ‘não me toque’, ‘não me violente’. Nesse caso, parece haver, na boca do leitor, uma função humanitária, isto é, de proteção, segundo os sentidos que esse termo adquiriu no meio do século XX⁸⁰” (op. cit. 2004, p.14). Isso nos levará ao questionamento do pertencimento do corpo humano e suas interrogações no campo da ética e do jurídico, suscitado pelas biotecnologias. Nesse domínio, o corpo considerado é aquele da espécie, o corpo vivo, sobre os quais se fundam os processos biológicos. A intervenção do poder sobre o corpo se apresenta sob forma de higienização urbana e instauração estatística que dão uma imagem da população. Foucault nos falará desse controle por meio da vigilância dos corpos nas escolas, nas casernas e prisões, momento em que criará no final dos anos 70 a expressão “biopoder” para designar essa relação entre o poder e a vida, no seu limite da modernidade biológica.

Fica evidente, nesse contexto, que o indivíduo não é verdadeiramente “dono do seu nariz”. O Estado intervém nas questões corporais por intermédio do papel que atribuiu ao médico e que é tomado por nós como “salvador da pátria”, nas questões de vida e de morte, um soberano que permitimos, parece-me, determinar nossas condutas para viver. Ao médico

⁸⁰ Tradução minha.

cabará a responsabilidade para julgar as matérias de saúde. *O Estado inventou um novo modo de governo das condutas pela palavra (op. cit. 2004, p.29)*. Mas, vale a pena lembrar que tais relações colocam em jogo uma pluralidade de normas e de pontos de vista enunciados por instâncias diversas: indivíduo, casal, família, médico, pesquisador, instituição de saúde e de pesquisa, o Estado, a quem cabe legislar e promulgar os jogos e os lugares dessa bioética e os lugares onde se elaboram e se discutem essas leis.

Um *work in progress* sobre a vida cotidiana: de um lado, o Estado, de outro, o indivíduo. Certamente, não há uma resposta, nesse momento, à pergunta “a quem pertence o corpo humano?”, o que poderia se dar, efetivamente, sob uma possibilidade bastante fraca. Nos dias de hoje, de qualquer forma, somente o direito parece nos dizer legitimamente o que é o corpo. Entretanto, o corpo se constitui em termos de subversão das significções que lhe são próprias e que produzem normas que movimentam as relações de poder. A mim, inquieta-me, ao lado das interrogações que marcam o corpo que queremos como nosso e que chamamos de corpo humano, antes de mais nada, as relações e idiossincrasias que determinam os padrões, normas e regulamentos do que é considerado humano. Que humanidade seria essa nossa? Pensamentos ao vento...

A noção que temos de nosso corpo e de seu pertencimento parece determinar-se por suas marcas, suas rugas, cicatrizes, impressões digitais, cor dos olhos, que revelam uma história singular e, também, própria de nossa identidade. Posto isto para nós mesmos, consideramo-nos singulares de outros corpos, únicos, porém, paradoxalmente, trancando em nós mesmos, não sendo livres para mudar o que acreditamos que é o que mais nos pertence? Por outro lado, o progresso da medicina nos oferece possibilidades múltiplas de transformações do corpo, da substituição de órgãos internos à mudança de sexo, da criação de partes artificiais do corpo ao caminho para a clonagem. Contraditoriamente, esses avanços tecnológicos pela busca de um corpo único, nos remetem ao terror de Frankenstein, fato

mesmo que não impede que se busque uma reconstrução permanente de nosso invólucro corporal. Para onde foi, então, nosso sentimento de identidade e nossa convicção de ser um indivíduo único e insubstituível⁸¹?

2. O corpo dilacerado

Familiarizados, hoje em dia, portanto, com as práticas médicas e suas imagens, não nos é incomum o fato que se liga o ato de ver o interior do corpo e de reconhecer o seu funcionamento interno. A prática do anatomista dessa época é percebida, portanto, seja dentro de seu consultório, ao mostrar a seu paciente uma radiografia do pulmão, seja por meio das aulas de anatomia em teatros abertos, como uma intrusão na intimidade e violação da integridade do corpo humano. Desde a antigüidade, Hipócrates destaca que ver o corpo é se dar os meios de conhecê-lo. E, historicamente, o corpo tem dessa maneira se apresentado. A abertura do corpo se tornará um verdadeiro espetáculo público na Renascença. O médico, nesse contexto, estará próximo das imagens suscitada por um barbeiro, cirurgião e até mesmo de um carrasco, profissões que transgridem o tabu do que concerne a integridade e violação da intimidade do corpo humano.

Os precursores dessas práticas e discussões foram, primeiramente Herófilo, médico que vivia em Alexandria por volta dos anos 300 a.C., conhecido por praticar a dissecação em corpos de criminosos⁸². No entanto, Vésale é quem, em 1537, será reconhecido como

⁸¹ Questiono-me, porém, sem resposta, diante da posição dos autores, que afirmam que: “Certes nous ne percevons pas nécessairement nos reins ou nos poumons comme des éléments constitutifs de notre personnalité et de notre identité, mais il n’en est pas nécessairement de même pour les yeux, la main, la peau, le coeur, les organes génitaux, ni a fortiori pour l’ensemble de notre corps. Autrement dit, même si la médecine nous donne un jour la possibilité effective de changer de corps, de troquer par exemple un corps vieux contre un corps neuf, il est possible que nous refusions cette opportunité au nom de la vision que nous avons de notre propre corps, garante de notre sentiment d’identité et de notre conviction d’être un individu singulier, irremplaçable.» in Claire Crignon-De Oliveira & Maire Gaille-Nikodimov. *A qui appartient le corps humain ?* Médecine, politique et droit. Les Belles Lettres, Paris, 2004, p. 54

⁸² « Le médecin Celse rapporte que les fondateurs de l’anatomie, Hérophile (fin IV^e siècle-début III^e siècle avant notre ère) et Erasistrate (III^e siècle avant notre ère) pratiquaient la vivisection sur les corps de criminels. Les pratiques de la vivisection et de la dissection se sont pendant longtemps confondues avec le châtimeut réservé à ceux qui prennent le risque d’enfreindre la loi, comme en témoigne une gravure de William Hogarth significativement intitulée *La Récompense de la cruauté*. Le corps du criminel est livré au scalpel des médecins

fundador de uma visão do corpo humano próprio a um método ocidental: tinha 23 anos, ousou dissecar corpos humanos no lugar de animais, censurando essa prática, porém, dando o corpo a ver num espetáculo sem pudor e, brutalmente, obrigando seus contemporâneos a se interrogar a respeito da visão de seus próprios corpos.

Com a dissecação anatômica, criou-se uma visão parcelada do corpo humano, impondo o que se chamará de uma idéia de “corpo integrado”, por caracterizar-se pelo funcionamento e regulação graças à combinação de uma multiplicidade de fatores. Nesses abusos da imagem de um corpo médico desvela-se a apropriação do corpo por muitos meios possíveis, cuja tendência fomenta o debate de outras posições minoritárias, porém não menos defendidas por certos membros das profissões médicas.

De súbito, podemos citar a impossibilidade de um animal em firmar o pertencimento ao seu corpo, que é apropriado para experimentações médicas com a finalidade de desenvolver pesquisas médicas. Nos questionamentos de *A qui appartient le corps humain?* desenvolvem-se problemáticas como a dos animais em laboratório:

O fato de que o camundongo, o rato e o macaco não estejam em medida de tomar a palavra para reivindicar o direito de dispor livremente de seus corpos e se encontrarem na incapacidade de se revoltar contra as experimentações praticadas sobre seus corpos no interior dos laboratórios de pesquisa médica pode nos confortar em nossa tendência a considerar que é legítima a nossa apropriação de seus corpos com fins de pesquisas médicas. É, portanto, somente na boca do animal dotado de razão que se coloca essa expressão. É, no entanto, absurdo excluir os animais do debate relativo à propriedade do corpo? (DE OLIVEIRA & NIKODIMOV, 2004, P.16)

Os autores asseguram alguns indicadores de resposta. Primeiro, tal atitude consiste em excluir os animais dessa reivindicação, baseando-se no critério da razão e da “personalidade

et ses organes jetés en pâture aux animaux alors même qu’il semble encore en vie » Cf. Nota de pé de página in Claire Crignon-De Oliveira & Maire Gaille-Nikodimov. *A qui appartient le corps humain ?* Médecine, politique et droit. Les Belles Lettres, Paris, 2004, p. 201

moral”. Pelo fato de aos animais não poder se atribuir uma “personalidade moral”, a apropriação de seus corpos por parte da pesquisa médica ou de outros usos seria, conseqüentemente, legítima. Segundo, erigir um direito dos animais para recusar a apropriação de seus corpos com fins de consumo ou experimentações médicas. Terceira, a evidência de um preconceito a considerar os animais como coisas ou uma raça inferior, justificando sua apropriação. Não podendo tomar a palavra em causa própria, assegura-se a violação de sua integridade corporal e presença de sofrimento, excluindo-os da esfera dos seres por não serem considerados seres humanos? Como vemos, esse corpo vulnerável às intervenções médicas inclui uma reflexão que coloca em jogo a definição de humano e formação dos critérios a partir dos quais pode-se decidir sobre o *status* da categoria de seres vivos quanto à reivindicação de um direito à disposição ou proteção de seus corpos. Portanto, a concepção que temos de nosso corpo, a partir de corpos outros, pode constituir o ponto de partida de uma luta individual pelo respeito à integridade física e de proteção de nossos corpos. *A qui appartient le corps humain?* sussura:

A visão individual do corpo tende a fazer da autonomia um princípio fundador: o indivíduo é mestre de sua vida e de suas decisões e devemos lhe reconhecer o direito de dispor livremente do que lhe pertence de verdade, do que coloca em relevância a esfera privada de sua existência. Assim, recusou-se toda nossa vontade em decidir sobre o que pode ser feito de nosso corpo, pois ela emana de uma instância médica, política ou religiosa. (DE OLIVEIRA & NIKODIMOV, 2004, p.61)

Trago, então, mais um fio dessa malha discursiva que anunciara no início de meu estudo. Girando como átomos num filme de ficção científica em branco e preto, a reportagem que destaco a seguir divide homens e animais em imagens de sacrifício e subjugação, como a carnificina de animais em laboratórios, apontando para uma ação científica que coordena os agentes da política do corpo no papel desempenhado pela medicina. Antes de entrarmos no texto da reportagem propriamente dito, quero discutir a chamada que o anuncia, na página

Reportagens, que traz em destaque os principais temas abordados pela *Superinteressante* no mês de julho de 2001. Atentemos à chamada:



A alternativa proposta pelo redator no título da chamada, “Pesquisa ou tortura?”, desloca-se para a escolha de um questionamento sobre a posição do cientista em relação ao tratamento dado aos animais em laboratório com a provocativa pergunta: *Será verdade?* Atuando como especulador das autoridades médicas institucionais, autua o leitor e o engaja no pensamento da discussão. Cria, assim, a incitação a um jogo que, segundo Foucault (1996), vale a pena na medida que não se sabe como vai terminar, pois buscamos compreender quais são as *ligações perigosas* que temos com a verdade por meio do conhecimento científico (visto que a verdade da escritura como da relação amorosa também são verdades da vida). Esses ‘jogos de verdade’ merecem uma aposta de nossa parte, uma vez que somos, neles, ao mesmo tempo sujeito e objeto. “Será verdade?” parece não somente nos perguntar sobre uma possível arbitrariedade das instituições, mas também mostrar um espaço de liberdade a respeito da realização e necessidade dessa prática. Dessa maneira, o ponto mais importante é o da análise das mudanças, não no tocante as suas causas materiais, mas aos fatores que interagem nesse jogo, pontuando as reações dos sujeitos dos leitores. Ler dessa maneira seria acreditar na liberdade que o sujeito experimenta.

Um sujeito livre para enunciar seus sonhos. Mas, quero frisar o fato que torna uma frase, uma proposição ou um ato de linguagem em um enunciado. Segundo Gregolin (2004, p. 26) “é justamente a *função enunciativa*: o fato de ele ser produzido por um sujeito, em um lugar institucional, determinado por regra-sócio-históricas que definem e que possibilitam que ele seja enunciado”. Isso faz com que o enunciado em questão, por exemplo, *Pesquisa ou tortura?*, faça eclodir um conjunto de signos em função enunciativa, permitindo ferver os êxtases dessa relação tão singular. Por isso,

há uma relação muito especial entre o enunciado e o que ele enuncia, que faz com que se precise saber a que se refere o enunciado e qual é seu espaço de correlações, indo além da lógica semântica ou gramatical, sustentando uma relação que envolve os sujeitos, que passa pela história e que revolve a própria materialidade do enunciado (GREGOLIN, 2004, pp.26-7)

Assim, *pesquisa e tortura* podem trocar alianças nesse momento dado de nossa história. A verdade que pode advir por meio da pesquisa como forma de saber construído e datável historicamente vincula-se ao suplício da dramaticidade clínica, tornando-a um aparelho de curar, que uma vez tendo determinado o seu objeto de anomalia, submete-os ao jogo imposto pelo conhecimento da realidade, visando a confissões das verdades que tocam o sofrimento e a submissão. Portanto, a imagem do macaco preso pelo estrangulador nos dá a ver o estatuto de um cuidado a todo fôlego e à carne viva, isto é, o poder de um homem sobre outro. Nesse sentido, esse tipo de tortura não será reconhecido como remédio, mas «como um inconveniente necessário ; ela sera recebida como injustiça, arbitrariedade, frustração das necessidades fundamentais; é preciso que ela seja percebida como a fronteira do poder, sem outra justificativa” (FOUCAULT, 2001j). Para Foucault, portanto, essas relações se passam como um ritual dos suplícios e dos procedimentos da verdade.

Dessa maneira, a clínica se torna uma fábrica de doentes, que é aceita pelos sujeitos, pois acreditam-na necessária para cumprir o papel de curandeiro de todos seus males. Desejo que fique claro que o gesto que provoca a dor, o sofrimento e o suplício é um ato de

submissão e exercício de poder no que concerne a solução da vida por meio da “cura”, porém, esse gesto só é possível na medida em que, do outro lado da corda, exista uma população que acredite precisar ser curada, duas relações de força, que se alternam em submissão e liberdade. Ambas inserem-se na moral de sua época, cada qual se apropria dela de maneira diferente. Portanto, do lado da clínica, esta produzirá doentes ao interesse do poder, como o fez a prisão em relação aos criminosos, e os manicômios com seus alienados e loucos.

Foucault nos alerta para o fato contraditório de o sistema capitalista pretender lutar contra os praticantes que alimentam suas instituições, mas que ao mesmo tempo se torna um sujeito útil para o sistema, submetido a uma pressão econômica e política, seja ele um presidiário, um louco ou um doente. Esse tipo de disciplina, portanto, constituirá os sistemas de vigilância contínua e hierarquizada, colocando a disciplina ao lado das maiores e mais importantes descobertas da tecnologia política.

Será verdade? A história nos falará da investigação dessas pistas e de seus suspeitos... uma verdade que se dá a ver no deslocamento das brechas ou fissuras da realidade, por meio da qual podemos ainda perceber uma outra realidade, “*otro orden de cosas, una serie de meyes que no son menos rigurosas de las que rigen en lo que llamamos el mundo real*”⁸³ e suas verdades. O conto *Bestiário*, de Julio Cortazar, em livro homônimo, nos fala da verdade dos nossos tempos, talvez mesmo uma realidade surpreendentemente fantástica, considerando mesmo as nossas tangíveis relações com a realidade. Em seu conto, Isabel, que é enviada por sua família para passar as férias com os Funes, vive a experiência da observação e da fantástica naturalidade de um tigre sempre à espreita, controlando seus movimentos na casa. Porém, tanto a naturalização da presença do tigre na casa quanto a tragédia do conto somente se produzem com as modulações de Isabel, que viola as regras da casa, seus pactos tácitos, transgredindo-os. O mais surpreendente é ver como se dá, por meio dos fios que tecem a

⁸³ Entrevista por Omar Prego Gadea com Julio Cortazar Los cuentos: un juego mágico, disponível em http://www.geocities.com/juliocortazar_arg/prego.htm#xx, acesso em 06/03/06

história da constituição do sujeito, em passos felinos intimistas, uma verdade que não se coloca como definitiva. Para Foucault (2002, p.10) essa verdade do sujeito se constitui no interior mesmo da história, e que é a cada instante fundada e refundada por ela.

Nesse cruzamento entre história e verdade, podemos ver que o que é tomado como verdade, se forma a partir de uma multitude de lugares, formando-a por meio de um certo número de regras definidas, “regras de jogo a partir das quais vemos nascer certas formas de subjetividade, certos domínios de objeto, certos tipos de saber” (op. cit. 2002, p.11) – e, conseqüentemente, fazendo uma história externa, exterior da verdade. Isso fará com que nossos olhos procurem relações a longas distâncias, lugar onde o discurso se apresentara como uma desordem, paradoxalmente precedendo e constringendo regras fixas para os fatos do discurso. Foucault explicita sua vontade de ficção:

Parece-me que há a possibilidade de fazer trabalhar a ficção com a verdade, de induzir efeitos de verdade com um discurso de ficção, e fazê-lo de maneira com que o discurso da verdade suscite, fabrique algo que não existe ainda, então ‘ficciona’’. ‘Ficciona-se’ a história a partir de uma realidade política que a torna verdade, ‘ficciona-se’ uma política que não existe ainda a partir de uma verdade histórica. (FOUCAULT, 2001k, p.236)

Supreendentemente, como nos diz Foucault a respeito de Nietzsche, o conhecimento é inventado, pois é simplesmente o resultado de um jogo de afrontamentos, de embates e lutas de compromisso entre os instintos, produzindo *este algo* que é o conhecimento. Portanto, o conhecimento que produz as verdades é uma invenção e não tem origem e, segundo Nietzsche, não está ligado à natureza humana⁸⁴. Analogamente à verdade que parece se produzir no fantástico ainda reflete, segundo as palavras de Cortázar, “suficientemente la inversión de valores, la polarización de valores, que tiene para mí lo fantástico y, quisiera decirles además,

⁸⁴ Em sua genealogia da moral, “Nietzsche se refere a essa espécie de grande fábrica, de grande usina, em que se produz o ideal. O ideal não tem origem. Ele também foi inventado, fabricado por uma série de mecanismos, de pequenos mecanismos”. In Cf. FOUCAULT, Michel. *A verdade e as formas jurídicas*. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2002, p. 15

que esta noción de lo fantástico no se da solamente en la literatura, sino que se proyecta de una manera perfectamente natural en mi vida propia.⁸⁵”

E Nietzsche afirma que não há conhecimento em si, pois o conhecimento é sempre uma relação estratégica na qual o homem se encontra situado. Assim, só há conhecimento sob a forma de um certo número de atos ao mesmo tempo diferentes e múltiplos entre si em sua essência, que quando em poder dos seres humanos violentam um certo número de coisas, reagindo a situações e impondo-lhes força. Um sentimento que, a meu ver, vem junto com as experiências e a sensibilidade que se depreendem do fantástico, no que ele tem de mais cotidiano à vida, ao andar de ônibus, tomar banho, ler, assistir tv, pensar no seu amado que não chegou. Enfim, à pele, olhos e ouvidos de Cortázar⁸⁶:

Eso no es ninguna cosa excepcional, para gente dotada de sensibilidad para lo fantástico, ese sentimiento, ese extrañamiento, está ahí, a cada paso, vuelvo a decirlo, en cualquier momento y consiste sobre todo en el hecho de que las pautas de la lógica, de la causalidad del tiempo, del espacio, todo lo que nuestra inteligencia acepta desde Aristóteles como inamovible, seguro y tranquilizado se ve bruscamente sacudido, como comovido, por una especie de viento interior, que los desplaza y que los hace cambiar.

Tais apontamentos assinalam que “cada sociedade tem seu regime de verdade” (FOUCAULT, 1985b, p.12), suas políticas de verdade, quero dizer, discurso que ela incorpora e que coloca para funcionar como verdadeiros, em seus mecanismos e instâncias que permitem a distinção de enunciados verdadeiros dos falsos, sancionando uns, aprovando outros, por meio do *status* daqueles que tem a voz de autoridade para fazer este regime funcionar como verdadeiro. Desejo, dessa maneira, estabelecer aqui, trazendo a voz de Cortázar, um laço estreito entre instinto e conhecimento, não como uma continuidade, mas como uma relação de luta, de dominação e subserviência, quando o conhecimento passa a ser

⁸⁵ Cf. El sentimiento de lo Fantástico, Conferencia dada por Julio Cortázar en la U.C.A.B) <http://www.juliocortazar.com.ar/cuentos/confel.htm> acceso em 06/03/05.

⁸⁶ *El sentimiento de lo Fantástico*, Conferência dada por Julio Cortázar en la U.C.A.B, op. cit.

uma violência, de dominação de poder, de força e de violação. Essas posições constituem nossas verdades de hoje, como o sentimento de estranhamento causado pela intrusão de Isabel no cotidiano dos Funes, ou a intervenção dos clínicos em nossos corpos fantasiados de animais, bichos-homens sob à égide de homens-bichos, uma escola da inclusão das diversidades que constroem o nosso saber sobre o mundo.

3. O embate: ciência x direito

3.1 Ciência Sádica

Defrontamo-nos, portanto, com as maneiras de falar e de ver que se referem a um conjunto de práticas que servem de suporte à medicina, que não poderá ser encarada simplesmente como novas descobertas, mas vista como as leis do outro imprime verdade às proposições que são formuladas dentro do regimento dessa produção científica. Vale dizer que a prática da medicina está ligada a uma série de instituições, de exigências imediatas e de urgências políticas de regulamentações sociais, estabelecendo um entrelaçamento entre poder e saber. Isto acarreta um novo ‘regime’ no discurso e saber médicos que coloca em questão o que *rege* os enunciados e a maneira como eles *se regem* entre si, a fim de constituir um conjunto de proposições que são aceitáveis cientificamente. Para Foucault, elas são

“... conseqüentemente, susceptíveis de serem verificadas ou infirmadas por procedimentos científicos. Neste nível não se trata de saber qual é o poder que age do exterior sobre a ciência, mas que efeitos de poder circulam entre os enunciados científicos; qual é seu regime interior de poder; como e por que em certos momentos ele se modifica de forma global.” (FOUCAULT, 1985a)

Para melhor fazer uma breve e bastante modesta discussão desses elementos, transcrevo a carta de um médico, que foi veiculada na sessão *Super Leitor* da revista

*Superinteressante*⁸⁷, acolhida no exemplar posterior à reportagem sobre a vivisseção de animais:

Ciência sádica

(1) Muitos não têm idéia do quanto nós, pesquisadores, gostamos de animais e nos chamam de desalmados; (2) Mas essas mesmas pessoas dão graças por terem suas enfermidades sanadas por fármacos que outrora foram testados em animais.

Renato Faro, Escola de medicina de Harvard, Estados Unidos

A edição, ao veicular a carta do leitor, impingeu-lhe um título: *Ciência Sádica*, redirecionando o discurso do leitor que escreveu a carta e abrindo veias para a problematização da questão. O estabelecimento da relação entre ciência e sadismo parece ser um fato estranho, mas ao mesmo tempo conjugado, uma aproximação entre Bichat e Sade, que atribuíram ao corpo do homem ocidental a morte e a sexualidade, “essas duas experiências tão pouco naturais, tão transgressivas, tão carregadas de um poder de contestação absoluta e a partir da qual a cultura contemporânea fundou o sonho de um saber que permitiria mostrar o *Homo natura...*”⁸⁸ (FOUCAULT, 2001L, p.30). Nesse sentido, o sadismo nos remete a um corpo fortemente orgânico, anatomista, que recorta a unidade para melhor poder compreendê-la⁸⁹. Um sadismo, dito por Foucault, anatomicamente sábio, que constituiu um manual de anatomia, expressões e reflexos de nossa moral científica nos dias de hoje,

⁸⁷ Cf. Superinteressante, julho de 2001, Sessão Super Leitor, p 12. Título de capa: Inteligência Artificial.

⁸⁸ Tradução minha.

⁸⁹ « Dans le sadisme, c'est bien l'organe en tant que tel qui est l'objet de l'acharnement. Tu as un œil qui regarde, je te l'arrache. Tu as une langue que j'ai prise entre mes lèvres et mordue, je vais te la couper. Avec ces yeux, tu ne pourras plus voir; avec cette langue, tu ne pourras plus ni manger ni parler. Le corps chez Sade est encore fortement organique, ancré dans cette hiérarchie, la différence étant bien sûr que la hiérarchie ne s'organise pas, comme dans la vieille fable, à partir de la tête mais à partir du sexe. » Cf. Sade, sergent du sexe (entretien avec G. Dupont, *Cinématographe*, n° 16, décembre 1975-janvier 1976, pp. 3-5) p. 1686 Dits et écrits I (1954-1975), Paris, Gallimard, p. 1686.

criando uma ‘*economia política*’ da verdade em nossas sociedades. Primeiro, essa ‘verdade’ está centrada nas formas do discurso científico e nas instituições que o produzem, vide a carta de Renato Faro. Segundo, está submetida a uma constante incitação econômica e política, como na relação entre as proposições (1) - nós, pesquisadores, não somos desalmados – e (2) – vocês se beneficiam de nosso trabalho -, velha cisão entre os saberes médicos e os saberes cotidianos, especificado já por de Certeau entre *aqui* e *lá*, a serviço de uma produção econômica e de um poder político, evidenciando uma necessidade de verdade. Terceiro, torna-se objeto de uma difusão e consumo imensos, ou seja, seu meio de circulação nos aparelhos de educação, ou como é o caso de nosso exemplo específico, num aparelho de informação como a revista *Superinteressante*, cuja extensão ao corpo social é relativamente grande. Quarto, conseqüentemente, essa verdade é produzida e transmitida sob controle, sobretudo, de alguns grandes aparelhos políticos ou econômicos como o exército, escritura, meios de comunicação e a própria universidade: a carta de nosso *Super Leitor* vincula-se à *Escola de medicina de Harvard, Estados Unidos*. Enfim, discutimos o objeto de um debate político e de confronto social (*as lutas ‘ideológicas’*). Portanto,

Há um combate ‘pela verdade’ ou, ao menos, em ‘torno da verdade’ – entendendo-se, mais uma vez, que por verdade não quero dizer “o conjunto das coisas verdadeiras a descobrir ou a fazer aceitar”, mas “o conjunto das regras segundo as quais se distingue o verdadeiro do falso e se atribui ao verdadeiro efeitos específicos de poder”; entendendo-se, também que não se trata de um combate “em favor” da verdade, mas em torno do estatuto da verdade e do papel econômico-político que ela desempenha. É preciso pensar os problemas políticos dos intelectuais não em termos de “ciência/ideologia”, mas em termos de “verdade/poder. (FOUCAULT 1985b, p. 13)

Diferentemente, do discurso veiculado pela revista na carta de Renato Faro, a questão não é a de mudar a consciência das pessoas ou o que elas pensam, nem libertar a verdade do sistema de poder que o regimenta, mas transformar seu regime político, econômico e

institucional de produção da verdade, desvinculando o poder da verdade no que elas têm de estreito com as formas de hegemonia no interior do qual elas funcionam. Falo, portanto, da microfísica do poder e do investimento político do corpo, que se define pelas singularidades, isto é, os pontos singulares pelos quais eles passam.

Para Deleuze (2004, p.35), o poder não tem essência operatória, pois não é atributo, ele é o imbricamento do conjunto de relações que passam tanto pelas forças dominadas quanto pelas dominantes, ambas constituintes das singularidades. Assim, o poder não procederá por meio de ideologias e não agirá necessariamente por meio da violência e da repressão, momento em que ele pesa sobre o corpo, ou seja, a violência nos remete ao efeito de uma força sobre *alguma coisa*, objeto ou ser. Uma relação de poder que fala da sua relação da força, produzindo um real (como vemos nas fotos dessa reportagem), o verdadeiro, buscando argumentos para ideologizar, abstrair ou mascarar. Entraremos, portanto, num *postulado de legalidade* (DELEUZE, 2004, p.37), envolvendo, lei direito e soberanias.

3.2 Direito de ser cruel?

A revista *Superinteressante*, portanto, parece formular regras de direito, que delimitam formalmente não somente um exercício de poder, mas também efeitos de verdade conduzidos por esse poder e, conseqüentemente, voltando-se a ele próprio. Mas, qual é esse tipo de poder capaz de produzir discursos de verdade como estes veiculados na mídia em nossa sociedade com efeitos tão poderosamente tocantes? A mídia proporciona um funcionamento e produção de discursos por meio da acumulação e circulação de discursos verdadeiros para sua época. Dessa forma, a mídia exercendo o seu poder na veiculação de discursos de verdade, faz esse poder funcionar nele, a partir e através dele. Acredito que

Somos forçados a produzir a verdade pelo poder que exige essa verdade e que necessita dela para funcionar; temos de dizer a verdade, somos coagidos, somos condenados a confessar a verdade ou encontrá-la. O poder não pára de nos questionar; não pára de inquirir, de registrar; ele

institucionaliza a busca da verdade, ele a profissionaliza, ele a recompensa. Temos de produzir a verdade como, afinal de contas, temos de produzir riquezas, e temos de produzir a verdade para poder produzir riquezas. E, de outro lado, somos igualmente submetidos à verdade, no sentido de que a verdade é a norma; é o discurso verdadeiro que, ao menos em parte, decide; ele veicula. Ele próprio propulsa efeitos de poder. Afinal de contas, somos julgados, condenados classificados, obrigados a tarefas, destinados a uma certa maneira de viver ou a uma certa maneira de morrer, em função de discursos verdadeiros, que trazem consigo efeitos específicos de poder. (FOUCAULT, 2000c, p. 29).

Uma tríade: poder, direito, verdade, cuja questão tradicional é, para Foucault (2000c), “como o discurso da verdade ou, pura e simplesmente, como a filosofia, entendida como o discurso por excelência da verdade, podem fixar os limites de direito do poder?”, ou seja, quais seriam as regras de direito das quais o poder lança mão para produzir discursos de verdade? Nessa linha, teremos regras de direito limitando o poder formalmente, de um lado, e a força de verdade que esse poder produz, conduz e o que possibilita um novo redirecionamento dele, de outro. Pretendo, portanto, primeiro pontuar, ou talvez já repetir, algumas das relações entre verdade, poder e disciplina, para depois, ver a produção que se formatou entorno desse discurso.

Temos mesmo o direito? Essa questão na capa do exemplar da *Superinteressante* é usada como chamada para aguçar os ânimos sobre a discussão do tema. Pensar o “direito” a que essa reportagem nos remete, parece-me fazer com que nos coloquemos não diante do exame do aspecto de uma legitimidade



a ser estabelecida, mas face a procedimentos de sujeição que esse enunciado colocaria em prática. Portanto, o que procuro investigar é como o controle, talvez aqui na forma de um poder semelhante ao da punição nas sociedades disciplinares, se consolida em certas instituições, por meio de suplício ou aprisionamento. Dessa forma, acredito olhar o poder *do lado de sua face externa*, no que ele se refere direta e imediatamente ao que ele domina, o alvo e objetos que deseja atingir, implantando e produzindo efeitos reais, isto é, “como as coisas

acontecem no momento mesmo, no nível, na altura do procedimento de sujeição, ou nesses processos contínuos e ininterruptos que sujeitam os corpos, dirigem os gestos, regem os comportamentos” (FOUCAULT, 1985b, p.12).

Foucault releva, portanto, um direito da soberania e uma mecânica da disciplina, dois limites por meio dos quais se pratica o exercício do poder, mas que são tão heterogêneos entre si que não coincidem um com o outro. Pode-se dizer, então, que as disciplinas têm o seu próprio direito, criando aparelhos de saber, saberes e campos de múltiplos conhecimentos que, na verdade, não se referem ao discurso do direito, pois ele é alheio à lei e à vontade soberana. Assim, as disciplinas baseiam-se em regras, mas não as regras jurídicas que derivam das soberanias, pois constituem as regras naturais, ou seja, a norma e seus códigos de normalização.

Estamos diante, nesse caminho, de discursos nascidos da disciplina que invadem o direito, colonizando o funcionamento da lei em seus procedimentos de normalização, no qual tem lugar o desenvolvimento da medicina e de uma medicalização geral do comportamento. Foucault (2000c) denominará tais funcionamentos de *sociedade de normalização*, que possibilitarão o desenvolvimento de *redes de poder* com seus instrumentos efetivos tanto de formação quanto de acúmulo de saber, passando por seus métodos de observação, técnicas de registro e seus aparelhos de investigação, verificação e pesquisa. Dessa maneira, ao depararmos com a reportagem que nos lança essa chamada da capa, estamos nos olhando em nossas relações de poder no âmbito da dominação, suas formas de sujeição e de dispositivos de saber.

Nesse ínterim, é possível que o poder se mantenha e possa circular, pois ele não funciona como mecanismo de repressão, dizendo “não” no exercício de suas forças. Uma vez que permeia os contextos, o poder produz coisas, induz ao prazer, às formas de saber, produzindo discurso. Isso faz com que os discursos sejam acolhidos e funcionem no interior

desses mecanismos do poder, permitindo que se distingam enunciados verdadeiros de enunciados falsos e os procedimentos que são valorizados para a obtenção da verdade, constituindo “o estatuto daqueles que têm o encargo de dizer o que funciona como verdadeiro⁹⁰” (FOUCAULT, 1985b, p.12). No entanto, a imagem que se tem da ciência ainda alimenta muitas análises históricas, ocasionando discursos outros que rompem com as proposições ‘verdadeiras’ que marcam as maneiras de ver e falar de todo um conjunto das práticas que dá suporte à medicina.

Nas redes de poder que se estabelecem, encontraremos, também, discursos que não correspondem à imagem calma e constituída que normalmente se faz das normalizações médicas, como tenho visto, e que abordarei agora, em especial, ao trazer outras posições expressas na carta de Renato Faro, que constituivamente já nos falava de uma tentativa de transformação dos enunciados que eram aceitos como cientificamente verdadeiros, mas calava-a, pois a força de sua voz encobria os murmúrios dos acontecimentos que se opunham à prática da utilização de animais em laboratório. Dessa forma, passamos agora a contemplar o nível das relações discursivas, concebido como prática discursiva. Para Navarro-Barbosa (2004, p. 108), “o discurso torna-se o conceito central da investigação arqueológica, que o localiza precisamente entre estrutura e o acontecimento”, contendo de um lado as regras da língua e, de outro, o que efetivamente se diz.

Defrontamo-nos com o estatuto do *acontecimento discursivo*, ou seja, as relações dos enunciados entre si, levando em conta tanto as relações entre grupos de enunciados e as relações entre enunciado, ou ainda, grupos de enunciado e acontecimentos que se insiram em outra ordem (NAVARRO-BARBOSA, 2004, p.112).

⁹⁰ Cf. Foucault, Michel. Verdade e Poder in *Microfísica do poder*, organização e tradução de Roberto Machado. – Rio de Janeiro: Edições Graal, 5ª edição, 1985, p. 12

Para Farge (1997b, p. 30), essas relações direcionam a expansão de um espaço no qual se desenvolvem as possíveis interpretações para esses acontecimentos: espaço constantemente aberto para interpretações e sempre propondo atualizações. Da mesma maneira, Foucault sugere o estabelecimento da soma de todas as técnicas de interpretação do social e do homem, que tem sido utilizadas desde o mundo greco. Assim, poderíamos ler a história dos homens e de seus saberes. “Essa sugestão lhe permitia uma outra afirmação segundo a qual o importante na sociedade consiste seguramente mais na interpretação que na coisa”⁹¹ (FARGE, 1997b, p. 30). Efetivamente, somente a interpretação é capaz de dar sentido e consentir o sentimento que nasce da relação da interpretação com a opinião em torno e a partir dos enunciados, produzindo outras interpretações, portanto, outros acontecimentos.

3.3 “Touche pas mon pote”

Prossigo, assim, fazendo mais um recorte desses cortes que realizam a realidade e que também nela se concretizam livremente, por meio de um acúmulo ou seleção de elementos, que constituem o acontecimento que se dá por meio das cesuras responsáveis pela dispersão do sujeito face à pluralidade de posições que ocupa. Volto-me, portanto, à preocupação no que concerne às relações corporais e o problema teórico do estatuto moral, que entrará em choque com a questão jurídica a respeito dos usos que fazemos dos animais.

Especificamente, essa moralidade diz respeito a uma teoria que explica quais são os seres cujo tratamento se presta a uma avaliação moral, isto é, um problema fundamental no qual se elabora uma aproximação estreita com a ética, nos seus entrelaçamentos com a filosofia moral e, conseqüentemente, a bioética. De outro lado, teremos ainda, nesse recorte, a posição de uma metafísica da liberdade que se refere aos estudos científicos, filosóficos e jurídicos, reclamando novos programas tecno-científicos, preocupados com o futuro em

⁹¹ Tradução minha.

relação aos seres vivos - objetos de apropriação histórica pelo homem, que não deveria ao menos dar a possibilidade de uma alternativa sequer entre um homem ou um animal.

Apoio-me na materialidade discursiva do texto veiculado na reportagem “Temos este direito?”⁹², fio regular para minhas discussões nesse capítulo. Leiamos:

A alforria desses pobres seres é uma opção mais condizente com a dignidade que pretendemos merecer, como seres humanos. Eu também já estive inserida nesse contexto que induz todos a serem “frios”. Hoje não quero mais assistir passivamente ao triste espetáculo em que macacos, cães, gatos, cobaias, ratos e camundongos são inoculados com toda sorte de vírus e bactérias, sofrem trepanações, intoxicações experimentais, queimaduras, tomam choques, tem suas medulas e cérebros seccionados e são submetidos a todas as formas de estresse e de deformidades. A questão não é científica, é ética. (SUPERINTERESSANTE, 2001, p.85)

O texto da veterinária Irvênia L. S. Prada nos fala diretamente de uma posição que se insere na discussão sobre o tratamento ético dos animais não humanos, já aberta há mais de trinta anos, nascendo no contexto das renovações da ética aplicada, no início dos anos 70. Para Cavalieri (2000, p.156-7), as principais teorias normativas da tradição ocidental pretendiam que somente fizessem parte da comunidade moral os seres humanos, cujas características de predileção são a razão e a consciência de si, postulando que somente o homem possuía essas características morais, enquanto *Homo Sapiens*. Dessa maneira, os animais não humanos se tornam objetos de preocupação moral indireta, influenciando tanto a declaração universal dos direitos e os códigos éticos na medicina, quanto transformando a velha doutrina dos direitos naturais em uma doutrina dos direitos do homem.

Fica claro, portanto, que os direitos do homem colocam-no como centro de todos os seres humanos, tornando esse aspecto inclusivo dos direitos do homem uma arma poderosa contra o racismo e o sexismo, evidenciando as exclusões de outras espécies, que se apóiam na questão dos direitos naturais. Em resumo, os códigos éticos internacionais não aplicam à

⁹² Cf. Texto de Irvênia L.S. Prada foi professora da Faculdade de Veterinária da USP. P. 85, *Superinteressante*, junho de 2001, texto “Apagão para testes de animais” incorporado à reportagem “Temos esse direito?”.

experimentação animal os mesmos princípios que à experimentação humana, apoiado inclusive pelo Código de Nuremberg⁹³, cuja data parece marcar a legalização dos animais para experimentação. Qual seria, então nossa atitude face a esses animais que sofrem no contexto apresentado por Paola Cavalieri?

No final das contas, parece-me que os direitos do homem não sejam humanos. Sobre a base dessa conclusão, mas também da convicção de um laço profundo entre a inviolabilidade dos indivíduos e o tratamento respeitoso dado em um quadro biomédico proclamado pela primeira vez pelo Código de Nuremberg, os inúmeros homens de ciência e filosofia que apóiam o “Projeto Grandes Macacos” afirmam que é a hora de que os chimpanzés, os gorilas e os orangotangos sejam cobertos pelos códigos éticos internacionais de medicina até aqui reservados somente aos seres humanos. Também é uma maneira de sugerir que em ética há sempre lições para aprender, e que a única apreciação sem tomar partido de nossas crenças factuais e uma aplicação coerente de nossos princípios podem nos impedir de deixar nossas dependências de grupo triunfar da imparcialidade moral. (CAVALIERI,2000, p.162)

Uma questão ética, como escreveu Irvênia L. S. Prada, parecendo-me, portanto, compartilhar das idéias de Paola Cavalieri, no que se referem à *alforria desses pobres seres* e aos seus direitos de liberdade; ou ao *contexto que induz todos a serem “frios”*, no tocante aos direitos nas crenças das pessoas a respeito dos animais. Entretanto, essa posição, que defronta-se com o Código Nuremberg, apaga-o historicamente. O julgamento de Nuremberg aqui, de onde transbordam esses olhares enviesados, não levam em conta o momento histórico no qual os magistrados, ocupando-se de casos de pesquisas cruéis, mutiladoras, degradantes e mortais em relação aos homens, mulheres e crianças, declararam que não se deveria nunca mais ter lugar para a experimentação humana, reclamando que toda abordagem terapêutica ou experimental nova fosse testada antes em animais. Isso não equivale a dizer que, segundo

⁹³ Em nota de pé de pagina, Paola Cavalieri detalha o Código de Nuremberg : “Voir, par exemple ; l’article 3 du Code de Nuremberg : Les fondements de l’expérience doivent résider dans les résultats d’expériences antérieures faites sur des animaux, question à l’étude, de façon à justifier par les résultats attendus l’exécution de l’expérience » (The Nuremberg Code, from Trials of War Criminals before the Nuremberg Military Tribunals under control Council Law N° 10, Nuremberg, octobre 1946-avril 1949, Washington, C., U.S.G.P.O., 1949-1953). » Cf. Les droits de l’homme pour les grand singes non humains ? de Paola Cavalieri. In : *Le Débat*, numéro 108 janvier-février 2000, Gallimard, Paris.

Fontenay (2000, p.147), ficou declarada a experimentação sobre os animais. Mas, no momento, o mais relevante seria perguntar: qual é o lugar do jurídico nessas relações de poder entre humanos e não-humanos?

Para a autora, seria preciso levar em consideração a distinção entre sujeito de direito e personalidade jurídica, mostrando que a personalização no direito não tem nada a ver com uma antropomorfização. Nesse sentido, não ameaçaria a dignidade do homem, uma vez que a comodidade de uma ‘promoção simbólica’ e de uma técnica jurídica, segundo Fontenay (2000, p.154), “não chegasse de maneira alguma à banalização dos direitos do homem, pois a noção de ‘personalidade jurídica’, que não se confunde com aquela de ‘sujeito de direito’, não tende a apagar a fronteira entre a humanidade e a animalidade.”

Para Derrida (DERRIDA & ROUDINESCO, 2001, p.119), a questão da animalidade representa tanto as grandes questões que cercam a duvidosa fronteira entre o humano e o não-humano quanto todos os conceitos destinados a cercar o próprio homem, ou seja, a essência e o futuro da humanidade, a ética, a política e o direito. O filósofo não acredita que a homogeneização dos conceitos sobre o animal possa se estender, de maneira universal, sobre todas as formas do vivo não-humano, confrontando-nos com um discurso hegemônico e domesticador, cuja especificidade dessa violência é apoiá-la e tentar legitimá-la. Com isso, a violência infligida aos animais não deixaria de trazer à tona os profundos barulhos da imagem que os homens fazem deles mesmos. Certamente, « há no consumo do animal, como na pena de morte de outrem, uma estrutura de sacrifício, portanto, um fenômeno ‘cultural’ ligado a estruturas arcaicas que persistem e que é preciso analisar” (op. cit.), fazendo-se visualizar verdadeiras mutações na nossa experiência com a animalidade e o laço social que temos com outros animais. Enfim, Derrida diz que acredita que o espetáculo que o homem se dá no tratamento dos animais se tornara insuportável. « je crois que le spectacle que l’homme se

donne à lui-même dans le traitement des animaux lui deviendra insupportable. E é desse olhar, como num *golpe de vista* espetacular, que pretendo tratar a seguir.

4. A clínica de hoje

4.1 A singularidade em carne viva

Quero pensar o visível como enunciável a partir de uma seqüência de imagens veiculadas pela revista *Superinteressante*, levando em consideração a prática anátomo-clínica do século XIX, a fim de entender a emergência da vivisseção e toda a problematização que desenvolvi anteriormente. Atentemos primeiro a uma das imagens trazidas pela reportagem, momento em que poderei discutir as reverberações do “ver” telescopiadas ora do século XIX, ora do século XXI, e as dispersões que a eles se colam para falar de dissecação e dos dois momentos que contribuem para a constituição de uma clínica apoiada no corte das carnes vivas, a saber, as questões de regime de verdade do indivíduo moderno e seus imbricamentos biopolíticos no que eles dizem respeito ao direito, a verdade e a vida.

Para tanto, retomemos ainda a clínica médica. Para Foucault, uma teoria do olhar em relação à linguagem, cujo objetivo é tornar o visível enunciável: um equilíbrio entre a palavra e o olhar por meio de uma idéia de adequação total entre o visível e o dizível. O olhar deve se encarnar por meio do olho do clínico, permitindo falar das aparências ao mesmo tempo que destaca o que já é conhecido. Daí, o estudo das febres e a abertura de cadáveres, o que nos faz pensar que “o que parece, então, visar Foucault, para além de sua discussão sobre a clínica, é o que se joga aos limites do enunciável” (ANSERMET, 2004, p.102). Gostaria, assim, de pensar a clínica contemporânea a partir do estabelecimento dos novos paradigmas da clínica moderna para discutir até que ponto a teoria do *golpe de vista* introduz uma lógica particular que vai ao encontro do regime de verdade das clínicas atuais, buscando ainda fazer coincidir o visível e o enunciável, que está no interior das “verdades” possíveis de um método que se

expande à jurisprudência, soberanias e disciplinas. Fatos e fotos que ainda enunciam a visibilidade de tudo que pode ser enunciável, não mais pelo *golpe de vista*, mas pela tão negada instrumentalização tecnológica, hoje, em sua metodologia científica, infinitamente já multiplicada e dada à assertividade, substituindo a observação, mas mantendo a experiência à la Mary Shally.



A seqüência de três fotos forma a série de uma irrupção que não se pode domesticar, fazendo aparecer a nossa história na justaposição dessas imagens, das quais não podemos escorregar os olhos, sem escape também, como aqueles animais, deixando-os lá diante e dentro de nós. Essa seqüência de animais violentados em nome da vida revela uma atividade visual constituída de um quadro vital do qual o homem isola uma unidade simbólica por meio da imagem. Aplica-se, assim, a essa noção de imagem um sentido duplo no que concerne às imagens interiores e exteriores, caráter revelador e preciso do fundamento antropológico. Quero dizer, muito mais que o produto de uma imagem como percepção, ela aparece como o resultado de uma simbolização pessoal ou coletiva, pois, de acordo com Hans Belting (2004, p.18), tudo o que passa sob nossos olhos, seja ao tratar da visão física ou do olhar interior, deixa-se elucidar ou transformar-se em imagem.

O saber anatômico consagrará uma autonomia do corpo que vem desse *imaginário da transparência*, de visibilidade e enunciação, que se tem ao abrir corpos para investigação

clínica, dando ao homem, em seu método e exercício de poder, um tipo de força como se fosse proprietário desses corpos. O desejo de saber da medicina é sempre um saber de ver, que encontra nessa reportagem um meio para imprimir e atingir o interior invisível do corpo, tornando-o acessível aos ‘olhares leigos’, tão ávidos em registrar essas imagens quanto seus clínicos em expô-las, uma busca de cumplicidade do homem de capturar um olhar inapreensível, sustentando esse *imaginário de dentro* do corpo, com traços e índices que anseiam ser descobertos e inventariados. Na verdade, qualquer imagem por mais asséptica que seja, suscita no homem uma chamada ao *imaginário de fora*, arrastando-nos ao sonho, favorecendo a deriva.

O despertar desses imaginários faz com que a doença seja olhada pela clínica no avesso de seus primeiros postulados, atribuindo ao não-são uma história singular situada e datada, porque isola e estuda um organismo ainda pulsando, exercitando um saber sobre a própria vida. No entanto, ainda guarda as convicções do século XIX, acreditando que uma doença pode se confundir com sua localização anatômica e funcional, identificando-a a uma única função em seu mecanismo corporal. Nesse caso, paradoxalmente, oculta o sujeito, apaga sua história pessoal e sua relação íntima com o desejo, a angústia e a morte. Dois processos antagônicos, porém constitutivos que nos reportam tanto aos processos de dominação que a medicina faz eclodir quanto aos mecanismos de singularidade que a própria vida enquanto matéria de pesquisa oferece aos clínicos.

O golpe de vista dos clínicos de hoje em dia encontram a via do espetáculo quando tomam os contornos do midiático. Os anátomo-clínicos, sobretudo a partir de Bichat, fundam uma anatomia que explora fundamentalmente as anomalias para a compreensão das doenças, tratando sempre da morte enquanto a versão midiática da clínica de hoje propõe uma visibilidade exacerbada dos tecidos abertos pelo escalpo, para colocar em evidência não mais um traço do mal e da doença, mas para relevar a concretude carnal da vida. O “golpe de vista”

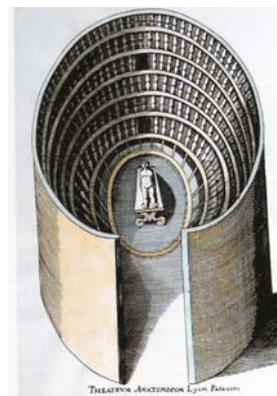
do médico passa, então, a ter um “olhar” sobre os órgãos e os sintomas de doenças enquanto biomecanismo produtor e gerenciador de longevidade para nossos corpos ansiosos pela fonte da eterna juventude. Essa idéia mítica da eternalização da beleza desencadeia, a meu ver, um imaginário sobre o corpo que, para Le Breton (1985), conecta-se diretamente às imagens que a própria medicina cria.

Nessa visão antropológico-discursiva, o mundo se tornou imagem e as imagens se tornaram hoje, definitivamente, um ato de mostrar e, portanto, de demonstração, que se organizam primeiro em torno das imagens que se dão a ver. Dessa maneira, constitui-se o cenário do espetáculo midiático, « uma nova dimensão da realidade se lê através da universalidade do espetáculo e o homem se faz essencialmente olhar, em detrimento dos outros sentidos. » (LE BRETON, 1985, p.203). Isso faz com que a distância se instale como acontecimento, nesse caso, infinitamente menos distanciado, fazendo da imagem um *choque* ou um *jamais-vu*, possibilitando a exploração do horror, nos limites extremos que o ‘ver’ pode proporcionar enquanto realidade dada em seu aspecto bruto e sua brutalidade.

4.2. Corpos abertos: espetáculos e leitores

Essa maneira de vincular saber e ver, como a proposta pela reportagem de Rodrigo Vergara, tem sua gênese no fim da Idade Média, quando se começa a abrir cadáveres humanos na Europa para estudos de anatomia. Mandressi (2005, p.331) nos afirma que essa prática não se produzia desde o século III a.C, em Alexandria, seguido de uma quinzena de séculos sem dissecações, largamente atribuído a uma proibição da igreja católica. Para o autor, o mais importante é buscar compreender o que estimulou a adoção dessa prática, mais do que entender o que a impediu de que se fizesse, ou seja, isso equivale a tomar a dissecação como um meio ‘natural’ de chegar ao conhecimento do corpo, uma técnica num espaço e num tempo dado que se tornou a operação da realização das “verdades” do corpo.

O corpo do clínico será o instrumento mais eficaz para atingir seu olhar sobre os cadáveres, numa valorização, por isso, não só de seus próprios olhos, mas também de suas mãos. Mais restrito se torna esse espetáculo para seus espectadores, que completavam a audiência para os *shows* nos teatros de anatomias, espaços especialmente criados para a realização de dissecações públicas, que podiam acolher muitas centenas de espectadores, como se pode verificar a respeito do teatro anatômico de Pádua, na Itália. Em Pádua, dissecava-se no de uma máquina de perceber, “dissecava-se no interior de um olho, de uma máquina de percepção, de um observatório da fábrica do corpo” (MANDRESSI, 2005, p.320).



CHAPITRE 6 DISSECTIONS ET ANATOMIE

Ainda, havia os livros, que permitiam que se dissesse como ver formas, cores, texturas, consistências e temperaturas como chave de ciência para o conhecimento dos corpos. As imagens que constituem a reportagem em estudo e que compuseram as reflexões sobre o corpo nesse capítulo, refletem midiaticamente uma condensação de práticas cotidianas de prazer e saber, que transformaram audiências e leitores em espectadores. Assim, hoje, ao invés dos médicos medievais, suas performances teatrais e livros científicos, a mídia se coloca ao serviço do saber anátomo-clínico, indo do objeto morto sobre a mesa para a revista aberta sobre o nosso colo. Repórteres e editores hoje pintam e formatam não mais a dança dos cadáveres, mas a imobilidade da vida nas tábuas de vivisseção.

Da mesma maneira que a dissecação, a vivisseção de corpos de animais se torna uma prática ao mesmo tempo pública e didática. E será Le Goff (2003, p.131) que nos situará quanto à dissecação de animais na Idade Média, diferentemente da abertura de corpos que se mantém até hoje em dia, assinalando uma violenta mudança sobre o corpo que pode ser mais facilmente submetido, aquele dos animais, não mais objetos enquanto mortos, mas

instrumentos que se prestam a serem cortados vivos. Analogamente aos processos da dissecação no século III a.C. e, depois, sua retomada a partir da Idade Média, o que me interessa é buscar as emergências dessa nova prática da biomedicina, construída e datável historicamente.

Os animais vivos-mortos da história da vivisseção apontam para o avanço da biomedicina. Inquieto-me com a degradação do corpo humano, tentando salvá-lo da morte e aspirando sempre a imortalidade. *Os animais trouxeram um grande avanço à biomedicina. No século XX, 75% dos prêmios Nobel de medicina foram obtidos usando-se animais*⁹⁴, lemos na resportagem da *Superinteressante*. Portanto, essas novas tecnologias permitiram a criação de métodos alternativos e estão à disposição nos testes de vacinas, às pesquisas e experimentos para testar hipóteses, do ensino que forma e prepara estudiosos para o controle da vida da população. Isso revela um corpo ao qual são impostos interditos, coerções, obrigações, ou seja, corpos vigiados que atendem e esperam pela procriação, vacinação e condutas de risco. Estamos diante de um dispositivo em mutação, cujas normas contemporâneas estão estreitamente ligadas ao corpo. “Qual é a tendência de fabricação de normas contemporâneas?” pergunta Memmi (2001, p.174), no colóquio de Cerisy sobre *A saúde perfeita*. E responde que, à primeira vista, a ética constitui uma causa constituída entorno do indivíduo e do corpo que estaria ameaçado de se ver reduzido a sua materialidade nessa proposta de vida nos desenvolvimentos das técnicas biomédicas, que suscitam risos nervosos diante de tantos discursos perversos, cínicos, teatros do horror, atores da dor, do sofrimento da morte em vida, nas suas alegrias e glórias da mutilação da carne viva. Tudo isso, é claro, em meio ao político de seus conteúdos que se confundem com o esplendor do espetáculo da prisão químico-celular.

⁹⁴ Cf. *Superinteressante*, junho de 2001, p. 83.

4.3. *Vidas secas*

« Basta que o ódio esteja suficientemente vivo, para que se possa dele tirar algumas coisas, uma grande alegria, não sem ambivalência, não a alegria de odiar, mas a alegria de querer destruir o que mutila a vida »⁹⁵ (DELEUZE, 2004, p.31). Deleuze se refere nessa passagem à ‘arte de punir’ de Foucault, a propósito de seu *Vigiar e Punir*, cujas extensões da memória coletiva atualizam-se discursivamente e reconstróem nosso presente histórico. As cores das carnes das três imagens selecionadas - e do *corpora* das imagens escolhidas pela revista, em geral, - para a reportagem exprimem os efeitos de uma análise que foge ao casual, impingindo-nos um sentido *ótico, luminoso, colorido*. Os suplícios dos animais como simulação do corpo do homem, que se vendo ali refletido naquelas imagens, sem consciência, se choca com a tortura daqueles corpos, e pelo fato de se tratar de imagens, imagens de animais, acredita-se no distanciamento ou tratamento de outra carne que não se refere a seus desejos e confissões.

Vemos, assim, a renovação de uma época que destaca uma questão física, problematizando o corpo e sua materialidade por meio de formas e aparelhos de produção entre os quais se estabelecem regras de funcionamento, exigindo dos indivíduos novas forças produtoras. Para Revel (2005, p.31), Foucault desenvolverá sua análise, primeiro, em direção a uma “física do poder”, ou seja, uma *anatomopolítica*, uma *ortopedia social*, um estudo das práticas pelas quais o poder se exerce sobre cada indivíduo; para depois, discutir a gestão da vida no tocante ao gerenciamento das “populações”, que instituem verdadeiros programas de saúde, higiene e comportamentos cotidianos⁹⁶.

Mas, em que esse poder reside? Como se traveste essa anatomopolítica?

⁹⁵ Tradução minha.

⁹⁶ Cf. Verbete “Corpo, investimento do” em O Vocabulário de Foucault, escrito por Judit Revel, tradução Milanez, N. & Piovezani Filho, C, Araraquara, SP, Claraluz, 2005.



Jens Hauser esboça respostas a essas questões lançando-nos uma pergunta: Atrás do animal, o homem?⁹⁷ fazendo-me, com sua discussão, refletir sobre as fronteiras que separam o homem do animal. Hauser traz inúmeros projetos artísticos contemporâneos com aporte na biotecnologia, que tomam as relações homem/animal não somente como tema, mas também como numa tentativa de redefinir o que se chama de animal. Nesse sentido, a arte biotécnica me faz pensar em meu objeto obsedante, aquele das imagens da reportagem em questão, uma vez que elas transgridem a representação, colocando-se como presença e performatividade, isto é, diferentes técnicas de manipulação do ser vivo e, por conseqüência da vida, remodelando a nossa maneira de ver as características daquilo que está vivo. Portanto, o que temos, nessa discussão que traz a revista *Superinteressante* e suas respectivas imagens não se trata da fabricação de objetos, mas de organismos, que se evidenciam e ocupam um lugar de destaque por meio do olhar do espectador/leitor.

Nesse ínterim, coloca-se uma questão que vai além da dicotomia homem/animal, para destacar a relação homem/organismos vivos. Ao meu ver, esse voyeurismo animal da revista nos imobiliza, pois faz com que sintamos estarmos diante de nós-mesmos, homens cortados, estilhaçados, caóticos. Manuel Bandeira nos fala desse interdeslocamento entre homem e

⁹⁷ Conferência De Jens Hauser (Ruhr Universität Bochum/Paris), no dia 9 de março, que se inseriu no curso Organismes : Ecriture et représentation du corps interne au XXe siècle, Paris III – CNRS, Seminário mensal, em Censier, dirigido por Anne Simon e Hugues Marchal, do qual participei durante o período de meu estagio-sanduíche na Paris III/ Sorbonne Nouvelle.

animal, na constituição da verdade, por meio da intericonicidade que a própria língua evoca ao trazer um conjunto de procedimentos regulados pela produção, pela lei, repartição e funcionamento dos enunciados, que relevam essa técnica bio-política-midiática:

Vi ontem um bicho
Na imundície do pátio
Catando comida entre os detritos.

Quando achava alguma coisa,
Não examinava nem cheirava:
Engolia com voracidade.

O bicho não era um cão,
Não era um gato,
Não era um rato.

O bicho, meu Deus, era um homem.

O que ocasionou a emergência desse tipo de prática, que encontrou ainda lugar na mídia, como a do homem/rato estripado em seus órgãos internos, mostrando-nos seu ventre vermelho e cru? *Parce que vous avez laissé aux organismes sortir la langue /Il fallait couper aux organismes/ Leur langue/ à la sortie des tunnels du corps*⁹⁸, versos de uma interpretação histórica da violência, dos conflitos e crueldades que se passam sob nossos olhos. Isso faz com que eu reflita sobre a história da violência e das interpretações que integraram essas dinâmicas sociais, o que parece um projeto utópico. No entanto, para Farge (1997, p. 28), basta tentar a aventura da reflexão para não se deixar transbordar por um sentimento de fatalidade ou impotência, em relação à qual o pensamento de Michel Foucault permite essa experiência.

Foucault (2001m) discute, assim, as formas das táticas punitivas em nossa sociedade que, apesar de terem origens diferentes, tem um papel privilegiado em suas sociedades e suas épocas. Acredito guardarmos como dispositivos de poder as técnicas que se relacionam tanto

⁹⁸ Ver *Le théâtre de la cruauté*, de Antonin Artaud, Œuvres Complètes, XIII, Gallimard, 1974

a expor, marcar, ferir, amputar, deixar cicatrizes, fazer um sinal no rosto ou nos ombros, ou seja, usar o corpo como marcas de inscrição de um poder, quanto ao encarceramento⁹⁹. Esses dispositivos constituem ainda um sistema interno de prisão, cuja organização penal fundará o panoptismo no século XIX, respondendo à transformação de novos jogos de práticas e, sobretudo, de novas ameaças.

Isso faz com que o nosso sistema de inteligência e de percepção se brutalize, numa chuva de fogos de artifício que se desdobram em várias questões, como as colocadas por Arlette Farge:

seria de novo o impensável, não-lugar, o não humano da história? Seria ainda mais uma vez um ponto cego e incompreensível da humanidade que obrigaria a deixar de lado todo pensamento e suas formas de violência? Seria essa a prova exorbitante que toda marcha em direção à “civilização” e a doçura dos modos é um logro, e que o caos original é a atualidade mais marcante do nosso tempo? Seria esse o retorno (cíclico, inevitável a um arcaísmo bárbaro que retoma seus jogos? (FARGE, 1997, p.29)

Esses entrelaçamentos entre acontecimento e violência podem ser compreendidos se buscarmos entender como se constitui, em cada momento histórico, a relação de nossa sociedade com a violência, olhando-a sob a perspectiva de como se fabricam sujeitos violentos ou dóceis, como esses sujeitos exercem sua resistência ou consentimento e como a reinterpretação dos acontecimentos pode criar um novo rosto para a história, que produz descontinuamente, ao mesmo tempo, uma reinterpretação que pode ir ao infinito e se reconstruir no interior da história de um novo sujeito¹⁰⁰. Sem dúvida, a violência, a barbárie e

⁹⁹ Foucault cita quatro formas táticas punitivas no regime penal da idade clássica : « 1) Exiler, chasser, bannir, expulser hors des frontières, interdire ; certains lieux, détruire le foyer, effacer le lieu de naissance, confisquer les biens et les propriétés. 2) Organiser une compensation, imposer un rachat, convertir le dommage provoqué en une dette à rembourser, reconvertir le délit en obligation financière. 3) Exposer, marquer, blesser, amputer, faire une cicatrice, déposer un signe sur le visage ou sur l'épaule, imposer une diminution artificielle et visible, supplicier, bref, s'emparer du corps et y inscrire les marques du pouvoir. 4) Enfermer ». Cf. La société Punitiva, Annuaire du Collège de France, 73^e année, Histoire des systèmes de pensée, année 1972-1973, pp. 255-267, incorporado ao Dits et Ecrits (1954-1975), Paris : Gallimard, 2001, pp 1324-1325.

¹⁰⁰ Para Farge, Foucault, em seus Dits et Ecrits, não desenvolveu nenhuma interpretação sistemática ou modelo global sobre a violência, mas essa questão lá se encontra sempre nomeada e, às vezes, discutida. “C'est à partir

a crueldade são organizações de saber, que se inscrevem em enunciações políticas, que se montam e se desmontam e até mesmo dão início a um outro jogo. O homem, portanto, é o sujeito que investirá e reconstruirá, a partir do disparate e da desordem meio a essas relações de poder microfacetadas, valores e liberdades, substituindo regras àquelas que as precederam.

5. A história bio-política de Rebeyrolle

Para finalizar essa discussão, coloco ao lado da foto de *Ratos estripados* e do poema de Manuel Bandeira uma pintura de Rebeyrolle,¹⁰¹ compondo o conjunto de textos que venho citando ao longo de meu trabalho, textos que se remetem uns aos outros em intericonicidade, organizando-se em uma figura única ao entrar em convergência com instituições e práticas, ao mesmo tempo que carrega significações que podem ser comuns a toda uma época. Para Foucault:

Cada elemento considerado é recebido com a expressão de uma totalidade à qual pertence e que o ultrapassa. Substitui-se, assim, a diversidade das coisas ditas por uma espécie de grande texto uniforme, ainda jamais articulado e que, pela primeira vez, traz à luz o que os homens haviam “querido dizer”, não apenas em suas palavras e seus textos, seus discursos e seus escritos, mas nas instituições, práticas, técnicas e objetos que produzem.” (FOUCAULT, 2000a, p.132)

de ce matériau éclaté que nous nous Sommes demandé si ne gisaient pas là quelques éléments propres à réinterroger la violence, à penser celle du passé comme celle qui nous envahit à présent. Étant bien entendu qu'il n'est nullement question de jeter aux oubliettes l'ensemble les interprétations passées, mais qu'il s'agit de repérer si certains outils délivrés par Michel Foucault peuvent réorienter une certaine forme de réflexion. » Cf. Farge, Arlette. De la violence. In : Des lieux pour l'histoire. Paris : Seuil, 1997, p 38.

¹⁰¹ Paul Rebeyrolle nasceu em Haute-vienne, France, em 1926 e faleceu em fevereiro de 2005. Admirava as obras de Rembrandt, Rubens, Soutine e Picasso. Nos anos cinquenta suas viagens à Italia, Espanha acompanham sua primeira exposições. Pintor contemporâneo, produziu até o final de sua vida. Um acesso a sua vida e obra é possível por meio do acesso do site www.espace-rebeyrolle.com, desde 1995.



Rebeyrolle, Deux Dépouilles de Blaireaux, 1993

Os desdobramentos do discurso fazem com que os discursos se proliferem abundantemente, englobando uma pluralidade de sentidos: análise enunciativa que leva em conta o efeito de raridade de *Deux Dépouilles de Blaireaux*, 1993, de Rebeyrolle, que compõe uma série de telas denominado *Splendeur de la Vérité*, sempre contando-nos uma história virtual, que vai se construindo como num jogo de criança ao definir o caminho e comportamentos de seus personagens, “*Car la réalité n’est pas achevée/ Elle n’est pas encore construite/ De son achèvement dépendra/ Dans le monde de la vie éternelle*”¹⁰². Essa possibilidade de participarmos da construção de nossa realidade mostra as veias da liberdade do nosso papel de sujeitos. Nesse trabalho de Rebeyrolle fica evidente a utilização de matéria bruta em detrimento da pouca pintura sobre a tela, materializando a corporalidade dos restos mortais desses dois ratos, esqueletos de homens marcados pela violência de sua terra¹⁰³.

¹⁰² Ver *Le théâtre de la cruauté*, Antonin Artaud, *Oeuvres Complètes*, XIII, Gallimard, 1974

¹⁰³ « Peintre de la terre, Rebeyrolle est aussi le peintre de la violence. Sur ses toiles, d’une étrange texture discordante, on le voit ainsi coller du bois, des fils électriques, des barbelés, des brindilles, du crin de matelas. Des scènes de torture, des chiens hurlant, des pendaisons : à chaque fois, le sujet se veut le miroir d’une époque hantée par la souffrance, dominée par l’injustice. Le pionnier Rebeyrolle était peut-être aussi le dernier des Mohicans de la peinture. La peinture de la vie, bien sûr. » Cf. *Peintre de la terre, peintre de la violence* (le lundi 7

Corpos secos como o rato da reportagem sobre vivisseção de animais, intericonicidade que revela duplos da Baleia de Fabiano e de Sinhá Vitória, todos nos limites entre a animalização e o humano. Essa tela de Rebeyrolle é, portanto, o testemunho no presente de um lugar político, “isto é um lugar no qual nascem e se manifestam forças, um lugar no qual se forma a história e do qual o tempo surge”¹⁰⁴. A pintura se mistura ao discurso quando ela faz por ele passar uma força que cria história, tornando-se político, nas relações imóveis e rígidas do poder, para Foucault, tal qual a madeira dos quadros de Rebeyrolle, permitindo que as relações de poder passem da obra de arte para o interior dos corpos. Precisaríamos, no entanto, para vivermos a raridade de nossa liberdade pisar *num enorme rato morto*¹⁰⁵ para eriçarmo-nos diante do *terror de viver*¹⁰⁶?

6. Bio-reconstrução

Diante dessas atualizações corporais e de poder, percebo que o poder ao atingir o corpo não é uma mera interiorização do poder pela consciência das pessoas, mas sim que essa realização do poder ocupa um lugar profundamente marcado dentro do corpo. Refiro-me ao que Foucault chama de rede de biopoder, de um *somato-pouvoir*¹⁰⁷, procurando tentar mostrar como as relações de poder passam materialmente dentro da própria espessura dos corpos.

février 2005), de Bernard Génies, falando-nos da morte, naquele momento, de Rebeyrolle. *Nouvel Observateur*, destacando a morte de Rebeyrolle, acesso em 4 de abril de 2005, no endereço eletrônico:

<http://archquo.nouvelobs.com/cgi/articles?ad=culture/20050207.OBS8164.html&host=http://permanent.nouvelobs.com/>

¹⁰⁴ Cf. *La force de fuir*, *Derrière le miroir*, n° 202: Rebeyrolle, mars 1973, pp. 1-8, texto em que Foucault discute obras de Rebeyrolle, incorporado ao *Dits et Ecrits* (1954-1975), Paris : Gallimard, 2001, p 1269-1273. Tradução minha.

¹⁰⁵ “Eu ia andando pela Avenida Copacabana e olhava distraída edifícios, nesga de mar, pessoas, sem pensar em nada. Ainda não percebera que na verdade não estava distraída, estava era de uma atenção sem esforço, estava sendo uma coisa muito rara: livre. Via tudo, e à toa. Pouco a pouco é que fui percebendo que estava percebendo as coisas. Minha liberdade então se intensificou um pouco mais, sem deixar de ser liberdade” Cf. *Perdoando Deus*, de Clarice Lispector, e-book, sem identificação de referência do endereço eletrônico.

¹⁰⁶ “E foi quando quase pisei num enorme rato morto. Em menos de um segundo estava eu eriçada pelo terror de viver, em menos de um segundo estilhaçava-me toda em pânico, e controlava como podia o meu mais profundo grito. Quase correndo de medo, cega entre as pessoas, terminei no outro quarteirão encostada a um poste, cerrando violentamente os olhos, que não queriam mais ver. Mas a imagem colava-se às pálpebras: um grande rato ruivo, de cauda enorme, com os pés esmagados, e morto, quieto, ruivo. O meu medo desmesurado de ratos.” *Ibid.*

¹⁰⁷ Cf. *Les rapports de pouvoir passent à l’intérieur des corps* (entretien avec L ; Finas), *La Quinzaine littéraire*, n° 247, 1^{er}-15 janvier 1977, pp. 4-6, incorporado aos *Dits et Ecrits* (1976-1988). Paris : Gallimard, 2001, p 231.

Assim, com o nascimento da biopolítica, para Foucault (2001n) racionalizavam-se os problemas colocados à prática governamental pelos fenômenos próprios a um conjunto de seres vivos que se constituem em população no que se refere à saúde, à higiene, à natalidade, à longevidade, raças, desde o século XIX até hoje¹⁰⁸. Nesse sentido, Foucault (2001o) argumenta que «é preciso conceber uma humanidade onde não haja raças que se justaponham, mas ‘nuvens’ de populações que se confundem e misturam um patrimônio genético que terá mais valor na medida em que seu poliformismo seja cada vez mais acentuado.»¹⁰⁹ Do entrelaçamento dessas discussões, nasce uma bio-história e uma bio-política baseada na comunicação e no polimorfismo de uma população, quer dizer, nos conjuntos de variações que não cessam de se formar e de se desfazer no interior de si mesmas, pois é a própria história que desenha esses espectros antes de apagá-los como as palavras, da aula anterior, deixadas na lousa com força e pressa do tempo que corre.

E as palavras estão em todo lugar. Estão na revista, constituindo corpos modelares e de objetos desejáveis, uma verdadeira *máquina imperial*, sobre a qual pensamos a maneira e as forças que produzem tanto a realidade social quanto as suas subjetividades. Foucault (1993) chamará esse processo de *biopoder*, relações que envolvem o direito de vida e de morte quando atrelados aos poderes jurídicos das soberanias, os quais se promulgavam o direito de ‘causar a morte’ ou ‘deixar viver’. No entanto, esse velho direito foi substituído por um poder de ‘causar a vida’ ou ‘devolver à morte’. O poder se exercerá, portanto, por meio de

¹⁰⁸ Foucault inicia seu curso do ano de 1978-1979, discutindo o conceito de biopolítica: «j’entendais par là la manière dont on essayé, depuis le XVIII siècle, de rationaliser les problèmes posés à la pratique gouvernementale par les phénomènes propres à un ensemble de vivants constitués en population: santé, hygiène, natalité, longévité, races... On sait quelle place croissante ces problèmes ont occupée depuis le XIX siècle, et quels enjeux politiques et économiques ils ont constitués jusqu’à aujourd’hui.» Cf. Naissance de la biopolitique, Annuaire du Collège de France, 79^e année, Histoire des systèmes de pensée, année 1978-1979, 1979, pp. 367-372, incorporado ao Dits et Ecrits (1976-1988), Gallimard: Paris, 2001, p. 818.

¹⁰⁹ Foucault retoma essas questões à propósito do livro de Jacques Ruffié, considerado um dos mais eminentes representantes da nova antropologia física, discutindo suas proposições fundamentais, que giram em torno do problema de “raças humanas” no interior da biologia como “população” no que ela tem de político e histórico. Cf. Bio-histoire et bio-politique, Le monde, n^o 9869, 17-18 octobre 1976, p. 5. Sur J. Ruffié, De la biologie à la culture, Paris, Flammarion, coll. « Nouvelle Bibliothèque scientifique », n^o 82, 1976.), incorporado ao Dits et Ecrits (1976-1988), Gallimard: Paris, 2001, pp. 95-97. Tradução minha.

procedimentos que caracterizam tanto a disciplina quanto a mecânica de processos biológicos, controlando a qualidade e a duração da vida em nossa sociedade.

Nesses entornos de transições históricas da sociedade disciplinar para a sociedade de controle passa-se da utilização de dispositivos ou aparelhos que produzem e regulam os costumes para o exercício de um poder que organiza não somente o cérebro em sistemas de comunicação e redes de informação, mas também os corpos em atividades monitoradas para o bem-estar. Por isso, nessa passagem da “sociedade disciplinar para a sociedade de controle, um novo paradigma de poder é realizado, o qual é definido pelas tecnologias que reconhecem a sociedade como o reino do biopoder” (HARDT & NEGRI, 2001).

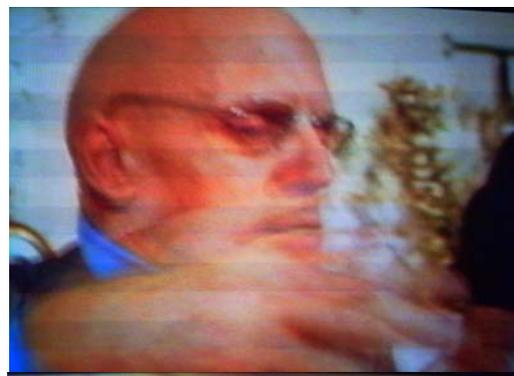
Cria-se, assim, um jogo em que poder se estende e envolve a produção e reprodução de vida. A disciplinaridade dos corpos como meio anátomo político do corpo humano desenha-o como máquina, individual na sua reutilização, mas social no que concerne sua seriação, despersonalizando-o¹¹⁰, ao tratar, então de uma biopolítica da população.

Assim, a disciplina transforma em objetos as pessoas humanas e, tomando de empréstimo a comparação de Paul Veyne (1998) ao discorrer sobre a gladiatura, torna-nos *vedettes de um filme pornô*. Da mesma maneira que a disciplina na lei do gládio produzia cadáveres ambulantes, promovendo a morte lúdica numa recusa de ‘eus’, colocando em evidência a gestão da vida, a disciplina sem sangue a respeito dos corpos na revista parece se conciliar com esse tipo de produção de vida. Ainda mais que produção de vida, estaria dentro de um paradigma de reprodução da vida, atitude de (re)constituição do ser, que apesar das

¹¹⁰ Em minha tese *Corpos escritos: discurso, revistas e sujeitos contemporâneos*, 2002, discuti essa relação ente o individual e o social na revista, do ponto de vista epistêmico de Foucault em referência à similitude ao abordar o tema da clonagem: “*A similitude serve à representação*” (Foucault, 1973: 61), e o que lemos é que o homem se representa em outros iguais a ele, inclusive que dele possuem os seus genes, herdando não somente as características humanas comum aos homens, como suas particularidades genéticas. Interpretando essas representações, penso na falência do corpo humano, que vislumbrando a possibilidade de sua debilidade no decorrer de sua existência moderna, tenta prolongar-se num outro que o represente o mais acuradamente possível, numa busca alucinante de preservação da sua identidade. Contraditoriamente, à medida que cria próteses humanas de seus eus deslocados no tempo, visando a recuperação de um corpo perdido, desindividualiza-se, devido a sua reprodução serial. E, neste âmbito, vocifera a desestabilização do corpo humano, que retrocede à parte ínfimas do corpo, já prevendo a desintegração do sujeito”.

inflexões disciplinares e das prescrições às quais se submetem, há elementos que são interditos, mas dentro desses limites os sujeitos podem se deslocar livremente. Agora não mais *vedettes*, mas uma construção *pop art*, no que ela tem de reutilizável nos deslocamentos que percorre, apresentando-se ao mesmo tempo como representação e singularização de uma realidade particular na qual, nos, sujeitos, movimentamos nossos corpos e contornos coloridos ou em branco e preto seja na impressão em tintas de uma página, seja no ir e vir cotidiano do passear pelas horas nos nossos dias ilimitados (MILANEZ, 2001) e mínimos (GREGOLIN, 2004c).

A EMBRIAGUEZ DAS VERDADES



A EMBRIAGUEZ DAS VERDADES

J'étais insoucieux de tous les équipages,
Porteur de blés flamands et de cotons anglais.
Quand avec mes haleurs ont fini ces tapages
Les Fleuves m'ont laissé descendre où je voulais.
Rimbaud, 1871

1. Ciência e saber

A discussão sobre a medicina e as positivities da ciência foi o foco na seção anterior e o perseguirei ainda nesse momento. Desejo mostrar como o poder médico não cessa de se estender, atingindo não somente o indivíduo, mas a sociedade inteira no que se refere às nossas subjetivações mediante a medicalização e seus conceitos de vida e morte. Veremos, portanto, que o espaço no qual se coloca a doença percorre - como discuti a respeito da vivisseção dos animais em laboratório - um trajeto que envolve o poder e a verdade: dois temas que fazem desencadear tanto a crise pela qual passa a clínica hoje quanto à emergência do biopoder que nos engloba¹¹¹. Para tanto, acredito ser necessário retornar no tempo e apontar alguns elementos essenciais da história da clínica para compreendermos a discussão sobre a Aids, o terceiro elemento que permeia a intrincada rede de discursos dessa pesquisa. Veremos que, diferentemente das discussões anteriores, essa problematização não se voltará para em si em *stricto sensu*: pelo contrário, a evidenciação dessa temática me conduziu a inúmeras discursividades, incidindo sobre o sujeito em sua fluidez e dispersão na medida em que destaca sua contemporaneidade esfacelada. Por isso, as relações entre doença e Aids me servirão para ampliar as fronteiras na busca de um sujeito que não se permite entrever senão por meio do campo associativo e do domínio de memória ao qual se vinculam, revestidos pela materialidade que se repete, fornecendo os contornos para a configuração de um sujeito

¹¹¹ “Si, en 1966, la médecine se loge dans l’espace de la maladie, dix ans plus tard la médecine est sortie de cet espace et se retrouve partout. Il est possible de ressaisir ce trajet en fonction de deux thèmes, la crise de la clinique et l’émergence du biopouvoir » Cf. Le Magazine Littéraire, Dossier Michel Foucault, n° 435, Octobre 2004, p. 47

deslocado e aparentemente perdido. De que maneira, então, se dará a ver o sujeito nessa intermediação entre a doença e a história?

Evidentemente, muitas das positivities dessa discursivização nos remetem ao discurso médico, por meio da perigosa proliferação dos discursos pela história, construindo algumas das verdades do discurso científico do século XXI. Para tanto, me sinto compelido a continuar trazendo os postulados que envolvem o nascimento da clínica moderna, científica, nascida em fins do século XVIII, com as filiações de Morgagni e Bichat, no momento do aparecimento da anatomia patológica, que estruturará um pensamento médico dicotômico entre o normal e o patológico, dando, assim, início a mais uma série de deslocamentos na construção de nossa história do presente.

Indagações postas, gostaria de continuar remontando ao *Nascimento da Clínica* de Michel Foucault, a fim de delinear o que seria essa crise clínica ou da anti-medicina pela qual passamos, sem perder de vista os imbricamentos dos poderes ao saber e sua conseqüente produção de verdades. Ora, busco evidenciar, assim, não a divisão entre o discurso científico e a verdade, “mas de ver historicamente como se produzem efeitos de verdade no interior de discursos que não são em si nem verdadeiros nem falsos” (FOUCAULT, 1985b, p.7), isto é, uma busca das maneiras de falar e de ver um conjunto de práticas que servem de suporte à medicina como um novo regime no discurso e no saber.

O nascimento da medicina moderna e a instalação de seus saberes traçam uma história das positivities, que se origina da discursivização da loucura e da morte, duas negações do sujeito (Gregolin, 2004a, p.72), que pode também ser lida na seguinte passagem da genealogia da loucura de Foucault:

“A substituição do tema da loucura por aquele da morte não marca uma ruptura, mas uma torção no interior da mesma inquietude. É sempre o nada da existência o cerne da questão, mas esse nada não é mais reconhecido como termo exterior e final, é ao mesmo tempo

ameaça e conclusão; isso é experimentado do interior como forma contínua e constante da existência.” (FOUCAULT, 1961, p.28)¹¹²

Empreender a busca das verdades, portanto, é uma tarefa que remonta ao saberes que neles se apóiam. Mas, como entender essas certezas se elas nascem das rupturas nas quais repousam? Foucault (1961) aponta para nossa razão desrazoada logo nas primeiras linhas do prefácio de sua *Histoire de la folie* ao citar Pascal : « Les hommes sont si nécessairement fous que ce serait fou par un autre tour de folie de n’être pas fou ». É preciso, então, como nos mostra o filósofo, fazer a história do outro lado da loucura por meio da impiedosa linguagem da não-loucura. Entender, pois, a loucura, antes ainda que ela entre no reino da verdade. A busca do ‘grau zero’ da história da loucura¹¹³.

Recolho os dados da genealogia dessa história e gostaria de focalizar sobre a anunciação desses saberes sobre o louco, que nos explicam bem como se constituem nossas verdades cotidianas. Foucault (1961, p.36) questiona e responde : *O que anuncia esse saber dos loucos ? Sem dúvida, ele é, pois o saber interdito*, que nos levará a uma visão do mundo em que toda a sabedoria será colocada ao lado do nada, *anéantie*. A importância do saber na loucura não é porque ela poderia deter os segredos da desrazão, ao contrário, ela é a base de uma ciência ‘desregrada e inútil’, uma vez que a verdade do conhecimento é ele mesmo derrisório, uma loucura ao trabalho da razão e da verdade.



A nave dos loucos, Bosch

¹¹² Tradução minha.

¹¹³ Gregolin em seu livro *Foucault e Pêcheux na Análise do Discurso*, São Carlos, Claraluz, 2004, nos explica: “Foucault busca o ‘grau zero’ da loucura – o momento em que ela era ainda uma experiência indiferenciada (não pensada) e opõe a ela um momento de descoberta da loucura, isto é , a loucura como *fato de civilização*, o momento em que, entendendo a loucura, o homem expulsou o louco do convívio social, aprisionando-o.”

A loucura fascina porque ela é saber e traz consigo figuras de um saber difícil, fechado, até mesmo esotérico. O saber da loucura constitui uma viagem, que só pode ser entendida se nos colocarmos do lado de fora. Olhemos, portanto, os loucos da pintura de Bosch em *A nave dos loucos*. Mas, quando a tela promover a nossa identificação com a figurativização do louco, calemos. O silêncio esconderá nossa insensatez, possibilitando-nos seguir a viagem do lado de cá. A verdade vai, portanto, sendo construída meio às águas e aos corpos que habitam o saber em que navega o barco de Bosch.

Os atores idiotas de nosso barco encarnam uma equipe de heróis imaginários, modelos éticos ou tipos sociais celebrando a ociosidade numa festa fantasista, exaltando a gula nas carnes e bebidas e os lúgubres corpos nus que vão meio imersos nas águas, escorando-se na embarcação. Ao fundo, um protótipo de louco, com seu gorro e sua roupa de tiras que mais nos lembra um bobo da corte medieval. E se continuarmos subindo, deparamo-nos com uma grande árvore, o símbolo do saber e da imortalidade, ao mesmo tempo que nos remete a outra



pintura de Bosch
« O jardim das
delícias »¹¹⁴ (ao
lado), num misto
de sentimentos de
prazer e busca
futurista no
conhecimento de

¹¹⁴ Neste momento, mais que ampliar as relações de sentido entre *A Nave dos Loucos* e *O Jardim das delícias*, busco somente materializar iconograficamente a pintura citada como referência em A história da loucura, primeiro, a mim, depois, a meus possíveis leitores no que se refere a essa sensação de estranhamento ao fixarmos diante desse quadro: talvez uma supra-realidade que diga do de dentro de nós. Essa leitura poderá fazer parte de um trabalho futuro que busque, genealógicamente, tornar visível algumas das inúmeras indicações de Foucault, na pintura, a respeito do louco, objetivando a constituição de saberes nos dias de hoje.

si. Esses contornos em tintas sugerem que o louco esteja ainda ligado ao lado de lá, misteriosamente ao além.

Encarados, portanto, como vagabundos, pobres, criminosos, os ‘bobos’ estão próximos de serem tomados como animais e longe da ordem do discurso da produtividade, porém contam uma história lida às escondidas em meio à razão, loucura e poder como o próprio Louco de *Rei Lear: je vous promets un’ danse! Si jeu peux troquer, oh la la Mon bonnet contre une potence...*¹¹⁵. Nas águas que correm o barco de Bosch, a embarcação significará, então, um rigoroso instrumento de separação, um ícone de Passagem absoluta, retirada do espaço da razão daqueles que vivem uma meia-realidade, preocupação do homem medieval. Assim, o louco será excluído do convívio social. Paradoxalmente, a água e a nave que os levam, encarceram-nos, tornando-os prisioneiros na maior liberdade, no mar. Expulsos, assim, os prisioneiros da passagem¹¹⁶ caracterizam um aprisionamento em nível simbólico - a Nau dos Loucos -, que vai progressivamente se inscrever na realidade social, de um *grande confinamento*¹¹⁷.

Nasce, dessa forma, a experiência clássica da loucura: o louco precisará ser internado. Da barca irá ao hospital, teremos a era do *Grand Renfermement*, na passagem do século XVI para o XVII. O internamento se tornará ‘coisa de polícia’, no sentido que se empresta à época clássica, isto é, um conjunto de medidas que tornam o trabalho ao mesmo tempo possível e necessário para todos aqueles que não saberiam viver sem ele (Foucault, 1961, p. 63). O objetivo, portanto, era impedir a mendicância e a ociosidade como fonte de desordens. A

¹¹⁵ Cf. Shakespeare, *Le Roi Lear*, Gallimard, 2004, Acte I, scène 4, p. 256-257.

¹¹⁶ Cf. Histoire de la Folie (1961, p. 22) “C’est vers l’autre monde que part le fou sur sa folle nacelle; c’est de l’autre monde qu’il vient quand il débarque. Cette navigation du fou c’est à la fois le partage rigoureux, et l’absolu Passage. Elle ne fait, en un sens, que développer, tout au long d’une géographie mi-réelle, mi-imaginaire, la situation *liminaire* du fou à l’horizon du souci de l’homme medieval – situation symbolisée et réalisée à la fois par le privilège qui est donné au fou d’être *enfermé* aux portes de la ville: son exclusion doit l’enclorre; s’il ne peut et ne doit avoir d’autre prison que le seuil lui-même, on le retient sur le lieu du passage.”

¹¹⁷ Cf. GREGOLIN, Maria do Rosário Valencise. Foucault e Pêcheux na análise do discurso – diálogos & duelos. São Carlos, Claraluz, 2004, p. 69

desrazão se esconderá na discrição das casas de internamento, mas a loucura não deixará de se fazer presente no *teatro do mundo*.

Nos trabalhos de medicina do século XVIII, encontraremos um conteúdo e uma organização interna que dirá respeito ao lugar da medicina como um lugar de utilização prática tradicional tratando de « doenças da cabeça » ou « doenças nervosas » para, no século XIX, com os trabalhos sobre histeria, instaurar-se o aparecimento de uma disciplina psiquiátrica¹¹⁸, fato possível porque não havia nos séculos XVII e XVIII nenhuma disciplina anterior que se constituísse autonomamente, nenhuma disciplina definida que pudesse se comparar à psiquiatria.

Interrogando-se a nova disciplina, Foucault diz:

« descobriram-se duas coisas: o que tornou possível na época em que apareceu, o que determinou essa grande mudança na economia dos conceitos, das análises e das demonstrações, foi todo um jogo de relações entre a hospitalização, a internação, as condições e os procedimentos da exclusão social, as regras da jurisprudência, as normas do trabalho e da moral burguesa, em resumo, todo um conjunto que caracteriza, para essa prática discursiva, a formação de seus enunciados » (FOUCAULT, 2000a, p. 202)

Certamente, trabalhar sob essa perspectiva é salientar o método arqueológico que intenta definir os próprios discursos enquanto práticas que obedecem a regras. Descarta-se, assim, o discurso como *documento*, significando alguma outra coisa na qual se encontra a profundidade do que se procura. A arqueologia caminha em direção ao discurso no seu volume próprio, na qualidade de *monumento*. Sendo assim, é possível definir os discursos em sua especificidade, mostrando em que sentido os jogos das regras utilizadas é irredutível a qualquer outro, definindo tipos e regras de práticas discursivas que atravessam obras

¹¹⁸ A origem da psiquiatria, sob uma perspectiva genealógica, nos reenvia aos leprosários do século XIII. Os leprosos de também foram tirados do convívio social, passaram no século XVI, quando da época da embarcação dos loucos, a serem associados a sua comunhão com Deus, que será o responsável pela salvação dos leprosos via sua reintegração espiritual. Dessa maneira, tenta-se apagar os leprosos, mas restam as estruturas desse mundo de exclusão, que já haviam sido fonte de muita importância econômica. Mudam-se, portanto, os sujeitos, mas ocupam-se os mesmos instrumentos de encarceramento social.

individuais, inteira ou parcialmente. Não será, portanto, o retorno ao segredo da origem, será a descrição sistemática de um discurso-objeto¹¹⁹, linha que pretendo seguir, apoiando-me nos postulados de Foucault sobre os jogos que movimentam o exercício das forças nos aspectos que envolvem a medicalização da medicina.

Ao reafirmar, assim, essa posição nos anos 70, Foucault, em seus cursos no Collège de France, dirá que tabu maior que o do sexo será ainda o da morte. Por isso, a necessidade de se compreender as condições de produção do saber em determinada época, com seus discursos próprios e regras fixas, podendo constituir um saber real insuportável que, para ser enunciado, precisa camuflar-se por meio de figuras absurdas que rondam a constituição do saber.

Esse desejo de conhecimento que nos lança à busca das verdades, transfigurado em descoberta de si, parece encontrar um exemplo iconográfico, ao meu ver, na tela *Tentação de Santo Antonio*, sob a perspectiva de Salvador Dalí. Por isso, gostaria de me dedicar muito brevemente a essa pintura que fala diretamente ao sentimento de desejo que nos move em direção ao saber.

O tema da tentação é freqüentemente ilustrado desde a Alta Idade Média e mantém a regularidade em tratar das desventuras do santo que, tendo se retirado do mundo para se dedicar à meditação, confronta-se com seus demônios interiores e



seus fantasmas. Na pintura de Dalí vemos um santo Antônio nu, cujos encontros surrealistas trazem cavalos gigantes e elefantes que sustentam uma figura feminina, uma Vênus?

¹¹⁹ Foucault (2000) fará essas colocações na *Arqueologia do Saber* no capítulo *Arqueologia e História das Idéias*, buscando salientar as diferenças entre esses dois métodos.

Enfim, não somente dispositivos de seus desejos, mas seus medos secretos em forma de um sonho-pesadelo: o desassossego do eremita numa hora marcada consigo mesmo. Esses elementos de um saber que tentam santo Antônio são ao mesmo tempo um saber próximo, porque dentro de si, e distante, porque inalcançável diante das longas e finas pernas do imenso cavalo que abre o cortejo de seus temores fantásticos. A cruz estendida ao alto seria um movimento de recuo na defesa da possibilidade de um avanço em direção aos limites do saber, do próprio conhecimento de si, que exige entrega à alteridade.

Dessa forma, o saber que o santo busca e teme se torna inacessível e irredutível. Essa iconografia docemente fantasista retoma a idéia em que um animal, o cavalo, nos reenvia ao dragão tradicional que é tido à distância pela virgem, na figura do santo, isto é, um lugar de ordem para Deus e a visibilidade de uma vitória próxima, vindas da Idade Média com as mesmas especificidades no mundo moderno. Encontrar-se com seus próprios delírios e sucumbir a eles seria deixar-se levar pela demência que acabaria em morte. Portanto, a palavra de ordem é resistir à tentação e cuidar para que a razão e a vida imperem. Uma tentação dos saberes na loucura, na morte e nos suplícios da vida.

2. O show da vida: verdade, poder e disciplina

2.1 O barulho da ‘verdade’

Gostaria de focalizar a medicina, portanto, como uma forma de saber, que se estende de maneira bastante singular aos sons e ruídos quanto ao funcionamento dos mecanismos que estruturam a linguagem, em especial os mecanismos gramaticais, que configuram o ‘barulho’ que o corpo faz ecoar com o toque da medicina, tomada como *corpus* de saber e como instituição¹²⁰. Esse não-silêncio do corpo desencadeia a escuta de uma ‘mensagem’, uma

¹²⁰ Cf. « Message ou bruit ? » de Michel Foucault, conferência proferida no colóquio sobre a natureza do pensamento médico em 22 outubro de 1966, incorporada aos Dits et Ecrits I, 1954-1975, Gallimard, Paris, 2001 .

operação teórica que tem como alvo ‘informar’ e preparar o médico para um diagnóstico. Foucault nos diz da repetição das ‘mensagens’ que o doente envia ao médico, cujo papel seria de escutá-las e interpretá-las, estabelecendo um tipo específico de relação entre médico e paciente. Portanto, estabelece-se a constituição de um código, no qual a experiência clínica isola um certo número de traços que permitem a definição dos elementos que podem fazer parte de uma “mensagem patológica”, isto quer dizer que “toda uma parte do barulho, antigamente ensurdecida se coloca a falar”. Daí, o estabelecimento da escuta de uma mensagem, um *barulho* por meio do qual o médico ouve os elementos da mensagem, um ritmo techno marcando os passos de um corpo débil, uma música com hora marcada para acabar. Uma partitura da vida regida pelo médico sob a batuta da cura ou da morte.

Posto tais elementos, Foucault questionará a utilização dos modelos empregados para a tradução dessa mensagem, que definem o diagnóstico do ‘especialista’. Quais os modelos que permitem a triagem das categorias para as quais podem pertencer os sinais da doença? Não seria arriscar uma tradução dos elementos de uma mensagem em relação aos elementos de uma doença já definida? Parece-lhe que a teoria da prática médica pode ser repensada mais do que em termos positivistas, talvez no que ela tivesse de relação com práticas como a análise de línguas ou os tratamentos da informação, empreendido nos anos 60, momento no qual Foucault (2001p) se interroga em “Message ou bruit?” sobre a extensão do poder médico¹²¹. Para Le Blanc (2004, p.47), Foucault é o primeiro autor a compreender o valor utópico e mítico da clínica, remetendo-a a emergência de um poder médico como forma maior de um poder sobre a vida. Ainda, Foucault se recusa a ver no contrato de confiança que caracteriza a relação médico e paciente o valor último da medicina. Dessa maneira, a doença se torna um barulho primordial que o saber da medicina transforma em mensagem significativa, caracterizando uma anterioridade da visão sobre a linguagem.

¹²¹ Cf. « L’extension du pouvoir médical » por Guillaume Le Blanc in : Le magazine Littéraire : dossier Michel Foucault, une éthique de la vérité, n.435, octobre 2004.

A prescrição de uma verdade do ponto de vista do médico é a questão que nos inquieta. Como a busca de uma verdade pode se esconder atrás de uma verdade que é a de dizer ‘a verdade’? Veyne (1988, p.400), a propósito de Foucault, argumentaria: “Como um historiador, dedicado à verdade, pode pretender que não há outra verdade que o dizer a verdade?”. Isto equivale a dizer que “se a filosofia não pode fundar, sobra-nos viver e valorizar o que quisermos, sem nos justificarmos e dizermos que temos razão”¹²² (ibidem, p. 402). Fundar é tão inútil quanto impossível. E aqui estamos novamente diante de nós, enquanto sujeitos historicamente orientados.

2.2. A singularidade na morte

Olho, então, para a medicina no seu funcionamento social que não se refere somente ao personagem médico, naquelas forças que impõe seus segredos, ameaças e prescrições, mas também sobre as formas de suas práticas e seus objetos a serem medicalizados, uma vez que cada cultura define de maneira particular o domínio dos sofrimentos, anomalias, desvios, requerendo de sua parte uma prática específica.

Nesse percurso, portanto, tem lugar a inscrição da abertura do prefácio do Nascimento da Clínica (2001a, p. VII): “*Este livro trata do espaço, da linguagem e da morte; trata do olhar*”. O espaço, *grosso modo*, espacializará a doença por meio de uma medicina classificatória, tomando o corpo humano em sua geografia, um atlas anatômico, reduzindo-o a um único plano de manifestações visíveis. Além disso, ocorrerá a espacialização institucional da doença, ocasionando o surgimento de um novo espaço, a clínica. Sua linguagem irá circunscrever a linguagem médica, verificando a maneira de ver e a maneira de dizer, quando as coisas e as palavras não estão ainda separadas. Discutirá, portanto, o que se enuncia e o que se cala, articulando a linguagem médica e seu objeto, a fim de manter o patológico no nível da

¹²² Tradução minha.

especialização e da verbalização. A morte refletirá o ponto de vista da análise da doença, pano de fundo para a vida e o olhar poderá se referir à vigilância empírica aberta à evidência dos conteúdos visíveis, momento em que o olho se tornará o depositário e a fonte de toda clareza. Ver era perceber. Enfim, a observação, como notamos, aliada à experiência serão os motes para a concentração desse novo saber.

O olhar clínico, portanto, estará voltado para a lógica das operações, com suas características analíticas porque visa a reconstituir a gênese da composição. Nesse sentido, o olhar da observação seguirá pelas vias da comunicação de um Logos determinante de uma sintaxe que busca a origem. A observação e a experiência se desenvolveram nos domínios hospitalar e pedagógico, pois entendiam o conhecimento médico como um domínio homogêneo em suas partes, aberta a toda e qualquer forma de acontecimento patológico. A clínica permitirá, então, a integração da modificação hospitalar por meio da experiência, que não é a transparência da verdade, mas a análise daquela verdade. Assim, à medida que as experiências produzem saberes, essas verdades se dão a conhecer e passam a ser reconhecidas. O olho está no centro de tudo, refletindo o pensamento clínico e a verdade da vida utilizando-se da palavra, lugar da linguagem para a prescrição de regimes que evidenciam o visível e o enunciável. A descrição ocupará um papel de destaque. Foucault nos esclarece:

“É a descrição, ou melhor, o labor implícito da linguagem na descrição, que autoriza a transformação do sintoma em signo, a passagem do doente à doença, o acesso do individual ao conceitual. E é aí que se estabelece, pelas virtudes espontâneas da descrição, o vínculo entre o campo aleatório dos acontecimentos patológicos e o domínio pedagógico no qual estes formulam a ordem de sua verdade. Descrever e seguir a ordenação das manifestações, mas é seguir também a seqüência inteligível de sua gênese; é ver e saber ao mesmo tempo, porque dizendo o que se vê o integramos espontaneamente ao saber; é também ensinar a ver, na medida em que é dar chave a uma linguagem que domina o visível.” (FOUCAULT, 2001a, p. 129-130)

A experiência clínica se prepara para a exploração de um novo espaço. O espaço do corpo, lugar de ocultação de segredos, lesões invisíveis e o mistério das origens, proclamadas por uma clínica cujas ordens seguem a anatomia patológica, cuja experiência e observação se traduzem no relato dos sentidos, fazendo com que toda verdade seja uma verdade sensível. A sensorialidade do saber vai definir um campo de probabilidade e de estrutura lingüística do real, que garante ao *golpe de vista* a escolha do ponto central e decisivo. *O golpe de vista é um dedo apontado, e que denuncia* (Foucault, 2001b, p.138) regras e normas que devem atuar sobre o espaço tangível do corpo.

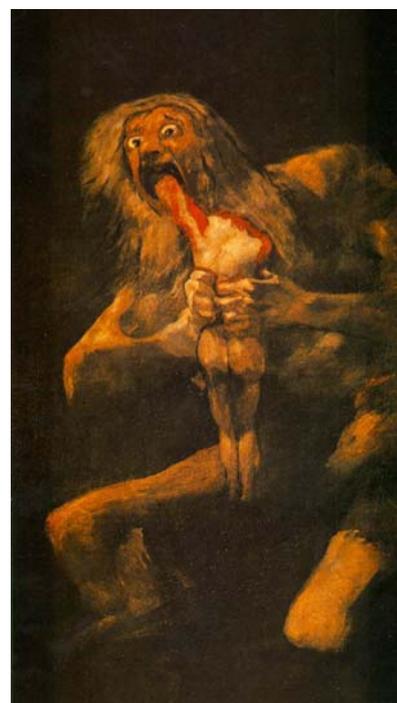
Daí o olhar médico sobre a morte, que elegerá os cadáveres como ícone, *o mais claro momento das figuras da verdade*, servindo aos estudos sobre análise tissular, na tentativa de decifrar o espaço corporal. O olho se tornará um grande senhor que tem o poder de ver a morte e investigá-la, desfazendo a vida na dissecação dos corpos. Assim, a análise da doença se faz do ponto de vista da morte, única possibilidade de dar à vida uma verdade positiva. Foucault nos faz perceber que do Renascimento ao final do século XVII, o saber que construía a verdade compreendia um círculo de vida que se voltava sobre si mesma e se observava; porém, a partir de Bichat, no século XVIII, o saber se desloca em relação à vida, separando-se dela no limite com a morte.

No século XIX, a medicina ainda parece estabelecer o que poderíamos chamar de normas do patológico, isto é, o reconhecimento em todo lugar e a todo momento do que devia ser considerado como doença. Assim, na época de Bichat, os fenômenos da vida e da patologia se dedicavam à análise das doenças, pensando como uma unidade os processos normais e mórbidos do pensamento médico nesse período. O século XIX será marcado por um saber científico permeado pela morte, uma maneira por meio da qual se delimitará os domínios nos quais se encerra, isto é, tomar a morte como maneira por meio da qual os objetos e conceitos se formam.

Define-se, assim, um uso novo do discurso científico, fiel e obediente ao *conteúdo colorido da experiência*, dizer o que se vê e fazer ver, quando se diz o que se vê, descrições que articulam o espaço, a linguagem e a morte, em suma, o método anátomo clínico, cuja condição histórica constitui uma medicina positiva que se oferece e é recebida como positiva na visibilidade da morte. A linguagem médica ao percorrer esse percurso se encontra profundamente escondida, mas se desvelará em multi-faces coloridas no desenvolvimento de suas formas de descrição. Dos cadáveres abertos de Bichat aos postulados sobre o inconsciente de Freud, a experiência da cultura moderna parece manter uma relação obstinada com a morte, universalizando rostos singulares e dando som às palavras, a cada um que deseje ser ouvido: “A morte abandonou seu velho céu trágico e tornou-se o núcleo lírico do homem: sua invisível verdade, seu visível segredo” (FOUCAULT, 2001a).

2.3 A morbidez dos olhos do saber

O século XIX, portanto, falará obstinadamente da morte, mortes visíveis, mortes voluptuosas, da morte do poeta Baudelaire e da deriva de seu barco bêbado. A verdade se naturaliza na morte. A fatalidade da morte se reduz a sua natureza, humana ou mítica. *Saturno devorando um de seus filhos* (1823), de Goya¹²³, destaca essa naturalização de forma macabra e angustiante. O horror é imenso: vemos um corpo sendo devorado, já a ausência da cabeça e do braço direito; o ato de engolir o corpo do próprio filho, recomeçando pelo braço esquerdo, a desrazão, na qual o conhecimento da vida é dado por um saber cruel e infernal. A morte se banaliza em espetáculo de horror, não só para o espectador,



¹²³ Em o “Nascimento da Clínica” (2001, p. 196), Foucault referencia à morte, no século XIX, por meio da pintura e da literatura citando Goya, Géricault, Delacroix, Lamartine e Baudelaire.

mas por Saturno, boca devoradora, visões de terror e de saber em seus olhos arregalados. Para Foucault (2001a, p.196), “*O olhar que envolve, acaricia, detalha e anatomiza a carne mais individual e aponta suas feridas secretas é o olhar fixo, atento, um pouco dilatado que, do alto da morte, já condenou a vida.*”

Um olhar que instala o mórbido conjuntamente com o macabro, ultrapassando o limiar da morte por meio de uma percepção homogênea, autorizando uma maneira da vida encontrar na morte uma das suas figuras mais diferenciadas. Para Foucault, o mórbido é a forma rarefeita da vida, uma vez que nela a existência se esgota, extenuando-se no vazio da morte; ao mesmo tempo a vida ganha com a morte uma estranha densidade, que não se reduz às conformidades e aos hábitos nem às necessidades. É uma densidade de volume singular, definindo sua mais absoluta raridade.

A morte, portanto, do lado da ciência, também se apresentará como ponto de vista absoluto sobre a vida e se abrirá para a sua verdade uma vez que a doença existia em função da verdade em seus sintomas. Assim, a morte se choca com a vida no decorrer do dia-a-dia, pois nela o ser vivo naturalmente se dissolve “e a doença perde seu velho estatuto de acidente para entrar na dimensão interior, constante e móvel da relação da vida com a morte” (Foucault, 2001a, p. 117). Epistemologicamente, a anátomo-patologia e a medicina dela derivada fundamentam-se numa *invisível visibilidade*. O saber se desenvolve via o olhar cotidiano, que recusa o microscópio, uma visibilidade que toma forma por meio de uma invisibilidade que o olho nu constata sem ver, com o auxílio do tato e um conjunto de prescrições que enquadram o paciente na sua doença. O olho vê a morte, tocando-a, mas mantendo-a suspensa na invisibilidade do olhar natural, que despreza o olhar artificial mais acurado e vertical do microscópio.

A percepção científica está fortemente vinculada à linguagem e à morte que tecem o manto da invisibilidade dos protegidos de Shazam, um invisível visível na consequência de seus gestos, interditando o segredo iminente, o saber que em seus atos ocultam o indivíduo. O indivíduo não é o início nem uma das formas mais presentes da vida. O saber se enfrentará com o indivíduo depois de travar longas e sangrentas batalhas com o uso da linguagem e a difícil conceituação da morte num espaço em que a morte encontra na linguagem o lugar de seu conceito. Esse espaço vivenciado pelo olhar nos oferece uma forma de individualidade, conquistada com os métodos de análise de Bichat, que vinham, certamente, se contruindo desde o Renascimento até o final do século XVIII um jogo que se fazia ver na vida a morte, na mudança se sentir a imobilidade e, no final de tudo, o começo de uma vida. Essa foi a grande contribuição de Bichat,

expressa na pergunta retórica de Foucault: “Não é Bichat, em suma, que introduziu o erotismo e seu inevitável extremo, a morte, na mais discursiva das linguagens?” (Foucault, 2001^a, p.196), que pode, para mim, estar iconograficamente condensada nesse recorte da tela de Delacroix, *A morte de*



Sardanapalus. Pintura representativa do século XIX, em que mais uma vez, embaralham-se saber e erotismo, agora na nudez da vida de Sardanapalus.

Desde o fim do século XVII, essa relação entre Eros e o saber se evidencia, dando oportunidade da morte estender seu afiado punhal em direção aos *infinitos começos da*

linguagem. A morte, portanto, ao contrário da vida, torna-se constitutiva de singularidade, pois é na morte que o indivíduo se encontra, fugindo à monotonia da vida e a seu nivelamento; possibilita, ainda, ao indivíduo ser ao mesmo tempo sujeito e objeto de seu próprio conhecimento na medida em que no saber se inverte o jogo da finitude. Courtine (1992, p. 116) nos diz que o « individualismo ‘narcísico’, com todos esses rituais de controle e de conjuração da usura do corpo, é uma forma de apropriação do morbido, das angústias difusas dessa pequena morte onde se esgota o sentimento da vida ».

Parece-me, como nos afirma Courtine (1992, p.115), que a era de Bichat observa a vida do corpo no espelho da morte, no qual a doença é vista como morte possível dentro da vida, um “trabalho surdo da morte na vida. Nessa dimensão semiológica, a inscrição do corpo em um paradigma indiciário médico, trata o corpo como signo, sintoma de diferentes momentos da experiência clínica. No entanto, Courtine (op. cit.) sugere uma outra dimensão de leitura, negligenciada pelos leitores do Nascimento da Clínica, isto é, o destaque das sensibilidades contemporâneas do corpo: “o laço que o método anátomo-clínico estabelece entre vida e morte na percepção do corpo doente”. Dessa maneira, a posição de Courtine nos coloca diante da obsessão contemporânea, cotidiana e minuciosa da saúde do corpo que não pode conceber seu fim na doença, fazendo com que a sociedade se torne inteiramente medicalizada e preventiva.

Os domínios que abrangem a prática médica mudaram, portanto. De um lado, o domínio hospitalar parece se dissipar caminhando em direção a uma dispersão no sentido de que não focaliza somente uma estrutura estigmatizada como o hospital, ampliando-se em fundações, clínicas, laboratórios, centros, departamentos, salas de estudo, às vezes, muito próximas do ambiente familiar em uma casa com jardim e cachorro latindo. Uma crise da medicina? Entretanto, esses contornos presentes desde o nascimento do hospital foram se reformulando e abrindo espaço para a *disciplina*, aperfeiçoando-se como uma nova técnica de

gestão dos homens. Antes de qualquer coisa, vale lembrar que a disciplina é, sobretudo, análise do espaço, isto é, da individualização pelo espaço, da inserção dos corpos em um espaço individualizado, que classifica e combina. De outro, o domínio pedagógico parece que se intensificou, começando distanciada na produção de vacinas e antibióticos, avizinhandose no que se refere à pesquisa e ao ensino. No entanto, tais aspectos parecem mais servir como exames de vigilância e classificação, permitindo distribuir os indivíduos, julgando-os, medindo-os, localizando-os, elevando a sua utilização ao maior grau possível.

Protagonista no desempenho dessa cena, a linguagem médica invadiu de uma vez por todas as nossas vidas e o espetáculo vulgarizou-se, somente mais um tipo de tecnologia esperada sem ânsia ou aflição; ‘eu aceito’: primeira impressão de um sim. A disciplina da linguagem parece vigiar e submeter ao olhar o registro contínuo de nosso corpo modelar e saudável, transformada em práticas advindas dos saberes médicos e da legitimação de suas posições em espaços midiáticos, que funcionam como técnicas médicas disciplinares de intervenção sobre nossos corpos débeis. Assim, organizam lugares de formação e transmissão de saber, por meio de inúmeros espaços que parecem operacionalizar nossa saúde, ao caracterizar um conjunto de técnicas por meio das quais o poder busca como resultado os indivíduos em sua singularidade, exaltando *o exame*, um olhar para o lado de fora, como o instrumento fundamental para o exercício desse poder de individualização.

Hoje em dia, a medicina tem consciência da relatividade do normal e de suas variações no que concerne o patológico, ou seja, variações no saber médico, em suas técnicas de investigação e intervenção quanto “ao grau de medicalização de um país, mas também às normas de vida da população, a seu sistema de valores e seus limites de sensibilidade, em relação à morte, às formas de trabalho que lhes são prescritas” (Foucault, 2001, p.781). Resumindo, em toda organização econômico-social. Com isso, Foucault nos mostra que a medicina moderna é uma medicina social que se sustenta sobre uma certa tecnologia do

corpo social, que evidencia o corpo do indivíduo a partir de seus imbricamentos com o corpo da população, valorizando a gestão de vida, agora como sinal de singularização dos corpos exaltados tanto como máquinas quanto nos seus processos biológicos.

A morte banalizada sob as condições históricas com as produções do século XIX, dá lugar a uma política do corpo e, em vez de se abrirem cadáveres, mantém a vida em suspenso, inflamada por substâncias, erotizada por agulhas, mantendo ainda o cruel e o mórbido, não mais sobre a morte, mas sobre o vivo que está a serviço da vida, a biomedicina, práticas médicas sobre a vida, da vida, para a vida.

Mas, que poder é esse? Qual é sua positividade? Quais suas vias para a singularidade? Que política de vida é essa?

3. A singularidade na vida

3.1 Aids e sujeito clínico

O livro *Nascimento da Clínica* acabará da mesma maneira que se inicia, falando da experiência fundamental da morte. É uma maneira não somente de a medicina dividir o sujeito, mas dela mesma se mostrar dividida em seu próprio interior, marcas do nascimento da clínica moderna e, sobretudo, do projeto de nossa medicina contemporânea. Para Foucault, era decisiva a importância da medicina para uma constituição das ciências do homem, ou seja, mais que importância metodológica, um modelo de constituição do homem como objeto de saber positivo. Para Sinding (1992, p.79), uma “prática objetivante, portanto, que se dá como ciência do indivíduo, criando, assim, sujeitos ligados a sua própria identidade pelo conhecimento de si¹²⁴”. Dessa maneira, a medicina se tornará uma tarefa nacional e deverá ser controlada para evitar os excessos de uma medicina livre demais. Ao mesmo tempo, percebe-se a necessidade de estudar e limitar as epidemias, por exemplo, tal é o viés desse estudo.

¹²⁴ Tradução minha.

A *Superinteressante* de outubro de 1996, que traz na capa o título *Aids, a 1% da cura*, parece engendrar uma consciência médica generalizada, transformando cada indivíduo em ator de uma política de saúde, no qual ele próprio representa um papel no controle das populações no que se refere às atitudes em relação à prevenção das doenças, isto é, tanto o cuidado consigo próprio



quanto à proteção do outro, no que tange uma abordagem recente por parte das propagandas europeias¹²⁵. A reportagem ao veicular, portanto, uma afirmação a respeito do *x da questão*, traz dentro de um recipiente a representação de conteúdos azuis e verdes, como vemos na capa de *Aids*, para continuar estudando o funcionamento do vírus HIV, no interior da reportagem. “E quando o acharem farão uma proposta ao paciente: interromper a medicação para que eles examinem, de olho nas células onde o HIV se refugiou, no que tudo vai dar. O doente poderá optar por continuar com os comprimidos, claro¹²⁶”, conta-nos a história de uma medicina que se desdobra em atenção ao doente na sua singularidade, mas retomando um outro nível de estudo das constituições individuais para confrontá-las.

Nesse sentido, a doença pode ser vista de posições diferentes tanto pelo paciente quanto por seus médicos. De um lado, o paciente sofre a experiência do aspecto pessoal da doença e, de outro, os médicos, detendo o saber das pretensões científicas do poder

¹²⁵ Esse é um trabalho que mereceria ser desenvolvido mais tarde. Gostaria somente de apontar duas propagandas vinculadas sob a égide de *Aides*, associação criada por Daniel Defert logo após a morte de Foucault em consequência da Aids, organização que mudou a relação médico e paciente na França e, certamente, no Brasil. As propagandas apresentam-se como cartões postais. A primeira, mostra a foto do busto de dois homens brancos de cabeça raspada e camiseta. A cada imagem corresponde um depoimento: a) J'étais au courant de sa séropositivité avant d'être en couple. Il est évident que l'on doit se protéger mais ce n'est pas toujours facile. Alors on en parle. Je l'aime ; b) Je suis séropositif depuis 12 ans. Ma charge virale est devenue indétectable. Se protéger en couple n'est pas toujours évident. Alors on en parle. Je l'aime. Para finalizar um *slogan*, em letras laranja, contrastando com o branco e preto das imagens: “Nous sommes toujours ensemble”. A segunda é a imagem de um homem de sunga sentado na praia. Ele está muito vermelho devido sua excessiva exposição ao sol e todo coberto de creme. Na cabeça uma máscara com formato de glândula peniana. Os dizeres acima da imagem revelam: Dick dit: “Les préservatifs c'est comme la crème solaire, c'est efficace que si on en met”. Abaixo do lado direito do cartão: “Aides, protégez-vous”.

¹²⁶ Cf. Extrato da reportagem *Aids a 1% da cura*, cujo subtítulo é *O fugitivo aguarda quieto*, ao qual, discursivamente, se cola uma metáfora de guerra, comumente vinculada a Aids (e discutida em minha dissertação “Corpos escritos: revista, discurso e sujeitos contemporâneos” sob a perspectiva de Susan Sontag), e uma apreciação moral em relação a o vírus.

institucional, sublinham seus aspectos objetivos, ou seja, os elementos que subjazem aos diagnósticos e prognósticos. Para Vigarello (2005, p.335), “hoje, a medicina instalou claramente a “doença” no quadro de paradigmas científicos. Instituições e crenças, no entanto, dominaram por muito tempo¹²⁷”. Esse é um dos fatos que pode nos explicar a emergência da mudança nos estudos em relação às doenças e à conservação da saúde, examinando o medo da doença, as estratégias para enfrentar a dor e os remédios, as tentativas para elucidar as significações da doença, sejam pessoais, morais ou religiosas. A clínica se tornará para o médico a sua prática, segundo Ansermet (2004, p.102) e “não mais a construção discursiva do saber que a sustenta¹²⁸”.

Diferentemente da medicina do século XIX, na era de Bichat, que dividia o indivíduo e a sociedade ao constituir como objeto de saber a população, hoje em dia, a medicina trata esses fenômenos individualmente imprevisíveis a partir de métodos estáticos, fazendo aparecer regularidades num processo de regulação mais ou menos autoritário que será colocado ao nível das populações como podemos observar por meio do enunciado no qual se lê “o vírus que já dizimou 4 milhões de pessoas em todo o planeta e hoje se hospeda no organismo de outros 22 milhões¹²⁹”. Dessa maneira, demonstra que os fundamentos da clínica são também conjunturais, institucionais e políticos e deixa um lugar à biologia nas ciências da vida que a coloca como indicador de problemas teóricos a serem resolvidos, o tal 1% que restaria. Para Foucault (2001r, p. 1592), uma maneira geral “que constitui a originalidade da vida e não podem se passar por uma certa posição de valor que marque a conservação, a regulação, a adaptação, a reprodução, etc.” Enfim, muito mais uma exigência que um método, uma moral muito mais que uma teoria.

¹²⁷ Tradução minha.

¹²⁸ Tradução minha.

¹²⁹ Cf. Extrato da reportagem *Aids a 1% da cura*, que tem como subtítulo *Procura-se o vírus da Aids vivo ou morto*, que lança mão inclusive de mecanismos do funcionamento de uma ironia que desvela tanto a dúvida em meio à impossibilidade da área médica em lidar com o vírus quanto a satirização da vida diante dos pacientes soropositivos.

3.2. Aids e sujeito moral

Verificamos, assim, que as ciências da vida chamam para uma certa maneira de se fazer história, colocando, de uma maneira singular, mais uma questão de moral ou de política, do que uma questão científica. Atentemos para a capa da *Superinteressante* de dezembro de 2000, Aids: o HIV é inocente?, cuja orientação discursiva nos leva a pensar sobre a doença no que ela tem de censurável, um julgamento das anomalias e das



doenças, posição descartada por Foucault (1975) já em *Vigiar e Punir*¹³⁰ e retomada por Courtine (1992, p.116), para quem as proibições médicas se substituem cada vez mais às proibições morais, vindo a fundar uma nova moral, na qual a saúde do corpo substituiu a saúde da alma¹³¹, evidenciando a velha questão do normal e do patológico num nível fundamental da vida, nos quais, segundo Foucault (2001r, p.1593) “os jogos de codificação e de decodificação deixam lugar a um acaso que, antes de ser doença, déficit ou monstruosidade, é algo como um ‘desprezo’”¹³². Com isso, estabelece-se uma série de “correções”, que impedem o momento terminal da verdade, uma verdade que é a mais profunda mentira, segundo Nietzsche, mas que escreve a história da medicina que se dá atualmente como uma ciência do dever do indivíduo (SINDING, 1992, p.80), ou seja, o acaso permanente por meio do qual se desenvolve a história da vida e do dever dos homens, na voz de Foucault (2001r, p. 1594).

Percebe-se, portanto, que há uma tentativa para compreender as novas práticas biológicas por meio dos deslocamentos promovidos pelos discursos clínicos estudados pela

¹³⁰ Desenvolvi um trabalho sobre a capa *Aids : o hiv é inocente ?* que discute os aspectos morais que envolvem os entornos com o vírus hiv e sua relação com o funk , no texto *Corpos ilimitados: Funk e Aids na revista – um espelho do leitor*. In: Gregolin, M. R. V. (org) *Análise do Discurso discurso: entornos do sentido Araraquara: UNESP, FCL, São Paulo: Cultura Academica Edigitora, 2001.*

¹³¹ Tradução minha.

¹³² Tradução minha.

arqueologia de Foucault, colocando em relação à clínica o conhecimento como um novo empirismo científico das ciências humanas. Para Foucault, a clínica é um espaço novo no qual se cruzam os corpos e os olhares. Aos olhos de Reid (1992, p.118-9), o empirismo clínico se constitui a partir de um jogo discursivo e institucional no qual “o sujeito do conhecimento se encontra ao mesmo tempo confrontado e autorizado pela opacidade do corpo, no qual inversamente o corpo recebe sua densidade e sua espessura do clínico que o escruta, o apalpa e o escuta¹³³”. Nesse jogo, o corpo e o olhar clínico se autorizam e chamam um ao outro de maneira recíproca: o corpo é finito na sua singularidade individual, correspondendo a um saber bastante modesto, que é aquele do clínico que não pode ver tudo, mas se dedica à tarefa insistente de ver tudo o que ele pode. Percalços entre a visibilidade e a invisibilidade. Por isso, lançando mão da decomposição e de sua patologia, a integralidade do corpo clínico estará sempre comprometida. Resta, portanto, investigar quais modificações sofreram esse olhar e esses corpos com a nova série de possibilidades tecnológicas, discursivas, institucionais e morais que a biologia de hoje coloca em prática, buscando costurar os tecidos das novas práticas discursivas para fazer os contornos da nossa história do presente. O mesmo objeto se torna foco de estudo ao mesmo tempo de diferentes posições seja por parte da saúde, da política e da moral, isto é, sempre o mesmo verde-azul do mar, olhado de cima de pedras onde cada um mais confortavelmente se instalou, uma instauração de olhares múltiplos por sujeitos vivendo as raridades de suas histórias pessoais e de suas épocas, constituindo o fazer da história do cotidiano.

¹³³ Tradução minha.

3.3. Aids e sujeito estético

Retomando a foto em *Reportagens*, intitulada “Tragédia da Aids”, no exemplar de junho/2001, ficam evidentes os dois estágios extremos pelos quais passam biologicamente o homem: o nascimento e a morte. Na foto, simboliza-se o nascimento (bebê no colo da mãe) e o luto previsível, por meio de uma mulher esquelética, olhar vazio, sentada ao chão, recostada ao batente de barro, cujo futuro nefasto, preenche o fundo escuro de dentro de sua casa. Mito e vida real são águas que se confundem. Do nascimento ao luto, como diz de Certeau (2000), o direito se apodera dos corpos transformando-os em texto seja em *tábua da lei* seja em *quadro vivo das regras e dos costumes*, dá a vida a atores teatrais organizados pelo social, marcados pela sua iniciação no simbólico.

SAÚDE
A tragédia da Aids



Noto, portanto, que esse elemento na *Superinteressante* é uma metáfora do corpo. No entanto, a página que carrega esses corpos débeis, dissolvidos, não é o suficiente para se promulgar leis. Por isso, elas se escrevem nos corpos, no seu/meu corpo, no das coletividades, articulados sob a forma de um corpo jurídico. Com efeito, essa foto é a pintura do gesto de seres vivos, atualização e contextualização de dados a partir de um alteridade, carne transmutada em texto, signos (legíveis) que já não são mais semelhantes a seres (visíveis), por constituírem um imaginário que projeta a aventura de uma decifração da *episteme* moderna. O tema, então, nascimento/morte nessa foto desenha o “negativo do mundo”, similitudes que decepcionam, conduzindo a visão e ao delírio, isto é, a desrazão e a imaginação (FOUCAULT, 1966), semânticas fotográficas para a palavra “Tragédia”.

Que tragédia é essa que fala ao mesmo tempo da vida e da morte? Parece-me mais um ensaio discursivo sobre a crítica de si mesmo, fazendo ressurgir as memórias da arte

grega e o estudos da sexualidade Foucault, que seguindo a esteira de Nietzsche, propõe uma discussão sobre o valor da existência. Certamente, o nascimento da tragédia ao qual nos remete essa foto da revista problematiza, ao meu ver, uma posição de força, no que se refere ao poder, força política expressa na materialidade lingüística do texto que acompanha a chamada na revista, dizendo: “O Brasil tem uma receita que pode barrar o avanço da doença na África. O problema é que os Estados Unidos estão no caminho”¹³⁴:

Desse lado da questão, ao fazer referência à força política dos Estados Unidos, coloca-se em relevo o horror e a crueza da existência concernente à saúde, uma incerteza excessiva que nos aponta para o sofrimento da foto, o encontro de um caminho com o terror. Nesse sentido, como nos ensinou Nietzsche (1978) a respeito do nascimento da tragédia, teríamos a presença do mito trágico por meio do espírito dionisíaco, com suas inclinações para o amargo, para o pessimismo, para o terrível. Será o próprio Nietzsche que nos questionará quanto à origem dessa vertente trágica, cuja fatalidade nos arrasta a fundo para as coisas da vida, sugerindo que tamanho sofrimento tivesse sua origem talvez até mesmo na alegria, na saúde exuberante e no excesso de vitalidade. Tais apontamentos nos esclarecem sobre a moralidade grega em relação ao sofrimento, constitutivamente marcado pela dor e miséria ao mesmo tempo em que pelo grande desejo de beleza e de festas, na sua contraparte presente no espírito apolíneo.

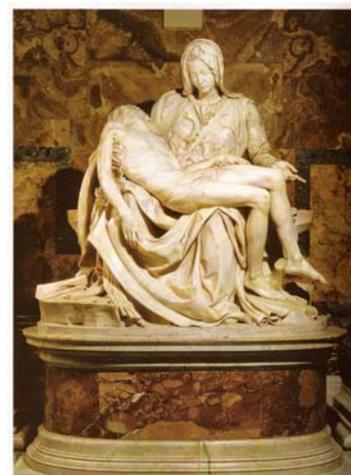
Dessa maneira, tragédia são os laços entre o comprometimento do sofrimento com a superabundância vital: traços da subjetividade do homem grego presente nas imagens das memórias do homem contemporâneo. Nesses termos, a *Superinteressante* promove a discursivização de dois elementos que na sua junção fazem emergir uma concepção de vida, ou em termos foucaultianos, uma estética da existência. Esse deslocamento colocará o sujeito no cerne de uma história efetiva e, como nos diz Campilongo (1999), faz com que a

¹³⁴ Cf. Revista Superinteressante, Seção « Reportagens », junho, 2001, edição 165.

“tragédia” se estabeleça como uma prática, um estilo, modos de se conceber a si mesmo e ao mundo, na medida em que esse modo de existência deflagrado pela foto traz um sujeito de si e veicula efeitos de realidade: toda vida repousa sobre a aparência, reverencia uma arte da ilusão, sob um ótica artística.

Face à doença da imunodeficiência, encontramos-nos no terreno da ciência encarada como sintoma de vida. Coloco-nos a pergunta de Nietzsche (op. cit) : “qual é o objeto, pior ainda, a origem de toda ciência?” Para o filósofo, o problema da ciência não pode ser resolvido no terreno da própria ciência, mas encontraria sua saída no terreno da arte, porque dessa forma pode focalizar seu olhar do ponto-de-vista da vida. Resumindo, olho para a foto dos africanos na revista *Superinteressante* com espírito apolíneo e dionisíaco, nomes emprestados aos gregos, divindades das artes que constituirão mundos estéticos por meio dessa ciência estética que se faz deflagrar na chamada dessa revista.

Contrariamente, se olharmos para a mesma imagem sob a ótica da moral cristã, depararemos-nos com uma realidade muito comum a nós, a da doença. Do lugar de uma doutrina cristã constrói-se uma moral que relega a arte nietzscheana, condenando-a e negando-a. Por isso, proponho o deslocamento da foto analisada até aqui para a imagem da *Pietà* de Michelângelo, cuja intericonicidade recupera a materialidade e reafirma a memória iconográfica do discurso religioso cristão, fazendo eclodir um imaginário baseado na morte e na exclusão.



No entrelaçamento do discurso político em sua opacidade na imagem da *Superinteressante* com o discurso religioso cristão evidencia-se a relação da Aids com a exclusão dos leprosos na Bíblia, tratados como impuros, portadores e espalhadores da peste, os culpados pelas epidemias. Dessa maneira, como nos explica Congourdeau (1993/4, p.10) a

respeito do vírus HIV, há uma tentação constante em transformar vítimas em culpados, porque à medida que o mal toma forma ressaltam-se duas atitudes: tornar o doente responsável pelo seu mal, assegurando minha sanidade e separando-me dele, porque me julgo inocente para, depois, visto que o doente é culpado, explicar-se a razão para excluí-lo, distanciando-se da possibilidade de compartilhar tal destino. Isso faz com que se estabeleça uma batalha na qual o inimigo é o doente e não o vírus, o que faz emergir uma reportagem tal qual nos deparamos na *Superinteressante*.

Essas imagens contam, portanto, duas histórias uma do lado da vida e outra do lado da morte sob a mesma ótica, a da ciência. Para Moulin (2006, p. 29) elas reportam, de um lado, um progresso contínuo que se exprime em números demográficos, alargamento da esperança de vida e apagamento progressivo das doenças infecciosas, de outro, fazem ressurgir o debate de um mundo instável, cheio de micróbios, cuja complexidade ignoramos. Essa história, portanto, é a da medicalização da doença, fazendo da medicina um dos principais recursos no caso da doença, amparando a vida por meio de um guia cujas direções seguem a consciência tradicional, ditando regras de conduta, censurando prazeres, estabelecendo recomendações (MOULIN, 2006, p. 15). Assim, saúde e doença não constituem entidades opostas, combinam-se como elementos constitutivos um do outro, caracterizando e singularizando o sujeito vivente. Isso faz com que pensemos que é o próprio homem que calcula o uso de seu próprio corpo, da mesma forma que antigamente já calculou sua alma. De novo estaríamos numa encruzilhada: uma governamentalidade da vida e do cuidado de si que a ela atrelamos, ao mesmo tempo que para isso precisássemos reformar nossas condutas em função dos ditados da ciência? Tal questionamento me leva a pensar a adequação de nossas doenças às construções históricas da cura: a presença do remédio como saber científico.

3.4 Doença: um lugar de estratégias e resistências

Não se trata, portanto, de uma cronologia das descobertas, mas de pensar numa história das ciências que se articule com outras disciplinas, deslocando seu domínio tradicional e seus métodos. Trata-se de compreender tanto a maneira como esse saber científico é utilizado quanto



a maneira pela qual são delimitados os domínios que regem esse saber, ou seja os espaços de coisas a se conhecer, seus respectivos conhecimentos efetivos ao lado dos instrumentos materiais e teóricos que o apóiam. Ao colar a capa de fevereiro de 2003 da *Superinteressante* - *Precisamos de tanto remédio?* - a essa nova consciência, penetramos em sua análise histórica. Nesse domínio, damo-nos, então, com a esteira em que roda a reportagem sobre os remédios, com os bastidores de uma história médica baseada na propaganda e no lucro das indústrias farmacêuticas e no lucro dos próprios médicos:

“ (a) A máquina de propaganda da indústria farmacêutica, (b) a irresponsabilidade de muitos médicos e a ignorância dos usuários criaram (c) um novo tipo de vício, tão perigoso quanto o das drogas ilegais: a farmacodependência”¹³⁵

A revista *Superinteressante* propõe uma verdade sobre a prática médica que se funda nos interesses econômicos do *show biz* das indústrias farmacêuticas, umas das mais poderosas forças mundiais, discorrendo sobre os erros médicos – “nem sempre os médicos assumem os erros de prescrição”. Alia, assim, prática médica à prática econômica, fazendo a “doença” tomar um sentido que a coloca ao lado da má fé, da mentira, das trapaças, das simulações¹³⁶. Seria o lugar que o exercício da conveniência médica daria a seu paciente, no treino diário de seu poder invasivo no corpo individual e da população. A prática médica da qual essa revista

¹³⁵ Chamada do texto de Jomar Morais em sua reportagem que se intitula “Viciados em remédios”, no exemplar da *Superinteressante* de fevereiro de 2003.

¹³⁶ “Maladie”, au sens où il faut prendre le mot à l’époque de l’internement: c’est à dire un monde qui est tout entier pénétré de mauvaise foi, de mensonge, d’apprentissage savant, de supercherie”, in : ¹³⁶ Cf. “Médecins, juges et sorciers au XVII siècle”, *Médecine de France* n° 200, 1° trimestre 1969, pp. 121-128, retomado em *Ditos e Escritos*, Gallimard, Paris, 2001, p. 793.

nos fala toma sentido nesse conjunto de conflitos econômicos e busca de satisfação individual do médico para seu o próprio bel prazer, próximo a uma autoridade magistral de intervenção com poder real. Por outro lado, sabemos que as relações de poder não se reduzem as suas relações econômicas:

Para fazer uma análise não econômica do poder, do que, atualmente, podemos dispor ? Acredito que podemos dispor verdadeiramente de muito poucas coisas. Dispomos, primeiro, dessa afirmação de que o poder não se dá, não se troca, nem se toma, mas que ele se exerce e que ele só existe em ação. Dispomos igualmente dessa outra afirmação de que o poder não é primeiramente mantido e reconduzido pelas relações econômicas, mas ele próprio, primeiramente, é uma relação de forças. (FOUCAULT, 2001s, p.170)

Gostaria de chamar a atenção para a relação entre sujeito e enunciado que se estabelecem entre a instituição e o indivíduo, mediadas pela reportagem. Basta sublinhar que a relação do enunciado com o sujeito que o enuncia varia de acordo com o suporte que dá voz a esse conjunto de signos. Nesse caso, a revista *Superinteressante* funciona como instância produtora desses enunciados, mas não podemos atribuir-lhe sistematicamente a função de sujeito do enunciado. Isso equivaleria a dizer que o sujeito do enunciado não será o mesmo de um enunciado a outro : Gregolin (204: 27) (entre) vista:

Essa função poderá ser exercida por diferentes sujeitos, isto é, um único e mesmo indivíduo pode ocupar, alternadamente, em uma série de enunciados, diferentes posições e assumir o papel de diferentes sujeitos mostrando que o sujeito de um enunciado será sempre outro, de acordo com a posição de quem o enuncia (GREGOLIN, 2004b, p.27)

Assinalando posições de sujeito, *A máquina da indústria farmacêutica*, descrita pelo autor, é tomada, portanto, em seu sentido negativo e devastador, Porém, o exercício das relações de poder não é necessariamente refutável nem precisa ser evitado, pois seria negar os próprios fatos que envolvem as relações cotidianas de nossas vidas. Sem dúvida, a propaganda funciona como estimulação de um prazer que serve a exercer um controle, e

poderemos estar sempre sujeitos à exploração. Com isso, devemos buscar talvez prudência e estar conscientes dessas relações, mas não colocá-las em julgamento. É preciso, sobretudo, definir o que são essas lutas conta a autoridade, o que elas têm em comum, visto que os objetivos dessas lutas são os próprios efeitos de poder enquanto tais. Foucault (2001t, p.1045) toma ainda, como exemplo, a profissão médica, que vai direto ao encontro de minha discussão aqui: “a reprimenda que fazemos à profissão médica não é pelo fato de ser uma empresa lucrativa, mas por exercer sem controle um poder sobre os corpos, a saúde dos indivíduos, a vida e a morte deles»¹³⁷.

Ao falar da *irresponsabilidade de muitos médicos* e da *ignorância dos usuários*, o autor apaga por meio da desqualificação dos médicos a liberdade criadora do usuário e suas possibilidades de resistência a esse discurso, isto é, a possibilidade de sempre mudar a situação. Certamente, não podemos nos colocar fora da situação, porque em lugar algum estamos livres dessas relações de poder, mas, segundo Foucault (ibid. p. 1559) há sempre uma possibilidade de transformar as coisas.

A chamada nos revela, portanto, dois tipos de relação de poder, que estão longe de enclausurar seus sujeitos e obrigá-los a seguir este ou aquele caminho, mesmo que sejam/sejam sempre abordados pela imposição de uma disciplina, posição que não nos tira a liberdade de criar, visando a uma transformação. Nesse sentido, somos livres, diferentemente da maneira pela qual o discurso da revista se constitui, apresentando-nos uma identidade de leitor que precisa se defender dos “maus médicos”, que, por sua vez, seriam influenciados pela propaganda farmacêutica e suas vantagens. Entretanto, a discussão para o sujeito leitor não é somente a de defesa, mas também de afirmação da ordem de seus desejos, não só de identidade, mas de força criadora¹³⁸. Foucault (2001, p. 1555) conclui: « Na verdade, vejam,

¹³⁷ Tradução minha.

¹³⁸ « Nous devons non seulement nous défendre, mais aussi nous affirmer, et nous affirmer non seulement en tant qu’identité, mais en tant que force créatrice ». Cf. “Michel Foucault, an Interview: Sex, Power and the Politics

eu acredito que a resistência é um elemento dessa relação estratégica da qual consiste o poder. A resistência sempre se apóia, na realidade, sobre a situação que ela combate.»¹³⁹.

Nesse caso, fica claro que a resistência se dá necessariamente lá onde há poder, uma vez que ela é inseparável das relações institucionais ou interindividuais. A resistência funda essas relações ao mesmo tempo em que é também, às vezes, o resultado delas; uma vez que as relações de poder estão em todo lugar, a resistência é a própria possibilidade de criar espaços de lutas e de propícias transformações. Para Revel (2002), “A análise das ligações entre as relações de poder e os focos de resistência é, portanto, feita por Foucault em termos de estratégia e de tática: cada movimento de um serve de ponto de apoio para uma contra-ofensiva do outro”.

A *farmacodependência*, nesse sentido, pode ser vista como um dos efeitos de exercício de poder entre paciente e doente, encontrando na própria reportagem da *Superinteressante*, à primeira vista, uma resistência a esse poder, mesmo que, *a posteriori*, fique-nos claro, que essa resistência corresponde a um movimento histórico de reação à medicina tradicional e incorporado a fim de se plugar à ordem da discussão do dia: um sujeito impaciente que, subjetivado, resiste às imposições cotidianas dos saberes e poderes, sejam aqueles ditos científicos ou aqueles tomados como senso comum. Vale ressaltar que “descrever uma formulação enquanto enunciado consiste em *determinar qual é a posição que pode e deve ocupar todo indivíduo para ser seu sujeito*” (GREGOLIN, 2004b, p.28).

Os *viciados em remédios*¹⁴⁰, de qualquer forma, dão ao fenômeno uma dimensão no centro da discussão cotidiana envolvendo os médicos integrados na “literatura científica internacional, ignorado ontem, enquanto as mídias se focalizam sobre os desvios das prescrições médicas, injetadas ou repassadas ao mercado negro” (COPPEL & DOUBRE,

of identity” (“Michel Foucault, une interview: sexe, pouvoir et la politique de l’identité”; entrevista com B; Gallagher e A; Wilson, Toronto, junho de 1982, p. 1555

¹³⁹ Tradução minha.

¹⁴⁰ Título da reportagem da *Superinteressante* de 2003, op. cit.

2004, p.84), funcionando como marca de denúncia, ao colocar em questão os valores de autoridade do médico, que patologiza uma reação que julga não se enquadrar aos padrões de normalidade num momento dado, em sua época, como bem o fez Molière em sua comédia *Le médecin malgré lui*¹⁴¹:

« *SGANARELLE* : se tournant vers la malade.
Donnez-moi votre bras. Voilà un pouls qui marque que votre fille est muette.
GÉRONTE : *Eh oui, Monsieur, c'est là son mal; vous l'avez trouvé tout du premier coup.*
SGANARELLE : *Ah, ah!*
JACQUELINE : *Voyez comme il a deviné sa maladie!*
SGANARELLE : *Nous autres grands médecins, nous connaissons d'abord les choses. Un ignorant aurait été embarrassé, et vous eût été dire : "C'est ceci, c'est cela"; mais moi, je touche au but du premier coup, et je vous apprends que votre fille est muette. »*

Essa posição medicalizante em relação ao que não está moldado à ordem do discurso atual foi sempre longamente discutido por Foucault tanto no que se refere à loucura¹⁴², quanto à medicalização, como pudemos ler em seus *Ditos e Escritos*. A preocupação médica em administrar uma bio-política de vida conveniente à sua época e de seu paciente, qualifica-o a encorajar um quadro de normalização para os corpos que diante dele se posicionam. O depoimento¹⁴³ veiculado na reportagem “Precisamos de tanto remédio?”, exemplifica essa situação:

"Como queria emagrecer, fui, há mais de dez anos, a um endocrinologista e ele me receitou um moderador de apetite, que não surtiu muito efeito. Pedi um remédio mais forte e ele me passou um comprimido à base de anfetamina.”

¹⁴¹ Cf. Molière, *Le médecin malgré lui*, acte II, scène IV.

¹⁴² Cf. Foucault, Michel. *Historia da Loucura*, São Paulo, Perspectiva, 1978;

¹⁴³ Cf. Depoimento « Eu nao conseguia parar de tomar », “M.R., é dona-de-casa, mora em São Paulo e tem 55 anos” para a reportagem “Viciados em remédios”, opus cit.

O desejo de emagrecer da dona-de-casa nos remete a um processo de subjetivação que coloca em jogo as relações do sujeito com os modos de objetivação, classificando-o e fazendo dele um objeto de sua vontade, uma maneira pela qual o poder investe o sujeito de técnicas de governamentalidade, que lhe colocam parâmetros, dividindo-o da mesma maneira que se fazia/se faz com o louco e o são, o homem doente e o saudável, o belo e o feio, que engendra as relações a respeito do gordo e do magro. Certamente, uma discussão em torno da norma. Foucault a respeito desse pensamento médico nos diz:

“Por pensamento médico entendo uma maneira de perceber as coisas que se organizam em torno da norma, isto é, que tenta dividir o que é normal do que é anormal; que não é de qualquer maneira somente o lícito e o ilícito; o pensamento médico distingue o normal do anormal; ele se dá, ele procura também a se dar meios de correções que não são exatamente meios de punição, mas meios de transformação do indivíduo, toda uma tecnologia do comportamento do ser humano que está a isso ligado” (FOUCAULT 2001v, p.374).

Nesse processo, podemos verificar um modo de subjetivação que se faz por meio de práticas objetivantes, mas também se evidencia a maneira pela qual o sujeito se apropria de técnicas que permitem a ele se constituir como sujeito de sua própria existência: “Na receita estava escrito um comprimido por dia. Insatisfeita com os resultados, resolvi tomar dois por conta própria.” Ao tomar esta atitude frente a si, a dona-de-casa, procura inscrever a si mesmo na ordem do dia do seu tempo, constituindo a si mesma como sujeito de um ação racional pela reapropriação de procedimentos que a caracterizam como indivíduo, ao fazer suas escolhas, escrevendo a si mesmo. De um lado, ainda que a medicina coloque o sujeito no que parece uma camisola química, trancando-a agora não mais nos leprosários ou hospitais, mas na sua própria casa, encoraja-se o enclausuramento por meio das técnicas que a governam, de outro, o sujeito se faz ouvir por meio da resistência subjetiva de suas singularidades, um lugar de invenção de si:

Esse lugar inassinalável da subjetividade em movimento, em perpétuo « desprendimento » em relação a ela mesma, é, ao mesmo tempo, para Foucault, o produto das determinações históricas e do trabalho sobre si (cujas modalidades são, por seu turno, históricas), e é nessa dupla ancoragem que se enlaça o problema da resistência subjetiva das singularidades: o lugar de invenção do si não está no exterior da grade do saber/poder, mas na sua torção íntima – e o percurso filosófico de Foucault parece aí, para nós, disso dar o exemplo. (REVEL, 2005, p. 85)

Nesse sentido, a história das subjetividades, segundo Revel, se produzirá por meio tanto de uma descrição arqueológica de um certo número de saberes sobre o sujeito, quanto da descrição arqueológica das estratégias e técnicas de governo às quais os indivíduos podem ser submetidos, levando ainda em consideração a análise das técnicas por meio das quais os homens se produzem e se transformam.

3.5. Medicina, controle social e drogas

Desejo fixar, portanto, que as relações que se estabelecem nessa análise da *Superinteressante*, não são uma questão de verdade, mas de estratégias. Discursivamente, visando seus interesses específicos, obviamente, a revista denuncia uma medicina que é



controlada socialmente. E o mesmo vale para a questão da *farmacodependência* e também para as drogas ilícitas. Debate-se, então, sobre

“a denuncia da medicina como controle social, invocada contra aqueles que se confrontam às drogas, vem aterrorizar o debate que acaba de abrir” (COPPEL

& DOUBRE, 2004, p.84). O silêncio coletivo sobre o uso de drogas, de um lado, poderia contribuir com o tabu da interdição, de outro, falar delas poderia ser visto como um meio de promoção; porém, para Foucault (2001u, p. 1557), esse fato faz parte de nossa cultura. “As drogas fazem agora parte de nossa cultura”¹⁴⁴ ele nos diz, e continua : « O que me frustra, por

¹⁴⁴ Tradução minha. Cf. Michel Foucault, une interview: sexe pouvoir et la politique de l’identité, entrevista com B. Gallagher e A. Wilson, Toronto, junho de 1982, *The advocate*, n° 400, 7 de agosto de 1984, p. 1557. Esse parece ser o primeiro e único registro de Foucault sobre drogas, constituindo dois parágrafos desse texto. Ainda

exemplo, é que se olha sempre para o problema das drogas exclusivamente em termos de liberdade e de interdito. Penso que as drogas devem se tornar um elemento de nossa cultura ». E essa discussão é proposta pela *Superinteressante*¹⁴⁵:

Após um século tentando eliminar as drogas,
o mundo descobriu que isso é impossível.
Saiba então como conviver com elas.

“Nós devemos estudar as drogas”, retoma Foucault, pois, apesar dos aspectos sócio-econômico-morais nos quais toca, elas relevam exercícios de poder outros, constituindo-se um ringue de relações, cujo boxeador favorito se chama *Controle*, denominando uma série de mecanismos de vigilância, que correspondem à formação da sociedade capitalista, no que se refere ao controle das necessidades da produção e do mercado de trabalho sobre as populações. Nesse sentido, busco evidenciar a seguir alguns mecanismos e efeitos de controle social no que se refere tanto ao sujeito e seu imbricamento com a saúde pública nas suas relações entre interdição e liberdade quanto o controle sobre o prazer nesse processo de subjetivação.

A reportagem de Denis Russo Burgierman, discute:

“Por que a maconha é proibida? Porque faz mal à saúde. Será mesmo? Então, por que o bacon não é proibido? Ou as anfetaminas?”¹⁴⁶

O questionamento da proibição da maconha colocará em questão um tipo de saber que se quer desqualificada enquanto ciência, “faz mal à saúde. Será mesmo?”, questiona a reportagem. Reflete-se, portanto, sobre um sujeito



assim, ele toca nesse tema ao discutir a questão de praticas identitatrias gays, problematizando a relação entre prazer, controle e identidade.

¹⁴⁵ Revista *Superinteressante*, exemplar de janeiro de 2002, com reportagem de Rodrigo Vergara.

¹⁴⁶ Revista *Superinteressante*, “Maconha”, de agosto de 2002.

falante que possui uma experiência e um saber, pretendendo reduzir uma discussão, fechando-a como um acontecimento dado, sem precedentes. Mas isso quer dizer que quem possui esse discurso, à primeira vista científico, é um sábio que pode dar as respostas certas?¹⁴⁷ Fica claro, assim, que uma pergunta do tipo: “Por que é proibida?” faz emergir a discussão sobre a inscrição de um saber em relação ao poder constitutivo à ciência, que é, evidentemente, colocado em xeque: um tipo de empreendimento para desassujeitar saberes históricos, colocando em oposição e luta “contra a coerção de um discurso teórico e unitário, formal e científico” (FOUCAULT, 2001s, p.167). Dessa maneira, toca-se, ainda, nas questões de saúde pública, perguntando sobre quais controles podem ser considerados legítimos e por quem. Para Foucault (op. cit.) “Dito de outra maneira, de quais controles aceitamos nos apropriar?”, uma vez que “a saúde pública pode ser instrumento do controle social ou, ao contrário, instrumento de uma mudança das políticas, segundo as forças que nela se amparam?”, uma lógica que, nelas mesmas, não são nem boas nem ruins, pois o controle nasce, primeiramente, de uma relação de forças.

Denis Russo Bugierman tira o véu dos saberes históricos assujeitados de uma erudição científica e de imposições econômico-sociais, que estavam presentes e mascarados no interior de conjuntos políticos funcionais e organizações sistemáticas, trazendo à tona a *genealogia* de conhecimentos eruditos e de memórias locais. Isso permite a constituição de um saber histórico das lutas e utilização desse saber e suas táticas atuais:

“A proibição das drogas serve aos governos porque é uma forma de controle social das minorias”, diz o cientista político Thiago Rodrigues, pesquisador do Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre Psicoativos. Funciona assim: maconha é coisa de mexicano, mexicanos são uma classe incômoda. “Como não é possível proibir alguém de ser mexicano, proíbe-se algo que seja típico dessa etnia”,

¹⁴⁷ “Quel type de savoir voulez-vous disqualifier du moment que vous vous dites être une science ? Quel sujet parlant, quel sujet discourant, quel sujet d’expérience et de savoir voulez-vous donc minoriser du moment que vous dites : moi qui tiens ce discours, je tiens un discours scientifique et je suis savant ? in *Cours du 7 janvier 1976*, p. 166, Dits et Ecrits, Quarto-Gallimard, Paris, 2001

diz Thiago. Assim, é possível manter sob controle todos os mexicanos - eles estarão sempre ameaçados de cadeia. Por isso a proibição da maconha fez tanto sucesso no mundo. O governo brasileiro achou ótimo mais esse instrumento para manter os negros sob controle. Os europeus também adoraram poder enquadrar seus imigrantes.»¹⁴⁸

O texto acima não deixa, sobretudo, de citar os sintomas das relações de controle face ao sentimento de ameaça no tocante a seus imigrantes, seja nos Estados Unidos, Brasil ou Europa. Ainda, o discurso que dele se depreende faz com que reapareçam saberes paralelos em relação ao saber médico, ou seja, um saber que Foucault chamaria de “savoir des gens”, e que não é de maneira alguma um saber comum, ao contrário, trata-se, para Foucault, primeiro e antes de tudo, da insurreição contra os efeitos centralizadores “que estão ligados à instituição e ao funcionamento de um discurso científico organizado no interior de uma sociedade como a nossa” (FOUCAULT, 2001s, p.165). É, portanto, contra os efeitos dos poderes próprios a um discurso considerado como científico que devemos atentar às teorias unitárias que visam a filtrar, hierarquizar e ordenar a vida em nome de uma ciência ditada por um grupo restrito.

No entanto, esse tipo de poder político está sempre vivo em nosso cotidiano, tendo como papel a reinscrição de forças por meio de um tipo de guerra silenciosa, que envolve instituições, as desigualdades econômicas, a linguagem e, por sua vez, vez os corpos que deles fazem parte. Nesse sentido, essas relações de força funcionam por meio do estabelecimento de uma certa relação de forças estabelecidas num momento dado, historicamente preciso, referindo-se à guerra e pela guerra, um exercício de lutas e forças. Dessa perspectiva, podemos ler mais um dos subtítulos do número de agosto de 2002 da *Superinteressante*: “Se perdemos a guerra contras as drogas, quem ganhou?” Ora, discute-se,

¹⁴⁸ O texto “A verdade sobre a maconha” traz uma discussão que se divide em três partes: “Porque é proibido? Sede de poder” “Porque é proibido? Fibas sintéticas e papel” e “Porque é proibido? Controle Social”. Essa citação faz parte do ultimo item citado.

assim, a constituição de uma soberania política, para o qual o poder é concreto e detido por qualquer indivíduo que o detenha, “isto quer dizer que a política é a sanção e a recondução do desequilíbrio das forças manifestadas na guerra” (FOUCAULT, 2001s, p.172).

Dessa forma, pode-se dizer que a metáfora da guerra, como afrontamento bélico de forças, numa luta contínua e de relações de força perpétuas, coloca-nos diante de dois esquemas diferentes, de um lado, um esquema contra-opressão e, de outro, uma “guerra”-repressão ou dominação-repressão, para o qual a oposição se faz entre luta e submissão e não entre a oposição do que é legítimo ou ilegítimo¹⁴⁹. Portanto, o que se destaca é da ordem de um esquema de luta-repressão, no qual luta e enfrentamento engendram táticas e estratégias nas relações de força que dizem diretamente respeito ao sujeito: e é ele que está no centro de todas essas relações. No entanto, é preciso fazer esse percurso para que se ouça Foucault (2001t, p.1042) dizendo “Não é, então o poder, mas o sujeito, que constitui o tema geral de minhas pesquisas”.

3.6. O sujeito e o uso de seus prazeres

Guerra, enfrentamentos, estratégias, táticas servem, sem dúvida, às lutas que colocam em questão o estatuto do indivíduo no centro das discussões, afirmando o direito à diferença ao sublinhar tudo que faz com que os indivíduos sejam verdadeiramente individuais. Com isso, as lutas são em torno de tudo que tente isolar o indivíduo, constringendo-o a fechar-se em si mesmo e atacar sua identidade. Daí, a necessidade de se ampliar as dimensões do que se define como poder: “Esse novo modo de investigação consiste em tomar as formas de resistências em seus diferentes tipo de poderes como ponto de partida” (FOUCAULT, 2001s, p.1044), estendendo-o até a objetivação do sujeito, produzindo uma história dos diferentes

¹⁴⁹ Cf. « En tout cas, il faut, je crois, regarder de près ceux des notions, « répression » et « guerre », ou, si vous voulez, regarder d'un peu plus près l'hypothèse que les mécanismes de pouvoir seraient essentiellement des mécanismes de répression et cette autre hypothèse que, sous le pouvoir politique, ce qui gronde et ce qui fonctionne, c'est essentiellement et avant tout un rapport belliqueux ». in *Cours du 7 janvier 1976*, p. 73, Dits et Ecrits, Quarto-Gallimard, Paris, 2001.

modos de subjetivação, isto é, a maneira pela qual o ser humano se transforma em sujeito na nossa cultura.

Constatamos, portanto, que essa forma de poder se exerce na vida cotidiana imediata, classificando os indivíduos em categorias, designando-os por sua individualidade própria, impondo uma lei de verdade que se liga a sua identidade e que, por sua vez, é pelos outros reconhecido como sujeito. Tomemos como exemplo essa capa da revista *Superinteressante*, “Ecstasy”, que deixa clara a discussão que iniciei com a reportagem “A verdade sobre a maconha”, colocando o sujeito na capa, um rosto feminino, lábios delineados pelo batom vermelho e a língua desejanste que traz na sua ponta a marca do êxtase químico, exaltando euforia e felicidade por meio do rosto sorridente. A relação entre droga e prazer é imediata. Sem dúvida, vale ressaltar que essa é uma “técnica de si” muito poderosa em nossa cultura, no que se refere à relação da progressão do consumo de drogas e os valores individuais que muito se intensificaram a partir dos anos 80¹⁵⁰, uma análise que se refere a todas as drogas, sejam elas lícitas ou ilícitas, como comprimidos que “me deixavam mais agitada, rápida no trabalho, elétrica¹⁵¹”, seja como tratamento para a depressão ou emagrecer, seja ainda o seu uso em festas, como “a ‘droga do amor, que turbina as raves¹⁵²”. Para exemplificar, leiamos o depoimento de uma jovem estudante e sua experiência com o ecstasy¹⁵³:



“Estava ansiosa. A festa rolava a mil. Eu tinha tomado meio comprimido de 'E' há 30 minutos e nada, nenhum efeito. Mas, aos

¹⁵⁰ « C'est la perspective qu'adopte Alain Ehrenbergh lorsqu'il met en relation la progression des consommations de drogues et les valeurs individualistes des années 1980. » in Cf. “Drogues: risquer une question” de Anne Coppel e Olivier Doubre in *Vacarme*, automne 2004, n° 29, Michel Foucault 1984-2004, Paris, p. 82

¹⁵¹ Depoimento de uma dependente de medicamentos, veiculada na reportagem de “Precisamos de tanto remédio?”, *Superinteressante*, fevereiro de 2003.

¹⁵² Chamada da reportagem de “Ecstasy”, por Rodrigo Vergara, *Superinteressante*, setembro de 2000.

¹⁵³ Cf. Depoimento: “Você nao quer parar de dançar” de « Sabrina (nome falso), 22 anos, estudante, [que] conta sua experiência com ecstasy, na revista *Superinteressante* “Ecstasy”, no numero de setembro de 2000.

poucos, meu corpo foi ficando diferente, mais sensível, mais maleável. Quando era tocada em qualquer lugar, sentia o mesmo arrepio de uma carícia atrás da orelha ou na virilha. Um profundo sentimento de harmonia com o mundo foi me preenchendo. Mas o 'E' dá depressão, sim. Você fica triste depois que o efeito passa. É difícil voltar e encarar a realidade de que a vida não é tão maravilhosa.”

Sabrina, nome fictício para preservar a privacidade em caso de tentativa de interdição de sua experiência na ordem de nossa sociedade, opõe sua resistência aos efeitos de poder que estão ligados à competência e à qualificação institucionalmente impingida. O discurso da estudante não tem nada de científico, isto é, fazendo circular e funcionar em seu depoimento um regime de saber no qual sua vida se insere: ao falar de si e sua experiência, Sabrina recusa a violência de esconder-se atrás de um saber instituído, dando-lhe a oportunidade de se colocar individualmente e, conseqüentemente, mostrar quem somos nós, sujeitos além de uma inquisição científica ou administrativa que pode determinar nossa identidade.

Droga e corpo se amalgamam em seu depoimento. Seu corpo fica “mais sensível, mais maleável”, concretizando-se, portanto, o objetivo de se testar o prazer e suas possibilidades, que a droga como elemento de nossa cultura pode exercer enquanto fonte de prazer. “O prazer também deve fazer parte de nossa cultura”, diz Foucault (2001u, p.1557), e não se trata de falar de desejo, mas de prazer, não se trata, para Foucault, de liberar nosso desejo, mas de criar novos prazeres, que poderá ou não ser seguido pelo desejo. Deleuze nos fala da posição de Foucault ao termo ‘desejo’:

a última vez que nos vimos, Michel me diz, com muita gentileza e afeição, mais ou menos isso: eu não posso suportar a palavra desejo; mesmo se você a empregar de outra maneira, eu não consigo me impedir de pensar ou de viver que o desejo é igual à falta, o que o desejo se diz reprimido” (RABOUIN, 2004).

Tomemos, portanto, as sensações de Sabrina, “Quando era tocada em qualquer lugar, sentia o mesmo arrepio de uma carícia atrás da orelha ou na virilha” como voz de seus

prazeres nos laços que se estendem à sexualidade, essencialmente mais incitada que reprimida, o início de uma história do “homem de desejo”, um trabalho histórico e crítico que pensa o desejo em relação à sexualidade, sem excluir a identificação lacaniana de desejo como falta ou o freudiano lugar de interdição para o desejo, afim de criar conceitos e diagnosticar o presente, da maneira por meio da qual, por exemplo, podemos refletir sobre o pensamento cristão do desejo e da psicanálise como campo de problematização proposto pelo depoimento de Sabrina.

O relato de Sabrina, portanto, nos fala de uma experiência pela qual o indivíduo se reconhece como sujeito de uma sexualidade, que se abre a campos diversos que se articulam em um sistema de regras na qual a força de coerção é variável, quero dizer, descreve a história de uma sexualidade como experiência entre domínios de saber, tipos de normatividade e formas de subjetividade: “a análise das relações de poder e de suas tecnologias permitia encará-los como estratégias abertas – escapando à alternativa de um poder concebido como dominação ou denunciado como simulacro” (FOUCAULT, 2001w, p.1359). Dessa maneira, a experiência da sexualidade pode se distinguir como uma figura histórica singular diferente da experiência cristã da “carne”, visando a analisar as práticas pelas quais os indivíduos foram levados a se preocupar consigo próprios, buscando se decifram e se reconhecerem como *sujeitos de desejo*, ou seja, a verdade do seu próprio ser, seja ele natural ou decaído.

Segundo Foucault, a assimilação do prazer ao sexo é algo ultrapassado, por isso, destaca a relação que podemos ter com nossos corpos. Ele nos diz¹⁵⁴:

A possibilidade de utilizar nosso corpo como a fonte possível de uma multitude de prazeres é algo muito importante. Ao se considerar, por exemplo, a construção tradicional do prazer, constata-se que os prazeres físicos, ou prazeres da carne, são sempre a bebida, a comida e o sexo. E é aí que parece se limitar nossa compreensão do corpo, dos prazeres. (FOUCAULT 2001u, p.1557)

¹⁵⁴ Cf. Michel Foucault, une interview: sexe, pouvoir et la politique de l’identité, entrevista com B. Gallagher e A. Wilson, Toronto, junho de 1982, *The advocate*, n° 400, 7 de agosto de 1984, retomado em Dits et Ecrits II, 1976-1988, Gallimard, Paris, 2001 p. 1557.

Nessa linha, o corpo é o meio pelo qual o ser humano pode problematizar o que ele é e o que o movimenta no mundo em que vive. Essas práticas, acima de tudo, corporais é o que poderia se chamar de “artes da existência”, ou seja, práticas reflexivas e voluntárias por meio das quais os homens tanto se fixam regras de condutas quanto buscam transformar-se a si mesmos, modificando-se no que eles têm de mais singular ao seguir uma obra no qual se inserem determinados valores estéticos que respondem a certos critérios de estilo¹⁵⁵. Isso faz com que a identidade seja encarada como um jogo, do qual fazem parte procedimentos que favorecem relações sociais e relações de prazer sexual, “que criaram novas amizades”¹⁵⁶ e, nesse sentido, elas se tornam úteis para a constituição do sujeito enquanto obra da construção de si mesmo.

Sabrina foi livre para escolher e sentir seu prazer. “Nós devemos experimentar as drogas. Nós devemos fabricar boas drogas – suscetíveis de produzir um prazer muito intenso” (FOUCAULT, 2001u, p.1557). Parece-me que essa era a experiência que buscava Sabrina no encontro consigo mesma, experimentação e prazer, mas devemos ressaltar ainda seu último comentário em relação aos efeitos da droga: “Mas o 'E' dá depressão, sim. Você fica triste depois que o efeito passa. É difícil voltar e encarar a realidade de que a vida não é tão maravilhosa.” Ao lançar mão desse argumento adversativo, a estudante parece não contradizer suas sensações nem mesmo julgar a si própria, simplesmente constatando a existência de um momento prazeroso que não corresponde a sua realidade cotidiana. Da mesma maneira, à medida que a revista aceita veicular seu depoimento, também se coloca por meio da voz de Sabrina, visto o discurso que se depreende de toda a reportagem. Assim, suas posições equivalem à posição de Foucault: « Da mesma maneira que há música boa e ruim; há drogas

¹⁵⁵ Cf. “Usage des plaisirs et techniques de soi”, *Le Débat*, n° 27, novembre 1983, pp. 46-72, retomado em *Dits et Ecrits II*, 1976-1988, Gallimard, Paris, 2001, p 1364

¹⁵⁶ Cf. “Michel Foucault, an Interview: Sex, Power and the Politics of identity” (“Michel Foucault, une interview: sexe, pouvoir et la politique de l’identité”; entrevista com B; Gallagher e A; Wilson, Toronto, junho de 1982, retomado em *Dits et Ecrits II*, 1976-1978, Gallimard, Paris, 2001, p. 1558

boas e ruins. Portanto, se não podemos dizer que somos contra a música, não podemos dizer que somos ‘contra’ as drogas”» (FOUCAULT, op. cit.).

De qualquer forma, o que gostaria realmente de ressaltar no discurso de Sabrina é a prisão que desvela por meio de sua fala libertadora. Ela nos conta a história de uma subjetivação que se faz entre o choque das livres escolhas de nossos prazeres e do assujeitamento do homem de hoje ao regime social que o impinge a vestir-se a partir de um guarda-roupa químico, fazendo aparecer um certo número de traços essenciais singularizantes no desenvolvimentos das ciências que geram nossas vidas em relação a outras ciências que colocam a seus historiadores problemas específicos. Falo, portanto, dos mecanismos que asseguram a história da vida que evidenciam fenômenos que pertencem a domínios psico-químicos. A questão central a qual se cola o sujeito passa a ser sua relação com a vida, em tudo que ela se referia a sua morte, um fato paradoxal, que vai dos prazeres da vida, passando pela constituição de mecanismos psico-químicos, para, de outro lado, lançar-se ao desafio da especificidade da doença e do luto que marca todos os seres naturais¹⁵⁷.

Mas, sobretudo, um primado do indivíduo montado sobre o corpo como fator de individuação, um corpo que se torna a fronteira que marca a diferença de um homem a outro, que vai da concepção do corpo à concepção dos homens. A revista *Superinteressante* explora, portanto, o imaginário mecânico-físico e químico do nosso tempo, transformando profundamente as representações do corpo e as produções de verdade.

Sabrina, *nome fictício*. Talvez o próprio humano à deriva, hoje em dia, em curso, mas sem nome? Parece-me que essa marca da inquietude identitária daqueles que estão nesse *barco bêbado* é característica dos navegantes de um dos afluentes que percorreu também a *nau dos loucos*, uma rebelião de embarcações em seu desejo autônomo, uma descida ao centro de si mesmo, que nos molha de verdades alucinantes e de visões, de dúvidas e de

¹⁵⁷ Cf. “La vie: l’expérience et la science”, revista de metafísica e da moral, ano 90, nº 1 : Canguilhem, janeiro-março, retomado em Ditos e Escritos, Gallimard, Paris, 2001, p. 1591-1592

ressentimentos, de júbilo e de glória. As verdades se mostram, portanto, móveis e flexíveis, atravessadas pelo passado e pelo futuro que anunciam, um presente no qual as verdades continuam a se embriagar.

4. Verdade da ciência, verdade do nada

Você conhece a diferença entre uma verdadeira ciência e uma pseudo ciência? Uma verdadeira ciência reconhece e aceita sua própria história sem se sentir atacada, diz Foucault (2001x) a respeito do gesto psiquiátrico de *A História da Loucura*. Falar da verdade de uma ciência médica significa, portanto, questioná-la e entender as emergências que suportam essa maneira que se diz científica, de se relacionar com a vida e a morte. Dessa perspectiva, inspirado por Foucault, analisei fragmentos de nossa história, a partir da mídia impressa, pondo à prova uma ciência que, muitas vezes, se passa por uma disciplina envolta por um grande espetáculo. O *show da vida*? Para tanto, a história das ciências não é a história do verdadeiro ou de sua lenta epifania; no entanto, não podemos tomar a verdade como uma experiência adquirida nem como uma relação com o verdadeiro por meio da oposição de um verdadeiro ou falso.

Refletir sobre a história dos *discursos verídicos* significa, para Foucault, discutir sobre os discursos que se retificam, se corrigem, e que operam sobre eles mesmos todo um trabalho de elaboração, cuja finalidade tem o papel de “dizer o verdadeiro”. A mídia nos traz cotidianamente diferentes exemplos e abordagens dessa tentativa incansável de fixar uma verdade como meio ilusório de nos assegurar uma certeza originária para nossas vidas. A construção dessa verdade está na genealogia do percurso das temáticas abordadas em inúmeras edições da *Superinteressante*, insistindo na repetição e suas dissonâncias, mas também em suas correções e retificações. A recorrência de temas que se repetem, dão a ver uma nova maneira de “dizer a verdade”, criando, como no início do século XVIII, segundo

Foucault, uma história das ciências que faz notar a consciência que se tem na época das recentes “revoluções científicas: a da geografia algébrica e do cálculo infinitesimal, a da cosmologia de Copérnico e de Newton. Nesse sentido, os laços históricos que unem os diferentes momentos de uma ciência, podem ter um com os outros, uma forma de descontinuidade que constituem suas fontes e o surgimento de novos fundamentos:

Sabemos que é possível observar regularidades nesse sujeito que a mídia nos apresenta. Uma delas, parece-me que, no limite, não existe domínio que pertença inteira e universalmente à medicina, pois cada cultura define de uma maneira que lhe é particular o domínio dos sofrimentos, das anomalias, dos desvios, das perturbações funcionais, dos problemas que dão destaque à medicina, suscitando sua intervenção e chamando para si uma prática específica¹⁵⁸. A medicina de hoje parece que é consciente da relatividade do normal e das variações que advêm do saber médico, de suas técnicas de investigação e intervenção, das normas da vida da população e sua ligação com a morte. Enfim, toda uma organização econômica e social estrutura a “doença”, em uma época dada e em uma sociedade dada, constituindo prática ou teoricamente uma sociedade medicalizada, seja diante de uma doença crônica como a Aids, seja diante das drogas como uso de prazeres.

Acredito que esse pequeno conjunto de revistas, e seus espelhamentos na maioria dos exemplares da mesma série, fazem pressentir caminhos e fixar grupos que conjuram uma nova descoberta, demonstrando-a em suas reportagens, ou seja, sua forma de verdade, uma história do discurso verídico que se delineia e se anuncia ao lado de outras mídias, poéticas, enfim, outras expressões de vida. Podemos pensar, portanto, que a ciência faz e refaz a todo instante sua própria história, não se contentando em reunir somente os fundamentos nos quais os sábios do passado acreditaram ou demonstraram. Nesse caminho, o processo de eliminação e de seleção dos enunciados, das teorias e dos objetos se pronunciam a todo instante, referem-

¹⁵⁸ Cf. “Médecins, juges et sorciers au XVII siècle”, *Médecine de France* n° 200, 1° trimestre 1969, pp. 121-128, retomado em *Ditos e Escritos*, Gallimard, Paris, 2001, p. 781-794

se a uma estrutura teórica ou a um paradigma atual, ou seja, uma verdade científica que não é nada mais que um pequeno episódio de um momento, para Foucault, um *termo provisório*.

A revista mediatiza uma superprodução de saber que abarca as visibilidades enunciativas do corpo, cujo primeiro traço, nos discursos do Ocidente, é ter assumido rápida e precocemente uma forma de veiculação que se pode chamar de científica¹⁵⁹, produzindo uma verdade que se constrói historicamente nas idas e vindas do cotidiano. Para Foucault, isso não quer dizer que o discurso científico tenha sido sempre racional ou obedecido a critérios que hoje chamamos de verdade científica. A todo momento, ao passarmos por um banca de revistas na rua, podemos observar, num olhar apressado, as inúmeras capas que nos falam, direta ou indiretamente, desses jogos de saber e poder que envolvem o corpo. Nessa esteira, o corpo está ligado a uma atualidade que se reporta às práticas médicas e às pesquisas em ciência da vida; por isso, encontraremos, na mídia, um conjunto de considerações a respeito de um saber tanto da ordem da ciência vigente quanto de ordem jurídica, fundando o argumento do corpo-biopolítico e sua relação de pertencimento do corpo humano. Visões que se dão a ver por meio de imagens do corpo que envolvem o conceito de corpo político foucaultiano, que fala do corpo da espécie e da população, em meio aos olhares médicos, jurídicos, filosóficos, pictóricos e fotográficos. Retoma-se, assim, midiaticamente, um processo normatizado de um saber atual que não é nada mais que um momento. A história do cotidiano revela sua efemeridade, mostra o sujeito de um rosto que se transforma a cada

¹⁵⁹ Em minha dissertação *Corpos escritos: discurso, revistas e sujeitos contemporâneos*, dissertação, FCL/Araraquara, 2002, discuti sobre a vulgarização do discurso científico a partir dos postulados de Authier Révuz: “(...) de acordo com Authier-Révuz (1998), em função da transmissão de um discurso que passa da reformulação de um discurso-fonte, o discurso do cientista, para um discurso segundo, o midiático. Para Authier Révuz, o discurso de divulgação científica possui uma dupla estrutura enunciativa, pois produz uma dupla realização. Assim, entende-se que a revista mostra a enunciação de um discurso primeiro que se pretende relatar, mas com um formato (segundo) de relato. Por meio dessa *configuração de papéis*, confirmam-se três posições ocupadas: a) pela *Ciência*, lugar que é ocupado por inúmeras pessoas e nomes próprios que asseguram ao leitor um “efeito de real”, à medida que animam o discurso da ciência; b) pelo *público leitor*, que estará sempre assimilando a imagem do seu leitor, construindo, portanto, na revista, uma imagem que a ele se identifique, retratando a sua contemporaneidade; c) pelo *divulgador*, que assumindo um papel de intermediador, vai sempre de um lugar ao outro, mantendo o seu caráter ambíguo de autor original e escritor transparente”. Cf também FOUCAULT, Michel. **Ética, Sexualidade, política**. Ditos e Escritos V. Rio de Janeiro: Forense Editora, 2004, que discutirá a vinculação da superprodução científica e intensificação dos prazeres por meio de uma *scientia sexualis*.

instante, evidenciando um sujeito histórico que, de tão disperso, desfoca-se. E ao elaborar meus pensamentos “*Eu não dei por esta mudança, tão simples, tão certa, tão fácil: - Em que espelho ficou perdida a minha face?*”¹⁶⁰.

¹⁶⁰ Cf. Poema intitulado “Retrato”, de Cecília Meireles.



“NEM TUDO É SEMPRE DITO”

MICHEL FOUCAULT

CORPOS NÃO SE CONCLUEM

Percorrendo os segredos que iluminam a silhueta de nossos corpos, encontramos um invólucro repleto de próteses, fazendo-nos pensar sobre sua natureza, ou melhor, o modo como vivemos o corpo que temos, hoje em dia: um corpo de natureza muito mais marcadamente fabricado do que o de um passado próximo, deixando-se entrever a perenidade de uma materialidade que se deseja longa e rija, escrevendo uma história de materializações dadas pelas condições de possibilidades de nossa contemporaneidade.

Estamos e somos subjetivados. Na incapacidade de estabelecer essas linhas, começamos a pensar o desenrolar de nossas vidas pelos nossos próprios entornos: o do corpo, que oferece e nos oferece imagens, e o espaço da revista impressa, que tanto nos amplia, delimita ou inverte posições. Disso, corpo e espaço em uma página em branco, criam-se vidas/vias únicas e memórias inscritas que poderão ser lidas como discursivização de subjetividades levando em conta o caráter da relação entre os ambientes e desejos, universos que nos tocam. Da prática do homem de simplesmente viver o cotidiano rodeado, de dentro, atrelado, sufocado e também liberto por um espaço, materializam-se processos discursivos em irrupções históricas que nos constituem como sujeitos, estabelecendo, na descontinuidade, nossas fronteiras e limites.

Indispensável ressaltar que o discurso do corpo a partir da revista *Superinteressante*, pelas suas origens militares, fazem eclodir um campo semântico de linhas de forças, pontos de confrontos, tensões, além de ser tomado por metáforas espaciais tanto geográficas quanto estratégicas¹⁶¹, produzindo efeitos de sentidos que se entrelaçam com relações de poder baseadas na disciplina. Dessa forma, o espaço da página impressa tanto quanto o

¹⁶¹ Cf. FOUCAULT, Michel. Sobre a geografia. *Microfísica do poder*. Organização de tradução de Roberto Machado, Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

corpo sofrem e constituem disciplinaridades com tudo que isso possa ter de normativo e regulador; porém, ambos são figuras de resistência no dia-a-dia dessa corporalidade social. Sob essa perspectiva, chuvizam as relações entre o saber pelo qual funciona um poder exercido não sem coerções, mas com a possibilidade de se escolher, pelo menos, a cor do pirulito que nos foi ‘oferecido’. Nessa arte de distribuição corporal dos indivíduos, a disciplina é, sobretudo, a análise do espaço e dos corpos que nele mexem, rebolam, pulam, estacam na busca para individualizar-se, resistindo, enxertando seus corpos num espaço que assim se torna, ao mesmo tempo, individualizado, classificatório e combinatório. Por isso, saber, poder, ciência, formação discursiva, um olhar *épistemè* e um tanto de arqueologia, permitiram delinear um discurso que me parece depreender o lugar no qual pisamos e volatizados existimos.

O trajeto que percorremos pela revista *Superinteressante* e as memórias que evidenciamos produziram práticas discursivas, isto é, novas formas de sujeitos, que trabalham de si sobre si. Esse caminhar para dentro da revista conceitualiza uma ética do corpo que se estende como uma ética do domínio, que é a de pertencer a si, numa escrita da história inscrita no presente como forma de subjetivação, quero dizer, a maneira como nossas próprias ações nos constituem como sujeitos. Repito: a austeridade dessa reflexão moral não estreita códigos que definem atos proibidos, mas intensifica a relação consigo pela qual o sujeito se constitui enquanto sujeito de seus atos.

Essa ontologia do presente, busca de sabermos quem somos nós, é conduzida pelas mãos do que os gregos chamaram de *arte da existência – techne tou biou*, fazendo despontar um ‘individualismo’, como também se nota no objeto discutido, que oferece espaço a aspectos “privados” da existência, seus valores de conduta pessoal e, acima de tudo, ao interesse que se tem por si próprio. Cria-se, então, uma atitude individualista atribuída ao indivíduo em sua singularidade e grau de independência tendo em conta sua relação com o grupo ou instituição

a qual pertence. A intensificação das relações consigo, que, segundo Foucault, é tomar-se a si próprio como objeto de conhecimento e campo de ação, exalta uma singularidade individual quando contraposta ao social. Daí, dizer-se da *cultura de si*, que nos fala insistentemente do princípio segundo o qual é preciso “ter cuidados consigo”, ou seja, uma idéia que se fundamenta na aplicação de aplicar-se a si próprio, ocupando-se consigo mesmo. Conseqüentemente, é esse princípio do *cuidado de si* que fundamenta a sua própria necessidade, comandando o seu desenvolvimento e organizando a sua prática.

Nesse imbricamento de si consigo próprio, os enunciados que discursivizam o corpo parecem cumprir um papel bastante eficaz, corroborando formas de atitude de acordo com nosso momento histórico, apresentando uma maneira de se comportar e impregnando formas do nosso viver, que se desenvolveram, em meu objeto de estudo, como uma prática que se utiliza de imagens que criam uma forma de identificação trabalhada no interior da mídia, a quem cabe dar receitas, aperfeiçoá-las e ensiná-las, *a posteriori*. Chega-se, assim, a uma prática social, estabelecendo relações interindividuais, trocas e comunicações, a fim de proporcionar um certo modo de conhecimento e a elaboração de um saber.

Parece-me, portanto, que em nossa época a cultura de si toca duas instâncias. Primeiro, a individual, o que teríamos de singular em nós no prazer tido consigo próprio e, segundo, o social, que viria, na esteira midiática, como normas e conduta, estendendo seus braços e distribuindo afetos como exercício de poder, na constituição de um modo de subjetivação, em termos de um *dever-fazer*. Nesse sentido, o cuidado de si coloca pontos como numa blusa de lã que liga o prazer do sujeito que vive sua experiência, a verdade histórica do seu momento e a individualidade que se possa atribuir a essa experiência no furacão das subjetividades.

No fim, a ética como trabalho de si sobre si encontrará formas das mais variadas de se fazer ver em descontínuas irrupções históricas, variando de acordo com seus povos. Mantém, assim, regras fixas de conduta moral, uma substância, que se deixa moldar por diferentes

formas, estas sim, oscilando de acordo com o tipo de acorrentamento a que o homem esteja assujeitado no seu tempo, produzindo, fabricando, corpos que disputam um espaço no espaço sobre o qual circulam, pois na mesma medida que cerceia seus andares, olhares e sentimentos. lhes dá mobilidade e frescor.

Por isso, vejo as revistas, em geral, como um espaço de exposição de obra de arte, uma galeria de arte da existência do sujeito. Cada revista um espaço artístico, mostrando uma arte de viver com diferentes histórias - relatos de lugares, resíduos e detritos do mundo - uma arte da nossa existência em cada exemplar, formando uma galeria de arte da existência em plena rua quando pendurada numa banca, zumzunando o nosso comportamento e condutas contemporâneos. Extensivamente, apresenta obras normatizadoras, corpos marcados por números e letras, por meio da qual experienciamos uma possível individualidade vinda do simbólico tão próprio do artístico, aventuras do corpo em um espetáculo que nunca fala de escansão, mas de devir.

Referências bibliográficas

- ANSERMET, François. Les inventions de la Clinique. In: **Michel Foucault 1984-2004**, n° 29. Paris: Vacarme, automne 2004.
- ARTAUD, Antonin. Van Gogh: Le suicidé de la société. In: **Oeuvres complètes d'Antonin Artaud**. Tome XII. Paris: Gallimard, 1974.
- ARTIERES, Philippe. Dire l'actualité. Le travail de diagnostic chez Michel Foucault. In: **Foucault : le courage de la vérité** (coordonné par Frédéric Gros). Paris : PUF, 2002.
- BARTHES, R. **Le troisième sens**. Cahier de cinéma: Paris, 1970.
- BAUMAN, Zygmunt. **Em Busca da Política**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- BELTING, H. **Pour une anthropologie des images**. Paris: Gallimard, 2004.
- _____. **Imagem, mídia e corpo**. Uma nova abordagem à iconologia. Revista Ghrebh, número 8, 2006.
- CAMPILONGO, Maria Assunta. **A noção de sujeito em Michel Foucault**. Educação, Subjetividade e poder. n.6, v.6. Porto Alegre, agosto 1999, p 63-72.
- CAVALIERI, Paola. Les droits de l'homme pour les grand singes non humains ?. In : **Le Débat**, numéro 108. Paris : Gallimard, janvier-février 2000.
- CASTEL, Robert. Présent et généalogie du présent : une approche non évolutionniste du changement. In: **Au risque de Foucault** (org.) FRANCHE, Dominique, ROTTMANN, Roger (et alii). Supplémentaires. Paris: Editions du Centre Pompidou, 1997.
- BRANT, Sébastien. **La Nef des fous**. Paris: Corti/Les Massicotés, 2004.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do Cotidiano: As Artes do Fazer**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2000.
- COPPEL, Anne & DOUBRE, Olivier. Drogues: risquer une question". In: **Michel Foucault 1984-2004**. Paris: Vacarme n° 29, automne 2004.

COURTINE, Jean-Jacques. **Analyse du Discours politique: à propos du discours communiste adressé aux chrétiens.** Langages 62, Paris : Didier, Larousse, 1981.

_____. Mémoire et discours. In: Montréal. **Sédiments**, 1986.

_____. **Corps et Discours** : Eléments d'histoire des pratiques langagières et expressives. Université de Paris X-Nanterre, 1989 (mimeografado).

_____. Entre la vie et la mort. In : **Michel Foucault : lire l'œuvre** (sous la direction de Luce Giard). Grenoble: Jérôme Million, 1992.

_____. **The body.** New York: Columbia University Press Encyclopedia of XXth C. French Thought, Columbia UP, 2003 (mimeografado).

_____ & MILANEZ, Nilton. **Intericonicidade.** Registro audiovisual, 2005.

_____. Crônica do esquecimento ordinário. In : **Metamorfoses do discurso político.** As derivas da fala pública. São Carlos: Claraluz, 2006.

CONGOURDEAU, Marie-Hélène. La maladie, la peur et la raison. In : ROUSTEAU, A (dir.) **Ethique.** N° 10. La vie en question. Sida (1). Revue de recherches interdisciplinaires. Paris : Editions Universitaires, 1993/4.

DELEUZE, Gilles. Un nouveau cartographe (« Surveiller et Punir »). In: **Foucault.** Paris : Minuit, 2004.

DERRIDA, Jacques & ROUDIESCO, Elisabeth. Violences contre les animaux. In: **De quoi demain...** Paris: Dialogue, Fayard /Galilée, 2001.

DESCARTES, René. **Correspondance avec Arnaud et Morus.** Libraririe Philosophique J. Vrin : Paris, 1953.

DE OLIVEIRA, Claire Crignon- & NIKODIMOV, Maire Gaille-. **A qui appartient le corps humain ?** Médecine, politique et droit. Paris: Les Belles Lettres, 2004.

DETREZ, Christine. **La construction sociale du corps.** Seuil: Paris, 2002.

EWALD, François. Foucault et l'actualité. In: **Au risque de Foucault** (org.) FRANCHE, Dominique, ROTTMANN, Roger (et alii). Supplémentaires. Éditions du Centre Pompidou: Paris, 1997.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador - uma história dos costumes** (vol. 2). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

FARGE, Arlette. L'instance de l'événement. In: **Au risque de Foucault**. Paris: Éditions du Centre Pompidou, 1997a.

_____. De la violence. In : **Des lieux pour l'histoire**. Paris: Seuil, 1997b.

FONTENAY, Elisabeth de. Pourquoi les animaux n'auraient-ils pas droit à un droit des animaux? In: **Le Débat**, numéro 109. Paris: Gallimard:, mars-avril 2000.

FOUCAULT, Michel. **Histoire de la folie**. Paris: Librairie Plon, 1961.

_____. **Les Mots et les Choses**. Paris: Gallimard, 1966.

_____. **Surveiller et Punir: Naissance de la prison**. Paris: Gallimard, 1975.

_____. **Historia da sexualidade I: a vontade de saber**. Edições Graal: Rio de Janeiro, 1993.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade II: o uso dos prazeres**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

_____. Nietzsche, a genealogia e a história. In: **Microfísica do Poder** (organização, tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 5ª edição, 1985a.

_____. Verdade e Poder. In: **Microfísica do poder** (organização e tradução de Roberto Machado) Rio de Janeiro: Edições Graal, 5ªa edição, 1985b.

_____. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, H. E RABINOW, P. **Michel Foucault. Uma trajetória filosófica**. Trad; Bras. De Vera Porto Carrero. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

_____. **Arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000a.

- _____. Aula de 7 de janeiro de 1976. In: **Em defesa da sociedade**, Martins Fontes, São Paulo, 2000b.
- _____. Aula de 14 de janeiro de 1976. In: **Em defesa da sociedade**, Martins Fontes, São Paulo, 2000c.
- _____. **O Nascimento da Clínica**. 5ª. edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001a.
- _____. O que são as luzes? In: **Dits et Ecrits II**, 1976-1988. Paris: Quarto-Gallimard, 2001b.
- _____. Le moment de vérité. In: **Dits et Ecrits II**, 1976-1988. Paris: Quarto-Gallimard, 2001c.
- _____. Vivre autrement le temps. In : **Dits et Ecrits II**, 1976-1988. Paris: Quarto-Gallimard, 2001d.
- _____. Cours au Collège de France, 5 janvier 1983. In: **Dits et Ecrits II**, 1976-1988. Paris: Quarto-Gallimard, 2001e.
- _____. Les mailles du pouvoir. **Dits et Ecrits II**, 1976-1988. Paris: Quarto-Gallimard, 2001f.
- _____. La société disciplinaire en crise. In: **Dits et Ecrits II**, 1976-1988. Paris: Quarto-Gallimard, 2001g.
- _____. Les mailles du pouvoir. In. **Dits et Écrits II**, 1976-1988. Paris: Quarto-Gallimard, 2001h.
- _____. Des espaces autres. In: **Dits et Ecrits II**, 1976-1988. Paris: Quarto-Gallimard, 2001i.
- _____. Le supplice de la vérité. In: **Dits et Ecrits I**, 1954-1975. Paris: Quarto-Gallimard, 2001j.
- _____. Les rapports de pouvoir passent à l'intérieur des corps. In: **Dits et Ecrits**, 1976-1988. Paris: Quarto-Gallimard, 2001k.
- _____. Chronologie, 1962. In: **Dits et Ecrits I**, 1954-1975. Paris: Quarto-Gallimard, 2001l.

- _____. La société Punitive. In: **Dits et Ecrits I**, 1954-1975. Paris: Quarto-Gallimard, 2001m.
- _____. Naissance de la biopolitique. In: **Dits et Ecrits II**, 1976-1988. Paris: Quarto-Gallimard, 2001n.
- _____. De la biologie à la culture. In: **Dits et Ecrits II**, 1976-1988. Paris: Quarto-Gallimard, 2001o.
- _____. Message ou bruit ? In: **Dits et Ecrits I**, 1954-1975. Paris: Quarto-Gallimard, 2001p.
- _____. Médecins, juges et sorciers au XVII siècle. In: **Dits et Ecrits I**, 1954-1975. Paris: Quarto-Gallimard, 2001q.
- _____. La vie: l'expérience et la science. **Dits et Ecrits II**, 1976-1988. Paris: Quarto-Gallimard, 2001r.
- _____. Cours du 7 janvier 1976. In: **Dits et Ecrits II**, 1976-1988. Paris: Quarto-Gallimard, 2001s.
- _____. Le sujet et le pouvoir. In: **Dits et Ecrits II**, 1976-1978. Paris: Gallimard, 2001t.
- _____. Michel Foucault, une interview: sexe, pouvoir et la politique de l'identité. In: **Dits et Ecrits II**, 1976-1988. Paris: Quarto/Gallimard, 2001u.
- _____. El poter, una bestia magnifica (Le pouvoir, une bête magnifique). In: **Dits et Ecrits II**, 1976-1988. Paris: Gallimard, 2001v.
- _____. Usages des plaisirs et techniques de soi. In: **Dits et Ecrits II**, 1976-1978. Paris: Quarto/Gallimard, 2001w.
- _____. Truth , Power, Self" (Vérité, pouvoir et soi). In: **Dits et Ecrits II**, 1976-1978. Paris: Quarto/Gallimard, 2001x.
- _____. **A verdade e as formas jurídicas**. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2002.

GREGOLIN, Maria do Rosário Valencise. **Filigranas do discurso: as vozes da história**. Araraquara: FCL/Laboratório Editorial/UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, 2000.

GREGOLIN, Maria do Rosário. Sentido, sujeito e memória. In: GREGOLIN, Maria do Rosário; BARONAS, Roberto (orgs.). **Análise do discurso: as materialidades do sentido**. São Carlos: Claraluz, 2003a.

GREGOLIN, Maria do Rosário. **Discurso e Mídia: a cultura do espetáculo**. São Carlos: Claraluz, 2003b.

GREGOLIN, Maria do Rosário Valencise. **Foucault e Pêcheux na análise do discurso – diálogos & duelos**. São Carlos: Claraluz, 2004a.

GREGOLIN, Maria do Rosário Valencise. O enunciado e o arquivo : Foucault (entre)vistas. Maria do Rosário V. Gregolin. In : SARGENTINE, Vanice & NAVARRO-BARBOSA, Pedro (org.). **M. Foucault e os domínios da linguagem : discurso, poder subjetividades**. São Carlos: Claraluz, 2004b.

Maria do Rosário Gregolin, Discurso, história e a produção de identidades na mídia, rodado na ocasião das discussões em torno do verbal e não-verbal no GT de Análise do Discurso, na sessão de debates do IX Enanpoll disponível em us.geocities.com/gt_ad/verbalnaoverbal.html, acesso em 01/10/2005, texto de 2004c.

KANT , Emmanuel. De la pédagogie. In: **Principe Métaphysiques de la morale**. Paris: Librairie Philosophique de Ladrance, 1854.

LE BLANC , Guillaume. L'extension du pouvoir médical. In: **Le Magazine Littéraire, Dossier Michel Foucault : une éthique de la vérité**, n. 435, octobre 2004.

LE BRETON, D. **Anthropologie du corps et modernité**. Paris. PUF, 1985.

LEFRANC, Clément. **Microphysique du pouvoir in Sciences Humaines**. Foucault, Derrida, Deleuze: pensées rebelles. Paris: n° 3 , maio-junho, 2005.

LE GOFF, Jacques & TRUONG, Nicolas. **Une histoire du corps au Moyen Âge**. Paris: Editions Liana Lévy, 2003.

GINZBURG, C. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: **Mitos, Emblemas e sinais**. Morfologia e História. São Paulo: Companhia das Letras, 1999a.

_____. De A. Warburg a E. H. Gombrich: notas sobre um problema de método. In: **Mitos, Emblemas e sinais**. Morfologia e História. São Paulo: Companhia das Letras, 1999b.

HARDT, M. NEGRI, A. Produção biopolítica. In: **Império**. Rio de Janeiro: Record, 2001, p. 40-60.

MARTUCCELLI, D. **Sociologies la modernité**. L'itinéraire du XXe Siècle. Paris: Éditions Gallimard, 1999.

MANDRESSI, Rafael. Dissections et anatomie. In: **Histoire du Corps** (sous la direction de Alain Corbin, Jean-Jacques Courtine, Georges Vigarello). De la Renaissance aux Lumières. Tome . (Volume dirigé par Georges Vigarello). Paris: Seuil, 2005.

MARZANO, Michela. Du corps, qu'en est-il ? In : **Refaire son corps : corps sexué et identités**. Revues Cités, n° 21. Paris: PUF, 2005.

MAUSS, M. Les techniques du corps. In: **Sociologie et Anthropologie**. (4^a ed.). Paris: PUF, 1968.

MEMMI, Dominique. Surveiller les corps aujourd'hui : un dispositif en mutation ? In: **L'utopie de la santé parfaite** (sous la direction de Lucien Sfez, Colloque de Cerisy/ du 11 au 19 juin 1998). Paris: PUF, 2001.

MILANEZ, Nilton. Corpos ilimitados. Funk e Aids na revista – um espelho do leitor. In: GREGOLIN, M. R. V. (org.) **Análise do Discurso: entornos do sentido**. Araraquara: UNESP, FCL, São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, 2001.

MILANEZ, Nilton. **Corpos escritos: discurso, revistas e sujeitos contemporâneos**. Dissertação. FCL/Araraquara, Unesp, 2002.

- MILANEZ, Nilton. *Corpos Imperfeitos*. **Revista Práxis**. Itumbiara, Goiás, nº4, 2004.
- MILANEZ, N. *Mídia e História: deslocamentos do corpo, do sexo e da memória*. In: SANTOS, J. C. e FERNANDES, C.A.(org.). **Análise do Discurso: objetos literários e midiáticos**. Goiânia: Trilhas Urbanas, 2006.
- MITCHELL, W.J.T. **Iconology: image, text, ideology**. Chicago: The University of Chicago Press, 1986.
- MOULIN, Anne Marie. *Le corps face à la médecine*. In : COURTINE, Jean-Jacques (dir.). **Histoire du corps**. Les mutations du regard. Paris: Seuil, 2006.
- NIETZSCHE, Friedrich - *Origem da Tragédia*. Lisboa. Guimarães Editores.1978.
- PÊCHEUX, M. **O Discurso: estrutura ou acontecimento**. Campinas, São Paulo: Pontes, 1997.
- Perrot, Michel. *L'impossible Prison. Recherches sur le système pénitentiaire au XIXe siècle*. In : **Dits et Ecrits II**. Paris: Quarto-Gallimad, 2001.
- RABOUIN, David. *Entre Deleuze et Foucault : Le jeu du désir et du pouvoir*. CRITIQUE, JUIN-JUILLET 2000, 637-638 jeudi 2 décembre 2004. Disponível em http://ciepfc.rhapsodyk.net/article.php3?id_article=56
- RABINBACH, A. **Le moteur humain: l'énergie, la fatigue et les origines de la modernité**. (traduzido do inglês por Michel Luxembourg). Paris: La Fabrique éditions, 2004.
- RAMOND, Charles. *Sur quelques problèmes posés par la conception mécaniste du corps humain au XVIIe siècle*. (sous la direction de Jean- Christophe Goddard). In **Le corps**. Paris: Vrin, 2005.
- REID, Roddey. *Corps Clinique, Corps génétique*. In : **Michel Foucault: lire l'œuvre** (sous la direction de Luce Giard). Grenoble: Jérôme Million, 1992.
- REVEL, Judith. **Foucault: conceitos essenciais**. Trad. Nilton Milanez e Carlos F. Piovezani. Revisão Maria do Rosário Gregolin. São Carlos: Editora Claraluz, 2005.

SAUVAGNARGUES, Anne. Devenir et histoire, la lecture de Foucault par Deleuze. In: **Gilles Deleuze-Michel Foucault**. Continuité et disparité. Concepts n°8, revue semestrielle de philosophie. Belgique: Les Editions Sils Maria asbl, mars 2004.

SCHILDER, P. **L'image du corps**. Études des forces constructives de la psyché. Traduzido do inglês por François Ganther et Paule Truffert. Paris: Gallimard, 2004.

SHNETZLER, Jean-Pierre. **Corps-âme-esprit par un bouddhiste**. Grenoble : Editions le Mercure Dauphinois, 2002.

SINDING, Christiane. La méthode de la clinique. In: **Michel Foucault : lire l'œuvre** (sous la direction de Luce Giard). Grenoble: Jérôme Million, 1992.

VEYNE, Paul. Foucault et le dépassement (où achèvement) du nihilisme. In : **Michel Foucault : philosophe**. Rencontre internationale, Paris 9. Paris: Editions du Seuil, 10, 11 janvier, 1988.

VEYNE, Paul. **Foucault revoluciona a história**. Brasília: Editora UNB, 1998.

VIGARELLO, G. **Le corps redressé**. Paris: Armand Colin, 2004a.

_____. **Histoire de la Beauté**: le corps et l'art d'embellir, de la renaissance à nos jours. Paris: Seuil, 2004b.

VIGARELLO, G. e HOLT, R. Le corps travaillé. Gymnastes et sportifs au XIXe siècle, In: **Histoire du corps** (sous la direction de Alain Corbin, Jean-Jacques Courtine, Georges Vigarello) Tome 2 : De la Révolution à la grande Guerre (Volume dirigé par Alain Corbin). Paris: Seuil, 2005a.

VIGARELLO, Georges & PORTER, Roy. Corps, santé et maladies. In: **Histoire du Corps** (sous la direction de Alain Corbin, Jean-Jacques Courtine, Georges Vigarello). Tome I. De la Renaissance aux Lumières (volume dirigé par Georges Vigarello). Paris: Seuil, 2005b.

ZARKA, Yves Charles. Editorial : Culte de l'individu et perte de l'identité. In : **Refaire son corps : corps sexué et identités**. Revues Cités, n° 21. Paris : PUF, 2005.

Revistas

Superinteressante, **Aids, a 1% da cura**. São Paulo: Abril Cultural, outubro de 1996.

Superinteressante, **Aids: o HIV é inocente?** São Paulo: Abril Cultural, dezembro de 2000.

Superinteressante, **Yoga**. São Paulo: Abril Cultural, junho 2001.

Superinteressante, **Drogas**. São Paulo: Abril Cultural, janeiro de 2002.

Superinteressante, **Precisamos de tanto remédio?**, São Paulo, Abril Cultural, fevereiro de 2003.

Superinteressante, **Maconha**. São Paulo: Abril Cultural, agosto de 2002.